

**SATYRICOS**  
**PORTUGUEZES**

# SATYRICOS PORTUGUEZES

COLLECÇÃO

DE

Poemas heroi-comico-satyricos

---

NOVA EDIÇÃO

COM INTRODUCÇÃO CRITICA E ANOTAÇÕES

DE

JOÃO RIBEIRO



H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109  
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6  
PARIS

1910

## INTRODUÇÃO

---

Honrou-nos a casa editora do sñr Garnier com a incumbencia que aceitamos de dirigir e anotar a presente edição dos *Satyricos Portuguezes*. Reimprime-se pois o texto publicado em Paris, em 1834, por José da Fonseca, e que se considerou o sexto volume do *Parnaso Lusitano*, editado poucos annos antes.

Accrescentamos, porem, uma noticia preliminar, a respeito dos autores escolhidos, falta que havia na edição primitiva e que buscamos remediar com breves apontamentos criticos e bibliographicos ao nosso parecer indispensaveis, e ajuntamos, ainda, as notas que explicam o texto e esclarecem as numerosas allusões hoje obscuras ou incomprehensiveis.

Não houve, da nossa parte, a intenção de fazer uma edição critica, o que, aliás, não vinha ao caso, em tão modestas proporções, n'estajs simples collectanea de poetas.

Houve, sim, a intenção de vulgarizar um livro que obteve e ainda merece grande estima e é hoje raro.

Quasi todos os exemplares de antigo *Parnaso lusitano*

apparecem desfalcados do sexto volume que aliás teve duas extracções, ou tiragens, uma dellas inutilizada pelos proprios editores.

A collecção dos *Satyricos portuguezes* comprehende ordenadamente : o *Hyssope*, poema heroi-comico de Antonio Diniz da Cruz e Silva; o *Reino da Estupidez* (publicado anonymamente) do D<sup>r</sup> Francisco de Mello Franco, brasileiro, natural das Minas Geraes; e algumas das satyras mais notaveis, o *Bilhar*, a *Guerra*, o *Passeio*, etc., de Nicolau Tolentino de Almeida.

Quasi cada uma d'estas obras basta para explicar ou o exito do livro ou a curiosidade que despertou outr'ora.

A principio, tiveram os primeiros editores a intenção em parte realizada de incluir no volume uma edição dos *Burros* do Padre José Agostinho de Macedo, mas as expressões torpes e obscenas que se deparam n'esse poema, antes panfleto politico violentissimo, logo mostraram a inconveniencia da empreza.

D'essa malograda tentativa ainda aparecem rarissimos exemplares mutilados e imperfeitos que não tiveram maior divulgação. O poema dos *Burros*, segundo texto mais completo (e as copias manuscriptas que se conhecem ainda hoje muito divergem entre si) foi reimpresso pela casa Cruz Coutinho, do Porto.

\* \*

Antonio Diniz da Cruz e Silva foi um dos fundadores da *Arcadia*, e poeta dos mais notaveis do seu tempo.

Nasceu em Lisboa em 4 de julho de 1731, filho de pais humildes, João da Cruz Lisboa, que emigrou para o Brazil pouco antes do nascimento do poeta, e Eugenia Tereza.

As condições difficéis e precarias da vida na infancia de

Diniz, sucedeua logo farta abundancia de meios quando João da Cruz, emigrado para as Minas Geraes do Brazil dentro em pouco melhorou de fortuna e poude auxiliar a familia distante com outros recursos.

Testemunham os contemporaneos que na Universidade de Coimbra se tratava nobremente com largas mezadas.

Foram companheiros dos seus estudos universitarios Manuel Nicolau Esteves Negrão, Theotonio Gomes de Carvalho, Claudio Manoel da Costa, Santa Rita Durão e outros, todos poetas de illustre nomeada.

Formou-se em direito en 1753, isto é, aos 22 annos de idade e voltou á casa materna em Lisboa onde esteve até o anno de 1759, quando foi dispachado Juiz de fora de Castello de Vide. Esse periodo de seis annos (1753-59) foi de grande actividade literaria : então, fundou com outros a *Arcadia* (1756) e redigiu os estatutos da nova sociedade, a imitação das que floresciam em Espanha e em Italia. Pretendia-se com a *Arcadia* renovar as fontes classicas da poesia, segundo os modelos antigos gregos e romanos, já caídos em olvido com o abuso do culteranismo e do genero burlesco das academias anteriores.

Na *Arcadia* tem Diniz conspicuo lugar, mas incontestadamente tanto ou mais, valem muitos outros, Garção, Quita, Claudio, Gonzaga, Basilio da Gama, Durão, que a ella pertenceram.

Em 1765 mudou-se Diniz para Elvas, tendo sido despachado Auditor do segundo regimento d'aquelle praça.

Ahi foi que se travou aquella ridicula disputa entre o bispo e o deão, a qual deu origem ao poema heroi-comico do *Hyssope*. O caso sucedeua em 1768 e em cidade de provinca como Elvas foi durante muito tempo assumpto importante e commentado; formaram-se partidos, o do deão e o do bispo.

## INTRODUÇÃO

A coisa era em si mesma ridicula, e a ridiculez não escapava aos espiritos superiores como o de Diniz alheios a essas apaixonadas questiunculas locaes.

Costumava o bispo, quando ia a Sé, servir-se de uma porta pequenina e lateral por onde entrava e que lhe parecia mais commoda; o deão vinha ahi recebel-o e, segundo a ceremonia usual, entregava-lhe o *hyssope*. Uma intriga sobre provizão e posse de conejos semeiou a discordia e desharmonia entre o deão e o bispo.

Ambos se desavieram, e o deão resolveu não receber mais o bispo á porta travessa nem entregar-lhe o *hyssope*, protestando todavia fazel-o, se o bispo seguindo a lei e o costume entrasse pela porta principal.

A pequenina desforra foi tomada por affronta. Accenderam-se as paixões; o cabido viu-se envolvido na disputa. Appellou-se para outras instancias, para o metropolitano de Evora. Afinal o pobre deão apaixonado, victimo deste caso que na sua pacatez se lhe afigurou enorme, adoeceu e morreu. Succedeu-lhe um sobrinho Ignacio Joaquim Alberto de Matos que, muito mais energico, recusou obediencia ao cabido, recorreu á Coroa que mandou informar. O bispo receioso (e era o tempo em que dominava Pombal) negou tudo quanto havia feito, e deu-se por findo o incidente.

Testemunha d' estes successos, começou logo Diniz a compor o *Hyssope* cuja data Ramos Coelho assignala de 1770 a 1772, na sua excellente edição critica do poema, e que temos por exacta quando se confere com o testemunho dos contemporaneos.

Se fosse então publicado o *Hyssope* talvez não soffresse a prohibicão da censura, como foi o caso, mais tarde.

A verdade, porem, é que Diniz não publicou em vida os seus versos que, todos, tiveram edição postuma. Desde

logo, foi aquelle poema divulgado por innumeras copias e uma dellas foi solicitada pelo grande Pombal ao poeta, no momento em que fora agradecer o seu despacho de desembargador da Relação do Rio de Janeiro.

Esteve Diniz no Brazil desta vez de 1776 a 1789, cerca de treze annos e a esse periodo refere-se uma raia do poeta não menos ridicula que a canhola do *Hyssope*.

Em 1789 voltou a Lisboa e no anno seguinte attingia o termo da sua carreira na magistratura, como dezembargador de Casa da supplicação (1790).

D'ahi ainda veiu uma ultima vez ao Brazil en 1791 como um dos juizes da alçada que devia julgar os réos da conspiração mineira, entre estes, alguns dos seus antigos collegas Claudio Manoel, Gonzaga, e Alvarenga Peixoto que foi seu companheiro na primeira viagem ao Brasil.

Não parece que Diniz procedesse com animo justo e e muito menos benevolo. Mais tarde, talvez remordendo-se do rigor iniquo d'aquelle alçada, deu provas de benevolencia em parecer ao vice-rei Conde de Rezende sobre a sociedade literaria (*Arcadia Ultramarina*) de que faziam parte alguns brasileiros, por motivo de suas ideas livres postos em prisão (Silva Alvarenga, Mariano Fonseca, etc).

Em 1798, foi Antonio Diniz nomeado para o Conselho Ultramarino, mas não chegou a tomar posse de lugar, pois falleceu no Rio de Janeiro em 5 de outubro de 1799 com pouco mais de 68 annos de vida.

Foram as obras de Antonio Diniz da Cruz e Silva publicadas segundo manuscritos que se achavam nas maõs de seus amigos, e que eram autographos, alguns parte imperfeitos, incompletos e sem a ultima demão do autor. Outras copias e apographos apareceram depois, e realmente em nada contribuiram para a perfeição dos manuscritos originaes conhecidos.

Em vida, A. Diniz apenas publicou algumas produções fragmentárias.

As publicações postumas são as seguintes :

*Odes pindaricas*. Coimbra, 1801.

*Hyssope*, Londres, 1802 (1).

*Obras*, em 6 vols. Lisboa; 1807-1817.

E essa é toda a sua obra.

Do *Hissope* que mais particularmente nos interessa, saíram várias edições, e são dignas de nota as seguintes.

(A) Foi a primeira a já indicada de Londres (antes, Paris) 1802.

Houve successivamente as seguintes :

(B) *O Hissope*, Lisboa, typ. rolandiana, 1808.

(C) *O Hissope*, com variantes, prefacio e notas. Paris, A. Bobée, 1817.

(D) *Idem*, *ibidem*. Off. de P. N. Rougeron, 1821.

(E) *Idem*. Dirijida por José da Fonseca; incluída no chamado 6º volume do *Parnaso lusitano*, o qual traz o título de *Satyricos portuguezes*. Paris, 1834.

E'a reproduzida nesta presente edição.

(F) *Idem*. Editor R. V. Barcellos 1876. Edição muito mal impressa, mas assaz interessante e enriquecida de copiosas notas.

(G) *Idem*. Edição critica, disposta e anotada por José Ramos Coelho. Lisboa, 1879.

E'a melhor sob todos os aspectos, e a mais completa de todas.

Innocencio não podia ter registrado as duas ultimas edições, posteriores ao *Diccionario bibliographico*, mas é curioso que lhe escapasse a noticia da edição de 1808. A edição anterior havia sido prohibida em Portugal (1802) e

(1) Indicação suposta de Londres; foi realmente impresso em Paris.

a de 1808 foi feita justamente quando ja não havia a censura, sob o dominio dos franceses.

Entre as edições (E) e (F) houve a probabilidade de apparer uma edição do *Hyssope* promettida por Innocencio que para ella já trabalhava e reunia apontamentos. A promessa não se realizou.

Não faltaram ao *Hyssope* os seus criticos, Zoilos e Aristarcos. Alguns, almas invejosas e deshonestas, acharam que o *Hyssope* era um plagio do *Lutrin* de Boileau ou de *The Rape of the Lock* de Pope.

Diniz não era um genio como Boileau e muito menos tinha a arte e a technica do inexcedivel satyrico francez de quem Hugo dizia, talvez com exagero : « Les autres peuples disent Homère; nous disons Boileau. »

Rebello da Silva comparando os dous satyricos mostra que é Boilean rapido e conciso em quanto Diniz é prolixo e estirado. Esta é a verdade; nenhum poeta francez deixou tantos versos proverbiaes, como Boileau, o que seria impossivel sem o merito da concisão.

A figura da Discordia no *Hissope* é insignificante quando comparada á da preguiça, do *Lutrin*, a qual

Soupire, étend les bras, ferme l'œil et s'endort.

Sem embargo dessa inferioridade, basta ao *Hyssope* a sua verdadeira classificação de primeiro poema heroi comico da literatura portugueza. A *Benteida*, a *Gaticanea*, o *Reino da Estupidez*, o *Foguetario* e quejandos outros, são produções inferiores quando cotejadas com o *Hissope*.

\* \* \*

O REINO DA ESTUPIDEZ occupa a segunda parte desta collecção dos *Satyricos*.

Nas primeiras edições, inclusive a do *Parnaso*, apparece como obra anonyma. Nunca houve, horem, duvida a respeito do seu autor que foi Francisco de Mello Franco, bacharel em medicina pela Universidade de Coimbra.

Mello Franco nasceu no Brasil, em Paracatú, na antiga capitania das Minas Geraes em 1757, data que é a mais geralmente aceita pelos seus biografos. Viveu, porem, o melhor da sua vida em Portugal para onde foi desde cedo aos onze annos, e onde fez os seus estudos secundarios, matriculando-se depois na facultade de medicina da Universidade. Ainda na naquelle epoca tinha poder a Inquisição que fez encarcerar o estudante, sectario das ideas materialisticas do tempo; a accusação era exagerada e talvez calumniosa, e como quer que fosse, a sua prisão que já durava alguns annos teve um termo.

Exerceu a medicina com grande lustre em Lisboa, e, em 1817, veiu para o Brasil onde estava á corte portugueza; aqui perdeu os haveres que possuia e veiu a fallecer pobre e desditoso, quazi sem recursos em Ubatuba, em 1823, quando já contava sessenta e seis annos de idade.

O momento de sua volta ao Brasil foi pouco auspicioso para tal homem de ideas liberaes que já havia soffrido a tirania dos obscurantistas de Coimbra. Chegou precisamente no anno da revolução republicana de 1817 e prova velmente caiu no desagrado da corte que o havia chamado. Seja como for, é certo que nada aqui obteve que correspondesse sequer ao que tinha direito por seus meritos e nomeada que já trazia da Europa.

Tambem, logo depois, começou uma era de fervor politico e patriotico em que teve precipuo papel o seu glorioso amigo e antigo collega José Bonifacio.

N'esse periodo escasseiam as noticias a cerca do nosso auctor.

Muitas obras, escreveu Mello Franco sobre assuntos praticos e uteis: um *Tratado da educação física* (1790), *Elementos de Hygiene* (1813, reimpresso em 1823), *Ensaio sobre as febres do Rio de Janeiro* (1824) e varios opusculos de polemica, discursos e ensaios.

Segundo Innocencio, constou que deixara alguns manuscritos e entre estes um volume de poesias sob o titudo *Noites sem sonno*. E' todavia, difficil averiguar o paradeiro que levou o seu espolio literario. De todos as suas obras, porem, a unica que logrou ser lida, elogiada, e satyrizada foi o REINO DA ESTUPIDEZ.

O *Reino da Estupidez* durante muitos annos foi divulgado em successivas copias manuscritas, as mais antigas das quaes datam do ultimo decennio do seculo XVIII. Entre tanto, só foi impresso pela primeira vez em Paris por A. Bobée, 1819. Houve, logo, segunda edição do mesmo editor em 1821; terceira, foi impressa em Lisboa, em 1833; a quarta impressão foi a do *Parnaso* no tomo VI que comprehende os *Satyricos*, Paris, 1836; a quinta em Barcellos, edição insignificante.

Esta agora é pois a 6º impressão do *Reino da Estupidez*.

Não teve, todavia, esse poema heroi-comico a popularidade do *Hyssope* e, em verdade, lhe é inferior, a qualquer luz que se examine.

Demais, a satyra precisamente no seu tempo era injusta com quanto a decadencia da Universidade viesse, na epoca da publicação, dar toda a apparencia de razão ao poeta.

Na sua *Historia da Revolução portugueza* de 1820, mostrou José de Arriaga quanto foi injusto Mello Franco, pois pelos fins do seculo XVIII a Universidade cobrou novo alento com as reformas liberaes iniciadas pelo Marquez de Pombal; quando o *Reino da Estupidez* apareceu em 1819 imperava o retrogrado absolutismo e estava-se nas vesperas

da revolução constitucional. As circumstancias do momento deram grande exito áquelle satyra vibrada contra o ferrenho atrazo dos absolutistas. Quando se divulgou na pequena cidade universitaria em numerosos copias que della se fizeram, com tamanha discreção havia procedido o poeta que ninguem conseguiu descobrir o autor da satyra que foi attribuida à José Bonifacio e a outros menos conhecidos.

No tempo da publicação, e já muito antes, era Mello Franco o unico autor reconhecido do *Reino da Estupidez*.

Silvio Romero apenas consagra na sua *Historia da Literatura brasileira* (II, 220) doze linhas quazi desfavoráveis a Mello Franco. Em verdade, o satyrico não tinha direito a maior estima, e, apenas brasileiro pelo nascimento, não merecia mais que uma breve menção.

\* \* \*

A ultima parte do volume compõe-se de varias produções do Tolentino. São elles, as famosas satyras *O Bihar*, *A Guerra*, *Os Amantes*, *O Passeio*, *A Funcção*, *O Velho* e outras composições menores.

Nicolau Tolentino de Almeida nasceu em Lisboa em 1744 e faleceu em 1811.

As suas obras satyricas tiveram varias edições : a 1<sup>a</sup>, de Lisboa, 1801 em 2 pequenos volumes, e as demais, postumas, de 1828 (duas edições de diverso formato), de 1836 e de 1858.

A ultima edição a todos os respeitos superior ás antecedentes foi a que fez o erudito José Torres :

— *Obras completas de Nicolau Tolentino de Almeida com alguns ineditos e um ensaio biographico critico, por José Torres, illustradas por Nogueira da Silva. Lisboa, Castro, irmão e C. editores, 1861*; um vol. in-8 de 388-LXXXVI-IX paginas.

Esta ultima pode quasi considerar-se definitiva pelo esmero, e pelo consciencioso estudo com que foi preparada e realizada.

A vida de Nicolau Tolentino, as suas predilecções e o seu carácter não inspiram sympathia; egoista, adulador da gente nobre diante da qual se curvava humilde e servil e ao mesmo tempo, indiferente e desprezador dos seus confrades quando estes naõ tinham qualquer posição social de importancia, naõ admira que recusasse entrar para a Arcadia e naõ entretivesse relações de amizade com os poetas seus contemporaneos.

E' coisa averiguada que as *lamurias de pobreza ou necessidade*, as mil petições de miseria que formula nos seus versos saõ falsas e insinceras; assim como saõ falsas as anecdotas de seu convivio com Bocage, reproduzidas de tradições improvaveis ou inexactas. Zurzia ou condemnava os amores venaes; mas esse facil moralista naõ os teve outros e, toda a vida, deixou-se ficar celibatario.

Parece que nos ultimos tempos uma irmã dedicada lhe suppria ou amenizava as tristezas da soledade que criou a roda de si.

Entre tanto, as noticias que temos da sua vida indicam que elle amara todos os prazeres sociaes e muitos dos vicios das rodas elegantes.

Era um dos mais assiduos frequentadores da opera, do theatro e da musica; apaixonado do jogo e das dansas. Detestava, porem, as reuniões literarias e d'ellas desertava para frequentar as funcções, saráos ou assembleas como então lhes chamavam, da gente que se divertia.

Alto, de tez rosada e clara « dentes bellos e andar pausado e nobre » como diz um seu biographo, tinha, pois, dotes pessoaes que naõ explicam o seu falso e supposto pessimismo e retrahimento.

Muito poucos dos poetas seus contemporaneos a elle se referiram, e eram ausentes : Filinto Elísio em Paris e Antonio Diniz, no Rio de Janeiro. Naõ é menos certo que a sua reputação « foi colossal » como diz Costa e Silva, entre os da Academia de sciencias, da qual fez parte, por ser um instituto burocratico e official.

Os amigos de Tolentino eram os da alta roda social, fidalgos e ministros aos quaes sempre se dirige com excessiva lisonja.

Se o homem, porem, n'elle parece esteril ou mesquinho, naõ ha duvida que o poeta é superiormente engenhoso.

D'elle escreveu Garrett :

« E' o mais verdadeiro, mais engracado, o mais *bom homem* dos nossos escriptores. »

\* \*

Nada mais temos que acrescentar á breve noticia que escrevemos como introduçao á leitura dos *Satyricos portuguezes*.

Os leitores que queiram ter mais ampla informação das duas obras mais notaveis deste volume, á saber, o *Hyssope* e os versos do *Tolentino*, devem consultar as duas edições excellentes de Ramos Coelho (para aquelle poema heroi-comico) e de José Torres para as obras do ultimo.

Dellas, nos servimos para cotejo e confronto do texto e por vezes para as anotações que se deparam em appendice.

Acreditamos ter feito o que nos era possivel, sem exceder os limites que nos impozemos, para esta edição popular e ao alcance de todos.

J. R.

## ARGUMENTO DO POEMA

---

José Carlos de Lara, Deão da Igreja d'Elvas, querendo obsequiar seu Bispo, o Ex<sup>mo</sup> e Rev<sup>mo</sup> D. Lourenço de Lancastre, vinha offerecer-lhe o Hyssope, á porta da Casa-do-Cabido, todas as vezes que este Prelado ia exercitar suas funcções na Sé. Depois, esfriando esta amizade por motivos, que nos são occultos, mudou o dicto deão de sistema; o que o Bispo sentiu em extremo, como uma grande affronta feita á sua ill<sup>ma</sup> pessoa: e para o constranger a continuar no mesmo obsequio, machinou com alguns seus parciaes do Cabido, que este lavrasse um Accordão, pelo qual o Deão fôsse obrigado, debaixo de certas mulctas, a não o esbulhar da pretendida posse, em que se achava. D'este terribil Accordão appellou o Deão para a Metropoli, onde teve sentença contra si. Esta é a acção do Poema.

Passado pouco tempo depois da referida sentença,

morreu o Deão, e lhe sucedeu no Deado um sobrinho seu, chamado Ignacio Joaquim Alberto de Matos; o qual, recusando sujeitar-se, como seu tio, ao sobredicto encargo, foi pelo Bispo asperamente reprehendido, e ameaçado. Então interpoz o mesmo um recurso á Coroa, cujo Tribunal mandando ao Bispo dar razão de seu procedimento, este, cheio d'um terror panico, desistindo da imaginada posse, negou haver tal Accordão, e o mais que tinha obrado a esse respeito.

Tudo isto dá materia ao vaticinio d'Abraçadabro, que é um dos episodios de que se reveste o presente Poema.

(Respeita-ae nesta reimpressão a orthographia dos  
« Satyricos portuguezes »).

## O HYSSOPE

---

### CANTO PRIMEIRO

Eu canto o Bispo, e a espantosa guerra,  
Que o Hyssope excitou na igreja d'Elvas.  
Musa, tu, que nas margens apraziveis  
Que o Sena bordam de arvores viçosas,  
Do famoso Boileau a fertil mente  
Inflammaste benigna, tu m'inflamma;  
Tu me lembra o motivo; tu, as causas  
Por que a tanto furor, a tanta raiva  
Chegaram o Prelado, e o seu Cabido.

Nos vastos Intermundios d'Epicuro  
O gran' paiz se estende das Chimeras,  
Que habita immenso povo, diferente  
Nos costumes, no gesto, e na linguagem.

Aqui nasceu a Moda, e d'aqui manda  
 Aos vaidosos mortaes as várias fórmas  
 De seges, de vestidos, de toucados,  
 De jogos, de banquetes, de palavras;  
 Unico emprêgo de cabeças oucas.  
 Trezentas bellas caprichosas Filhas,  
 Presumidas a cercam, e se occupam  
 Em buscar novas artes de adornar-se.  
 Aqui seu berço teve a espinhosa  
 Escholastica vā Philosophia,  
 Que os claustros inundou; e que abraçaram  
 Até a morte os perfidos Solipsos.  
 D'aqui sairam, a infestar os campos  
 Da bella Poesia, os anagrammas,  
 Labyrinthos, acrósticos, segures,  
 E mil especies de medonhos monstros,  
 A cuja vista as Musas espantadas,  
 Largando os instrumentos, se esconderam  
 Longo tempo nas gruttas do Parnasso.  
 Aqui (cousa piedosa!) alçou a fronte  
 A insipida Burletta, que tyranna  
 Do Theatro desterra indignamente  
 Melpómene e Thalia, e que recebe  
 Grandes palmadas da Nação castrada

Do denso Povo, que o paiz povôa,  
 Uns com pródiga mão ricos thesouros,  
 A trôco d'uma concha, ou borboleta,  
 Ou d'uma estranha flor, que represente  
 As vivas còres do listrado Iris,  
 Despendem satisfeitos. Outros passam,  
 Sem cessar, revolvendo noite e dia  
 Do antiquo Lacio antiquos manuscriptos,  
 Do roaz tempo meio-consumidos,  
 Para depois tecer grossos volumes

Do—H—sobre a pronuncia; ou se se deve  
 A conjuncão unir ao verbo, ou nome,  
 Que marcham antes d'ella no discurso.  
 Alguns (misera gente!) inutilmente  
 Compoem grandes Iliadas, e tecem  
 Aos vaidosos Magnatas mil sonetos,  
 Mil Pindáricas odes, e epigrammas,  
 A que apenas de olhar elles se dignam.  
 Estes, cujas cabeças desgraçadas  
 Não bastam a curar tres Anticyras,  
 Abrasados se crêem d'um sancto fogo,  
 E ter commércio com os altos deuses :  
 Senhores da aurea fama, e seus thesouros  
 Se inculcam aos Heroes, e em seus delirios,  
 Se julgam mais felizes e opulentos,  
 Que o grande imperador da Trapizonda ;  
 Em quanto, na pobreza submergidos,  
 Cobertos de baldões, e d'improperios  
 Dos Ricos ignorantes, e dos Grandes,  
 Com mofa, e com desprezo, são olhados.

D'este pois populoso e vasto Imperio  
 Em paz empunha o sceptro soberano  
 O Genio tutelar das Bagatellas.  
 N'um magestoso alcaçar, que se eleva,  
 Com estranha structura, até as nuvens,  
 Assiste o grande Nume; e d'alli rege  
 A lunatica gente, a seu arbitrio.  
 De transparente talco fabricado  
 É o largo edificio, que sustentam  
 Cem delgadas columnas de missanga.  
 Nos quatro lados, em igual distancia,  
 Quatro tórres de lata se levantam ;  
 Do capricho obra, em tudo, muito prima,  
 Onde a materia cede muito á arte.

Aqui pois a conselho chama o Genio  
Do seu imperio os principaes Dynastas.

Num vistoso salão, todo coberto  
De papel-prateado, e lentejoulas,  
Se ajuncta a grande Corte; e alli, por ordem,  
Assentando-se vai : aos pés do throno  
De alambres, e velorios embutido,  
A Lisonja se vê, e a Excellencia;  
Segue-se a Senhoria, e abaixo d'ella  
O Dom surrado, as grandes Cortezias,  
O Whist, o Trinta-e-um, os Comprimentos ;  
E logo o Vampirismo, os Sortilegios,  
Os Sylphos, Salamandras, Nymphas, Gnomos,  
E os outros Genios da subtil Cabala.  
De mil vás Ceremonias rodeada,  
Os assentos reparte a Precedencia.

Composto o gran' rumor, e socegado,  
Assim do alto do throno o Genio falla :

« Illustres moradores d'este excelso  
Magnifico palacio, bem sabido  
Ja ha muito tereis o quanto deve  
O meu augusto genio, a nossa corte  
Ao gran' Prelado, que as ovelhas pasce  
Dos Elvenses redis : notorio a todos  
Sem duvida vos é, como pospundo  
Das funções mais piedosas o cuidado  
Ás nossas bagatellas, só se emprega  
Em cousas vãs, ridiculas e futeis.  
A corrupta, mas real genealogia,  
O roixo-tercio-pêllo dos sapatos,  
As pedras, que lhe esmaltam as fivelas,  
A preciosa saphira, a linda caixa,  
Onde (sobre Amphitrite, que tirada

D'escamosos Delphins, n'uma aurea concha,  
 Os verdes campos de Neptuno undoso,  
 Cercada de Tritões, nua passeia)  
 Do famoso Martin o verniz brilha;  
 Seu emprêgo so são, e seu estudo,  
 Emfim, entre os mortaes, não ha quem renda  
 Á minha divindade maior culto.

Agradecido pois ao grande empenho,  
 Que mostra em nos honrar, tenho disposto  
 Dar á sua vaidade um novo pasto :  
 Que a uma escusa porta o Deão saia,  
 Co'o Hyssope, a esperal-o, determino.  
 D'este meu parecer quiz dar-vos parte,  
 Não so para escutar os vossos votos;  
 Mas para que saibais, e fiqueis certos  
 Que a côrte não fazeis a um Nume ingrato. »

Acabou de fallar; e confirmando  
 Todo o sabio Congresso o seu dictame,  
 Um susurro no Cônclave s' espalha,  
 Ao do Zephyro em tudo similhante;  
 Quando, nas frescas tardes suspirando,  
 A bella Flora segue, que travessa  
 Ca e la, entre as flôres, se lhe furta.

Mas a vã Senhoria, que se lembra,  
 Que em casa do Deão sempre encontrara  
 A mais benigna, a mais certa guarida,  
 Que seu nome ma bócca do lacaio,  
 Do cuzinheiro, da ama andava sempre,  
 A cabeça movendo descontente,  
 Tres vezes escarrou, e a voz alçando,  
 D'esta sorte fallou ao gran' Despóta :

« Soberano monarcha, que tu queiras  
 Premiar a quem te honra, empresa digna

É de teu coração : eu mesma approvo,  
 E mil vezes dictara este conselho :  
 Mas que, para o fazer, hoje pretendas  
 Que um Deão, de crescente, e curta vista,  
 A dignidade abata, e a esperar saia,  
 N'uma porta d'escada, o seu Prelado,  
 Nem justo me parece, nem louvavel.  
 Se tu queres honrar sua Excellencia,  
 Outras maneiras ha de conseguil-o :  
 Na mesma Igreja d'Elvas, e Cabido,  
 Ha um Bastos, um Sousa, dous Aporros,  
 Que, junctos com os Pittas, podem todos  
 Inda á mesma commua acompanhal-o,  
 Levantar-lhe a cortina do trazeiro,  
 Lavar-lhe o nedio cu, — e até beijar-lh'o.  
 Estes, e outros d'esta mesma estofa  
 (De que o Bispado, quasi todo, abunda)  
 Às costas vão buscar o gordo Bispo,  
 Que, inda que um pouco pésa, vem seguro ;  
 Que são Cavallos mestres e possantes. »

Mais queria dizer o vāo Dynasta,  
 Quando, de seu assento, esbravejando,  
 Se levanta impetuosa a Excellencia :  
 O furor, que lh' inflamma o grave aspecto,  
 As palavras lhe corta; principia  
 Cem vezes o discurso, e logo pára :  
 Até que n'estas descompostas vozes  
 Finalmente atroou a grande sala :

« Como ! E é possibil que haja quem se atreva  
 N'este Congresso, a oppor-se, cara á cara.  
 Aos obsequios que tu, o' Nume ! ordenas  
 A uma reverendissima Excellencia ?  
 Um Deão, co'o seu Bispo comparado  
 Um cominho não é ? Se tu, o' Nume !

O teu grande projecto não sustentas,  
Eu só... » E n'isto bate o pé na casa.

Ao rijo som da bestial patada,  
Tremeu o regio solio, e o pavimento :  
Assentos, e Assistentes assustados  
Cairam pela terra. Então o Genio  
Alçando um pouco a voz : « Basta (lhe disse)  
Eu disputas não quero em meu Conselho,  
Minha resolução está tomada ;  
Eu a escrevi, eu mesmo, em meu canhenho,  
E o que escrevo uma vez, nunca mais borro. »

Aqui, co'o rosto um pouco carregado,  
O Cônclave despede; e logo chama  
A vistosa Lisonja que, n'um ponto,  
Cem caras, cem vestidos, cem figuras,  
Cem linguas toma, e muda brevemente  
De palavras, e tom, segundo o gôsto  
Dos que o governo teem : e assim lhe falla :  
« Magnata principal da minha Côrte,  
Eu, para executar este projecto,  
Entre todos te escolho; diligente  
Parte a cumpril-o ; pois de tuas artes,  
E de ti so confio a grande empresa. »

Acaba ; e mais veloz que a leve setta  
Parte do Itureo arco, ou na alta noite  
Cair se ve do ceo brilhante estrella,  
Voa o falso ministro, abrindo os ares.

Juncto da bôcca do cruel Averno,  
A provincia se ve da Dependencia,  
Cujos campos retalha, murmurando,  
Um pequeno ribeiro d'agua turva :

Não cria em suas margens tronco altivo;  
 Mas so hervas humildes e rasteiras  
 Produz o seu humor; se algum arbusto  
 Mais viçoso rebenta, as suas folhas  
 Tem para a terra todas inclinadas :  
 Funesto influxo do liquor maligno,  
 Que o succo lhe ministra! Aqui, voando,  
 A Lisonja chegou ; e enchendo d'agua  
 Uma pequena infusa, que trazia,  
 As azas abre, parte alegremente  
 Fendendo os leves ares; mil cidades,  
 Mil povos deixa atraz, até que chega  
 Da famosa azeitona á grande terra.  
 Aqui, tomando o fórmia do lacaio  
 Do farfante Deão, entra na casa,  
 A tempo que, de chambre, e de chinelas,  
 Pela comprida sala passeava,  
 Sorvendo uma pitada de tabaco,  
 De quando em quando, sua Senhoria ;  
 Ora á janella chega, e applicando  
 Uma pequena lente á curta vista,  
 O que passa na praça vigiava ;  
 Ora, arrotando, para dentro torna.  
 Ardia então em calma toda a terra ;  
 E o calor, que as guelas lhe seccava,  
 Lhe faz bradar por agua, e caramelos.

A Lisonja, que idoneo tempo vira  
 Para tammanha empresa, um copo enchendo  
 Da turva lympha do regato impuro,  
 Com quatro caramelos, n'uma salva  
 Lhe levou mui lampeira ; elle sorvendo  
 Com muita mogiganga o fôfo açucar,  
 Os dedos lambe, e logo o copo vasa  
 Do maligno liquor dentro na pança.  
 Acabou de beber, e pouco a pouco

O veneno se actua dentro n'alma :  
 Uma chamma subtil, um vivo fogo  
 Lentamente se ateia : arde em desejos  
 D'ir o Bispo buscar, de offerecer-lhe  
 O mais activo incenso ; mil obsequios  
 Na cabeça lhe rolam, e o transportam :  
 Da tarde em todo o resto não socega ;  
 Nem na profunda noite estas ideias  
 O deixam descansar um so momento :  
 Sôbre os fófos colchões revolve o corpo,  
 Mil maneiras pensando de adulal-o :  
 Umas vezes lhe lembra debuxar-lhe  
 Em dourado-papel sua prosapia ;  
 Mas de genealogia nada intende  
 O triste, por seu mal : outras, lhe ocorre  
 Ir calçar-lhe os sapatos : com inveja  
 Olha do illustre Almeida a feliz sorte,  
 Que os pratos, e a bebida lhe ministra.

Da noite a maior parte assim consome  
 N'estes projectos vãos, e em nada assenta :  
 Até que, — juncto ao toque da alvorada,  
 Apênas, de cançado, cerra os olhos, —  
 Emboscada a Lisonja prestes toma  
 D'um prazenteiro sonho a leve fórm'a,  
 Entre mil vãos phantasmas lhe apparece,  
 E assim lhe falla : « Ó grande Dignidade,  
 Cabeça illustre do Cabido Elvense,  
 Se de teu alto ingenho hoje pretendes  
 Dar ao mundo uma prova, humildemente  
 Tomando o bento Hyssope, á porta nova  
 Com elle, o teu Prelado, prompto espera.  
 Honrar nossos Maiores cousa é sancta,  
 Que a natureza inspira : da syntaxe  
 O cartapacio diz, que mais illustres  
 Seremos, quanto formos mais humildes. »

## O HYSSOPE

N'este ponto acordon o Prebendado;  
E vestindo-se á pressa, á Igreja corre :  
Sem fazer oraçāo, o Hyssope toma,  
E com elle, na porta sinalada,  
Sua Excellencia espera : alli apenas  
Da liteira assomou o grande macho,  
Per terra se prostrou, e d'esta sorte  
Ao Pastor, que se apeia, o Hyssope off' rece ;  
Que uma sancta vaidade respirando,  
N'elle alegre pegou, e o sacro Asperges  
Circumspecto lhe lança ; em si cuidando,  
Que todo este profundo acatamento  
A seu illustre bērço era devido ;  
E, n'estas vās ideias engolphado,  
Foi devoto cantar a grande-missa.

## CANTO SEGUNDO

REINAVA a dôce paz na sancta Igreja;  
O Bispo, e o Deão, ambos conformes  
Em dar, e receber o bento Hyssope,  
A vida em ócio sancto consumiam  
O bom vinho de Málaga, o presunto  
Da célebre Montanche, as gallinholas,  
As perdizes, a rôla, o tenro pombo,  
O gran' cha de Pekin, e la da Meca  
O cheiroso café, em lautas mezas,  
Do tempo a maior parte lhes levavam;  
E o restante, jogando exemplarmente,  
Ou dormindo, passavam sem sentinel-o.

Em tanto a Senhoria, em cujo peito  
Altamente ficou depositada  
Da suberba Excellencia a petulancia,  
Mil vinganças na mente revolvendo,  
Comsigo mesma diz : « Que! Por ventura  
Não sou eu a sublime Senhoria,

Idol de Pelões, e de Casquinhos?  
 Quantas Môças gentis, em cujos rostos  
 Entre lirios brilhar se vêem as rosas;  
 A meu culto não rendem seus cuidados?  
 Quantos graves Varões, que sóbre os livros,  
 De cãs se teem coberto, ou sob os elmos?  
 Nas ricas e faustosas Assembleias  
 Não tenho porta franca? Não me fazem  
 Os Circumstantes todos mil lisonjas?  
 Não correm apôs mim? não me festejam?  
 Pois, como soffro que a Excellencia altaiva,  
 A seus pés me derrube, e me atropelle?  
 Que triumphe de mim impunemente?  
 Ah! se esta injuria soffro; com desprezo  
 Entre a gente será meu nome ouvido:  
 Nem em casas armadas de damasco,  
 Ou de pannos-de-raz, onde spumando  
 Na rica transparente porcelana,  
 De Carácas se serve o chocolate.  
 Roda o cha, o café, se joga o Whist,  
 Terei (como costumo) entrada livre:  
 E somente nas lojas dos barbeiros,  
 Ou pintadas boticas, entre as moscas,  
 A vida passarei triste, e sem honra.  
 Ás armas pois corrâmos, e á vingança:  
 Que desmaiar á vista dos perigos  
 É de animo abatido indicio certo.  
 Mil artes, mil maneira de vingar-me  
 Buscará minha astucia. O mundo inteiro  
 Hoje conhecerá minha potencia. »  
 Disse: e sóbre o veloz dourado carro,  
 Que tiram sei Pavões, irada sóbe,  
 Levemente rasgando o ar sereno.

Nas entranhas de Rhódope escabrosa,  
 Uma furna se rasga, tam medonha,

Que um gelado tremor, á sua vista,  
Dos timidos mortaes os ossos corre :  
Aqui luctando sempre em viva guerra,  
Rugem mil furacões de oppostos ventos;  
Aqui se ouvem silvar horrendamente  
Górgones, e Cerastas. A Discordia  
Aqui morada tem, aqui seu throno.  
A este horrendo hospicio a Senhoria,  
Batendo as redeas ás pomposas aves,  
Guia o suberbo carro. Espavorido  
Da triste vista do medonho albergue,  
Tres vezes quiz atraz volver o vôo  
Das bellas aves o brioso tiro,  
E tres vezes o Genio vingativo  
Sacudindo, irritado, o longo açoute,  
O constrange, por sim, a tomar terra.  
Alli do carro desce, e ás palpadelas,  
Pela cega caverna entra animosa.  
No mais profundo da sombria estancia  
Assiste a cruel Deusa, cujo rosto  
Apenas se divisa, á luz confusa,  
Que espalham respirando de continuo  
Por olhos, e gargantas, mil Serpentes.  
Aqui o Genio chega : e derribado  
Pela terra, que beija humildemente,  
D'esta sorte fallou : « Nume terribil  
Cujo grande podér, cuja vingança  
A Terra faz tremer, e o mesmo Olympo,  
A teus pés hoje chega a Senhoria,  
Atrozmente ultrajada : o teu socorro,  
Contra a fera Excellencia, humilde implora.  
Se de peitos illustres glória, e timbre  
Foi sempre proteger os desvalidos,  
Tu me vale em meus males : tu, castiga  
D'um Genio insultador a petulancia  
Além d'isto, presumo não ignoras

Que o farfante Deão da Igreja d'Elvas,  
 Pela baixa Lisonja persuadido,  
 Olvidado da sua dignidade,  
 N'uma porta travéssa, o bento Hyssope  
 Vem, sem brio, offrecer ao gordo Bispo.  
 D'aqui nasce a concordia, que hoje reina,  
 Em desprezo da tua divindade,  
 Na mesma Igreja : o Ocio e a Priguiça,  
 De teu podér zombando, n'ella habitam :  
 Tu mesma, se o meu pranto te não move,  
 Para credito teu, perturbar deves  
 Esta serena paz, que o Ócio nutre.  
 Tu podes, se te agrada, a um so aceno,  
 No seio da familia mais conforme,  
 Dissensões, semear, motins, e bandos ;  
 Banhar no fraternal sangue innocent  
 O buido punhal ; e n'um momento  
 A Terra confundir, e o Mar profundo :  
 Mil Fraudes, mil Ciladas, e mil Tramas,  
 Como escravas fieis, promptas te servem.  
 Do Deão fascinado pois desperta  
 A innata presumpção, o genio altivo.  
 Tu faze que conheça o desar grande  
 Em que caido tem, e se arrependa  
 Do baixo incenso, que á Lisonja rende :  
 Tu lhe traze á memoria, que seu nome,  
 Seu nome illustre, na futura idade,  
 Dos Deãos no catalogo, com mofa  
 De todos os vindouros, será lido  
 Sabendo-se, que a tanto abatimento  
 Seu spiritu chegou : tu furiosa  
 Os animos altera, e a paz desterra. »

Disse : e o tyranno Nume respirando  
 Das entranhas um negro e vivo fogo,  
 D'esta sorte responde : « Bem conheço,

O nobre Senhoria ! quanto devo  
 A teu suberbo influxo ; quantas vezes  
 Auxiliado tens minhas cabalas.  
 Sei, que, por teu respeito, se não falla,  
 Na Terra, nuita gente ; as muitas mortes  
 De que auctora tens sido. Não me esqueço  
 Do que devo aos amigos. Vai segura  
 Que eu ja parto a vingar tuas affrontas. »

Aqui, sôbre um feroz Dragão montando.  
 Rapidamente vôle : incendios, mortes,  
 Sacrilegios, traições, roubos, ruínas  
 Vai deixando a Cruel, por onde passa.  
 Chega dos Elvios á colonia antigua ;  
 E vendo de passage os Dominicos ;  
 Entre o Prior, e os Frades mil disputas  
 Sôbre o cha, sôbre o jôgo: e sôbre os doces,  
 E sôbre os trastes, que ás Senhoras manda,  
 Tyrannamente excita : alguns gritavam  
 Que o convento roubava, que a clausura  
 E religiosa vida se perderam :  
 Outros, cheios de colera, bradavam,  
 Que por jogar o Whist, e dar merendas,  
 As rendas dissipava do mosteiro ;  
 Que por isso, no sânto refeitorio,  
 A fome cruelmente os consumia.  
 Mas o sancto Prelado, todo cheio  
 D'exemplar paciencia e de modestia,  
 Vociferar os deixa, — e vai jogando.  
 Entretanto a Discordia encara a porta  
 Do grande Presidente-do-Cabido,  
 A tempo que estirado, á perna sólta,  
 Sôbre um molle Sophá, dormia a sésta.  
 Roncava mui folgado, e cada ronco  
 A grande sala estremecer fazia.  
 Alli, encarquilhando o feio rosto,

Um Rosario tomou, e na figura  
 Da velha e carunchoso Ama se torna :  
 Assim, a lentos passos caminhando,  
 Ao Conego chegou ; assim o acorda :

« Como, em tam dôce paz repousa agora,  
 Dorme, e descança vossa Senhoria ;  
 Ao mesmo passo que, na Terra toda,  
 De seu nome se faz ludibrio, e mófa ?  
 Como (discorrem uns) como é possibil  
 Que o bom Capitular, que viu o Papa,  
 Que em Roma conversou com o Datario,  
 E do sacro Palacio com o Mestre,  
 Que joga o Trinta-e-um, e mais o Whist,  
 Que cha, e que assembleia dá em casa,  
 A tanto abatimento hoje chegasse,  
 Que á porta da commua o Hyssope traga,  
 Para off'recel-o a um Bispo <sup>de má morte</sup>?  
 Outros dizem : — Parece cousa incrivel,  
 Que a principal figura do Cabido,  
 Que tem loba de sêda, e trouxe ás costas,  
 La da famosa Italia, a Senhoria,  
 Tanto de si se esqueça, e do seu cargo ? —  
 E vossa Senhoria, ao ócio entregue,  
 Dorme profundamente? Acorde, acorde  
 D'esse molle lethargo, que é ja tempo :  
 Véja o que deve a si, a seus Maiores,  
 A grande Dignidade que, brilhando  
 Com seus raios, o cerca majestosa ;  
 E deixe a vil Lisonja, que o arrasta. »

Aqui, os turvos olhos esfregando,  
 O Deão abre a bôcca, estende os braços,  
 A cabeça levanta, e d'esta sorte  
 Ao Monstro enganador irado falla :

« Que phrenesi é este, Velha tonta ?  
 Está fóra de si ? ou bebeu vinho,  
 Que o miôlo lhe faz andar á roda ?  
 Reze nas suas contas : quem a mette  
 Em cousas a fallar, que não lhe tocam ?  
 Va-se logo d'aqui... » N'estas palavras,  
 Outra vez, sobre o molle travesseiro  
 A pesada cabeça cair deixa.

Então a cruel Deusa, ardendo em ira :  
 « Pois não queres de grado (lhe tornva)  
 Por teu brio acudir, a minha fôrça  
 Agora provarás. » Isto dizendo,  
 A furtada figura prompta despe,  
 As hydras arrepella da cabeça,  
 E cheia de furor, uma arrancando,  
 No seio do Deão, feroz a lança,  
 E subito pelo ar desapparece.  
 Em tanto a cruel hydra a cauda ferra  
 Do Conego nas miseras entranhas.  
 Em Delphos a famosa Pythonissa,  
 Toda agitada d'um furor divino,  
 Não gême tam convulsa, tam raivosa  
 Não corre, não retorce os vivos olhos,  
 (Não podendo soffrer a Divindade)  
 Como o pobre Deão : — Do Sophá salta ;  
 Correndo furioso toda a sala,  
 « Armas ! armas (bradava) guerra ! guerra ! »

A estas altas vozes prompta acode  
 Da casa toda a gente ; e presumindo,  
 Que algum grave accidente lhe roubara  
 De todo o pouco siso, pegam n'elle,  
 E per fôrça o levaram para a cama,  
 Onde, a cru cachaçao, a murro sêcco,  
 Lhe fizeram cessar parte da raiva.

### CANTO TERCEIRO

Era dia de festa ; e, na alta tôrre  
Da grande cathedral, de vinte sinos  
O grave carrilhão, rompendo os ares ;  
Os freguezes chamava á grande-missa ;  
Quando sua Excellencia vigilante,  
Montando a gran' liteira, em que se via  
(Com modestia exemplar) Venus pintada  
Sobre um globo de tenros Cupidinhos,  
Qual ao mancebo Adonis, ou a Páris,  
Na Idalia selva ja se apresentara,  
Para a Sé lentamente s' encaminha.

Tu, jocosa Thalia, agora dize  
Qual seu espanto foi, sua surpreza,  
Quando á porta chegando costumada,  
N'ella o Deão não viu o Hyssope.  
Tanto foi da Discordia o fero influxo !  
Caminhante, que ve subito raio  
Ante seus pés cair, ferindo a terra,  
Tam suspenso não fica, tam confuso,

Como o grave Prelado : a cõr mudando,  
 Um tempo immobil fica ; mas a raiva  
 Sucedendo ao desmaio, entra escumando  
 Na grande-sacristia, e d'allí passa  
 Para o altar-mor, onde se reveste,  
 Onde, como costuma, em contra-baixo,  
 Sem saber o que diz, a missa canta.  
 Toda aquella manhã, uma so bênção  
 Sôbre o Povo não lança ; antes confuso,  
 Em profundo silencio á casa torna,  
 Onde, logo a Conselho convocando  
 Toda a grande familia, assim lhe falla :

« Amigos, companheiros, que o Destino  
 Fez de meu mal, e bem participantes,  
 O caso sabereis mais execrando,  
 Que até hoje no Mundo se tem visto.  
 O Deão... » (E aqui, dando um gran' soluço,  
 Em pranto as negras faces todas banha,  
 Suspenso um pouco fica, e logo torna)  
 « O suberbo Deão, que sempre attento  
 A meu alto decóro, o sancto Hyssope  
 Vinha trazer-me á porta do Cabido,  
 Hoje não so deixou de vir render-me  
 (Ah ! que não sei, de nojo, como o conte !  
 Este obsequio devido ao real sangue,  
 Que nas veias me pulsa heroicamente ;  
 Mas, na sua cadeira empantufado,  
 Os psalmos entoava, em mim fitando  
 A carrancuda vista ; de tal sorte,  
 Que mostrava insultar-me, com desprezo.  
 A raiva, e o gran' furor, que a alma me occupam,  
 Me tem fóra de mim : não sei que faça  
 Para vingar tam grande e atroz delicto.  
 Vós conselho, vós artes, vós maneira

(Pois a vós tambem chega a grande affronta)  
Me dai, para punir este atrevido. »

Disse : e um grande lacaio da liteira,  
Famoso Rodomonte das tabernas,  
A voz tomando a todos, d'esta sorte  
Seu conselho propoz : « Tam grande caso  
Senhor, se leva a pau : eu tenho um raio  
De sege, ha muito ja exprimentado  
Em funcções similhantes; eu com elle  
De sua Senhoria tal vingança  
Hoje espero tomar, que d'escarmento  
A todos sirva... » Aqui o grande Almeida  
Gentil-homem da camara, e da bôcca,  
Homem de Gabinete, e de Conselho,  
Bom poeta, orador, *Petrus in cunctis*,  
Que goza do Prelado a confidencia,  
O discurso lhe atalha d'este modo :  
« Se este horrendo execravel attentado,  
Ao vél-o, digno de que o Sol brilhante,  
Os rubidos cavallos afastando,  
Corresse a mergulhar-se eternamente  
Nas voragens da noite mais espessa,  
Se houvesse de levar por fôrça, e armas ;  
Eu armas, coração, e fôrças tenho :  
Mas violentos remedios so s' applicam  
Em mal desesperado ; isto supposto,  
Astucia, e mais astucia se precisa ;  
Que, onde reina a Prudencia, nada falta.  
Vossa Excellencia conta no Cabido  
A muitos parciaes, e lisonjeiros ;  
Estes pois, sendo a Côncclave chamados,  
Poderão sustentar o seu partido,  
E obrigar que o Deão faça por fôrça  
O que fazer recusa voluntario. »

A esta vozes, babando-se de gôsto,  
 O Prelado exclamou : « Ó raro ingenho !  
 Meu podér, minha fôrça, e meu conselho !  
 O teu voto me praz ; seguil-o quero.  
 Chamem-me, logo logo, o docto Andrade,  
 O Gran' Penitenciaro, o sêcco Marques ;  
 E o jantar se prepare promptamente. »

Ja na suberba meza cem terrinas,  
 O vapor mais suave derramando,  
 A insaciavel gula provocavam ;  
 Quando chegam ao cheiro os Convidados  
 Que, feitos os devidos comprimentos,  
 Sem distincão, emtôrno, se assentaram.  
 Começam a chover logo os manjares,  
 Cem perdizes, cem pombos vêm voando,  
 Cem especies de mólhos, cem d'assados,  
 Grandes tortas, timbales, pasteis, cremes  
 Cobrem, com symmetria, a grande meza :  
 A cabeça não falta de vitella,  
 Nem do gordo animal a curta perna,  
 Cozida em branco leite, ou dôce vinho.  
 Mil fructas, mil corbelhas, mil compotas  
 A terceira coberta logo adornam ;  
 E em dourados crystaes, ó loução Baccho !  
 De tuas plantas brilha o roixo summo.  
 Entretanto na porta do palacio,  
 A cem pobres o Bicho-da-cuzinha,  
 Por ordem do Pastor caritativo,  
 Um caldeirão de caldo repartia.

Entre os copos, que emtôrno sempre gyram,  
 Brevemente propoz o gordo Bispo  
 Aos bons Capitulares seu projecto,  
 Que todos approvaram, e alli juram

Polo dôce liquor, que impetuoso  
 Pelas veias, e cerebro lhes corre,  
 De o sustentar — até darem as vidas  
 Por vêl-o felizmente executado.

Assim da lauta meza entre as delicias  
 Largas horas passaram docemente :  
 Em um queijo de Parma inda roia  
 A alegre Companhia, pastejando,  
 Quando das sanctas vesporas, na tôrre,  
 Fez signal o relojio. Descontentes  
 Ao triste som do aborrecido sino,  
 Se levantam em pe os Prebendados,  
 E fazendo uma longa reverencia,  
 Correm velozes, por fugir da muleta,  
 A ganhar no alto côro os seus assentos,  
 Alli mesmo, primeiro que rezassem,  
 A seus sabios Collegas proposeram  
 Que, para resolver certó negócio  
 De maior interesse ao grande Corpo,  
 Preciso vinha a ser, que ao outro dia,  
 Em que o Deão da Terra s'ausentava  
 Se ajunctasse o Cabido. Na proposta,  
 Sem nenhum discrepar, todos concordam  
 Engrolados os psalmos, para casa  
 Cada um se partiu, em si pensando  
 Qual seria o negócio, que obrigava  
 O Cabido a chamar. Alguns julgavam  
 Que a pia d'agua-benta se mudava :  
 Outros, cheios de gôsto presumiam,  
 Que para se vender mais caro o trigo,  
 Que no commun celleiro se guardava,  
 Algum celeste arbitrio se encontrara.

Mas o famoso Bastos, d'outra sorte  
 Comsigo discorria : « Certamente,

Para nodistinguir da baixa plebe  
 Dos vis Beneficiados, d'esta feita.  
 (E como se ufanava!) se nos manda,  
 Que de verde forremos as batinas ;  
 E que chapeo azul, com borlas brancas  
 Tragâmos na cabeça. » N'este pouto,  
 Em si proprio, de gôsto, não cabendo  
 Pulava para o ar, batia as palmas.  
 Não d'outra sorte o misero mendigo,  
 Que sonha achar thesouros soterrados,  
 Se alegra, salta, e folga, e s'imagina  
 Igual ao gran' Sophi da rica Persia ;  
 Que o vão Capitular, que ja se pinta  
 Na sua extravagante phantasia  
 A par do gran'Lamá, no fausto, e pompa,  
 Ou de fero Muphti dos Musulmanos.

Cheio d'estas ideias entra em casa,  
 E para dar seu voto na Assembleia  
 Com mais legalidade, pedir manda  
 Ao Rabula do Céa alguns Auctores,  
 Que os canones sagrados commentaram.

O docto Accursio, todo satisfeito  
 De podêr grangear um Prebendado,  
 Esperando medrar por esta via,  
 E vestir alguma hora a roixa murça,  
 Digno premio das suas gordas'lettras,  
 Lhe envia o Bertachino, o grande Granha,  
 Tamborino, Escolano, Spada, e Pichler,  
 Meninas de seus olhos, flor, e honra  
 Da rançosa indigesta livraria.

O bom Conego, vendo os grossos tomos,  
 De prazer, em si proprio, não cabia :  
 Julgando, pelo vulto dos volumes,

Que d'elles qualquer seja Auctor de arromba ;  
 Ja, sem demora ordena, que lhe tragam,  
 Para um voto lançar, que similhante  
 Nas decisões da Rota não se encontre,  
 Papel-de-Hollanda, pennas, e tincteiro :  
 E para que completo em tudo fôsse,  
 A *Roda-da-fortuna*, e *Crystaes-d'alma*  
 Trazer manda tambem, fazendo conta  
 De, em partes, lhe cirzir alguns pedaços,  
 Que incantado o deixaram, quando os lera  
 Isto ordenado, para a banca chega,  
 O lenço tira, o grosso monco assoa,  
 Toma tabaco, escarra, os livros abre,  
 E a folhear começa ; porém vendo  
 Que nada intende do que está escripto,  
 Para a ceia se chega, e enchendo a pança  
 Se foi a repousar no brando leito.

Ja a vermelha Aurora, derramando,  
 Do candido regaço, sôbre os prados,  
 Mil roscidas boninas, despertava  
 Com a trémula luz de sette côres,  
 Os miseros mortaes e seus trabalhos ;  
 Quando, na grande sala do Cabido,  
 Se ajunctam os zelosos Prebendados ,  
 E tomando, por ordem, seus assentos,  
 Depois d'un breve espaço de silencio,  
 Alçou-se o grande Abreu, com rosto grave,  
 E feita uma profunda reverencia.  
 D'esta sorte fallou : « Cabido egregio,  
 Exemplar de Cabidos, e virtudes ;  
 Bem sabe vossa illustre Senhoria,  
 Que goza felizmente a insigne honra  
 De ter por chefe, por pastor, e Bispo,  
 Um ramo de real portuguez Tronco :  
 Tambem sabe, que a glória da cabeça

Aos mais membros s'estende ; e alêm d'isto  
 Oculto lhe não é quanto se empenha  
 Em honrar sua Sé este Prelado.

Tu, sancta-quarentena, tu o dize ;  
 Pois viste a importantissima refórma,  
 Que em nossas grandes capas fez zeloso  
 Este grande Prelado, não soffrendo  
 De seus Capitulares em desdouro,  
 Os antiguos franjados alamares,  
 Que a moda ja ridiculos tornara.  
 Deixo por ora de fazer memória  
 D'outras grandes acções em que seu zêlo  
 Por nós, brilhar se viu ; e so não pôssو  
 Em silencio passar aquella rara,  
 Grande e quasi real lib'raldade,  
 Com que sua Excellencia foi servido  
 A muitos membros d'este grave Corpo  
 Uns capitães fazer, outros tenentes,  
 Alguns alferes, ajudantes outros,  
 Este major, sargento, e cabo aquelles ;  
 Quando a Furia infernal da voraz Guerra,  
 Rompendo as portas do espantoso Averno,  
 Desboccada saiu, o ferro, o fogo  
 Nas garras sacudindo ; e furibunda,  
 Depois de ter corrido largo tempo,  
 Com sanguinosa planta, toda a Europa,  
 Em Portugal entrou, ameaçando  
 D'um estrago fatal nossas prebendas :  
 Nem o raro valor, com que seguindo  
 De seus Avós as inclytas façanhas,  
 Ao som de caixa e pifaros, na frente  
 Da brava ecclesiastica phalange,  
 Coronel-general dignou chamar-se :  
 Accão, por certo, digna de ser lida  
 Com letras-de-ouro, na Gazeta da Haya,

Ou nas folhas-volantes, que em Lisboa  
 Os cegos apregoam pelas ruas,  
 Estas razões, Senhores, nos obrigam  
 A olhar, como propria, a honra sua.  
 Ella ultrajada se acha indignamente  
 Pelo altivo Deão; pois costumando  
 (Nos testimunhas somos, nós o vimos !)  
 Vir humilde esperar, co'o sancto Asperges  
 Á porta d'este Alcaçar, derepente  
 Mudando de systema, hoje refusa  
 Este obsequio render, este tributo  
 De tam altasv irtudes merecido;  
 Turbando injustamente em sua posse  
 O grandioso Prelado. Este desprezo,  
 sEta pois tam atroz e negra injuria,  
 Que, em menoscabo seu, nas nossas barbas,  
 Se fez ao seu character, nos releva  
 Promptamente vingar. Sim, consultemos  
 Os canones sagrados, e vejamos  
 A fórmā, o modo. » — Então o Ramalhete,  
 Théologo chapado e canonista.  
 Que o dialectico-Pharo de cór sabe,  
 Que de sancto Thomaz ha lido a *Summa*,  
 O Genet, Busembaum, Lacroix, Guimenio;  
 Que sabe decidir magistralmente  
 A famosa questão, — se um Burro pôde  
 O baptismo beber, ardendo em sêde; —  
 Que argumenta nas theses dos Capuchos,  
 E inchando do pescoço as cordoveias,  
 Infere, grita, prova, e nada colhe;  
 A voz alçando grave e magestosa,  
 N'esta fórmā votou. « Lavrar-se deve  
 Um terrível Accordão, que de exemplo,  
 Da historia nos annaes, o todos sirva :  
 O farfante Deão seja obrigado,  
 D'elle em virtude, a desistir da fôrça

Que ao bom Prelado faz na sua posse,  
 Fulminando-lhe mulcas, e outras penas :  
 Este Cabido tem auctoridade  
 Para o fazer : em muito bons auctores  
 Assim o tenho lido : este é meu voto. »

— O Bastos, n'esse instante, homem versado  
 Na lição de *Florinda*, e *Carlos-Magno*,  
 Quiz metter seu bedelho : mas Andrade,  
 De seu discurso não fazendo caso,  
 Do docto Magistral o voto apoia  
 Com mil textos, que aponta a troxe moxe ;  
 No *Sexto*, *Decretaes*, e *Clementinas*  
 Capitulos inteiros terminantes,  
 Para proval-o, encontra ; e a outra turba  
 Que, co' o queixo caído, os escutava,  
 Arqueando, de pasmo, as sobrancelhas,  
 No que dizem os dous, prompta, concorda.

Em vão o Thesoureiro, em vão o Chantre.  
 (Homens austeros, que adular não sabem)  
 S'oppem tres vezes ao sinistro Accordão ;  
 Que a Lisonja astuciosa (que volita  
 Sobre suas cabeças invisibil,  
 E seus votos inspira) faz que todos,  
 A calar-se, os obriguem : murmurando ;  
 E levados da fôrça da torrente,  
 Assignaram tambem o vão decreto.

## CANTO QUARTO

N'UMA casa-de-campo, descuidado,  
Entretanto passava, alegremente,  
O farfante Deão os longos dias  
Em que Phebo insoffrido, unindo as furias  
Ás que raivoso vibra o Cão celeste,  
Abrasa as calvas terras Transtaganas :  
Quando o Monstro veloz, que por cem olhos  
Todas as cousas ve, e as cousas todas  
Por cem bôccas, cem linguas palra, e conta ;  
Com cem azas fendendo os largos ares,  
Aos ouvidos lhe leva a cruel nova  
Do barbaro decreto. Em paz serena  
Então jogando sua Senhoria,  
Ganhava um real-róber : mas apenas  
As orelhas lhe fere o infausto aviso,  
Quando subitamente lhe cairam  
Das mãos as cartas. Pallido e suspenso,  
Largo espaço, ficou. — Não de outra sorte  
Immobil jaz, qual o mancebo hardido,  
Que seguindo no campo, com seus galgos,

O fugace animal, subitamente  
Ante os pés do cavallo, ve a terra  
Em profundos abyssmos despenhar-se; —  
Mas das potencias recobrando o uso,  
Que o subito desgôsto lhe embargara,  
Escumando de raiva, entre si disse :  
« Pois não querem a paz, haverá guerra.  
Vós, sanctos Ceos, e tu, astro brilhante,  
Que o dia trazes, e que o dia levas,  
E que eu nascer não vejo, ha longos annos!  
Vós testimunhas sois, se eu pretendia  
Mais que em paz desfructar minha prebenda,  
Comer, jogar, dormir, e divertir-me.  
Mas ja que tu, ó Bispo revoltoso!  
E tu, infame adulador Cabido,  
A mudar me obrigaes, com vis cabalas,  
De tam sancto proposito, — até onde  
Chegam dos Laras o valor, e o brio,  
D'esta vez provareis. » Isto dizendo,  
Levanta-se furioso, e sem respeito  
Ao real-róber, que ganhado tinha,  
(Tanto pôde a paixão no peito humano !)  
Assim mesmo, e sem ver quanto indecente  
Foi sempre á Senhoria andar á pata,  
A caminho se poz, aos ilhaes dando,  
Suado e melancolico entra em casa.  
Alli, sem socegar, ora passeia  
Pela comprida sala, ora se assenta,  
Ora comsigo falla. Em vão a mesa,  
Os criados lhe poem; em vão os gordos  
E tenros Perdigotos, a salada,  
A fructa, o vinho, os dóces o convidam;  
Que, sem ceia, esta noite foi deitar-se.  
Alli a molle pluma se lhe torna  
Em duro campo de cruel batalha.  
Mil cuidados o investem; seu decôro

Atrozmente offendido, a todo o instante  
 À memória lhe vem : ora d'um lado  
 Os lassos membros volve, ora do outro :  
 Suspira, tosse, escarra, e abrindo a caixa  
 Toma o insulso rapé, e não socega.

A triste Senhoria, que chorando  
 A deshonra commum, aos pés do leito,  
 Companhia lhe faz, compadecida  
 De seu desassocego, veloz parte  
 A trazer-lhe um pesado e doce somno.

Entre as rochas do Bósphoro Cimmerio  
 Uma grutta se ve, onde não entra  
 Jamais a luz do sol : sombria alcova,  
 Onde, em triste lethargo submergido,  
 Repousa o deus do sonno, coroado  
 De brancas priguiçosas dormideiras,  
 Emtorno ao torpe albergue não se escuta,  
 Com seu canto, chamar o esperto Gallo  
 Da Aurora a clara luz; nem n'alta noite  
 Ladrar raivosos cães; mas so murmúra  
 Um placido ribeiro, que respira,  
 Com o surdo rumor, paz e descânço.  
 Outros menores Somnos, fertil prole  
 Do indolente Morpheu, alli assistem.  
 Tanta espiga não doura a fertil Ceres  
 No caloroso Estio; tantas flôres,  
 Na fresca Primavera, pelos prados  
 Fecunda não produz a Madre-Terra,  
 Quantos alli se vêem, todos diversos  
 De genios, de costumes, de figuras!  
 Uns de lugubre aspecto, outros de ledo,  
 Muitos pesados são, muitos são leves;  
 Estes, entre vãos sonhos, de contíno  
 Pela escura caverna andam voando :

Os olhos teem cerrados, e dormindo,  
 De mil hervas lethargicas o succo  
 Espremem d'entre as mãos. Caladamente  
 Aqui se chega a triste Senhoria,  
 E um d'elles, pelas azas, agarrando,  
 Á casa do Deão, comsigo o leva,  
 Que urrando de desgosto, não dormia ;  
 Mas mal o lumiar tóca da porta,  
 Quando o humor somnolento, derramado  
 Do Somno pelas mãos, aos olhos chega  
 Do desperto Deão, que logo os cerra  
 E a resonar começa docemente.

Então o Genio em sonhos lhe apparece,  
 E fallando com elle assim dizia :  
 « Que é isto, illustre Lara? Assim desmaia  
 Teu forte coração! Como é possíbil,  
 Que quem pôde soffrer o grave aspeito,  
 Em Roma, nas maiores Personagens,  
 Sem susto, sem temor, — hoje esmoreça,  
 Perca toda a constancia, trema, e gele,  
 So á vã ameaça d'um Cabido,  
 A quem faltou, sem ti, alma, e cabeça?  
 Animo pois, valor, e segurança,  
 Que o campo cederão os inimigos.  
 N'esta cidade tens discretas pennas,  
 Tens de Serpa o Ouvidor, que ovelho Accursio,  
 E Bártholo o famoso so despreza,  
 Por que idólatras foram, e adoraram  
 A Jove, Marte, e Juno, divindades  
 A quem aras ergueu o Paganismo.  
 O Céa tens tambem, tens o Fernandes,  
 Oraculos de Astrea, que seu dente  
 Em canones tambem mettem ousados ;  
 Estes consulta, e segue os seus dictames,  
 Para o orgulho abater de teus contrarios. »

— « E tu, quem es, Espírito celeste,  
 (O Deão incantado, lhe pergunta,  
 Da graça que no rosto lhe scintilla)  
 Que a consolar-me vens nos meus trabalhos? »  
 — « Eu sou (ella lhe torna) a Senhoria,  
 A quem, com tanto extremo, tu adoras. »

A estas vozes, da cama salta fóra,  
 Per terra se lhe prostra, bate os peitos,  
 De gôsto dóces lagrymas derrama,  
 Bejar-lhe quiz os pés; mas n'este instante,  
 Ella desaparece, e elle acorda.

Ja o sol, esmaltando com seus raios  
 A alegre terra, entrava a furtadelas,  
 Das cerradas janellas pelas fisgas,  
 E as importunas moscas começavam,  
 Com seu lento susurro, e com os curtos  
 Aguilhões, que nas caras lhes cravavam,  
 Os poltrões acordar, que inda dormiam :  
 Quando o nosso Deão, todo engolphado  
 Na Celeste visão, se veste alegre ;  
 As meias *gris-de-fer*, e mais as luvas,  
 A casaca de sêda, e mais a capa,  
 Em signal de prazer, preparar manda ;  
 O crescente penteia, e todo guapo  
 E do po sacudido, sai de casa.

Ha d'Elvas na cidade um escriptorio,  
 Onde assiste a Trapaça, e o Pedantismo.  
 Alli os feios monstros consultados,  
 Do gritador Fernandes pela bôcca,  
 Suas respostas dão á rude plebe.  
 Aqui o reverendo Prebendado  
 Seus passos encaminha, e aqui chega,  
 A tempo que, de chambre, o novo Caio

A um rude Camponez, que o consultava,  
 D'uma fraca jumenta sóbre o escâibo  
 Com outro seu visinho, respondia :  
 Mil livros tem abertos, e mil textos  
 Em latim, *ad formatia*, lhe repete.  
 Mas se o Rustico d'elle nada intende,  
 O Doctor muito menos intendia :  
 « O seu caso (lhe diz) proprio, escarrado  
 N'este livro, aqui temos; va seguro,  
 Que, a seu favor, terá final sentença. »

N'este momento sua Senhoria  
 Á porta chega, e o gran' Consulto, ao vél-o.  
 Logo o Rustico deixa, e vai buscal-o.  
 Á parte se retiram; e no caso,  
 Que o Deão lhe propõe, ambos conferem.  
 Aqui a livraria vem abaixo;  
 De poeira uma nuvem se levanta,  
 Que sai dos velhos e traçados livros :  
 Em vão sacode os punhos, e a casaca  
 O bom Deão : que quanto mais sacode,  
 Mais poeira dos livros vem caindo.  
 Lè, e relê o gran' Jurisconsulto,  
 E depois consid' rando, assim conclue :  
 « À metrópole vossa Senhoria  
 Deve logo appellar. Isto me ensinam  
 Os doctores, Senhor, que tenho lido. »  
 — « Inda assim (replicou o fôfo Lara)  
 Veja vossa mercê sempre o que dizem  
 No ponto Van-Espen, Dupin, Barthelio :  
 Estes livros louvar, e seus Auctores,  
 N'uma docta Assembleia tenho ouvido. »

— « Que Van-Espen, Dupin, e que Demonio ?  
 (Disse o Consulto então excandescido)  
 Esses nomes jamais, esses escriptos,

Nem ouvi repetir, nem meu peculio  
 Com elles uma vez allega, o prova :  
 Sem duvida serão d'alguns Herejes.  
 Aqui temos o bom Panormitano  
 Em grande letra-gothica, os Fagnanos,  
 Valenças, Belarminos, Anacletos :  
 Estes sim, que são livros de mão-cheia;  
 E não esses Auctores estrangeiros,  
 Que com sua doctrina a Igreja empestam .  
 O que lhe digo, faça : appelle, appelle ;  
 E deixe-se do mais, que é parvoice.  
 Advirto-lhe tambem, que não se esqueça  
 De pedir os Apostolos ; e sejam  
 Os reverencias, por que suspendam  
 Do malevolo Accordão os efeitos ;  
 E não uma so vez; mas muitas vezes,  
 Com mais e mais instancia, instantemente. »

— « Isso (diz o Deão) é escusado;  
 Eu conservo, entre varias baforinhas  
 (De Agus Dei, de Veronicas, de Breves.  
 Que truxe la de Roma, e ao despedir-me,  
 Me deu o Passionei) uma cabeça  
 Do glorioso san' Pedro, cousa rara!  
 Obra de insigne mestre! Talvez este,  
 Como principe foi do Apostolado,  
 Baste no nosso caso, a serem n'elle  
 Os sagrados Apostolos precisos.  
 Veja, Doctor, se tem isto caminho,  
 Por poupar-me a vergonha de pedil-os. »

— « Não são esses (surrindo-se, lhe torna)  
 Mas outros, os Apostolos, que digo,  
 E que precisos são em nosso caso :  
 Esta phrase, Senhor, entre os Praxistas,  
 Tem diverso sentido, e significa

O como a appellação deve expedir-se.  
 A alguns d'estes modernos tenho ouvido  
 Que fóra no romano Foro usada,  
 E n'elle os Canonistas a pescaram :  
 Eu porém d'este achado, e d'outros muitos  
 De que elles se presumem os Auctores,  
 (Do bom Phebo, bom Mendes, e bom Pégas,  
 A luz e norma dos que o Foro cruzam,  
 Com punivel despejo motejando !)  
 Ca para mim me rio ; pois não acho  
 Em meu peculio similhante nota.  
 Faça pois, sem demora, o que lhe digo,  
 Que outra estrada não tem, por onde pôssa  
 Do Accordão escapar á sem-justiça. »

Corrido, e aconselhado ao mesmo tempo,  
 Do Doctor o Deão se despedia ;  
 Quando o Consulto dando uma palmada  
 N'um livro, que na banca estava aberto :  
 « Espere (lhe gritou) que n'este instante  
 Uma cousa me lembra de substancia :  
 De Juizes venaes e corrompidos  
 Tudo esperar se deve ; e deve tudo  
 Com tempo prevenir, o que é prudente.  
 E como os seus, Senhor, são d'esse porte,  
 Se deve receiar, que levianos  
 A sua appellação ousem negar-lhe :  
 Assim, por evitar longas ambages,  
 Que dinheiro, paciencia, e tempo gastam,  
 Será melhor que vossa Senhoria  
 Appelle longo, — *coram probo viro.* »

— « E que querem dizer, Doctor amigo,  
 Essas palavras — *coram probo viro?*  
 Que eu do latin estou quasi esquecido :  
 Sem embargo de que (volvia o Lara)

Quando fui estudante, era eu uma Aguaia,  
 (Não o digo, Doctor, por fanfarrice ;  
 Que eu de bazofia nunca tive nada)  
 Em declinar veloz nominativos ;  
 E na classe o tropheu levei mil vezes ;  
 Por signal, que de têl-o, boas fitas  
 O Mestre me rapou, que era um alambre.  
 Mas voam, voam os ligeiros annos,  
 E damninhos, comsigo, tudo levam,  
 Os gostos, a saúde, e a memória ;  
 E qualquer rapazinho agora pôde  
 Rachar-me com quinaus afoutamente. »

— « Querem dizer, que vossa Senhoria  
 ( O Fernandes lhe volta) appellar deve  
 Perante algum Varão, que em dignidade  
 Constituído seja ; *verbi-gratia*,  
 O Guardião dos Capuchos, dos Paulistas  
 O Reitor, o Prior dos Dominicanos :  
 Este foi efficaz, prompto remédio,  
 Que os famosos lettrados Palma, Decio,  
 Bartolo, Castro, e Baldo descobriram  
 Contra injustos Juizes, que denegam  
 A justa appellação aos Litigantes.  
 Esta lembrança é minha ; não intenda  
 Que, por gabar-me, o digo ; os meus estudos  
 Assás notorios são n'esta Cidade.  
 Nove vezes (não tracto por agora  
 Do Auctor da *Arte-legal*, nem do *Perfeito-Advogado*, ou do Flaviense Gomes,  
 Por serem todos tres de menos polpa)  
 Tenho lido, e cotado em mil logares  
 O grande Portuguez Cabral, Vanguerve,  
 E o famoso Bremeu, de cujo livro  
 Faz logo ver o titulo a grandeza ;  
 O mesmo digo do moderno Campos ;

Sem que o nosso Ferreira me escapasse;  
 Auctores todos de maior chorume,  
 Que esses seus Zalweins, qu'os seus Barthelios.  
 Esta lembrança pois (a dizer tórno)  
 Nem todos a teriam; não o Céa,  
 Não o Doctor Caetano, e a récua toda  
 Dos novos lettradinhos á franceza,  
 Que sem tregoa as orelhas nos martellam,  
 Não sei com que Noodts, nem com que Strachios,  
 E outros galantes nomes taes como estes,  
 Que na bôcca não cabem, nem a lingua  
 Pôde, bem que se afane, pronuncial-os :  
 Mouriscos devem ser, ou eu me engano,  
 Que Christãos nunca usaram de taes nomes.  
 Va pois, Senhor Deão, e sem receio  
 A sua appellação prompto interponha,  
 Que aos Juizes depois intimar deve  
 Se quer das multcas escapar ao raio,  
 Que o terrível Accordão lhe fulmina.  
 Não durma sobre o caso, nem descance :  
 Que, segundo a vulgar regra em Direito,  
 O direito aos que dormem não socore. »

— « Essa regra, Doctor, é o Diabo!!  
 Merecia, o que a fez, as mãos cortadas :  
 (O Deão assustado repetia)  
 Visto isso, por amor d'esta demanda  
 Hei-de eu perder a paz, e o meu socêgo,  
 Não dormir, vigiar continuamente?  
 O ditoso Organaz, e tu, Marmota,  
 Que sem demandas ter, nem ter cuidados,  
 Passaes dormindo quasi o anno inteiro!  
 Ó quanto mais feliz é vossa sorte,  
 Que a nossa, tristes homens! Pois, se acaso  
 Queremos defender nosso direito,  
 O direito nos deixa, se dormimos!

Meu Doctor, se essa regra é verdadeira,  
 Fique o malvado Accordão subsistindo,  
 Chovam, embóra sóbre mim as muletas,  
 O vestido de sèda, a loba, a murça,  
 Pela agua abaixo vão, tudo se perca,  
 Com tanto que eu não perca um so instante  
 Dos meus suaves regalados sonhos. »

Aqui, com branda voz, o bom Fernandes  
 Ao afflichto Deão assim consola :

— « Senhor, os textos tanto ao pe da letra  
 Se não hão-de intender, como imagina;  
 Não é da mente pois do gran' Consulto,  
 Que esta regra dictou prudentemente,  
 Que não devam dormir os pleiteantes,  
 Que isso seria desmarcada asneira :  
 Sua tenção somente foi lembrar-nos,  
 Que quem litigios tem, e quer vencel-os,  
 Deve tudo attentar, e ser experto. »

— « Isso agora (cobrando novo alento,  
 Diz o Deão farfante) é outra cousa.  
 Por experto, não tenha, Doctor, mèdo,  
 Que me haja de vencer o gordo Bispo ;  
 Que aqui, onde me ve, sou gran' laverco :  
 Muitas vezes no Whist, estando a nove,  
 Na segunda partida, os meus Contrarios,  
 De taes artes me valho, taes maranhas,  
 Que, não tendo mais qu'un, lhes ganho o róber.

Isto dizendo, e feita uma zumbaia,  
 Do Doctor Bartolista se despede ;  
 E mais ligeiro, que um ligeiro galgo  
 Para casa direito o fio toma,  
 Onde, sem se despir, manda lhe tragam  
 Prestemente a comida, e prestemente

Engole, pensativo, alguns bocados;  
E na mesma cadeira, sem deitar-se,  
Umas vezes dormindo, outras pensando,  
Por algum tempo recostado fica.

## CANTO QUINTO

AINDA o chylo bem não tinha feito  
O farfante Deão; quando, lembrado  
Do — *coram probo viro* — do Fernandes,  
Abre a caixa, e tomando uma pitada  
De mofoso tabaco, assim dizia :  
“ Que inercia é esta? Que priguça, ó Lara!  
Que os membros, e sentidos te adormenta,  
Quando por inimigos tens em campo  
O gordo Bispo, o Abreu, o Ramalhete,  
Velhacos todos da primeira plana?  
Á lerta, Lara, pois, á lerta, á lerta;  
Que o Direito aos que dormem não soccorre  
E cumpre aos litigantes ser expertos. »

Isto dizendo, o corpo inteiriçava,  
E abrindo a bôcca, e os olhos esfregando,  
A modorra sacode em que jazia;  
E o suado crescente endireitando,  
Sem attender ao sino, que o chamava

A vespuras tocando, nem á muleta,  
 Que a bolsa lhe ameaça sai de casa  
 E por baixo da calma, com que assava  
 Syrio, ladrando, a sequiosa terra,  
 Aos Capuchos, de trote, s'encaminha.

Sôbre uma agra montanha, que se estende,  
 Em pequena distancia dos suberbos  
 Guerreiros muros da triumphante Elvas.  
 O célebre Convento se levanta.  
 Aqui, da molle Inercia no regaco,  
 Das austeras fadigas descançando,  
 Da provincia se ve cem Padres graves,  
 Ex-guardiães, ex-porteiros, ex-leitores,  
 Ex-provinciaes, e alguns d'estes famosos  
 Polas artes subtis, pola ardileza,  
 Com que forçado teem o Sp'ritu-Saneto,  
 Nos rixosos capitulos, mil vezes,  
 Os votos a seguir de seu partido.  
 D'estes tambem no meio, alli se encontram  
 Do gordo badulaque ex-cuzinheiros,  
 Na fumosa cuzinha, entre as tisnadas  
 Certãs fuliginosas, e marmitas,  
 Com grande glória sua, jubilados.

Aqui, suando pois, como um cavallo,  
 Chega o Deão, a tempo que o Porteiro  
 A porta da clausura prompto abria ;  
 E vendo do Deão a gran' fadiga,  
 D'esta sorte lhe diz, sobresaltado :  
 — « Que é isto, meu Senhor ? Qu'estranho caso  
 Aconteceu a vossa Senhoria,  
 Que per baixo de calma tam intensa,  
 A nossa casa o traz tam affrontado ?  
 Matou acaso algum dos seus Collegas ?  
 Roubou a sacristia ? ou, do Diabo

Tentado, violou alguma virgem,  
E asylo vem buscar na nossa igreja? »

— « Nenhum d'esses desastres, Deus louvado!  
Me sucedeua (o Lara lhe replica)  
Ao Padre-Guardião somente quero  
N'um negocio fallar, se for possibil. »

— « Inda bem pois cuidei que era outra cousa;  
(Lhe torna o bom Porteiro) e de assustado  
Fiquei sem sangue, em quasi todo o corpo,  
O Padre-Gardião, antes das cinco,  
Não costuma da sésta levantar-se;  
Mas por servir a vossa Senhoria,  
A despertal-o vou : no emtanto, pôde  
La na cérca esperar, tomando o fresco. »

Isto dizendo, ao dormitorio sóbe;  
E o Deão, caminhando para a cérca,  
Com outro Reverendo acaso topa,  
De gran' barriga, de cachaço gordo,  
Que attento o comprimenta, e acompanha.

Quiz então a fortuna, que este fôsse  
Um dos Padres mais graves da provincia,  
Ex-guardião, Ex-leitor, e jubilado,  
De todos o mais docto, excepto o Arronches,  
Pregador de gran' fama na cidade.

O bom Lara, que havia longo tempo,  
Que n'esta casa santa não entrava,  
Aturdido ficou, quando a seus olhos,  
Na cérca entrando, junctos se lhe off'recem  
As areiadas ruas, as estátuas,  
Os buxos, os craveiros, as latadas  
De mil flôres cobertas, e que, emtorno,

O vidente jardim adereçavam;  
 E não bem quatro passos tinha dado,  
 Quando, fitando curioso a lente  
 Na estátua, que primeira alli se encontra,  
 Pergunta ao Jubilado : — « Quem é este  
 Monsieur París? segundo diz a letra  
 Que per baixo, na base, tem aberta :  
 Se se houver de julgar pela apparencia,  
 O nome, a catadura, o penteado  
 Dizendo-nos estão que este bilhostre  
 Foi Francez, e talvez cabelleireiro,  
 Inventor do topete, que o enfeita. »

— « Páris, e não París diz o lettreiro,  
 (Circumspecto lhe volve o Padre-Mestre)  
 Nem Francez, como crê, cabelleireiro  
 A personagem foi, que representa;  
 Mas em Troia nasceu d'estirpe régia. »

— « Pois, se Francez não foi (replica o Lara)  
 Como Monsieur lhe chamam? »

— C'um surriso

Lhe torna o Padre-Mestre : « Não se admire  
 Que isto está succedendo a cada pas so  
 Ao pe de cada canto, hoje, sem pejo,  
 Se tractam de Monsieurs os Portuguezes  
 Isto, Senhor, é moda; e como é moda,  
 A quizemos seguir; e sobretudo  
 Mostrar ao mundo, que francez sabemos. »

— « De tanto peso pois (lhe volta o Lara)  
 É, Padre-Jubilado, per ventura,  
 O saber o francez; que disso alarde  
 Fazer quizesses vossas Reverencias?  
 Por acaso, sem esse sacramento,  
 Não podiam salvar-se, e serem sabios?

Pois aqui, em segredo, lhe descubro,  
Que o francez, para mim, o mesmo monta,  
Que a lingua dos selvajens Boticudos. »

— « Não diga, Senhor, tal; que n'este tempo,  
Ó tempos! ó costumes! (diz o Padre)  
O saber o francez é saber tudo.  
É pasmar ver, Senhor, como um pascasio  
De francez com dous dedos, se abalança  
Perante os homens doctos e sisudos,  
A fallar nas sciencias mais profundas,  
Sem que lhe escape a sancta Theologia;  
Alta sciencia aos claustros reservada,  
Que tanto fez suar ao grande Scoto,  
Aos Baconios, aos Lullos, e a mim proprio.  
D'esta audacia, Senhor, d'este descoco,  
Que entre nós, sem limite, vai lavrando,  
Quem mais sente as terriveis consequencias  
É a nossa portuguez casta linguagem,  
Que em tantas traduccões anda envasada  
(Traducções, que merecem ser queimadas!)  
Em mil termos, e phrases gallicanas!  
Ah! se as marmoreas campas levantando,  
Saissem dos sepulcros, onde jazem  
Suas honradas cinzas, os antiguos  
Lusitanos Varões, que com a penna,  
Ou co' a espada, e lança, a Patria ornaram;  
Os novos idiotismos escutando,  
A mesclada dicção, bastardos termos,  
Com que enfeitar intentam seus escriptos  
Estes novos ridiculos Auctores;  
(Como se a bella e fertil lingua nossa,  
Primogenita filha da latina,  
Precisasse d'estranhos atavios!)  
Subito, certamente, pensariam  
Que nos sertões estavam de Caonda,

Quilimane, Sofála, ou Moçambique ;  
 Até que, ja por fim, desenganados  
 Que eram em Portugal, que os Portuguezes  
 Eram tambem, os que costumes, lingua,  
 Por tam estranhos modos, affrontavam,  
 Segunda vez de pejo morreriam.  
 Mas elles teem desculpa; a negra fome  
 Os miseros mortaes a mais obriga :  
 Sem saber o que escrevem, escrevendo  
 Buscam d'ella o remédio, e como logram  
 Os fins de seus intentos ; o que escrevem,  
 Seja ou não portuguez, isso que monta ?  
 Quem desculpa não tem, nem a merece,  
 É quem vedar-ih'o deve, e não lh'o veda :  
 Mas por ora deixemos estas cousas,  
 Que o mundo corrigir a nós não tóca.  
 Este (como dizia) foi Troiano,  
 E nos campos, que o phrygio Xantho corta,  
 Guardando, em doce paz, o seu rebanho,  
 Eleito foi juiz do grande pleito,  
 Que Juno, e Pallas, entre si, com Venus,  
 Sobre a belleza, um tempo, sustentaram ;  
 No qual, não sei porém se com justiça,  
 Deu a favor de Venus a sentença,  
 Entregando-lhe o rico pomo de ouro,  
 Que a Discordia lançara n'um banquete. »

— « Ja n'esse pleito ouvi, se bem me lembro,  
 E no pomo fallar (lhe volve o Lara)  
 Mas o tal Monsieur Páris foi um asno  
 (Perdoe a sua ausencia.) Se na causa  
 De ser juiz a sorte me coubera,  
 Daria, mal ou bem, minha sentença,  
 Conforme o meu bestunto me ajudasse,  
 Sem em nada gravar a consciencia ;  
 Mas a maçã, havia d'eu papal-a,

Pelas custas, por certo : e quando muito,  
 Daria á Vencedora, d'ella as cascas.  
 Mas, diga-me, meu Padre-Jubilado,  
 Se gado apascentou esse marmanjo,  
 Como de cortezão está vestido,  
 De cabello, de bolsa, e penteado? »

— « Essa é boa! (replicá o Reverendo)  
 Pois parece-lhe, a vossa Senhoria,  
 Que lhe bastava o sécco tractamento  
 De Monsieur, que lhe démos, e um cajado,  
 Um intenso cabello, uma samarra? »

— Essa razão me quadra (diz o Lara.)  
 E esta Madame Helena (continúa)  
 Que d'elle está defronte, par ventura  
 É Troiana tambem, ou é Franceza,  
 Como do penteado mostra o gôsto?

— « Não foi, Senhor, Franceza, nem Troiana ;  
 (Responde o Padre-Mestre) d'alto sangue,  
 Em a Grecia nasceu; e no seu throno  
 Esparta um tempo a viu : mas sceptro, espôso,  
 A patria, a fama, a glória d'alta estirpe,  
 Tudo deixou por Páris. »

— « Pois que ! o espôso,  
 A cara patria, o sceptro, a fama, a glória,  
 Tudo deixou por esse barbas-d'alho?  
 Valente marafona foi por certo,  
 A tal Madama Helena ! E quem foi esta?  
 Diz a letra, Madama Pena-Lopes,  
 (Proseguia o Deão) talvez seria  
 Tam boa, como ess'outra? »

— « Essa (responde  
 O docto Jubilado) é d'outra laia :  
 A famosa Penélope foi esta,

Do conjugal amor, da fe jurada,  
 Do sagrado Hymeneu nas castas aras,  
 Um perfeito exemplar ; grande matrona ;  
 Boa mãe-de-familias ; e extremada,  
 Entre as mais do seu tempo, tecedeira.  
 Numa têia gastou mais de déz annos... »

« Que me diz, Padre-Mestre ? está zombando !  
 (O Deão aturdido lhe replica)  
 Em urdir, e tramar uma so têia  
 Déz annos consumia a tal Madama !  
 E diz-me que foi grande teceloa ?  
 A minha Ama... e mais é uma zoupeira,  
 N'outro tanto não gasta nove mezes :  
 E comtudo, não passa, entre as peritas,  
 Por grande sabichona n'este offício. »

« N'isso mesmo é que esteve a habilidade,  
 (O Padre lhe tornou) pois que de noite,  
 O que obrava de dia, desmanchava. »

— « Peior ! (diz o Deão) Isso é o mesmo,  
 Que para traz andar, qual caranguejo.  
 Jurarei em cem pares d'Evangelhos  
 Que essa mulher perdido tinha o siso. »

— « Perdido o siso ! Que galante cousa !  
 (O Padre lhe tornou) antes no mundo  
 Nunca mulher se viu tam atinada ;  
 E digna de passar á eternidade,  
 Sôbre as azas da póstuma memória.  
 Foi prudencia, Senhor, o que estulticia  
 A sua phantasia lhe figura :  
 Pois se assim practicava, era somente  
 Por enganar (em quanto o caro espôso  
 Da prolongada ausencia não volvia)

Cançados rogos de importunos procos,  
 Que aspiravam do seu consorcio á glória.  
 Arachne, que Minerva vingativa  
 Em Aranha tornou, por arrojar-se  
 A competir com ella; certamente  
 Lhe não levara no tecer a palma. »

— « Como é isso? (o Deão diz assustado)  
 Pois, salvo tal lugar, um homem pôde,  
 (Isto fallando, todo se persigna)  
 Ou pôde uma mulher, em feio bicho  
 Ou animal quadrúpede mudar-se? »

— « Isto fabulas são, com que os antiguos  
 Quizeram explicar aos seus vindouros  
 De muitos animaes a industria, e a arte;  
 E alêm d'isso ensinar que ás divindades  
 Se deve ter um grande acatamento.  
 Mas, que acontecer pôssa, quem duvida?  
 (Dizia gravemente o docto Padre.)  
 Não fallo agora das antigas Lamias,  
 Que inteiros enguliam os meninos,  
 De Circe, de Medea, nem d'Alcina,  
 Ou da velha Canidia, de quem conta  
 O bebado de Horacio as nigromancias:  
 Todos sabem, que todas estas Bruxas,  
 Em ossudos Leões, manchados Tigres,  
 Em hardidos Ginetes, negros Ursos,  
 Ou em Toupeiras vis, vis Musaranhos,  
 A seu sabor, os homens convertiam.  
 Alêm d'isso, Apuleio nos informa  
 Que, per malicia d'uma certa Fótis,  
 Em Asno, n'um instante, se tormara,  
 E como Asno passara mil trabalhos.  
 Não tem ouvido vossa Senhoria,  
 Ruidosos Cães uivar, la n'alta noite?

Pois que querem dizer aquelles uívos,  
 Senão, que anda no bairro Lobis-homem ;  
 Ou homem, por fadario, transmudado  
 Em Jumento orelhudo, ou em Sendeiro ? »

— « Sancto Breve-da-marca ? (aqui exclama  
 O farfante Deão, de temor cheio ;  
 E logo proseguiu.) Se minha estrella  
 Ordenado me tem, que per incantos  
 De alguma Feiticeira, ou Nigromante,  
 Em fero bruto eu haja de mudar-me.  
 Praza a vós, sanctos Ceos ! ao Fado praza  
 Que, antes do qu'em Sendeiro lazarento,  
 Em brioso Cavallo elles me mudem :  
 Pois assim poderei, inda algum dia,  
 A sorte vir a ter de ser pae d'Eguas :  
 Que bons Potros darei da minha raça !  
 Mas, se muito julgais o que vos peço,  
 Ao menos concedei-me que em Fuinha,  
 Ou matreira Raposa me transtornem ;  
 So para do Bispo ir ao gallinheiro,  
 De quantas aves tem a dar-lhe cabo. »

Socegado o Deão do seu espanto,  
 Ao bom Padre pergunta : — « E quem é este  
 Circumspecto Monsieur, que ca s'enxerga ? »  
 — O Padre-Mestre, vendo-se obrigado  
 A recontar d'Ulysses os trabalhos,  
 Para o tempo ganhar de recordal-os,  
 Ronca, escarra, da manga o pardo lenço  
 Saca, nas espalmadas mãos o tende ;  
 Em ambas sopesado o leva á penca ;  
 Com'strondo se assoa, e dobrado o colhe  
 D'esturro então sorvida uma pitada,  
 O hábito sacode ; aos sobacos  
 Alça o cordão, arrocha-o na casola,

E de papo ao Deão assim responde :  
 « Esse que ahi está, nem mais, nem menos,  
 É o facundo decantado Ulysses,  
 De Madama Penélope marido :  
 De todos quantos Gregos aportaram  
 Da neptunina Troia ás curvas praias,  
 O mais prudente foi, excepto o velho  
 Nestor, que viu dos homens tres idades.  
 Este, depois que a cinzas reduzido  
 Foi o fero Ilion, per suas traças,  
 E da alta Cidade so ficara

O campo, em que imperiosa antes estava ;  
 Voltando á Patria amada, carregad .  
 D'altos despojos da immortal victória,  
 De Neptuno soffreu a cruel sanha,  
 E dos ventos, e vagas açoutado,  
 Undívago correu per longos mares,  
 Vendo de muitas gentes as Cidades,  
 As várias artes, os costumes varios,  
 Até que levantou, na foz do Tejo,  
 A rainha do mar, Lisboa invicta. »

— « Ó grande Fundador da minha patria !  
 (A qui brada o Deão) se mãos tiveras,  
 E se pernas e pés te não faltaran ,  
 Os pés, e mãos, humilde, te beijára !  
 Mas se manco e maneta aqui te vejo,  
 E á franceza vestido, a mal não hajas  
 Que á franceza te beije a fria face. »  
 Disse : e ao collo, furioso se lhe lança ,  
 E na cara tres beijos lhe pespega .  
 Passado este pequeno entusiasmo ,  
 O Lara prosseguiu : « E aquell'outro ,  
 Que do jardim no meio se empertiga  
 Com cara de ferreiro, é per acaso

O grande Ferrabraz d'Alexandria?  
Ou Galafre da ponte-de-Mantible? »

— « Esse (responde o Padre) foi Alcides,  
Cujo tremendo braço, cujos feitos  
Ha-de, por certo, vossa Senhoria  
Ter ouvido exaltar discretamente,  
Em seus sermões, ao nosso Padre Arronches. »

— « Engana-se, Senhor (O Deão volve)  
Que eu sermões nunca ouvi em minha vida;  
E pôstoque, no côro, muitas vezes,  
Em razão d'esta minha dignidade,  
A meu pezar, alguns ouvir eu deva;  
Em quanto o Padre grita, estou dormindo :  
Pois d'outra sorte disfarçar não posso  
A fome, que me ataca a essas horras.  
Se eu algum dia for eleito Bispo,  
(Como esperar me faz o regio sangue  
De Lara, que nas veias me circula)  
Ja desde aqui, meu Padre, lhe prometto,  
Que estes sermões desterre do Bispado;  
E se n'elle inda achar quem tenha o flato  
De prégar, lhe darei prompto remédio :  
Mandarei que, cumprindo seus desejos,  
Va prégar aos Herejes, e Gentios,  
Que o prémio lhe darão do seu trabalho;  
E escusem de quebrar-nos os ouvidos  
Com uma insulsa dilatada arenga,  
Que ouve, por uso, o povo e não intende,  
E a pagar vem, por fim, por alto preço;  
Dando (cousa que muito a mim m'espanta!)  
Sem saber o porqué, o seu dinheiro.  
Sermões? — E quando quer jantar a gente?  
A fome so augmentam, causam somno.  
Mas, tornando, meu Padre, ao nosso ponto,

Este Alcides, segundo tenho ouvido,  
 Foi o maior tunante dos seus tempos. »  
 — « Foi amigo de Môças? Que tem isso?  
 Vê-me aqui? Pois com ter mais de setenta,  
 (Dizia o Jubilado) nem por isso  
 Onde quer que as eu tópo, lhes perdõo. »

— « Outro tanto de mim, ó quanta mágoa!  
 (O Deão exclamou) ó quanto péjo  
 Me custa, Padre-Mestre, o confessal-o!  
 Outro tanto de mim dizer não pôssso,  
 E comtudo não passo dos sessenta;  
 Mas isso é do burel virtude innata.  
 Agora pois, se á vossa Reverencia  
 Pesado lhe não fôr, dever quizera  
 Que d'esse traficante toda a história  
 Me referisse; pois, segundo penso,  
 Ha-de ser vária e muito divertida  
 Lembra-me a mim que, sendo inda estudante,  
 Do Bacharel Trapaça, e Peralvilho  
 De Cordova a história portentosa  
 Ouvi lér (por signal, que por ouvil-a,  
 Na classe pespeguei valentes gazios)  
 A um Clerigo visinho, bom Poeta,  
 Que sabia o Borralho todo inteiro,  
 E tinha uma escolhida livraria;  
 E confesso-lhe, Padre Jubilado,  
 Que nunca, em minha vida, tenho ouvido  
 Cousa, que ca no gôto mais me dêsse. »  
 — « De bom grado o farei, por dar-lhe gôsto  
 (O Padre lhe tornou, e assim começa):  
 « Este grande varão Alcmena e Jove  
 Teve por paes, aindaque gran'tempo  
 Do forte Amphitrião passou por filho... »  
 — « Com que, de mais a mais o tal Alcides  
 De barregã foi filho?... Avante, Padre,

Que o comêço promette grandes cousas. »  
 (Diz o Deão)

— e o Padre proseguia :  
 De tantas fôrças foi, logo em nascendo.  
 Que inda elle não contava bem dez mezes,  
 Quando (em logar de bérco, repousando  
 N'um escudo de cobre, que a Pterelas  
 Amphitrião ganhara batalhando)  
 Duas Cobras, mais grossas qu'um madeiro  
 Que entraram a papal-o surrateiras,  
 No silencio da noite, por mandado  
 De Juno, que em ciúmes se abrasava,  
 Rompeu, espedaçou, com mais presteza  
 Do que eu trinchar custumo uma gallinha,  
 Quando com fome estou, na nossa cella :  
 Digo — na cella; — pois no refeitorio  
 Esta ave nunca entrou; que n'elle reina  
 Somente o bacalhau, e talvez podre.  
 Depois, sendo mancebo, a estrebaria  
 De Augias alimpou, façanha grande...! »  
 — N'este ponto o Deão ter-se não pôde,  
 Sem que esta sabia reflexão fizesse :  
 « Filho de barregã! móço-de-mulas!  
 Vejam de que ralé era a criança! »

— « Logo (prosegue o Padre Jubilado)  
 Fez maiores acções; um Leão fero  
 Na floresta Nemea, cara á cara,  
 Destemido affronton; e lhe machuca,  
 Com a pesada maça, o duro casco... »

Aqui chegava o Padre em sua história  
 Quando o experto Deão, á porta vendo  
 Da cerca o Guardião, que a vel-o vinha,  
 Inda do sonno os olhos esfregando,  
 O fio lhe cortou, em altas vozes

Ao Guardião gritando : « Appέlo, appέlo,  
 Perante vossa sábia Reverencia,  
 Varão constituido em dignidade,  
 Da affronta que me faz o meu Cabido,  
 Pretendendo com multas constranger-me  
 A vir apresentar ao gordo Bispo,  
 A' porta da latrina, o sancto Hyssope.  
 Peço tambem, com todo o acatamento,  
 Os reverenciaes Apostolos, mil vezes,  
 Com mais e mais instancia, instantemente... »

— « Basta (o Prelado diz) ja interposta  
 A Appelleção está. Agora, em quanto  
 O Reverendo Padre Jubilado,  
 (Pois Notario não ha que dê fe d'isso)  
 A certidão lhe passa, nos sentemos  
 Ao pé d'esta roseira a tomar fresco. »  
 Dictas estas palavras, se assentaram,  
 E o farfante Deão assim começa :

— « Por certo, que não pôde duvidar-se  
 Do augmento, Senhor, que em nossos dias  
 Tem tido Portugal, por alto influxo  
 Do grande, forte e nunca assaz louvado  
 Rei, primeiro no nome, e nas virtudes,  
 E do sabio Ministro, que lhe assiste.  
 Não fallo nas Sciencias, e nas Artes,  
 Que eu d'ellas nada sei ; pois meu emprego  
 As letras applicar-me não me deixa,  
 Qual o meu gôsto, e genio m'o requerem ;  
 E da arte-de-cuzinha tam somente  
 (Que é obra, quanto a mim, mais proveitosa  
 Aos homens, que o Francez, que anda na moda)  
 Alguns pedaços leio, estando vago.  
 Fallo, sim, no apparato dos banquetes,  
 No polido dos trajes, e assembleias ;  
 Dos jardins no bom gûsto, e dos palacios :

Digo isto, meu Senhor, porque esta cérca,  
Que era um chiqueiro, ha menos de dous dias,  
Hoje tornada está n'um Paraíso.

Mas que não poderá um genio grande,  
E tal, como o de vossa Reverencia? »  
— « O Guardião então todo enfunado;  
Mas modestia affectando, lhe responde :  
« Aqui que pôde haver, que os olhos encha  
De vossa Senhoria, que tem visto  
As terras estrangeiras tam gabadas,  
Se é tudo uma pobreza *franciscana!* »

— « Tanto não direi eu (replica o Lara)  
Que ao vêr d'este vergel a amenidade,  
O desenho dos buxos, o bom gôsto,  
Com que são as estátuas trabalhadas ;  
A abundancia dos vasos, e das flôres,  
Que no jardim estão, se me figura  
De Castello-Gandolfo, ou de Frascáti  
(onde fallei mil vezes como o Papa)  
Vêr o primor, e o curioso acceio.  
Tudo está esmerado ; e só lhe falta  
Para em nada ceder aos mais gabados  
Deliciosos jardins d'Italia, e França,  
Uma cascata, que a de Terni iguale.  
Se vossa Reverencia quer a planta,  
Eu ja mandar-lh'a vou ; que a tenho em casa. »

— « Essa obra há-de custar muito dinheiro  
(Responde o Guardião) e hoje as esmolas,  
Para encher a barriga a tantos Frades  
Que teem fome canina, apenas bastam.  
Algum dia foi rico este Convento ;  
Mas estas novas leis testamentarias  
Deram um grande córte em suas rendas.  
É verdade, que os sanctos Exorcismos,

O benzer dos feitiços, e lombrigas,  
 O grande e extraordinario privilegio  
 D'irmão, e mãe de Frades, e outros pios  
 E sanctos institutos, que inventaram,  
 Devotos e subtis, nossos antiguos,  
 E que nós pelo Povo propágamos,  
 Com zélo, e com destreza, maiormente  
 Entre o devoto feminino séxo,  
 Inda pingando vão de quando em quando :  
 Mas isto tudo é nada, é um cominho,  
 A par do que rendia o Purgatorio !  
 Senhor, o Purgatorio, e as almas sanctas  
 Eram o Potosi da fraínciscana.

N'este ponto chegando o Jubilado,  
 O discurso lhe atalha, e ao Lara entrega  
 A grande certidão, que passar fôra.  
 O Deão a recebe civilmente,  
 E com mil importunos comprimentos,  
 E outras tantas profundas cortezias,  
 Dos dous Padres, cortez, se despediu :  
 E correndo, e saltando, como um Corço,  
 Risonho e prazenteiro entrou em casa ;  
 Onde á sua presença, pelos ares,  
 Faz vir o triste Luz, que a honra goza  
 De tocar mal rabeca, na Sé d'Elvas,  
 E de ser, em seu fôro, mau notario,  
 Ou pessimo escrivão, que vale o mesmo :  
 Alêm d'isso, cursado tinha as classes ;  
 E a todas estas cousas ajunctava  
 Uma profunda erudição, bebida  
 Nos Autos de Reinaldo, e Valdevinos,  
 E do Infante Dom Pedro nas Partidas,  
 Florisel de Niquea, e outros livros  
 Da andante, da immortal cavallaria ;  
 Ao qual o Deão disse : « Hoje um negócio

De ti fiar pretendo, d'importancia ;  
 Sas antes será bom, que ao grande Baccho  
 Algumas libações, como costumas,  
 Aqui faças. » Dizendo estas palavras,  
 Ordena que lhe tragam promptamente  
 Do bom vinho de Borba tres garrafas.

— O bom Luz transportado á sua vista,  
 Sem fazer-se rogar, logo a primeira,  
 A's duas palhetadas, deixa enxuta :  
 Muito tempo não passa, sem que próve  
 Igual sorte a segunda; sem descanço  
 Com a terceira investe; largo espaço  
 O forte Campeão entra por ella :  
 E depois que esquentada teve a bilis,  
 Assim com o Deão falla animoso :  
 — « Que cousa pôde vossa Senhoria  
 Querer d'este seu servo, que não faça ?  
 Que perigo haverá, que não arroste ?  
     a Nova-Zembla os duros caramelos  
 Irei a passeiar : ao meio-dia,  
 Na Libia sofrerei a calma ardente :  
 Com Tigres, com Leões, com Crocodilos  
 Audaz affrontarei : do reino escuro,  
 Para seu Cão-de-fralda, se é seu gôsto,  
 N'um pulo, lhe trarei o Cão-Cerbero ;  
 Se mais d'isso se paga, c'uma corda  
     porta lh'o atarei, como um Macaco. »

— « Menos que isso (bradou o Prebendado)  
 Menos que isso de ti hoje pretendo.  
 Uma Appellação só quero que intimes  
 Ao gordo e fero Bispo : isto somente  
 De ti hoje desejo, e de ti fio. »

— Aqui, mudando a côn do triste rôsto,  
 Começou a tremer o novo Alcides ;

E com voz balbuciante, lhe replica :

— « Muito, illustre Senhor, tam grande empresa  
 Minhas fôrças excede : o mesmo Achilles,  
 Mandricardo, Gradasso, Sacripante,  
 Commettel-a, por certo, receiaram,  
 E Orlando, indaque fôra verdadeiro.  
 D'ella pois me dispense; que eu sem péjo,  
 Ante os Ceos, ante a Terra, hoje confesso  
 Que meu ânimo a tanto não se atreve. »

— A este breve discurso, ardendo em ira,  
 O Deão exclamou : « De minha vista  
 Vai-te, indigno, Furão vil e rasteiro,  
 A quem, na cara e feitos, te pareces ;  
 Que eu saberei achar quem me obedeça. »

Trémulo, e semivivo o pobre zote  
 Então se foi d'allí escapulindo ;  
 E o farfante Deão fica suspenso,  
 No peito revolvendo a quem daria  
 A grande commissão : quando á memória  
 Lhe traz a Senhoria (que a seu lado  
 Invisibil assiste) o bom Gonsalves,  
 Escrivão atrevido, e sem piedade ;  
 Que a si mesmo prendera, se podera.  
 « Este sim (exclamou então contente)  
 Que é capaz de citar a Jesu-Christo. »  
 Isto dizendo, que lh'o chamem, manda.  
 A Senhoria então, tomado a fóрма  
 Do Galopim de casa, veloz parte,  
 E com elle voltou *in continent;*  
 A quem logo o Deão propõe a empresa,  
 Que elle, sem duvidar, risonho aceita ;  
 E para executal-a, tempo accómmodo,  
 Cheio de confiança, a esperar, parte.

## CANTO SEXTO

Ja o sol grande espaço declinava  
Do brilhante Zenit, para o Occidente,  
E a socegada Tarde, conduzida,  
Nas frescas azas dos subtilis Favonios,  
A passeio os Peraltas convidava :  
Quando, por divertir sua Excellencia  
O fastio, que a longa ociosidade  
Nos peitos dos mortaes tyranna gera  
Se dispõe a sair, como costuma,  
A frescura gozar do seu Versalhes.

Mil infandos prodigios (trama urdida  
Pela mão industriosa da Excellencia,  
Para obrigar-l-o a não sair de casa)  
Esta infausta jornada precederam.  
Á meza pôsto, e a beber um copo  
De generoso vinho da Madeira,  
Em vinagre na bôcca se lhe torna  
O suave liquor; e ao mesmo passo,

No aparador saltando um Gato negro,  
 Em hastilhas lhe faz, com grande estrondo,  
 Os dourados crystaes, que n'elle estavam.  
 Depois, dormindo docemente a sésta,  
 Se lhe figura, no melhor do sonno,  
 Que andando de passeio pela quinta,  
 Com passos lentos a elle se chegava  
 Da nora o velho Burro, e alçando o rabo,  
 Dous couces lhe pregava no vasio.  
 Á phantástica dôr, gritando, acorda ;  
 E acudindo a familia promptamente,  
 Lhe narra o triste caso, inda assustado :  
 Mas, passado o primeiro sobresalto,  
 Desenganado emfim de que era sonho,  
 A vestir-se começa : então calçando  
 O polido sapato, das fivellas  
 Salta da guarda-roupa ao aureo tecto,  
 Com medonho estampido, a melhor pedra.  
 Finalmente, ao montar a carruagem,  
 Batendo um gran'besouro as negras azas,  
 Com horrendo stridor lhe açouta as ventas ;  
 E um pardal lh' estercou no tejadilho.

N'este instante a Excellencia, que tomado  
 Tinha do grande Almeida a gentil fórm'a,  
 Vendo que estes agouros não bastavam  
 Para aterrar do Bispo o forte peito,  
 C'uma grade zumbaia, assim lhe falla :  
 — « Se crer em abusões é d'almas fracas ;  
 Desprezar portentosos vaticinios  
 É de peito obstinado, ensurdecido  
 Às vozes com que o Ceo mil vezes falla.  
 Se em Africa, Catão ; se em Roma, Cesar  
 Deram fé aos presagios : nem aquelle  
 Nas férvidas aréias africanas  
 Acabara infeliz ; nem no Senado,

Ás mãos de Cassio, e Bruto, ferozmente  
 Este fôra, qual rez nas aras, morto.  
 O mesmo digo do temido Almeida,  
 De quem vossa Excellencia tem o sangue;  
 De Cambaia murchar as altas palmas  
 Na brutal Cafraria elle não vira,  
 Se afouto, ou temerario não zombara  
 Do bater dos sapatos dos Menezes.  
 Vossa Excellencia ja viu os portentos  
 Que lhe teem n'este dia acontecido :  
 Ah! se a mente presaga não me engana,  
 Algum grande desastre prognosticam  
 N'este passeio, que fazer intenta.  
 Para illudil-os pois, torne a appear-se,  
 Ao paço se recolha : considere  
 Que, por grande, a cautela nunca damna.  
 Se pois da ociosidade, e seus prestigios,  
 Que tanto horror lhe faz, fugir deseja,  
 Mande chamar alguns Capitulares,  
 E com elles em sancta paz jogando,  
 O resto passe da calmosa tarde;  
 E não queira, com vã temeridade,  
 A seu gôsto a razão sacrificando,  
 Desafiar a colera dos Astros. »

— A estas vozes, risonho, o gordo Bispo,  
 Lhe responde : « Meu Filho, bem conheço,  
 Que o amor, que me tens, é quem te dicta  
 Essas sábias razões; mas que diria  
 Esta marcial cidade que, admirando  
 Meu heroico valor, trazer pendente  
 Do bordado talim me viu na guerra  
 Uma talhante espada; e sôbretudo,  
 Erguer da cama, n'uma fria noite,  
 Por correr, sem temor, suas muralhas;  
 Quando o fogo nas altas atalaias

Brilhando tristemente, annunciava  
 Roubos, assolações, incendios, mortes :  
 Se hoje soubesse, que eu ficava em casa,  
 Assombrado de quatro bagatellas?  
 Eu confio no Ceo, que esses successos  
 Nada contenham, que aziago seja :  
 Mas, se assim succeder, constante e forte  
 Irei por onde os Fados me chamarem. »  
 Isto dizendo ; resoluto ordena  
 Aos Moços que caminhem sem demora.  
 No tempo que estas couzas succediam  
 No episcopal palacio, o bom Gonçalves  
 A quem a grande empresa desvelava,  
 Sendo por seus espías avisado  
 De que o Bispo saía, aproveitar-se  
 Da occasião, que a Sorte lhe offerece,  
 Comsigo determina ; e a toda a pressa  
 A vestir-se começa : quando a cara  
 E longeva Consorte, do cartorio  
 Nas sordidas trapaças tam versada,  
 Como o déstro marido, toda cheia  
 D'um panico terror, que dentro n'alma  
 A feroz Excellencia lhe infundira,  
 Ao collo se lhe lança, e assim lhe falla :

— « Onde, ó luz de meus olhos ! doce espôso,  
 Assim corres veloz, assim me deixas  
 Cercada de receios, e tristezas ?  
 O Bispo vas citar ? Ah ! tu não sabes  
 Qual é d'este Prelado a sancta raiva ?  
 Ignoras, que as menores bagatellas,  
 Em seu conceito são graves insultos,  
 Que castigar costuma sem piedade ?  
 Tu, ó pobre Milheiro ! tu o dize,  
 Que por zombar da fita do palmito,  
 Na respeitavel face do Roquete,

(Mestre-de-ceremónias, e cabalas,  
 Com poder d'Assistente, juncto ao solio,  
 Para insultar, sem termo, os pobres zotes.  
 Em toda esta cidade, e seu Bispado)  
 A jazer longo tempo na cadeia  
 Barbaramente condemnado foste!  
 Não sabes, que a pezar das leis sagradas  
 Do nosso piedosissimo Monarcha,  
 Elle Meirinho tem de vara alçada,  
 Que prende, escorcha, e rouba impunemente,  
 A sombra do sagrado sanctuario?  
 Pois, como a provocal-o hoje te arrojas,  
 Por servir o Deão? Crês per ventura,  
 Que elle te livrará das suas garras?  
 Ou te fias talvez em que es sujeito  
 A outra jurisdicção? Mas, oh, repara  
 A quantos, como tu, Leigos isentos,  
 Em seu cruel aljube, opprime, e vexa!  
 Oh! se um raio voraz dos Ceos descesse,  
 E todos os aljubes abrasasse!  
 Quantas, ó Ceo! ó quantas se evitaram  
 Vexações, injustiças, e insolencias!  
 Olha o que succedeu ha pouco tempo,  
 Ao charlatão de Medico pequeno  
 (Que a hábito perpétuo d'estudante  
 Foi, de Esculapio em Juneta, condemnado)  
 Por não dar alimentos á Consorte  
 Em dinheiro corrente; que de balde,  
 Os homens, e as estrellas attestando,  
 Allegava não ter o miseravel;  
 E em vão, para pagal-os off'recia  
 A venda de seus predios, ou seus fructos.  
 A pezar da Razão, e da Justiça,  
 Foi este pobre zote receitante,  
 Com público pregão excommunggado!  
 Bem que dizer-se d'elle se não pôssa

Que de Herodes á fera tyrannia,  
 Não devera escapar, por innocentie;  
 Pois so, d'uma pennada, a muitas almas  
 Tem feito as margens ver do stygio lago,  
 Onde por elle esperam barregando,  
 Para as barbas tirar-lhe, e a cabelleira.  
 Pretendes pois que o mesmo te succeda?  
 Ah! não, amado espôso, por aquelles  
 Primeiros e suavissimos instantes  
 Do nosso doce amor, pela fe pura,  
 Que no sagrado laço me juraste;  
 Por estas ternas lagrymas, que chório,  
 Que a tanto não exponhas : ah! não queiras,  
 A ti mesmo cruel, e a meu sessêgo,  
 Roubar-me a triste vida, darmo-me a pena  
 De ouvir-te excommungar pelas esquinas!  
 Ou prêso cruelmente, entregue ás garras  
 Do Meirinho voraz, qual tenra Pomba  
 Entre as unhas crueis de Açor ligeiro.  
 Do meu pranto tem dó, e dos cançados  
 Longos annos da minha amarga vida. »  
 Aqui um magoado e gran'suspiro  
 As queixas lhe impediu; e o sentimento  
 A voz lhe congelou dentro no peito.

— Então o grande e intrepido Gonçalves,  
 Assim, de brio cheio, e de ternura,  
 A timida Consorte alenta, e anima.  
 « Enxuga o bello pranto, ó bella espôsa!  
 Que sem causa derramas, pois com elle  
 O forte coração me despedaças.  
 Eu não vou combater algum gigante,  
 Nem tenho o Tamerlão por inimigo;  
 Vou fazer meu officio; e bem conheço  
 A quanto m'abalanço, e me aventuro.  
 Mas que dirá o Mundo, se vir hoje,

Que eu fujo dos trabalhos com o corpo?  
 De mais, que d'este excesso, a que me arrojo,  
 Tu a causa só es; pois d'outra sorte  
 Mal poderei, meu rico Bem, comprar-te  
 A saia, a capa, a fita, o leque, o pente.  
 Os annos estão caros; e eu não devo  
 Um gancho desprezar, que raras vezes  
 A Ventura depara, e nos offrece.  
 As censuras, o Bispo, e sua vara,  
 Vão espantalhos são, que não me assustam;  
 Eu não temo o Meirinho, nem da Igreja  
 O forte raio, sem razão vibrado;  
 E para me livrar do Bispo ás iras,  
 Tenho braço, artes tenho, e tenho modo.  
 O susto deixa pois; que brevemente  
 Tu me verás volver sem frio, ou febre,  
 A gozar de teus mimos, teus favores. »  
 Isto dizendo, de seus braços foge;  
 E mais ligeiro, que o ligeiro Gamo,  
 A esperar se partiu, sua Excellencia.

Ja, na rica liteira recostado,  
 Da cidade saia o gordo Bispo.  
 Dous Lacaios membrudos e possantes  
 Guiavam a compasso os grandes Machos;  
 E dous do mesmo talhe, na dianteira,  
 A lenta e priguiçosa marcha abriam.  
 Nos altos campanarios os Donatos,  
 E das Freiras as Môças, muito alegres  
 Davam, como costumam, aos badalos:  
 Quando o bom Escrivão, que prompto estava,  
 Qual sagaz caçador, que alegre e fero,  
 A porta d'uma mouta a rez espera,  
 À porta d'uma mouta a rez espera,  
 À liteira se chega, e respeitoso,  
 Uma carta ao Prelado logo entrega,

Na qual a Appellação descomedida  
Em letra-garrafal ia traçada.

O innocent Pastor, que não suspeita  
O veneno mortal, que em si levava,  
Depois de lhe lançar a sancta bênção,  
Com risonho semblante, péga n'ella,  
O sobrescripto rompe, e soletrando,  
Vai lendo com trabalho; mas, apenas  
O sentido da astuta carta intende,  
Começou a tremer; das mãos lhe cai  
O atrevido papel. Não, se cem bôccas,  
Cem linguas eu tivesse, e a voz de forro,  
Poderia contar qual foi a raiva  
Do gordo Bispo. A Ira, a Impaciencia,  
A Suberba, a Vingança, e outras Furias  
O rodeiam, o agitam, e o transportam :  
O rôsto se lhe inflamma; os olhos, tintos  
D'um vivo e negro sangue, lhe chammejam :  
Escuma, geme, e brama, range os dentes.  
Tam cruel, tam espantoso, tam feroz  
Não treme, não avança, não se rasga  
O que mordido foi de Cão-damnado;  
Quando o triste veneno, que fervendo  
Pelas veias lhe corre impetuoso,  
Ao coração lhe chega, e lh'o devora ;  
Como o grave Pastor! A vil Priguiça  
Que a seu lado jazia recostada,  
Ao vél-o, d'alli foge espavorida.  
Emfim, em raiva ardendo, grita e clama  
Aos Lacaios, que logo, sem piedade,  
Aquelle infame ousado lhe castiguem.  
Então os insolentes vis mochilas  
Arrancam das espadas que, em deprezo  
Das leis, e Magistrado, á cinta trazem,  
E cheios de grande ira (quaes raivosos,

Arremessados Cães, que hardidos seguem  
 O fero Javali, que veloz foge  
 A emboscar-se na densa e vasta mouta)  
 Correm, sem tino, após o bom Gonsalves,  
 Que em seguro ja pôsto, ao pe da guarda,  
 Os ólha, com deprezo, e com insulto.  
 Não de outra sorte rubido Podengo,  
 Que seguindo, fiel e lisonjeiro,  
 O rustico Saloio, que á cidade  
 Vem, de seus campos a vender os fructos;  
 Se ao pe d'alguma esquina se demora,  
 Prêso da vista das formosas côres  
 Da galhofeira cidadã Cadella,  
 E sôbre elle caindo a roaz turba  
 Dos bairristas Cachorros, que namora;  
 Entre as pernas mettendo a longa cauda,  
 Corre sem se deter, até que chega  
 Juncto de seu Senhor, a cujas abas  
 Seguro e confiado encrespa as ventas,  
 Contra elles se revira, então rosnando  
 Lhes mostra os brancos navalhados dentes.

Denodado Gonçalves (se meus versos  
 Alguma cousa podem, se rompendo  
 A névoa escura dos futuros évos,  
 Sôbre as azas do Tempo se espalharem  
 Pela terráquea mole) em quanto Alcaides,  
 Quadrilheiros houver, houver Meirinhos,  
 O teu nome será sempre famoso,  
 Pelo heroico valor, com que abarbaste  
 Do gordo Bispo a temerosa sanha :  
 E dos leilões na praça, em quanto ás nuvens  
 A fronte levantar a gran' Lisboa,  
 Entre a terribil pestilente corja  
 De Alguazis desalmados e vorazes,

Com inveja, e louvor, serás de todos  
Pelo primeiro Beleguim contado.

Em tanto a Senhoria, que presente  
À esta cómica scena sempre esteve,  
Chama a Fama veloz, e lhe encarrega  
Que a gran' nova ao Deão leve ligeira.  
Estava então o triste combatido  
De alegres esperanças, e temores ;  
Umas vezes confia, outras receia,  
Que o Escrivão medroso não se atreva  
A prosegui no empenho começado ;  
Quando a rapida Fama, em seus ouvidos,  
A nova espalha do feliz successo.

Vós, Filhas da Memória, que do Pindo  
Concordes habitaes as frescas selvas,  
Qual foi seu gran' prazer, dizei agora.  
De Baccho nas solemnes Anthestérias,  
As desenvoltas Ménades não correm,  
Nyctélio invocando, mais furiosas,  
Do deus e da alegria arrebatadas ;  
Como o farfante Lara corre as casas,  
Gritando de contente. Os Moços chama,  
E a todos, entre grandes gargalhadas,  
O successo declara. Ora lhes pinta  
Do arrojado Escrivão a grande astucia,  
Ora as vãs iras do cruel Prelado.

Ó geração humana ! e quanto es facil  
No meio da bonança a engrimpinar-te,  
Sem temer, que a pellada má Fortuna,  
Lúbrica, extravagante, caprichosa,  
Te vire as costas, e te mostre a calva !  
Tu, ó farfante Lara ! em pouco espaço  
O viste, por teu mal, tu o provaste :

Pois, quando mais ditoso te julgavas,  
 De improviso fugiu tua alegria ;  
 Qual leve exhalação, que apenas nasce,  
 Nos abysmos do Ceo desapparece.

Engolphado o Deão nas esperanças,  
 Que este fausto principio lhe annuncia,  
 Aos Criados ordena *in continenti*,  
 Que para festejar o feliz caso,  
 Uma esplendida ceia se prepare ;  
 E á Velha, que tambem de gôsta salta,  
 Com risonho semblante íntima, e manda  
 Que não fique, na grande capoeira,  
 Fôlego vivo em tam festivo dia.  
 Não contente com isto, maior prova  
 De seu immenso gôzo dar pretende :  
 Que bizarro concerto, de prelúdio  
 Sirva ao farto banquete, determina,  
 Da musica melhor, que ha na cidade :  
 E por dar mais prazer aos Convidados,  
 De cavallinhos-fuscos, depois d'ella,  
 Na vaga sala, com suberba pompa,  
 O galante spectaculo prepara.  
 Então a convidar, saltando, envia  
 Do clero, e da milicia cem pessoas.

Ao passo que estas cousas se faziam,  
 A des piedosa Velha ferozmente  
 A barbara sentença executava,  
 Cem Gallinhas, cem Frângaos degolando.  
 Entre todos havia um velho Gallo,  
 Pae da grande familia, victorioso  
 De cem feros rivaes, e respeitavel !  
 Pelo roixo esporão, e roixa crista :  
 D'este pois nem, sequer, o vulto escapa  
 Da grande mortandade ; e com seu sangue,  
 De seu cruel Senhor honra o festejo.

## CANTO SEPTIMO

Entretanto, surdindo a Noite escura  
Do Bosphoro Cimmerio, e despregando  
As estellantes azas, involvia  
Todo o nosso hemispheria em densa treva,  
Quando na casa do Deão triumphante,  
Ajunctando-se vão os Convidados.

Vós, Deusas do Parnasso, vós agora  
Novo fogo inspirai dentro em meu peito;  
Regei-me a voz cançada, e o debil canto.  
Por que n'elle celebre dignamente  
De tam altos Varões nomes, e manhas.

O primeiro que entrou na grande sala  
Foi o môço Sequeira, que hombreando  
Co'o Pae sagaz, na usura, e na trapaça.  
Lhe sobreleva muito de avareza.  
D'uma sebenta desbotada fita  
A bengala da dêxtra traz pendente,  
Com que as Moscas enxota do castello

Após este se segue circumspecto  
 O Noventa cabellos, conhecido  
 Por fido Achates do pomposo Lara ;  
 Homem sisudo e grave, e o mais cálado  
 De quantos pizam d'Elvas a cidade ;  
 Excepto o triste, misero Tacanho,  
 Que gerou, por seu mal, o velho Tôrres  
 Muitos d'elle murmuram. (Feia Inveja,  
 Quem de teus dentes ficará isento,  
 Se não te escapa a simples Innocencia !)  
 Que não falla, porque fallar não sabe :  
 Outros porém mais justos o defendem,  
 E ás estrellas o sobem ; pois ao menos  
 Se não sabe fallar, sabe calar-se ;  
 E (qual lúbrica negra Sanguisuga,  
 Que aferrando-se á pelle, se não sólta,  
 Sem de todo fartar a cruel sêde)  
 Dos que encontra ás orelhas não se agarra ;  
 E não similha o zote do Sardinha  
 Que, sem antes gastar-lhe a paciencia  
 Com questões importunas, os não larga.

Nas ancas d'este entrou esbaforido  
 O Velloso, arithmetico afamado,  
 Capaz de duvidar, até de Christo ;  
 E que tem, de loquaz e d'arengueiro,  
 Quanto de taciturno tem o outro ;  
 Elle sabe de Acclamo o grande schólio ;  
 De cabo a rabo, sem falhar-lhe um verbo ;  
 E á fôrça de Pae-velho, algum pedaço  
 Vérte, em mau Portuguez, do Tridentino.  
 Com o que, e repetir alguns exemplos  
 Da longa jesuítica syntaxe,  
 Passa, entre os seus, por homem consummado :  
 Bom juiz de sermões, e Prégadores ;  
 Apezar do atrevido casadinho,

Que, por ser o barbeiro do Prelado,  
Arrogar este cargo a si pretende.

Pouco tempo depois, ao beque dando  
Entra o vaidoso mulheril Perinha,  
Ramo insigne dos Gatos Rodovalhos,  
E chefe dos pelões da sua terra.  
Então de Senhorias toda a casa,  
Qual d'um picante enxame de mosquitos,  
Azoinada se viu : umas da bôcca  
Em borbotões lhe saem, outras lhe entram  
Pelas grandes orelhas lisonjeiras.  
E subindo-lhe ao cérebro, a cabêça  
De illustríssimos flatos lhe enchem toda.

Não passou muito espaço, sem que á porta  
Se não vissem chegar ambos os Bichos,  
Alegria, e prazer da elvense terra ;  
O Leite, e o Barquilhos, tam famosos,  
Aquelle, pela teima com que intenta  
Mungir d'um grande Bode as grandes tétas ;  
Este, pela piedade com que vendo  
Jazer em terra morto o bravo Touro,  
Que os calções de camurça lhe rasgara ;  
Por que o Ceo suas culpas lhe perdoe,  
Perdoa em altas vozes, generoso,  
O estrago do vestido, e a grave affronta.  
Estes per onde passam, mil apodos,  
Mil graças, e risadas, entre a bulha  
Do vulgo insultador, soar se escutam :  
Não de outra sorte viu Lisboa, um tempo,  
Da vil plebe entre a grande borborinha,  
Passeiar suas ruas, ombro a ombro,  
O célebre Dom Félix, e o Caturra.

Mas outro entrando vem, de insignes prendas,  
Que no ingenho, agudeza, brio e garbo,

Com os dous pôde bem correr parelhas.  
 Afastai, afastai : deixai passál-o ;  
 Que é o grande Salgado, cujo nome  
 Por todo o Alem-Tejo, em suas trompas,  
 Com sonoro louvor publica a Fama.  
 D'elle relata pois a chocalheira,  
 Que inda o rol pendurado traz ao collo,  
 Das Moças que, em mancebo, namorara ;  
 Onde, com distincão, se lêem seus nomes,  
 Suas graças, e dotes. Pelos prados,  
 Que o Hebro crystallino corta, e rega,  
 Tantas, d'Amor captivas, não seguiram  
 De Thracia o gran'Cantor, que a cara espôsa,  
 Na solitária praia descançando,  
 Duas vezes perdida, em vão chamava ;  
 Quantas o rol contem, desde a mais baixa  
 E roliça fregona, até a Dama  
 Mais nobre, mais *gagé*, e mais chibante.  
 Hoje porem, que em mais serios estudos,  
 Os dias gasta, desfructando a honra  
 D'a rustica curar gente da vargem,  
 Inda este phrenesi curar não pôde ;  
 Nem da empirica sciencia o gran'segredo,  
 s Ahervas, cataplasmas teem bastado,  
 Para os males curar-lhe da cabêça.

Eis outro chega, de não menos fama,  
 Cavalheiro do porte dos Venegas,  
 Que muitos infanções por Avós conta.  
 Este so comerá d'uma assentada,  
 Sem qua papo lhe faça, um Boi inteiro ;  
 E como quem um copo bebe d'agua,  
 De café, chocolate, cha, sorvete,  
 D'un trago, beberá toda uma pipa.  
 Elle ceia não ha, não ha merenda,

A que prompto não vôle, não assista.  
 Tam rapida, calar das altas nuvens  
 Não vê o Passageiro, em largo campo,  
 A grasnadora Gralha, o negro Corvo,  
 Sobre o triste animal, que de cançado  
 Em comprido caminho, deu a ossada;  
 Como correr se vê o bom Fidalgo  
 Á voz, e cheiro do mais vil banquete.  
 D'esta canina fome, que o devora,  
 De *Atarvelhe* ficou o gentil nome.  
 Com que em toda a cidade é conhecido.

Nem tu has-de deixar de ser lembrado  
 Em meus versos, Prior da sancta igreja.  
 Que Alcáçova ennobrece; tu, que sendo,  
 Um tempo, branco e louro, te tornaste  
 Por artes incantadas, negro e pardo.  
 Este na sala entrou de loba, e capa;  
 Mas debaixo do braço, co'a catana,  
 Com que em noites d'escuro tem brigado  
 (Se de seu gran valor não mente a fama)  
 Muitas vezes, com todos os Diabos

Então, tremendo chega a passos lentos,  
 O longevo potroso do Saldanha,  
 Que em regras economicas bem pôde  
 Dar sota e az ao Grego Xenophonte.  
 Para prova do seu contentamento,  
 Se adorna do vestido domingueiro;  
 Sobre uma véstia branca, airoso traça  
 Casaca, que foi negra ha quinze lustros;  
 Os calções eram pardos, e os sapatos,  
 As meias, e espadim, e os outros cabos  
 Em nada do vestido desdiziam.  
 A seu lado marchava o velho preto,  
 Com a suja panella, em que costuma

Ajunctar as reliquias dos banchetes,  
A que assiste faminto, e com que passa  
O resto da semana co'a familia.

Tu tambem, grosso Silva, lustre e glória  
Da tua patria, antigua Tôrres-Vedras,  
Doctor em Anno-historico, não foste  
Dos ultimos, que a rica sala entraram.

Estes, e outros varões d'igual calibre,  
Dignos todos de fama, e maravilha,  
Honraram n'esta noite a grande festa :  
Mas da justiça o amor me não consente  
Que eu deixe vossos nomes involvidos  
Entre a treva, que espalha somnolenta  
A agua estôfa do sombrio Lethes :  
Bolorento Pão-ralo ; e tu, que fallas  
A lingua da mourama, ó bom Gonsalo !  
E que os melões, e pêras almotaças,  
Com tanta rectidão ao povo d'Elvas,  
Quando empunhas severo a rubra vara.

Juneta enfim a selecta Companhia,  
O vistoso salão emtórno c'roam.  
Então ao córo, que esperando estava,  
Deu signal o Deão, e uma sonata  
De cravo, de machete, e castanholas,  
Da orchestra estrepitosa foi prelúdio,  
A que um duo se segue, cousa rara !  
E que igual nunca ouviu em seus theatros  
Milão, Veneza, Napoles, Florença.  
O grande Eugenio, e o famoso Felix  
Foram os douis Virtuosos, que o cantaram.

Seu, ó extremada Zampert ini,  
Que em Lisboa os Casquinhos embaraças,

Seus suaves accentos escutaras,  
 Passages, e volatas ; bemque as Graças  
 Lisonjeiras te cerquem, e derramem  
 Em teu peito, e garganta, mil incantos,  
 Com que as tres filhas d'Achelôo vences ;  
 Quantos novos incantos aprenderas !

Depois, o Vidigal ligeiro toma  
 Uma bandurra, que na orchestra estava,  
 Por mão d' insigue mestre trabalhada :  
 N'ella se viam, sôbre a branca faia,  
 De marfim embutidas, e pau-sancto,  
 As folias do filho de Semele ;  
 Quando, do Ganges triumphando, á Grecia,  
 Entre ledos tripudios, se tornava.  
 Jazia o gordo deus alli sentado  
 N'um grande carro, que virentes parras,  
 Contra os raios do sol todo toldavam ;  
 Uma bojuda pipa, que esparzia  
 Um largo jôrro de liquor vermelho,  
 De throno lhe servia; e o Môço imberbe,  
 Co' verde thyrso, de uma mão picava  
 Os dous accesos mosqueados Tigres ;  
 E eo'a outra chegava á sêcca bocca,  
 De saboroso summo um cheio vaso.  
 Após elle se via debuxado  
 O bebado Sileno, sôbre um ruço  
 E cançado jumento ; de verde hera  
 Croada a fronte tinha o semi-capro ;  
 E com tal arte figurado estava,  
 Que a cada passo do animal imbelle,  
 Aos olhos dos que o vêem, se representa,  
 Que, balançando, o semi-deus caia,  
 Co' os fumos, que a cabêça lhe toldavam.  
 De foliões Silenos uma tropa,  
 Quasi para o suster, o rodeiava ;

E sobre ella lançava o bom Sileno,  
Todo risonho, os mal-abertos olhos.  
Precediam o carro, desgrehadas  
Mil Bacchantes e Satyros lascivos,  
Dando nos ares descompostos saltos.  
Uns tocavam businas retorcidas,  
Outros rijos adufes, e pandeiros.

O Vidigal, pegando no instrumento,  
Se encommendou ao deus, a quem amava;  
E dando á escaravelha largo espaço,  
Até de todo temperar as cordas,  
Soltou a bruta voz, com que costuma  
Levantar os *mementos*, nos enterros.  
Com tam grande attenção não pendem promptos,  
Do novo batalhão da elvense terra  
Os marciaes soldados, na parada,  
Da voz agallegada do Malifa,  
Quando o manejo, á falta d'homens, rege;  
Como a festiva Companhia pende  
Dos duros berros do Cantor famoso,  
Que, da patria em louvor, assim dizia :  
« Ó grande Elvas, cidade em todo o tempo,  
Per teus famosos filhos, memoranda!  
Hoje até as estrellas meus accentos  
Teu nome levarão, e tua fama;  
Mas d'onde minha voz a teus louvores  
Dará principio? Tu, ó brincão Baccho!  
Como tens por costume, tu me inspira.  
Mil, em silencio deixarei, successos,  
Em mais remotos tempos celebrados,  
Que tua glória illustram; pois não pôde  
Um ingenho mortal todas as cousas  
Abranger co'o acceso pensamento;  
E a louvar passarei de teu Senado  
A rara e nunca vista economia,

Com que no velho, ja rachado sino;  
 Por se acharem as rendas do Conselho,  
 Em luminarias, luctos, e propinas,  
 Todas (em seu proveito) consumidas,  
 Quatro gatos mandou lançar de ferro. »  
 Com tal arte feria o cantor déstro  
 Do pequeno instrumento as tesas cordas,  
 Acompanhando o som, com que cantava  
 Este estupendo gracioso caso,  
 Que, ao bater das pancadas, parecia  
 Que se ouviam no sino as martelladas.  
 « Que direi (proseguiu) da subtileza,  
 Com que gravar mandaste, sobre a porta  
 Que tem de esquina o nome, em negra pedra,  
 Por que ninguem a lê-a se atrevesse,  
 A famosa inscripção, em negras letras?  
 Mais intricado, mais escuro enigma,  
 Que o que nas portas da famosa Thebas,  
 Por destino fatal, aos peregrinos  
 Feroz propunha a monstruosa Sphinge. »

Aqui, para tomar maior alento,  
 Um pouco se calou; e em alvo pondo,  
 Como quem pensa em cousas mais profundas,  
 Os turvos olhos, prega um grande escarro,  
 Com que assustou os circumstantes todos;  
 E de novo começa : « Oh! se eu lograsse  
 A grande dita de nascer em Roma,  
 E alli, na tenra idade, me tivessem,  
 Qual misero e novel Frângão, castrado :  
 Que entaõ só, dignamente, em fino tiple,  
 Qual Achilles nas óperas d'Italia,  
 De teu grave Senado cantaria  
 A acção maior, que viram as idades!  
 Tu, ó povo miudo, e povo grosso!  
 Que dos Touros ao barbaro combate,

Presidido de serios Magistrados,  
 La na praça assistias galhofeiro,  
 Tu testimunha foste! e no futuro  
 Testimunha serás. que eu não matizo  
 Com falsas cōrēs o notavel feito :  
 Fallo da profusão, com que lançaram,  
 (Ao primeiro rumor, e ainda incerto,  
 Com que a Fama espalhava vagamente  
 A noticia dos regios desposorios  
 Da Princeza Real, Real Infante)  
 Depois de terem feito bem o papo,  
 As reliquias da pródiga merenda,  
 Sobre as cabeças da apinhada gente.  
 Então (cousa pasmosa!) os ovos-molles,  
 Arroz-dóce, cidrão, e leite-crespo,  
 Que o povo, ás rebatinhas, apanhava,  
 De toda a parte a flux chover se viam;  
 Cobrindo n'um instante toda a praça.

Qual nas tardes de maio (quando Jove  
 Com a rúbida mão dardeja irado,  
 Por entre as negras condensadas nuvens,  
 Com medonho fragor, torcidos raios)  
 Cái a grossa saraiva, alaga os campos;  
 Taes, de manjar-branco as tostadas pélas... »

Aqui chegava, quando os Convidados,  
 A quem de tantos dóces a lembrança  
 Tinha feito crescer água na bôcea,  
 Da demora da ceia impacientes,  
 E da fome voraz estimulados,  
 Em tropel se levantam, e lançando  
 Pela terra cadeiras, e instrumentos,  
 Correram para a meza, onde scintilla  
 Nos dourados crystaes, nos finos pratos,  
 A radiante luz de cem bougias.

O primeiro que occupa a cabeceira  
 É o tolo Aguilar ; sem comprimento  
 Entra logo a cevar a fera gula ;  
 Exemplo, que os mais seguem vorazmente.  
 Brilha nos copos o rosado çumo,  
 Que desterra a cruel melancolia  
 Da meza festival, — reina a saúde !

Mas de todos tu foste, ó gran' Gonçalves !  
 Quem as primicias colhe ; todos brindam  
 A teu grande valor, á tua astúcia ;  
 Em quanto tu, no collo recostado  
 Da prezada Consorte, entre os seus mimos,  
 Do Bispo, e do Deão te estavas rindo.

A alegria reinava em toda a meza,  
 Mil chistes, mil apodos, mil pilherias  
 Giravam sem cessar ; sua Excellencia  
 De todos era o alvo ; todos n'elle  
 Malhavam satisfeitos e contentes ;  
 Pôstoque era malhar em ferro frio.  
 Uns, a brilhante escolha lhe louvavam  
 Dos synodaes Theologos, — do Arronches,  
 Eximio prégador (que leu inteiro  
 O livro dos Conceitos predicableis,  
 O Zodiaco-sob'rano, e outros muitos,  
 Que na eschola capucha estão ém preço),  
 — Do Guardião dos Capuchos, — do Roquete,  
 Thomista petulante e confiado.  
 Outros, a prepotencia celebravam  
 Com que, de motu-proprio, um pobre Leigo  
 Despejar, promptamente, fez das casas,  
 Para n'ellas viver o seu barbeiro.  
 Este, a grande philaucia encarecia  
 Com que a portuense mitra na cabêça,  
 E seu bago reger ja se suppunha,

Officios repartindo, e dignidades.  
 Aquelle, murmurava da arrogancia,  
 Com que ministro eleito á grande Roma  
 A julgar-se chegou; e rodeiado  
 De Pages petulantes, e Lacaios,  
 Do Tibre assuberbar as verdes margens,  
 Em malhados Frizões, imaginava.  
 E todos, sem respeito, blasphemavam  
 Da fatal ignorancia, ou liberdade.  
 Com que, apezar dos canones sagrados,  
 Beneficios-curados entregava  
 De avaros Regulares entre as garras.

Nem tu, gentil roupão de fresca chita,  
 (Com que á grande janella, empanturrado,  
 Da inutil ociosa bibliotheca,  
 Nas noites de verão, a calma passa)  
 Às suas tesouradas escapaste.

Entre tantos motejos, so, calado,  
 Chupando os dedos, e roendo os ossos,  
 Comia, e mais comia o Dom Alarve;  
 E algum caso fatal, de quando em quando,  
 Todo cheio d'espanto, recontava  
 Do Anno-historico, o grosso e torto Silva.

Quando subitamente (caso horrendo,  
 Que as carnes faz tremer, ao repetil-o !)  
 O velho gallo, que n'um prato estava,  
 Entre frângãos, e pombos, larreado,  
 Em pe se levantou, e as nuas azas  
 Tres vezes sacudindo, estas palavras,  
 Em voz articulou triste, mas clara :  
 — « Em vão, cruel Deão , em vão celebras  
 Com nosso sangue o próspero successo,  
 Que a futura victória te promette ;  
 Que per fim cederás a teu contrário. »

Disse : e caindo sôbre o grande prato,  
Sem mexer-se, ficou. N'este momento  
Um gelado suor dos circumstantes  
Banha as pallidas faces; os cabellos  
Nas frontes se lhe erriçam ; largo espaço  
Immoveis ficam, sem dizer palavra.  
Mas o perdido spiritu cobrando,  
Se levantam tremendo, e pela terra  
A recheiada meza baquearam :  
Tres vezes se benzeram co'a mão toda :  
Tres vezes ; mas em vão, esconjuraram  
O fatal gallo, que jazia morto ;  
E, mil, a infesta ceia dando ao Démo,  
Se foram, sacudindo os calcanhares.

## CANTO OITAVO.

Na superior instancia introduzida  
A grande Appellação, ardia a guerra,  
Dous Rabulas famosos trabalhavam  
Em offuscar das Partes o direito.  
Quantos rançosos livros, que jaziam  
Sepultados em po, meio comidos  
Da cruel e voraz maligna Traça,  
Tornaram outra vez a vêr o dia!

A Excellencia, a Discordia, a Senhoria,  
Cadauma, de per si, os excitava;  
E sôbretudo, a fome devorante  
Do luzente metal, que o Mundo incanta.  
De papel muita resma, em letra-grypha,  
Onde, a montões, os Textos, os Doctores  
Sem ordem, e sem tempo, se allegavam,  
Cadaqual, de si pago, tinha escripto.  
Quando o Genio feroz das Bagatellas  
Uma fiel balança nas mãos toma,

E n'um dos aureos discos, põe attento  
 As razões do Deão, n'outro as do Bispo;  
 E vendo que estas tinham maior peso,  
 Talvez por terem mais papel, e tineta;  
 Por um geral edicto á Corte chama  
 Os vaidosos Magnatas, e em senzala,  
 Com fera continencia, assim lhes disse :  
 « Nunca a pensar cheguei, que em meus Vassallos  
 Que do Orbe a estimação, e o ser me devem,  
 Tam louco algum houvesse, e tam ingrato,  
 Que combater ousasse meus projectos !  
 Mas o tempo, que a todos desengana,  
 Me mostrou quanto errava, e quam perdidos  
 São, com ingratos, grandes beneficios !  
 Este enorme attentado merecia  
 Um castigo exemplar; mas a Clemencia,  
 Companheira fiel do meu Imperio,  
 A espada me suspende, na esperança  
 Da prompta emenda. »

Aqui fitando os olhos  
 Na pallida e confusa Senhoria,  
 D'esta sorte prosegue em seu discurso :  
 « É pois minha vontade, ordeno, e mando,  
 Sob pena de incorrer no desagrado  
 De meu real favor, de abrir os olhos  
 Do Mundo fascinado, e de mostrar-lhe  
 Que nada teem de real vossas Pessoas,  
 Que todas são phantasticas chimeras :  
 Que nenhum de vós-outros se entremetta  
 No famoso litigio, que hoje corre  
 Entre o Bispo e Deão de igreja d'Elvas. »  
 Severo, isto dizendo, se retira,  
 Deixando a todos tristes e confusos.

Mas a vã Senhoria, que conhece  
 A quem as ameaças s'encaminham,

Vendo, por este modo, as mãos atadas,  
 Para seguir o empenho começado ;  
 A carpir se retira n'um deserto,  
 Sua grande desgraça, envergonhada.

Entretanto o Deão confuso, afflito  
 Passava as horas, na memória tendo  
 Do lardeado gallo o infasto annúncio.  
 Pouco e pouco, a cruel Melancolia  
 O devora, e consome; não graceja,  
 Como d'antes usava, co'a familia :  
 Mas, em seus pensamentos abysmado,  
 Comia pouco, pouco repousava ;  
 Não joga : nem café, nem cha bebia.  
 No pico d'um rochedo solitario,  
 Entre as t̄evas da noite carregada,  
 Tam lugubre gemer, de quando em quando,  
 O feio e rouco Mocho não se escuta,  
 Como o pobre gemia, retirado  
 No escuro canto d'uma nua sala.

Então a zelosa Ama, a quem penetra  
 Do afflito Patrão a grave pena,  
 Um dia lhe fallou, por esta fórmā :  
 — « Que tem, Senhor Deão? que mágoa é essa,  
 Que tam mudado o traz do que antes era?  
 Mal haja quem lhe dá tanto cuidado!  
 Essa cara, Senhor, que n'outro tempo,  
 Era cara de Paschoas, tam alegre,  
 Tam gorda e reverenda, tam affabil,  
 (Até para os seus servos) tam mudada  
 Está do que ja foi, que hoje parece  
 Uma cara de angustias! Não socega;  
 Mas em triste silencio sepultado,  
 Nem toma o seu café, nem joga o whist!  
 Supponho que lhe deram mal-de-olhado !

Ah! se esse fôr seu mal, prompto remédio  
 Em mim encontrará; pois do quebranto  
 Sei benzer, e curar por mil maneiras :  
 Porém, se a causa é outra, não m'a occulte ;  
 Que talvez lh'eu descubra algum allívio :  
 Pois, mil vezes, na planta desprezada,  
 Está de grave enfermidade a cura. »

— « Ama (diz o Deão) para que é tonta ?  
 Per ventura não sabe o gran'litigio,  
 Que trago com o Bispo ; em que meu brio,  
 O meu ser, minha glória se interessam ?  
 Não se lembra tambem do infasto agouro  
 Do lardeado gallo ? Que mais causa,  
 Em mim pretende pois, de viver triste ?  
 Oh ! se os astros crueis teem ordenado  
 Que eu a demanda perca, derepente  
 Me verá estalar sem frio, ou febre,  
 Entre as barbaras mãos d'este desgôsto. »

— « Senhor Deão (replica então a Ama)  
 Se da sua tristeza é essa a causa,  
 Tem por certo razão para affligir-se ;  
 Suppôsto que não é o mal tam tam grande,  
 Que não possa remédio ter ainda.

Na minha mocidade, instituída  
 Fui nas artes da Madre Celestina,  
 Pela velha Canidia ; muito tracto  
 Tive então com o sabic Abracadabro  
 Famoso Incantador, que ainda vive,  
 Não longe d'este sítio, n'uma grutta.  
 Este estupendo Magico conhece  
 Das pedras, e das plantas as mais raras,  
 As occultas virtudes ; sabe a lingua  
 Das aves, e animaes ; com seus conjuros

Muda as louras searas; sobre a terra,  
 Mil vezes, faz descer trovões, e raios ;  
 Arranca do alto Ceo a branca Lua;  
 Em negro Urso, mil vezes, se converte,  
 Mil em Lobo-Cerval, e mil em Touro :  
 Este pois mudar pôde do Destino  
 As leis, e a natureza; e mentiroso  
 Tornar (se lhe parece) o triste agouro  
 Do diabolico gallo. A consultal-o,  
 Se fôr do seu agrado, iremos ambos. »

Disse : e o Deão suspenso largo espaço,  
 Sem saber resolver-se, mudo fica.  
 Umas vezes se anima, outras receia  
 Do Magico feroz o horrendo aspecto.  
 Não de outra sorte está carvalho annoso,  
 Que em torno, pelo pé, sendo cortado,  
 Pendente d'um so fio, com a queda  
 Cem partes ameaça, e a verde copa  
 A nenhuma, por longo tempo, inclina.

Finalmente, o desejo da victória  
 Vence o frio temor. Tanto em seu peito  
 Pôde a Raiva, pôde a cruel Vingança!  
 Dando um grande gemido, estas palavras  
 Do mais íntimo d'alma afflicto arranca :  
 — « Vamos, Ama, buscar o grande Sabio;  
 E veremos se tem meu mal remédio. »

Era alta noite, e a terra esclarecia,  
 Com duvidosa luz, a branca Lua;  
 Quando o Deão, pela Ama conduzido,  
 A um monturo se foi, onde ambos junctos  
 Se despem promptamente, e untando o corpo  
 Com sangue de Morcego, e de Toupeira,  
 Sobre sordidas pennas se espojaram.

Então o corpo todo agita, e move  
 Com medonhos esgares, e rosnando  
 Em baixo som, por entre os podres dentes,  
 Certas palavras a espantosa velha,  
 Ao farfante Deão diz açodada :  
 — « Voemos. » E n'um ponto (*cousa rara!*  
 E que igual nunca fez Juan de las Vinhas)  
 Pelos ares voaram livremente,  
 Procurando do Archimago a morada.

De Alcáçova o Prior, homem vexado  
 De nocturnas visões, que então á casa,  
 Do Nunes Bacchanal em companhia,  
 D'um puxativo escaldá se tornava,  
 Vendo alçar-se da terra os negros vultos,  
 Arranca da brilhante Durindana,  
 E o capote traçando, velozmente,  
 Põe-se nos recto, parte, atira um furo,  
 Faz pé atraz; mas tropeçando acaso  
 N'um Podengo, que á força de pedradas,  
 Os travessos rapazes tinham morto,  
 De costas se estendeu na dura terra,  
 Coberto de vergonha, estérco, e lama.  
 Então mais furioso se levanta,  
 E c'um golpe mortal a partir torna.  
 O Pejo, e o Furor lhe dobra as fôrças :  
 Berra, salta, esconjura, põe preceitos,  
 Sem descançar, talhando os subtis ventos ;  
 Mas tudo em vão; que leves e seguros,  
 Nadando pelos ares, se sumiram  
 Os novos Anthropógrifos nas nuvens.

Tu so, n'esta aventura, infeliz Nunes,  
 Provaste a furia do pesado braço ;  
 Pois, ao vibrar um talho o Dom Quichote,  
 Co'o rabo te chegou da rija espada,

Pregando-te um gilvaz pelos focinhos,  
Com que em duas te fez a aguda barba.

Nas entranhas d'um monte solitario,  
Que entre as nuvens esconde a calva fronte,  
Assiste Abracadabro, a quem patentes  
Os profundos mysterios da Cabala,  
E todas as leis são da Onomania.  
Mil globos, mil compassos, mil quadrantes  
Confusos jazem no sombrio albergue :  
Alli Betyles ha, ha Chelonites,  
Corações de Toupeiras, ha entranhas  
De vãos Camaleões, ha pedras-d'ara,  
E magicos espelhos ; ha cabeças  
De mortos animaes, lameiras virgens,  
Hypómanes, mandrágoras, e outras hervas,  
A luz colhidas da nascente Lua  
Nas campinas do Ponto, e da Thessalia.

Aqui Ama, e Deão descem, a tempo  
Que, á mal accesa luz d'uma lanterna,  
Um Talisman o Magico compunha.

— Ao feio aspecto do fatal hospicio,  
As carnes ao Deão se arripiaram.  
Começa a vacillar ; mas a malvada,  
Velha Bruxa o segura, alenta, anima.  
Entram pois onde o sabio trabalhava ;  
E prostrada per terra, a vil carcassa,  
D'esta forma, o silencio interrompia :  
— « Famoso Abracadabro, a euja illustre  
Alta sciencia os Fados concederam  
Dominar Elementos, e Planetas,  
Este, que vês (eu creio, o não ignoras)  
É o nobre Deão da Igreja d'Elvas.  
Pelo arrogante Bispo perseguido,

Do teu grande podér se chega ás abas :  
 Com o gordo Prelado, e seu Cabido  
 Uma demanda traz; para vencel-a,  
 Tuas artes procura. Ah! se algum dia,  
 Com teu alto favor, benigno honraste  
 Esta serva fiel; por elle mesmo,  
 A teus pés humilhada, hoje te peço,  
 Que o queiras amparar; elle o merece  
 Por triste e desvalido; e pelo grande  
 E profundo respeito, que tributa  
 A teu alto saber, ás tuas barbas. »

— Aqui o Velho Magicô lhe torna :  
 « Nada do que tu dizes me é occulto ;  
 E por elle, e por ti provar intento  
 Quanto minha arte póde. »

Isto dizendo,

Todos tres se sairam da caverna,  
 E a mal-distincta luz da frouxa Lua,  
 Sobre a rasa campina, Abracadabro,  
 Com uma curta vara, quatro linhas  
 De circulos pequenos logo traça :  
 A estas linhas juneta tres fileiras  
 De outras, iguaes em tudo, quatro linhas ;  
 E entre si alguns circulos unindo,  
 D'elles várias figuras prompto fórmâ :  
 Umas se chamam Mäes, as outras Filhas,  
 Testimunhas, e arbitros : isto feito,  
 Diversas hervas queima, e murmurando  
 Tres vezes, ao redor, certas palavras,  
 Começou a tremer toda a montanha :  
 Cem espantosas feras, cem serpentes  
 Se ouvem bramir, silvar ao mesmo tempo.

Então na fronte do Deão pellado,  
 Os cabellos, que ainda lhe restavam,

Em espetos se tornam ; pelas veias  
 Subitamente o sangue se lhe gela.  
 Mas quando viu sair da rude furna,  
 Horrendamente uivando, um Cão medonho  
 De negro espesso retorcido pêllo,  
 Que lança pelos olhos triste fogo,  
 E chegar-se do Magico ás orelhas,  
 De todo perde a côr, o alento perde :  
 Tres vezes quiz fugir, e tres o mèdo  
 Os passos lhe embargou ; immobil fica,  
 E semi-vivo respirar não pôde.  
 Passado finalmente um breve espaço,  
 Com horrendo fragor, se abre a terra,  
 E crepitantes chammas vomitando,  
 Em seu ardente seio o Monstro esconde.

— Então, deixando o Bruxo o fero incanto,  
 Para o Deão se vólta, e n'estes termos,  
 Com feia catadura lhe responde :  
 « Emfim não ha remédio : nada podem  
 Co'o Fado inexoravel meus conjuros :  
 Nos duros diamantes tem escripto  
 Que a lide perderás. »

## A estas vozes

Todo o valor cedeu do heroico Lara :  
 Começou a tremer, e sobre a terra,  
 Sem alentos caiu, e sem sentidos.  
 Sobre elle se debruça a torpe Velha,  
 Chorando amargamente. Abracadabro  
 Á gruta corre, d'onde, compassivo,  
 Trazendo um negro frasco, todo cheio  
 D'um spiritu vital, lh'o arruma ás ventas.  
 Então um gran'suspiro derramando,  
 O Deão abre os olhos, e começa  
 A cobrar os alentos, que perdera.  
 — Por largo espaço, o deixa o Nigromante

Reposar em descânco, até que ao vêl-o,  
 De todo, do desmaio recobrado,  
 Com mofa, e compaixão, assim lhe falla :  
 « Não cuidei, que tam pouco esfôrço tinhas,  
 Priguiçoso Deão, imbelle e fraco ;  
 Que uma sentença, contra ti vibrada,  
 Te fizesse perder de todo o alento :  
 Mas es Conego emfim, e tanto basta !  
 Ignoras tu acaso, que as desgraças  
 Pedras-de-toque são, onde os quilates  
 Das grandes almas sempre resplandecem ?  
 De mais, que os duros Fados tam injustos  
 Não são para comtigo, que vingança  
 A teus grandes agravos não permittam. »

— Ao echo da vingança, o antigo esforço  
 Cobra o pallido Lara ; e alvoroçado  
 Esta pergunta faz ao Velho Bruxo :  
 — « E que vingança é essa, Abracadabro,  
 Que o Fado me promette ? »

— Então o Sabio,  
 Com severo semblante, lhe responde :  
 « Virá a succeder-te no Deado  
 Um novo Heroe da tua mesma raça.  
 Este, sendo tambem indignamente  
 Pelo orgulhoso Bispo injuriado,  
 Por que á porta recusa do Cabido  
 Ir, como tu, a off'recer o Hyssope ;  
 Para em salvo se pôr de seus insultos,  
 Deixando (sabiamente aconselhado)  
 De venaes Magistrados o recurso,  
 Refugio buscará nas sanctas Aras  
 Onde Themis preside, e firme asylo  
 Acham contra a violencia os opprimidos.

Os ministros da Deusa que zelosos  
 De seu altar, e culto, attentos séguem

As pizadas do Principe famoso  
 (Que dando ao Sacerdocio, ao Sceptro dando  
 O que é do Sacerdocio, o que é do Sceptro,  
 Tem de ambos os poderes felizmente  
 As sagradas balizas assignado)  
 E defendem, com prompta vigilancia,  
 Da Real Jurisdicção os justos termos;  
 Ao Bispo mandarão por seu Decreto,  
 Que a razão d'este excesso logo assigne.  
 À fatal vista do imprevisto golpe,  
 Ficando muito afflito o bom Prelado,  
 Com fraqueza a mais vil, dolosamente,  
 (Accão bem digna só d'um home' indigno !)  
 Do livro mandará riscar as muletas;  
 Negará têl-as feito, e negaria,  
 Se necessário fôsse, o mesmo Christo.  
 Então desistirá, cheio de mèdo,  
 Da pretendida posse, e seus direitos :  
 E a pelle convertendo, na apparencia,  
 De fero Lobo se fará Cordeiro. — »

Disse : e o Deão, de ouvil-o satisfeito,  
 Mil graças dava aos Fados, dava ao Sabio,  
 Mil á Velha, que a vêl-o o conduzira.

Ja a Aurora, deixando enfastiada  
 Do potroso Titão o frio leito,  
 Sobre o carro, d'aljofres guarnecido,  
 Com um mólho de rosas excitava  
 Ao veloz curso as remendadas Pias,  
 Que os freios mastigando de diamante,  
 Por olhos, e por ventas scintillavam  
 Tremulos raios, que de luz cobriam  
 Os longo-apavonados horizontes :  
 Quando a Velha, e o Deão, ambos deixando  
 O grande Abracadabro, e sua grutta,

A descansar da longa ameijoada,  
Para casa velozes se partiram.

Era ja alto dia, e retumbava,  
Em alegres repiques, Elvas toda;  
Quando o Deão acorda ao grande ruido,  
E chamando os Criados, lhes pergunta,  
Qual do grande zão-zão era o motivo.  
Então o Cuzinheiro, debulhado  
Em lagrimas, lhe conta « que a noticia  
De ter vencido o Bispo o grande pleito  
Que trazia com sua Senhoria,  
Tinha, ha pouco, chegado per um Proprio :  
Que em todas as Igrejas não havia  
Sino grande, matraca, ou campainha  
Que, em signal de prazer, se não tocasse. »

Acabou o bom Servo a triste arenga,  
De seu peito exhalando um gran'soluço :  
Mas sua Senhoria consolado  
Da futura vingança com a imagem,  
Sem alterar-se, ouviu a infeliz nova.

O REINO  
DA ESTUPIDEZ

POEMA HEROI-COMICO-SATYRICO EM QUATRO CANTOS

PAR

FRANCISCO DE MELLO FRANCO

*Hec miscere nefas.*  
PERSIO.

## PROLOGO

---

VAI ó Poema ! não digo discorrer, pelo Universo, porque sei que estás escripto em portuguez; mas ao menos corre as mãos de todos esses que compoem a Universidade. Eu te vaticino desde ja uma desgraçada sorte : serás praguejado, e per muitos reduzido a cinzas, que irão até lançar-te no Mondego, como cousa contagiosa. Não esmoreças, que entre esses alguns haverá, ainda que poucos, que folguem de ver a verdade com os seus proprios vestidos : não receies penetrar os mesmos claustros : ahj é que te prognostico os maiores desprezos : soffre com paciencia, que o teu fim é so de fazer ver a verdade : affirma pois a esses homens, que o teu Auctor venera os seus sanctos Instituidores ; que so desejava, que aquelles que se prezam de ser seus filhos, fossem vivas copias suas ; porque então não chegariam a muitas duzias em Portugal. Dize-lhes que o que mais o afflige, é ver, que os homens que por voto devem ser pobres, humildes e castos, são os mais regalados, suberbos e libidinosos, a quem custa muito cumprir os votos que fazem. Pergunta-lhes, como será possivel ver de sangue-frio a um Monge, a um pobre de

Jesu-Christo, robusto, gordo, e capaz de vender saúde, ás costas de douos pobres homens pela Couraça dos-Apostolos acima até o Patio-das-Artes? Dize-lhes, que bem sabes, que este é o Mestre d'hebraico o S<sup>r</sup> D. João de Tal.

Irás ter ás mão de muitos, que te censurem de pouco verdadeiro; porque hoje a Universidade está em seu auge, e esplendor: dir-te-hão, que para dizer tanto, é preciso, ou não ter noticia da refórma, ou ser maldizente por officio: a estes taes pede a resolução do seguinte problema. Achava-se um homem nas trevas sepultado no mais profundo somno, rodeiavan-o per todos os lados mil perigos, e despenhadeiros; compadecido outro do miseravel estado em que se achava aquelle desgraçado, foi despertal-o para o pôr fóra dos perigos, que o cercavam: tinha ja o bemfeitor dado alguns passos; mas de repente lhe falta a vista, e fica o infeliz ainda nas trevas acordado sem guia, caminhando de precipicio em precipicio. Pergunta-lhes pois, quando era mais degraçado este homem, se no tempo em que estava engolphado em seu lethargo, se quando se via acordado, só, e nas trevas? Não te cances em fazer-lhes a applicação, que é manifesta; dize somente, que o fructo, que d'aqui levam os Legistas, é a pedanteria, a vaidade, e a indisposição de jamais saberem: enfarnhados unicamente em quatro petas de Direito-romano, não sabem nem o Direito-patrio, nem o publico, nem o das Gentes, nem Política, nem Commércio, finalmente, nada util. Que os Canonistas saem d'aqui com o cerebro intumecido com tanto Direito de Graciano, sem crítica, sem methodo, engolindo, com alguns verdadeiros, immensos Canones apocryphos; dando ao Papa a torto e a direito poderes, que lhe não competem por titulo nenhum, e esbulhando os Rêis dos que por Direito da Monarchia lhes são devidos. Com estes não te abras mais, e acrecenta só que é melhor morar em uma casa vasia, do que n'uma cheia de trastes velhos e desconcertados, onde reina a desordem, a confusão, e a immundicia. Deves porém con-

fessar, que a Refórma trouxe á Universidade as Sciencias naturaes, que na verdade tiveram, e teem ainda alguns Mestres dignos de tal nome; mas que estes ficam tam submersidos pela materialidade dos Companheiros, que fazem a maior porção, que para os distinguir é preciso ter vista bem perspicaz; tanto reina ainda aqui mesmo a Estupidez! Adverte emfim, que não reparem em não fazeres menção dos Senhores Theologos, devendo ser os primeiros, porque *ex fructibus eorum cognoscetis eos* : S. Matheus, cap. I., e invertendo : *ex illis cognoscetis fructus eorum*. O Ceo te leve a mãos, que te não deem logo tyranno garrote antes de seres lido por algum que te propague. *Si Musa vetat, facit indignatio versum.*

## CANTO PRIMEIRO

Não canto aquelle Heroe pio e valente,  
Que depois de ter visto a cara Patria  
A cinzas reduzida, e campo vasto,  
Mil p'rigos contrastando um clima busca,  
Aonde com os seus, ditoso seja.  
A molle Estupidez cantar pretendo,  
Que distante da Europa desterrada  
Na Lusitania vem fundar seu Reino.  
Dicta-me, ó Musa! que eu não posso tanto,  
Os nobres feitos, e diversos casos,  
Que a esta grande empresa acompanharam.  
Um feio Monstro de cruel figura,  
Desgrehados cabellos, olhos vesgos,  
Disforme ventre, circular semblante  
Da lugubre caverna, aonde jazia,  
Bocejando saiu, e longo tempo  
Nas visinhas montanhas reparando,  
Estas vozes soltou de mágoa cheia :  
« É possibil, que sendo venerada

Em outro tempo pela Europa toda,  
Hoje aqui viva sem domínio, ou mando,  
N'estas brenhas incultas desterrada?  
É possivel, qu'a Deusa, que usurpara  
De Sábia o nome, e ser de Jove filha,  
Dos meus vastos dominios m'expellisse,  
E haja sóbre o meu, pôsto o seu throno!  
(Deixar esta inacção, um dia, quero)  
Não ha-de ser assim! essa tyranna  
Ha-de ver uma vez, o quanto posso. »  
A fria Estupidez accesa em ira,  
Tanto jamais se viu; ao reino escuro,  
Aonde mora a macilenta Inveja,  
Co' a furiosa e vingadora Raiva,  
Quanto lhe soffre a natural inercia,  
Ligeiramente marcha. — « Ó fortes Deusas!  
(Soluçando lhes diz) se tantas vezes  
Em taes empresas ja me soccorrestes,  
Não podereis deixar tambem agora  
De dar-me a mão em tam afflito caso.  
A suberba Minerva iujustamente  
Depois de meus dominios ter roubado,  
(Dominios, que na Europa tanto prézo)  
Por cùmulo de mal, em feias selvas  
De ninguem habitadas, me desterra. »

O fero coração das negras Furias,  
(Por ser causa commun) enterneceram  
Da molle Estupidez as brandas queixas :  
— « Deixaí, amiga Irmã,\* somente dizem;  
Vinde tambem comnosco, e vingaremos  
Essa injustiça, que te faz Minerva. »  
Em si não se fiando, tambem chamam  
O duro Fanatismo, a Hypocrisia,  
E tu, Superstição, que tanto podes  
Nas credulas Nações, não os deixaste.

Em forte batalhão todas armadas  
Os elementos turbam : negra nuvem,  
De mil coriscos prenhe, se encaminha  
Á parte, d'onde sopra o frio Noto.  
A raivosa cohorte alli se encobre;  
Subtis entratagemas alli traça.  
Ja França se lhes mostra, e déstramente  
Tomando cadaqual sua figura,  
Para o combate espreitam util meio.  
Então o Fanatismo, que tomara  
Um ar sisudo, e marcha compassada,  
Vendo reinar somente a Humanidade,  
De tristeza, e rancor se despedaça;  
Suas maximas duras assoalha  
Ja entre o Povo, ou entre a sábia gente.  
Em vão é trabalhar (com riso, e mofa  
A porção mais sensata lhe responde)  
Mas o povo uma vez entre apupadas  
Pelas ruas o corre duramente,  
Qual o Cão, que damnado se presume.  
Da vil Superstição, da Hypocrisia  
Mai efeito os trabalhos não produzem;  
Reinam a seu pezar a singeleza;  
Nos costumes, candura, e sã verdade.  
Minerva, que o ardil não desconhece,  
Nos animos infunde novas luzes;  
Luzes, que dissipando a fusca névoa  
Com que a recta razão manchada fica,  
Com proprias cōres a verdade pinta.  
Da gallica Nação ligéira e docta,  
Mil pragas vomitando, fogem todas.  
Iradas ainda mais ligéiras buscam  
A britannica Gente : ataques novos  
Em conselho alli poem, ferve de novo  
Nos bravos corações rancor funesto ;  
Fulminam tudo; a toda a parte correm.

Mas qu'importa, se a ti, profundo Povo,  
 Brilhantes apparencias nunca illudem;  
 Se por entre a verdade, e falso buscas  
 Manifesta divisa, e so descansas,  
 Quando das cousas tens a sã medúlla!  
 Desesperam d'alli as Furias logo;  
 Voam, não fogem, d'esta Gente clara,  
 A que intractavel e ferina chamam,  
 Vão discorrendo pelo frio Norte,  
 Aqui, alli, novos combates dando,  
 A Deusa tutelar vendo com susto,  
 Que alguns dos seus a vacillar começam,  
 Que se deixam levar dos vis enganos,  
 Convoca em continente um gran' Congresso  
 D'aquelles que sustentam fortemente  
 O seu brilhante e majestoso throno.

— « Alumnos meus; mas não, não disse tudo,  
 (A fallar principia d'esta sorte)  
 Amados filhos, que da infancia tenho  
 A meus peitos nutrido, e com desvelo,  
 A vós, a vossos paes tenho livrado  
 Da vil escravidão, em que os tivera  
 A frouxa Estupidez ja n'outro tempo,  
 Sabereis qu'este Monstro bafejado  
 De muitas Furias, que tornar lhe juram  
 Seus antiguos dominios, disfarçado  
 Armando laços, entre vós passeia :  
 Ao vosso lado noite, e dia vélo;  
 Mas de modo teem sido cs seus encontros,  
 Que entre vós sinto alguns ja titubantes;  
 Que mágoa a minha, que pezar não fóra,  
 Se em triste captiveiro ainda vos visse,  
 Comigo ingratos, para vós tyrannos!  
 Ao Leão rugidor, qu'emtôrno gyra,  
 Constantes resisti. As almas fortes

Com phantasticas fórmas não sossobram.  
 Qual déstro Capitão, que descortina  
 Arditosas ciladas do Inimigo,  
 Na vossa frente pelejando marcho :  
 Victória conseguiu ja d'elle a França,  
 Outro tanto tem feito a Gente ingleza. »

Com estas vozes tal esfôrço inspira  
 Nos vacillantes peitos, que ligados  
 Um corpo fazem, como nunca, firme.  
 De novo as Furias seus ardis empenham,  
 Multiplicam combates, dobram fôrças;  
 Mas a sábia cohorte a peito aberto  
 Sem p'rigo alcança a vencedora palma.  
 Qual annoso carvalho, cujos ramos  
 Tanto procuram as cízentas nuvens,  
 Quanto as raizes vão minando a terra,  
 Despreza immobil a sobeja furia  
 Dos ventos zunidores, que o combatem :  
 Vendo sem fructo o seu trabalho as Furias,  
 A certo aceno se congregam todas  
 Em occulto logar, aonde so moram  
 As negras sombras da tristonha noite :  
 A Raiva então, de cujos vesgos olhos  
 Scintilla o ódio, e a cruel vingança,  
 Assim ás outras falla em tom irado :

— « Será possivel, qu'un podér tam forte,  
 Qual é o vosso, e qual o meu conheço,  
 Em nada pare? que nenhum effeito  
 Haja destas fadigas resultado? »  
 Ao lado chora, sem dizer palavra,  
 Afflicta a Estupidez, e largo espaço  
 Aguda mágoa põe na lingua freio.  
 Senão quando, depois de feita a venia,  
 D'este modo começa o Fanatismo :

— « A vosso, e meu pezar ja tendes visto  
Que suamos em vão; Minerva impera  
Nos duros peitos d'esta Gente infame :  
Deixemos pois estes gelados climas,  
Bem digna habitação de taes cabéças :  
D'aqui fujamos para o Meio-dia,  
Paiz de toda a Europa o mais ditoso :  
Aqui mais resistencia não teremos ;  
O Povo habitador n'este terreno  
A pezar dos passados contratemplos  
A meu mando viveu sempre sujeito.  
Não chores, cara Irmã ; o teu Imperio,  
(Segundo creio) la verás fundado.  
Fugir, fugir d'esta inimiga terra. »  
Todas a uma voz promptas concordam :  
Da fria região logo desertam ;  
E sobre as azas dos ligeiros ventos  
As amenas Hespanhas vão buscando.

## CANTO SEGUNDO

Era alta noite, e o enregelado Hinverno  
Ja começava a sacudir as azas,  
Que ao sereno gottejam frio orvalho;  
Dormia tudo, e so nas érmas ruas  
Errantes Cães ladrandos se encontravam :  
Foi então que a Lisboa rica e vasta  
Em segredo baixou o bando infame.  
Se á suberba Madrid primeiro iriam,  
Hesitaram, em quanto o Fanatismo  
Não decidira, que no luso Reino,  
Como mais certo, começar deviam.  
Per accôrdo commum assentam todas  
Que aos publicos logares com disfarce  
Ir sem demora devem, p'ra que espreitem,  
Que diz o Vulgo, que censura o Sabio.  
Uns, que murmuram no actual Govêrno,  
Que louvam outros : d'esta sorte podem  
Cair melhor, no que fazer se deve.  
Dispersas pelas Praças vão notando  
As prácticas diversas, a que assistem,

Não so ouvindo ; mas tambem seu voto,  
 (Como a bem lhes fazia) declarando.  
 Não deixam sem visita parte alguma ;  
 De fórmas diferentes se revestem  
 Ja d'Homem, de Mulher, de Môço, ou Velho,  
 De Casquinho, de Frade, ou de Jarreta,  
 Segundo julgam, que requer o caso.  
 N'esta pesquisa muitos dias andam,  
 Até que chega o desejado instante,  
 Em que haviam proposto, se ajuntassem,  
 Para em pleno Conselho darem conta,

Do que ouviram dizer, do que fizeram.  
 Em occulto logar, que não perturbam,  
 Nem o tropel dos anafados Machos,  
 Nem das velozes rodas o ruído,  
 E nem do Povo o baralhado trácto ;  
 Logar, que fica além do claro Tejo,  
 As vagas sentinelas se congregam.  
 Duvidam entre si qual d'ellas ha-de  
 Dar primeiro razão, do que passara :  
 Da sua parte cadaqual recusa ;  
 Mas nisto a Raiva impaciente falla :

34

— « Não noteis Companheiras, qu'eu primeiro  
 Tome mão da palavra, serei breve :  
 Nem deve para nós haver cer' monia.  
 Por mil sitios andei, andei de noite,  
 Assisti uma vez a um caso gerande :  
 Era um Cadete de figura esbelta  
 Que diziam ser filho de tal Conde,  
 Vestido muito bem de pontó em branco ;  
 Uma espada tremenda tinha á cinta,  
 Toda de prata sem-senão lavrada :  
 Para mais casquilar como soldado,  
 Nem da guerra sabia a menor cousa ;

36

Porém de namorar todos os modos  
 Manejava melhor que o seu florête,  
 Em que muitos progressos tinha feito :  
 Na assembleia passava as noites todas,  
 E n'ella com respeito era escutado.  
 Assentava com sigo, que nos olhos  
 Trazer devia as settas de Cupido;  
 Pois para requestar qualquer Senhora,  
 Não precisava mais, que pôr-lhe a vista.  
 Encontra por acaso um Velho grave  
 Com a sua familia passeiando ;  
 A uma filha pelo braço tinha,  
 Por bella conhecida, e que trazia,  
 Havia tempo ao tal Cadete louco.  
 Apenas a vislumbra, emtôrno gyra,  
 Um dicto sólta, e outro disfarçado :  
 Na filha, inquietação o Velho nota ;  
 No Mancebo repara, e em seus gracejos ;  
 Diz-lhe, que o deixe, que não seja tolo ;  
 Que a não serem os annos se vingara.  
 Do comprido florete tira logo  
 O bravo Militar enamorado.  
 Quer defender-se o vacillante Velho,  
 A dous passos porém ferido cai.  
 Acode immensa gente ; mas fogoso  
 Destroça tudo, e impaciente leva  
 Entre o tumulto a aturdida Môça.  
 No fundo do seu peito o Velho geme ;  
 Ao Ministro se queixa magoado :  
 Este ao Fidalgo busca, e de bom modo  
 Propõe-lhe, queira ao Pae levar a filha.  
 Qual sibilante Cobra, cuja cauda  
 Pizou o incauto e frouxo caminhante ;  
 Assim no Militar se accende a ira,  
 Descompõe o Ministro, e se não foge,  
 Não voltaria, como foi, inteiro.

Pelo successo o Pae afflito,  
 Em resposta o Ministro so lhe torna :  
 Amigo, são Fidalgos, tenho feito,  
 Da minha parte o que fazer podia :  
 Para os pequenos so as leis teem fôrça.  
 Folguei de ver esta ousadia, e fogo,  
 Que nas outras Nações jamais notara.  
 Vi de noite roubar, tambem de dia.  
 Uma forte quadrilha de marujos  
 É quem faz per alli maior fachina :  
 Nada mêmô lhe põe, zombam da ronda,  
 Que de vis sapateiros é composta,  
 E de outros taes, que dormitando levam,  
 Por espadas, espetos ferrugentos.  
 Isto vi, Companheiras, e mil casos,  
 Que não refiro, por não ser extensa. »

34

Logo a Superstição em pé se põe ;  
 Mas fazendo primeiro mil monices,  
 O chão prostrada por tres vezes beija ;  
 Outras tantas rosnando certas cousas,  
 Faz sóbre o coração quinhentas cruzes.  
 Debaixo da camisa tambem tira  
 Uma grande almofada, que constava  
 De muitas orações, muitas reliquias.  
 Ja contra mal-feitiços, contra a peste,  
 E muitas contra a tentação da carne.  
 Beija, e rebeija o venerando Breve ;  
 E com os olhos para o Cœu erguidos,  
 Com o mesmo se benze immensas vezes.  
 D'este modo disposta principia  
 A dar conta fiel do que passara :

— « Tam outro Portugal agora vejo,  
 Que o mesmo não parece; quem diria  
 Que estas pobres Mulheres perseguidas

Do Dragão infernal, em pouco tempo,  
Haviam de encontrar pelos mosteiros  
Prompto soccorro a seus crueis tormentos?  
Mal haja esse Judeu, esse tyranno,  
O Paulo de Carvalho, homem ferino,  
Que á tristes prohibiu este remedio.  
Ja não é, Camaradas, como outrora.  
Fui aos Frades Capuchos quarta feira :  
Que cousas la não vi edificantes?  
Na Portaria estavam certamente  
Para cima de cem, ou mais Mulheres,  
Humas em convulsões, outras zurrando;  
Cousa-má na verdade pareciam!  
Appareceu depois um Frade idoso,  
Vinha de estola armado, e pela cara  
Todos diziam que ja era um Sancto.  
Não era d'estes Frades, que capricham  
Em trazer os sapatos de camurça  
Muito amarella, e o calcanhar brunido :  
Que o cabello penteiam, que arregaçam  
O escovado burel, quando passeiam!  
Este não era assim ; de muito estudo  
Via pouco, grandes oculos trazia,  
E tam negligente era em seus habitos,  
Que so peito guardava de simonte  
Mui boa quarta, se não fosse arratel.  
Apenas se avistou, umas entraram  
A fazer-se em pedaços, outras davam  
Horrendos uívos, como Cães famintos.  
É dòr do coração ver tal martyrio!  
Suspenso esteve o Frade muito tempo,  
Para todas olhando ; e derepente  
Em profundo silencio ficou tudo.  
N'um livro entrou a ler, primeiro baixo;  
Mas depois carregando as sobrancelhas  
C'uma voz de trovão, e irado lia.

Aqui é que foi pena!... D'improviso  
 Todas quebraram o silencio a um tempo;  
 Taes urros, taes bramidos atroaram  
 O Claustro todo, que ainda hoje tenho  
 De susto o coração como abafado.  
 O Frade cada vez mais lhes gritava,  
 Batendo como o pe, que se calassem.  
 A muito custo accommodou a bulha;  
 Suspiravam somente enterneidas,  
 Como quem de um combate se livrara.  
 O Exorcista ja lia em voz mais mansa;  
 E benzendo-as tres vezes, so lhes disse,  
 Que se fossem na paz de Jesu-Christo.  
 Umas a par das outras em fileira  
 Pondo em terra o joelho a manga beijam,  
 E com grande mesura, se despedem.  
 Não pára aqui somente a caridade  
 Do bom Religioso : de outro lado  
 Afflictas Mäes co'os Filhos entre os braços  
 Ante os pé do Exorcista os apresentam,  
 Umas lhe dizem que crueis lombrigas  
 As pobres Criancinhas martyrisam :  
 Outras lhe pintam os horriveis damnos,  
 Que aquelles innocentes recebiam  
 De uma sua vizinha geralmente  
 Por bruxa, e feiticeira reputada :  
 Promptamente os benzeu, e com brandura  
 Uma práctica breve foi fazendo,  
 Que tivessem fé viva; enfim lhes disse,  
 Que do seu sancto Padre se lembrassem.  
 D'esta longa fadiga descansava  
 Ja no seu aposento o bom Fradinho,  
 Quando o Porteiro a toda a pressa o chama.  
 Uns poucos de Gallegos carregados  
 De presuntos, Peruns, e de bom vinho  
 Pelo Padre Exorcista perguntavam.

36

A sua caridade isto lhe rende,  
 E ser entre os seus Padres respeitado.  
 Lisboa ja não é (torno a dizer-vos)  
 A mesma, que ha déz annos se mostrava :  
 É tudo devoção, tudo são terços,  
 Romarias, novenas, via-sacras.  
 Aqui é nossa terra, aqui veremos  
 A nossa cara Irmã cobrar seu Reino. »

A fina Hypocrisia é quem se segue.  
 Co'os olhos baixos, macilento rôsto,  
 Longos vestidos de côr parda e negra,  
 A fazer sua venia se levanta :  
 Depois, em voz submissa assim começa :

« A Cidade corri, e tive o gôsto  
 De vêr por quasi todos practicadas  
 As maximas subtis, que lhes prégava.  
 No público-passeio, onde concorre  
 A mais luzida gente d'esta Côrte  
 Uma tarde me achei, e perto estavam  
 Quatro sujeitos de figura séria,  
 Em quanto alli se via, reparando.  
 Dizia um d'elles : Notem bem, amigos,  
 Os oucos cascós d'esses doux mancebos ;  
 Em logar de topetes concertados,  
 Medonhas conchas de revelhos Cágados,  
 Da injúria do tempo lhes defendem  
 As vaidosas cabêças : os vestidos,  
 Se não teem as feições ja nos sobacos,  
 São vestidos de Ginja, e de Jarreta.  
 No embigo o espadim atravessado ;  
 Por calções, hollandezas calças trazem.  
 Gemem os pobres pés dentro das talas  
 Dos lustrosos sapatos, carregados  
 Co'o peso enorme das luzentes placas :

Casquilar á Malteza a isto chamam.  
 Muitos dias não ha, que a moda-chefe  
 Era o contrário do que vemos hoje.  
 O ter de Portuguez o nome indigno,  
 É a pena maior, que me atormenta.  
 Nomear Portuguez a qualquer homem,  
 É fazer-lhe a maior descompostura,  
 Que pôde proferir a aguda lingua  
 D'uma vil Regateira enfurecida.  
 É chamar-lhe sem dúvida Macaco.  
 Somente imitador dos vôos caprichos  
 Das estranhas Nações, não das virtudes.  
 Sem rebuço, é chamar-lhe um ignorante,  
 Um confirmado tolo, que não sabe  
 Nem artes, nem sciencias, nem commércio,  
 Miseravel Nação! Que fielmente  
 Os thesouros franqueia aos Estrangeiros  
36  
 Por chitas, por fivelas, por volantes,  
 E por outras immensas ninharias. —  
 N'isto estava inflammado o homem, quando  
 O fio lhe cortou a seus discursos  
 O estrondo, que faziam nas calçadas  
 As fumegantes rodas d'um carrinho.  
 Quatro asseiados e membrudos Môcos  
 Pomptos saltando da vermelha tábua  
 Adjudam a descer um gordo Bispo,  
 Que na Côrte se achava com licença.  
 Vinha todo de sêda, e do pescoço  
 Uma cruz lhe pendia cravejada  
 De lucidas saphiras; de brilhantes  
 O majestoso annel cegava os olhos,  
 E pouco menos as fivelas de ouro.  
 O austero Censor ficou pasmado  
 A mirar o Prelado passeiando.  
 Depois, com vozes d'azedume cheias,  
 Para os outros se volta, assim dizendo :

— Ó costumes! ó tempos primitivos!  
 Tempos, em que o Pastor só differia  
 Do seu rebanho pelas sãs virtudes,  
 Pela vida exemplar, com que o guiava!  
 Quem o sancto Evangelho lê a vida,  
 Do Supremo Pastor quem lê attento,  
 A presença de um Bispo Petimetre  
 Como pôde levar á paciencia?  
 Se o venerando Apostolo das gentes  
 Aqui apparecesse, quereria  
 Por companheiro ter um homem d'estes?  
 O grande Paulo, que o enrugado rôsto  
 Todos os dias de suor banhava;  
 E para não servir jamais de pêso  
 A seus caros Irmãos, antes escolhe  
 Ganhar escasso pão com seu trabalho.  
 Sancta Religião, tempos ditosos!  
 Ou tu não es a mesma, ou teus Ministros  
 De Pastores o nome não merecem. —  
 N'esta práctica sempre os quatro amigos  
 Se foram com a noite retirando.  
 Não fiquei do discurso satisfeita.

A horas, em que o Bispo ja dormia,  
 Medonha e enormissima figura  
 Tomei; e como setta despedida,  
 A seu rico aposento fui direita.  
 Estirado em colchões de branda pluma  
 Em profundo silencio repousava :  
 Mil divertidos e agradaveis Sonhos  
 Ao redor do semblante revoavam,  
 Um a bella assembleia das Senhoras,  
 Outros o wisth, o bom café pintando.  
 De pressa os fiz fugir; e promptamente  
 Seu lugar occupando, este discurso  
 Em breve lhe intimei com voz horrivel :

— É possivel, que durmas descancado,  
 Sem te lembras de que rosna o Povo,  
 Do teu modo de vida, do teu fausto?  
 Não digo que practiques fielmente  
 As maximos austeras do Evangelho :  
 Para teres de Sancto o nome honroso,  
 Não precisas de tanta austeridade.  
 Embora te regales, te divirtas,  
 Ainda mais se é possivel, do que d'antes;  
 Mas n'isso deve haver certa medida.  
 Sê embora um velhaco, um libertino,  
 Um lobo tragador do teu rebanho;  
 Mas devem outras ser as apparencias :  
 De outro modo, serás mal reputado  
 E muita duração os teus prazeres  
 Não podem ter, se não mudares logo. —

35

Do brando leito espavorido salta ;  
 Na visão acredita, e volta prestes  
 Em menos de oito dias ao Bispado :  
 Em modesta liteira então passeia ;  
 Aos pobres manda dar todos os dias  
 Seu caldo por jantar e ás terças-feiras  
 Déz réis a cada um, sendo aleijado. »  
 Dizendo que occultava muitas cousas,  
 Acabou de fallar a Hypocrisia.  
 Tam somente restava o Fanatismo,  
 Que tinha sobre todos ascendente,  
 E d'aquelle palestra a Presidencia.

« A vossa exposição (assim começa)  
 Com prazer escutei; tudo promette  
 Um exito feliz á nossa empresa.  
 Aquelle furioso e ardente zélo,  
 Que em Paris fez correr rios de sangue  
 Na celebrada noite dos franceses,  
 Aquelle matador e fero Genio,

Que os duros castelhanos animava  
A regar d'indiano sangue um dia  
O Mexico, e Perú, entre este Povo  
Agora mesmo eu incitar podia.  
Um inglez, um gentio, um mahometano,  
Se as leis civis o não vedassem tanto,  
Com a mesma presteza assassinados  
Aqui seriam, como a um Cão se mata ;  
Pois por alma de Cão qualquer é tido,  
Que a sancta fe de Roma não professa  
Agora pois so resta qu'assentemos,  
Se deve ser aqui, ou em Coimbra,  
A nossa cara Irmã enthronizada.  
N'esta Côrte, annos ha, se tem fundado,  
Uma cousa chamada Academia :  
Mas isto quanto a mim sem diferença  
É um corpo sem alma, que não pôde  
Produzir acção propria ou um phantasma  
Qu'em bem poucos minutos se dissipá.  
O meu voto é que vamos demandando  
O mesmo assento, d'onde foi lançada  
A mansa Estupidez injustamente.  
Cobrar novos esforços é preciso ;  
Que por fim a victória está segura. »

Todas em uma voz n'isto concordam.  
Entretanto saltava de contente  
A molle Estupidez, com taes risadas,  
Que nos montes visinhos retumbavam.

## CANTO TERCEIRO

Do fertil Portugal quasi no centro  
A vistosa Coimbra está fundada :  
Pelo cume suberbo de alto monte,  
E pelas fraldas, que o Poente avistam,  
Vai-se ao longo estendendo, até que chega  
A beber do Mondego as mansas aguas.  
Defronte outra montanha senhoreia  
A líquida corrente dividida  
De longa Ponte pelos grossos arcos.  
Apraziveis campinas, ferteis valles  
Do crystallino rio retalhados,  
Emtórno a cercam, aos habitantes dando  
Os mais bellos passeios do Universo.  
Da fronteira montanha, que dominam  
Dous famosos Conventos, se desfructa  
A linda perspectiva da Cidade,  
Que tem tanto de bella, quanto é dentro  
Immunda, irregular e mal calçada.  
A terra é pobre, é falta de commércio;

O Povo habitador é gente infame,  
 Avarenta, sem fé, sem probidade,  
 Inimiga cruel dos Estudantes;  
 Mas amiga das suas pobres bolsas.  
 Aqui de muito tempo está fundada  
 A nobre Academia Lusitana.

O Monstro, que é dotado de cem olhos,  
 Que ao longe avista os mais pequenos vultos;  
 Que debaixo do tecto o mais forrado,  
 Nada se passa sem lhe ser notorio;  
 O Monstro, que por outras tantas bôccas,  
 Quanto sabe, e não sabe, põe patente,  
 Aqui em altas vozes apregoa,  
 Que vem a Estupidez em breve tempo  
 Seus dominios cobrar, seu diadema,  
 Armada de terrivel companhia.

Na minha phantasia accende, ó Musa!  
 Um fogo vivo; põe na minha lingua  
 Expressivas palavras com que pinte  
 As proezas que vou dizer agora.  
 A academica Gente alvoroçada  
 Não pensa, não conversa n'outra cousa :  
 Em quasi todos geralmente reina  
 Excessiva alegria, e nos Conventos,  
 (De que consta a Cidade em grande parte)  
 Mandam os Guardiães, que os Refeitorios,  
 De mais vinho, e presunto se reencham.  
 Da Universidade o grande Chefe  
 Um Claustro-universal convoca logo,  
 Para que em pleno-conselho votem todos,  
 O que deve fazer-se n'este caso.  
 Em comprido salão, cujas paredes  
 Ricamente compostas teem em ordem  
 Dos Lusitanos Rêis proprios retratos,

Em suberba cadeira se apresenta  
 O Reitor, e por um, e outro lado  
 Os Lentes, e Doctores assentados,  
 Segundo o vão capricho o destinara,  
 A dar o seu par, cer s'apromptam todos.  
 Tira n'isto o barrete o Presidente,  
 E ao Lente-Primaz de Theologia  
 Acena, que comece; logo feita  
 Ao Congresso em geral submissa venia,  
 O seu voto profere n'estes termos :

« Muito illustres e sabios Academicos ;  
 Por direito divino, e por humano,  
 Creio, que deve ser restituída  
 Á grande Estupidez a dignidade  
 Que n'esta Academia gozou sempre.  
 Bem sabeis, quam sagrados os direitos  
 Da antiguidade são : por elles somos  
 Ao logar, que occupámos, elevados ;  
 Occulta vos não é a violencia.  
 Com que foi d'esta posse desbulhada.  
 Vós testimunhas sois dos sentimentos  
 Com que a vimos partir tam desprezada ;  
 Porém sempre, a pezar do seu desterro,  
 Constante tributei dentro em meu peito  
 Homenagens devidas á que fôra  
 Na minha infancia carinhosa Mestra,  
 E na velhice singular Patrona.  
 Entrai pois, Companheiros, em vós mesmos,  
 Ponderai sem paixão, para que serve  
 As pestanas queimar sobre os Auctores,  
 A estimavel saúde arruinando !  
 P'ra levar este tempo em bom socêgo,  
 Divertir, e passar alegremente,  
 Acaso precisaes de mais sciencia ?  
 Se os dias d'esta breve e curta vida

Tivessemos co'os livros perturbado,  
 Houveramos acaso mais prebendas,  
 Mais dinheiro, mais honra, mais estima?  
 De que podem servir estes estudos,  
 Que mais da moda se cultivam hoje?  
 A barb'ra geometria tam gabada,  
 Que mil proposições todas hereticas  
 Aqui faz ensinar publicamente,  
 Sabeis para que presta n'este mundo?  
 Diga-o a Inquisição, e mais não digo,  
 Ó gothicos estudos nunca ouvidos,  
 Nos tempos, em que tanto florecia  
 Um Ceara, maior do que o seu nome,  
 Um Pupillo, um Fr. Paulo de San' Mauro,  
 Que sempre chorarão os Frades Bentos!  
 Historias-naturaes, Phoronomias,  
 Chymicas, Anatomias, e outros nomes,  
 Dificeis de reter, são as sciencias,  
 Que vieram trazer os Estrangeiros.  
 Ha cousa mais cruel, mais deshumana  
 Mais contrária á razão, que ver os Medicos  
 Um cadaver humano espatifando,  
 Um corpo, que habitou o Esp'ritu-Sancto?  
 Nunca tal practicastes, ó bom Lopes!  
 Quando pelo Natal em um Carneiro  
 O bofe, o coração, as tripas todas  
 A teus habeis Discípulos mostravas.  
 Quem pôde sem desprezo ver um Lente,  
 De immensos Estudantes rodeiado,  
 Pelos campos vagar, alli colhendo  
 Uma hervinha, uma flôr, um Gafanhoto?  
 Acolá c'um fuzil ferindo as pedras?  
 Deixemos pois um dia, ó sábia Gente!  
 Estes prestigios, que nos teem cegado;  
 Ponhamos, como d'antes, estas cousas  
 Em seu antiquo ser : como bons Filhos

Recebamos a nossa Protectora :  
O que foi sempre seu, em paz governe. »

Qual sussurrante enxame, que em tumulto  
Segue a vereda, que seguiu a Mestra,  
Assim dos Frades todos, e dos bécas  
Seguiu a turba o explanado voto.  
Algum d'estes talvez quizesse oppor-se ;  
Mas de um Collega refutar os dictos  
Da honra do Collegio é menoscabo.  
A porção principal tinha votado.  
Faltava a outra, que em desprezo é tida :  
Lentes de capa-e-espada são chamados,  
Que aos Collegios não teem algum accesso,  
Nem recolhem da Igreja os doces fructos.  
Pelo mesmo teor votaram muitos ;  
Mas chegando o Tirceu homem singelo,  
Que seus dias consome sóbre os livros  
Contemplando a profunda Natureza,  
Os longos comprimentos põe de parte,  
com voz resoluta assim começa :

« Não é a glória vã de distinguir-me,  
Quem me obriga encontrar a tantos votos,  
Que por serem conformes, talvez sejam,  
Ao parecer de muitos, verdadeiros.  
A glória do meu Rei, o amor da Patria  
São douis fortes motivos, que me impellem  
A dizer fracamente quanto penso,  
Trazei, Sabios illustres, á memória  
Aquelle tempo em que contentes visteis  
Entrar n'esta cidade triumphante  
O grande, invicto, o immortal Carvalho,  
As vezes de seu Rei representando,  
D'aquelle sabio Rei, cujo retrato  
Inda agora me anima, e me dá forças,

Para que em seu favor, em sua glória  
Derramando o meu sangue exhale a vida.  
Visteis ao gran' Marquez, qual sol brilhante  
De escura noite dissipando as trevas,  
A frouxa Estupidez lançar ao longe,  
E erigir á Sciencia novo throno  
Em sabios estatutos estribado.  
Das vossas mesmas bôccas retumbaram  
Canticos de louvor n'estas paredes,  
O triumpho cantasteis na presença  
De zeloso Ministro respeitado.  
Que diff' rente linguagem hoje escuto?  
Como é possivel, que sem péjo, ou honra;  
O contrário digaes do que dissesteis?  
As sublimes sciencias da Natura  
Como podeis tractar com tal desprezo?  
Ó tu, sombra immortal! ó gran' Ministro!  
Da face do teu Deus, onde repousas  
(A cabêça abanou, deu tres cuadas  
Ouvindo esta heresia o bom Bustoque)  
Vem um instante apparecer agora  
Aqui n'esta Assembleia, e d'estas bôccas,  
Que em teu nome entoavam tantos hymnos  
Ao heroico triumpho das sciencias,  
Blasphemias ouvirá... Mas ah! não venhas;  
Nem permittam os Ceos que tanto saibas.  
Que dôr a tua, que afflicção não fôra  
Ver sem fructo as vigilias, os trabalhos,  
Que por zélo da Patria padeceste!  
Ver, sóbretudo, ingratos e falsarios,  
Que affectando apparencias d'alegria,  
No fundo do seu peito idolatravam  
A molle Estupidez, como uma Deusa!  
Se o mesmo, que então eras, hoje fosses,  
Quizera, ó Pae da Patria! que tivessem  
Com a tua presença validade

As minhas vozes, o meu zélo ardente.  
 Ainda reinará (com mágoa o digo)  
 Em nossa Académia essa tyranna,  
 Essa vã Divindade; mas protesto,  
 Que nem hoje o approvo, e que inimigo  
 Ha-de em mim encontrar, em quanto o sangue  
 Seu círculo fizer n'este meu corpo.  
 Se algum de vós, illustres Companheiros,  
 Comigo pensa, sem temor exponha,  
 Apezar da torrente, as seus discursos.  
 As almas varonis nunca temeram,  
 Ainda á vista dos maiores p'ríglos,  
 Pola glória da Patria, e da verdade  
 Expor a vida, derramar seu sangue... »

Ao dizer estas vozes se arrasavam  
 De lagrymas seus olhos, e as palavras  
 Ja prêses lhe ficavam na garganta.  
 Os Homens grandes, os Varões preclaros  
 Tambem sabem chorar, quando a ternura,  
 A bem da humanidade, os estimula.  
 Nos animos fradescos, e nos Bécas  
 Contra Tirceu um tal rancor fervia,  
 Que vivo o tragariam, se a presença  
 Do serio Presidente o permittisse.  
 Disfarçando porêm, com riso, e mofa,  
 A dissonante falla receberam.

Acabou-se a funcção, e timorato  
 Não decide o Reitor, o que se faça.  
 Era ja noite, e nos Collegios ambos  
 Exquisitos manjares esperavam  
 Aos rubicundos e nutridos Bécas.  
 Nos Conventos porêm cousa mais grossa,  
 Em que o dente atolasse, prepaaavam :  
 Famosas postas de vitella tenra

Sobre as brasas chiavam nos espetos;  
 Peruns assados, e tremendos quartos  
 De bom carneiro por mil modos feitos,  
 Muito vinho, e presunto, eram as massas  
 Com que os seus Refeitorios adubavam.  
 Em quanto os outros com prazer comiam,  
 E á saúde da Deusa grandes copos  
 De bom vinho enxugavam; pensativo  
 O timido Reitor escrupuloso  
 Passeia as salas todas, té que chega  
 O Patricio a saber « se inda não ceia  
 Sua Excellencia, que ja eram horas. »  
 Responde-lhe, « que não, que estava afflito, »  
 E os motivos lhe conta, consultando-o.

— « É bom caso, Senhor, vossa Excellencia,  
 Do que deve fazer inda duvida?  
 Depois de ser d'um voto tanta gente  
 Tam sábia, tam distinta? Pouco importa  
 O que diz meia duzia d'esses homens,  
 Que apenas são por Lentes conhecidos.  
 Coma vossa Excellencia alguma cousa,  
 Durma, que tudo em paz ha-de fazer-se. »

Assim o consolou o bom Mordomo.  
 Sua Excellencia mais quieta fica;  
 Um pouco come; e no seu brando leito  
 Vai allívio buscar a seu cuidado.  
 As Furias, que em Comibra ja se achavam,  
 Que no Claustro-geral tinham estado,  
 Do famoso Orador pondo na lingua  
 Palavras, que a seu caso mais faziam,  
 Ao sombrio logar, onde descança  
 O languido Morpheu, ligeiras voam.  
 Nunca alli penetrou a luz da Aurora;  
 Em perenne repouso dorme tudo.

Somente os frescos Zephyros brincando  
Com suave sussurro as folhas movem ;  
Murmúra ao longe a crystallina fonte,  
Escabrosas pedrinhas volteando.

Sôbre viçosa relva recostado,  
Entre rubras papoulas, verdes myrtos  
Nada pressente o deus do que se passa.  
Então depressa no soturno bosque,  
Ja quasi dormitando as flôres colhem,  
Que a molle cabeceira lhe formavam ;  
Dos somniferos ares se retiram,  
E de improviso ao bello quarto chegam,  
Aonde ainda perplexo o Presidente  
Com os olhos no tecto vigiava.  
Mal das flôres se espalha o grato cheiro,  
Boceja, estende os braços, adormece.  
O Fanatismo então, tomando a fórmâ  
D'um pequeno Rapaz gordo e risonho,  
Juncto ao leito volteja em curtos gyros,  
E com doces palavras assim falla :

« Não te assustes ó Homem venerando !  
Eu não sou cousa-má, que te appareça,  
Tuas altas virtudes me encaminham  
D'esta dúvida vã a pôr-te fóra.  
Aos Lentes, Doctores, e Estudantes  
Ordena, que á manhã de tarde saiam  
A receber em préstio, pomposo  
A nobre Estupidez : faze lhe as honras,  
Que lhe são por direito bem devidas. »

Com mais se não cançou o Fanatismo,  
Pois sair com a sua não duvida ;  
Nem Minerva subtil e poderosa  
Aqui ja lhe fazia a menor guerra.  
Deixou por uma vez os Portuguezes,

Como gente rebelde e refractaria,  
Com a sua ignorancia, e preconceitos  
Docemente abraçados. N'isto acorda  
O devoto Reitor; e inda imagina  
Que um divino clarão no quarto brilha.  
Da eama salta, e a toda a pressa manda  
Que venha o Secretario, e os Escreventes.  
Um comprido edital se lavra logo:  
Que as ordens da visão, continha todas,  
Pelas mesmas palavras, com que a ouvira.  
O docto Secretario, que em Aveiro  
Alçou ja vara-branca, o *subescripsi*  
Põe no fim do papel, e o Presidente  
Por extenso ~~se~~ assina em letra-grande.

## CANTO QUARTO

Apenas o Edital se põe na porta  
Da grande sala, que p'ra os Actos serve,  
Entre o corpo, que fórm'a a Academia  
Um novo reboliço, um alvorôço  
Geralmente se move; não se fiam  
Na fe dos que referem a noticia :  
Desejam com seus olhos vêr a nova,  
Que tam doce alegria lhes motiva.  
Deixam os Estudantes nos bilhares  
A partida no meio; e perturbados,  
Das capas lançam mão, como sucede;  
Mas o dono da casa, que o barato  
Não dá por bem parado, clama, e grita :  
« Parceirinhos, pagar; nada me importa  
Que venha a Estupidez, ou que não venha. »  
Dão-lhe dous encontrões, por terra o lançam;  
E, a qual primeiro, pelas ruas correm.  
Outros no Sete-e-ponto extasiados,  
No Wisth, no Marimba, e mais na Banca,

Os dados com as cartas deitam fóra.  
 Jamais os obrigou a tanto excesso  
 Nem do lúgubre sino o toque infansto,  
 Que os chama ás Aulas, nem tam pouco a ama  
 Com a nojenta vacca ao lume posta  
 Praguejando a tardança, e quem lh'a causa;  
 Nem ainda a venal e immunda môça,  
 Que fretada os espera a certas horas.  
 Tal a cega paixão, o vil apêgo,  
 Que estes miseros môços teem aos vicios !  
 Esta Gente revôlta e mal-criada,  
 Tam suberba e ociosa, que entre tantos,  
 Apenas se acham, quando muito, doze,  
 Que o nome d'Estudantes bem mereçam,  
 A ler o Edital chegam a montes;  
 E batendo nas palmas : « Bravo ! bravo !  
 Ó que férias agora não teremos !  
 Viva a Estupidez ! » dizem, saltando.

Nos Collegios, Conventos, e nas Casas  
 Os Doctores, os Frades, e Estudantes  
 Disputam sóbre o caso ; e mil castellos  
 Ácérica do futuro levantando  
 Melhorar de fortuna todos cuidam.  
 N'estas gratas ideias se recreiam,  
 Até que o sino a grandes vozes brada,  
 Que venham todos, que é chegada a hora  
 Em que o novo edital cumprir se deve  
 Promptamente concorrem, e marchando  
 Ao rude som d'ingratos instrumentos  
 Vão a Deusa esperar além da Ponte.  
 Ainda bem ao Convento franciscano  
 O préstito não chega, eis de repente  
 Uma nuvem brilhante vem ao longe,  
 De luzentes estrellas esmaltada ;  
 No meio um throno ricamente feito ;

A molle Estupidez n'elle sentada.  
 Entre tanto apparato la disfarça  
 A sua horrenda e natural figura :  
 É tudo traça das astutas Furias.  
 Mansos ventos curvados encaminham  
 A majestosa pompa : em terra postos  
 Os suberbos joelhos, com as palmas  
 Para o Ceo levantadas, se assombravam  
 De ver baixar com tanta majestade  
 A Deusa tutelar da sua Athenas.  
 Brandamente ondeando a nuvem pára  
 Aonde, co'o Reitor, os Lentes-chefes  
 Com o queixo caido, presenceiam  
 Tam grande maravilha nunca vista.  
 Tem de recato um sumptuoso pállio,  
 Com que a Deusa recebem reverentes.  
 Cousa mais espantosa, de improviso  
 O caminho, que trouxe, a nuvem segue !  
 A frouxa Divindade, por tres vezes,  
 Com alegre semblante, a todos lança  
 Uma benção papal, como a bons filhos.  
 Os Donatos repicam : e á contendia  
 As descaradas móças dos Conventos ;  
 E pelas Freguezias vis garotos :  
 Ninguem se intende com tammanha bulha.  
 Á janellas acode, acode ás ruas  
 De toda a qualidade immenso povo.

Entretanto com passo vagaroso  
 Duas compridas alas s'encaminham  
 Ao antiquo Mosteiro, que disfructam  
 Os reverendos Cruzios satisfeitos  
 De hospedar esta noite a Protectora  
 Da sua sancta Casa. Á portaria  
 Com alegres festins é recebida.  
 De noite em toda a parte as luminarias

Fazem emulação á luz do dia.  
Em função de barriga, e de badalo  
Fazem os Frades consistir a festa.  
Mas o pio Reitor, que obediente  
Ao milagroso sonho ser deseja,  
De novo ordena, que se apromptem todos  
Que na manhã seguinte bem montados  
Iriam conduzir á Academia  
A Régia Estupidez sua Senhora.  
Assignala tembem os Oradores,  
Que haviam celebrar tam grande feito.  
O valido Mordomo, que algum dia  
De mochila exerceu o nobre emprêgo,  
Toma a seu cargo o aprestar as bêstas.  
Ainda descancava a roixa Aurora  
Nos braços d'Amphitrite, eis que os Lacaios  
As portas dos Doctores despedaçam  
A fortes golpes de calhaus tremendos.  
Abrem a seu pezar os frouxos olhos  
Estas almas ditosas, engolphadas  
Em mil suaves e felices sonhos;  
Mas não vendo luzir o Sol nas frestas  
Querem o somno agasalhar de novo.  
Debalde o querem, que os valentes môcos  
Cada vez as pancadas mais duplicam.  
Tal ha, que a mil Diabos encommenda  
Os Lacaios, e a quem lh'os manda á porta;  
Por vér o seu descânço interrompido,  
O seu sonno de doze boas horas.  
Mas emfim, o motivo é forte e justo;  
E para aparecer á Divindade  
É preciso o cabello bem composto  
A batina escovada, a volta limpa;  
Cousas, em que despendem longo tempo.  
Cada qual asseiado, o mais que pôde,  
Vai buscar o Reitor, e em companhia

D'uma rica berlinda, a seis tirada,  
 No patio de Samsão se ajunctam todos.  
 Reverentes a mão todos lhe beijam,  
 E a todos vai lançando a sancta bênção.  
 Chega emfim ao Prior, elle prostrado,  
 « O Deusa! (assim lhe diz) ampara, e zela  
 A estes Filhos, que te adoram tanto.  
 Por ti d'este sessêgo é que gozâmos.  
 Esta forte saúde, esta alegria  
 Desfructamos por tua alta bondade.  
 Seria para nós ditosa sorte,  
 Se fizesses aqui tua morada ;  
 Mas ja que somos n'isso desgraçados,  
 Benigno influxo sôbre nós derrama,  
 Que a nossa gratidão será constante. »

Abraça-o ternamente a Divindade ;  
 Diz lhe « que se console, que ella sempre  
 Nos seus olhos trazia a tam bons Filhos. »  
 Os subertos capellos alli tomam ;  
 Brancos, verdes, vermelhos, amarellos,  
 Azul-ferrete, ou claro ; o mesmo as borlas :  
 Por humildade os Frades só barrete.  
 Em duas grandes alas repartidos  
 Os barrigudos e vermelhos monges  
 Acompanham saídosos esta grata,  
 E d'elles sempre amada Padroeira.  
 A nobre comitiva dos Doctores  
 Entre os braços a toma, a qual primeiro,  
 E quasi ao collo na berlinda a mette.  
 Logo montados pelas ruas tomam,  
 Que de mais Povo são sempre assistidas.  
 Uns d'encarnado vão todos cobertos,  
 Altivos, suberbões comsigo assentam,  
 Que não ha no Universo outras figuras  
 De mais contemplação, de mais respeito ;

O vermelho durante ás bêstas serve  
 De compridas gualdrapas; outros picam  
 O fogoso Cavallo, quando passam  
 Pela porta de tal, ou tal Senhora.  
 De preto muitos vão; porém os Frades  
 Vestem ao mesmo tempo várias còres,  
 Branco com preto, azul com encarnado :  
 Se tu, ó gran Fidalgo de la mancha  
 Famoso Dom Quichote! esta aventura  
 Nos teus andantes dias encontrasses,  
 Á sem-par Dulcinéa, quantos d'estes  
 A render vassallagem mandarias !  
 Tu que não perdoaste aos pobres Padres  
 Conduzindo a cavallo, por ser longe,  
 Entre archotes, e vélas um defuncto,  
 Que os fizestes voar de susto e mèdo  
 Pelos campos, e montes, que fizeras  
 A esta encamisada de Doctores?  
 Por Gente feiticeira endiabrada,  
 Por maus incantadores os terias :  
 Como taes o furor de Rossinante,  
 Do elmo de Mambrino as influencias,  
 E o pesado lanção expr'imentaram.

Musa, renova no teu Vate o fogo  
 Com que accendeste, outrora, a sábia mente  
 Não digo de Despréaux, d'aquelle activo  
 E discreto Diniz na Hyssopaida ;  
 Renova, em quanto acabo, que a priguça  
 Da molle Estupidez ja me acommette ;  
 Ja coméço a sentir os seus effeitos.  
 Mas oh! que um estro de repente agita  
 O meu intendimento. Eu vejo, eu vejo,  
 Da nossa Academia ao grande patio  
 Chegar contente a numerosa tropa ;  
 Em triumpho é levada a Deusa Augusta

A um suberbo e majestoso throno :  
 Gemem debaixo d'elle aferrolhados  
 A Sciencia, a Razão, o Desabuso.  
 Poem-se em socêgo os Assistentes todos;  
 Levanta-se o Bustoque, e de joelhos  
 Á Deusa pede uma comprida venia :  
 Em barbaro latim começa ufano  
 A tecer friamente um elogio  
 Á sua Protectora; e n'elle mostra,  
 O quanto é indecente, que nas Aulas  
 Em Portuguez se falle, profanando  
 A sacra Theologia, e as mais sciencias:  
 Que em fórmā syllogistica se devem  
 Os argumentos pôr : sem syllogismo,  
 Não sabe como possa haver verdade.  
 N'isto mais d'hora gasta ; e emfim conclue  
 Animando a que sejam sempre firmes  
 Na fe, que devem a tam alta Deusa.

Levanta-se depois o gran' Pedrozo,  
 Que de prima a cadeira em Leis occupa,  
 Com a béca estendida, a mão no peito  
 Prostra-se em terra, a sua venia pede  
 Á molle Estupidez, que muito folga.  
 De ver um Filho seu com tal presença,  
 Tam cheio de si mesmo, tam inchado.  
 Principia a fallar com voz d'estalo ;  
 Com a esquerda acciona, e co'a direita  
 (Que estende as mais das vezes sobre o peito)  
 Sua em mostrar a vā Genealogia  
 Da nobre Deusa, a quem louvar pretende.  
 A sua antiguidade patenteia :  
 Faz depois elogios nunca ouvidos  
 Ao Direito-romano; e no remate  
 Concorda em tudo com o seu collega.  
 Vem depois o Reitor, jura por todos

Submissa obediencia, e lealdade.  
 Da molle Estupidez põe na cabêca  
 Uma importante c'roa cravejada  
 De finissimas pedras do Oriente.  
 As mãos lhe beija logo respeitoso,  
 E manda a todos, que outro tanto façam.  
 Os Oradores véem : off'rece um d'elles  
 A discreta oração *de sapientia*,  
 Que foi causa de ser tam cedo Lente.  
 O outro o mesmo faz da sua Analyse  
 Do parto septimestre, cousa prima!  
 Um bando de Rhetoricos rançosos  
 Depois acode; um d'elles assim falla :  
 (Parece, que Bezerra se apellida)  
 « Soberana Senhora, a vossos plantas  
 Tendes rendida por vontade, e gôsto,  
 A porção principal do vosso Reino.  
 As portas das sciencias nós guardâmos :  
 Porque sendo as palavras distintivo  
 Que dos brutos separa e especie humana,  
 Eu creio que so n'ellas deve o homem  
 Da vida despender os curtos dias.  
 A Mocidade pois assim levâmos  
 N'esta bella sciencia industriada.  
 Quando a mesma palavra se repete  
 Ou duas, ou tres vezes, lhe dizemos  
 O nome, que isto tem : quantas apostrophes  
 Póde o exordio conter, sem ser notado.  
 N'estas cousas, e n'outras similhantes  
 De sorte os engolphâmos ; que surprezo  
 Fica o gosto, se o teem, às vãs sciencias,  
 Que servem de cançar o esp'ritu humano.

— « Ó bom Filho! insisti n'esse sistema,  
 Que por ser verdadeiro mais me agrada. »  
 (Abrançando-o lhe diz a Divindade.)

Vem atraç um Varão muito asseiado,  
 Um livro traz na mão mui douradinho :  
 Ó Deusa singular! a quem respeito,  
 Esquecido da minha Fidalguia,  
 Este Poema fiz, que Joanneida  
 Por nome tem ; humilde vol-o off'reço,  
 Dignai-vos aceitar a minha offrenda. »

— « Ó meu Morgado ! quanto sou contente  
 Da tua offerta, vél-o-has com o tempo ;  
 Aqui ao pé de mim quero te assentes.  
 « Para mostrar o quanto te venero. »  
 Assenta-o juncto a si a Divindade.  
 Dos Estudantes vem a turba immensa ;  
 Um lhe offerece uma flôr, outro um bichinho,  
 Um ninho de pardal, um gafanhoto,  
 Da Historia-natural suados fructos !  
 Outro vem todo afflito mil queixumes  
 Formando contra um tal, que lhe usurpara  
 A glória de fazer ja sete máchinas,  
 Que subiram ao ar com bom successo.

« Filhos amados (lhes replica a Deusa)  
 Esse vosso cuidado me consola ;  
 Esse desvelo de ajuntar cousinhas  
 Tam lindas, tam bonitas, bem recreia  
 Uma alma como a vossa tam sensivel.  
 Prosegui n'esse estudo, eu vos prometto  
 A minha protecção em toda a vida. »  
 Ao queixoso assim diz : « Sinto deveras  
 Que tenhas essa causa de tristeza ;  
 Mas ólha um bom remédio : outras de novo  
 Obra, que la irei mesmo em pessoa  
 Assistir a fazer justiça inteira. »  
 Os Doctores véem logo por seu turno

Vassallagem render, e vão passando.  
A molle Estupidez brinca entretanto  
Com os lindos anneis do bom Morgado,  
Que afflito não quizera ter tal honra,  
Receiendo, que alli se descobrisse,  
Que cabello não é, mas que lhe cobre  
A luzidia calva, cabelleira ;  
Por que em menos não préza o ser bonito,  
Do que Fidalgo ser, e ser Poeta.  
Seguem-se finalmente os Lentes todos,  
Que são alegremente recebidos.  
Mas chegando o Trigozo, fica a Deusa  
Assombrada de vêr tal catadura  
Não menos carregada que a d'um touro,  
Que sopra, e para traz a terra lança,  
Quando para investir se ensaia irado.  
Com immensa alegria rematada  
A geral confissão de vassallagem :

Em paz gozai (a Deusa assim profere)  
Da minha proteccão, do meu amparo,  
Eu gostosa vos lanço a minha bênção;  
Continuai, como sois, a ser bons Filhos,  
Que a mesma, que hoje sou, hei-de ser sempre.

— 1 —

Constituiu-se a seguinte programação:  
desporto mod. 10000 mts.  
atletismo  
atletismo modal 10000 mts.  
atletismo modal 10000 mts.

## SATYRAS

DG

NICOLAU TOLENTINO DE ALMEIDA

## O BILHAR

Por fugir da cruel melancolia.  
Que a estragada cabêça me atropella,  
Largando o pobre leito, em que jazia.  
Fui sentar-me n'um canto da janella ;  
D'alli pela miuda gelozia  
Espreitando, qual timida donzella,  
De tudo quanto vi te darei parte,  
*Se a tanto me ajudar engenho, e arte.*

Mora defronte roto Guriteiro,  
Com jogo de Bilhar, e Carambola ;  
Onde ao Domingo o lepido Caixeiro  
Co' a loja do Patrão vai dando á sola ;  
Gyra no liso verde taboleiro,  
De indiano marfim lascada bola,  
Erguendo aos ares perigosos saltos :  
Chamão-lhe os Mestres d'arte *truques altos.*

Alli se ajuncta bando de casquinhos,  
 A que o vulgo mordaz chama rafados;  
 Alto topete, prenhe de polvilhos,  
 Que descalço gallego deu fiados;  
 De quebrados tafues, vadios filhos,  
 Pelas vastas tablilhas encostados,  
 Altercam mil questões; promptos contendem,  
 Promptos decidem no que nada intendem.

Um quer ver, enfrontado em picaria,  
 Silvada tésta no andaluz ginete;  
 Outro prova no chão a ponta fria  
 De luzidio virginal florete:  
 Mais amante da paz, outro elogia  
 Do bom *Dupré* o airoso minuete;  
 E pôsto em pe, para imitar-lhe os paços,  
 Alteia o peito, e vai torcendo os braços,

Aventuras de amor outro contando,  
 Mostra os escriptos de Nerina bella,  
 Onde a mão adoravel foi lançando  
 Com pennas de perum letra amarella;  
 Vai com trabalho o triste soletrando  
 As tortas regras, que boçal donzella,  
 De emprestadas finezas carregara,  
 Que piedosa visinha lhe dictara.

Então, diz « que finissima madeixa  
 Lhe ondeia sobre o hombro torneado; »  
 Alli suspira o triste, alli se queixa  
 De ir ja sendo por ella desprezado;  
 Conta, chorando, que esta ingrata o deixa  
 Por esbelto Cadete, que rafado,  
 Por mais que ao Usurario os soldos peça,  
 A bolsa sempre tem como a cabeça.

Alçando mais os olhos, vi defronte  
 Malhando a fio rígido banqueiro;  
 Que tendo ja de marcas alto monte;  
 Ia despindo o misero parceiro;  
 Em quanto um diz « que lavre, outro que conte »  
 Sem valerem os oculos do olheiro,  
 N'uma paz ja vencida, um ponto affoto,  
 Subtilmente lhe encaixa duas de oito.

O perito banqueiro affronta os medos,  
 Tendo nas mãos em que se va vingando;  
 Com cuspo milagroso ungindo os dedos,  
 Vai destramente as cartas recuando;  
 De sciencia infernal, subtis segredos,  
 Com mão ligeira prompto executando,  
 Marcando cartas, inventando nicas,  
 Fazia, em vez de banca, peloticas.

Mas não se livra de subtil calote,  
 Que um velho mansamente lhe tecia,  
 Julgando-o todos misero pixote,  
 Parolins de campanha impune erguia;  
 Embuçado em diaphano capote,  
 Por um buraco os ganhos recebia;  
 Fóra no *Cabra* das melhores pernas,  
 Hoje joga os *tres setes* nas tavernas.

Os roixos olhos para o ar alçados,  
 Encostado na quina de um bufete,  
 Pensativo taful mordia uns dados,  
 Que seis vezes tiraram quatro a sete;  
 Com suspeitas de que eram carregados,  
 Em duro almofariz o triste os mete;  
 E a golpes de martello aberto o centro,  
 Por fóra são marfim, chumbo por dentro.

Mais ao longe, com pallida viseira,  
 Sujo Poeta esta vociferando ;  
 Da nojosa empeçada cabelleira,  
 Várias pontas de palha véem brotando ;  
 Os papeis, que lhe pejam a algibeira,  
 Vão pelo fôrro larga porta achando ;  
 Faz da véstia camisa ; e é collarinho  
 Torcido solitario pescocinho.

Fôra cem vezes em nocturno outeiro  
 Da sábia Padaria apadrinhado ;  
 E diz-se que glosava por dinheiro ;  
 Mas creio, que téqui não tem cobrado :  
 Seguindo em moço o officio de barbeiro,  
 E das filhas de Jove namorado,  
 Abriu ao Mundo asperrima batalha,  
 Tanto co' a penna, como co' a navalha.

Fallou, por affectar Musa campestre,  
 Em surrão, e cajado muitas vezes ;  
 Era um flagello este tyranno mestre  
 Dos ouvidos e faces dos freguezes ;  
 Todos os versos leu da Estatua Equestre,  
 E todos os famosos Entremeses,  
 Que no Arsenal ao vago caminhante  
 Se vendem a cavallo n'um barbante.

De cançada rançosa poesia  
 Grossso volume na algibeira andava ;  
 Em vendo gente, logo la corria,  
 E o fatal cartapacio lhe empurrava ;  
 Acrosticos Sonetos repetia,  
 Que so elle intendia, e so louvava ;  
 Punha em prosa tambem muita parola,  
 E acabava por fim pedindo esmola.

Este ouvindo da turba as prosas frias,  
 E acceso do Parnaso em sancto zelo,  
 Alçando a voz, cantou doces poesias,  
 Que invejou de Latona o filho belo;  
 Jurando que as fizera em poucos dias,  
 Prometteu que as havia dar ao prelo;  
 Mas da roda um dos menos depravados,  
 Em desconto as ouviu dos seus peccados.

« Debalde (diz) o povo vil perverso  
 Sôbre mim descarrega tiros rudos !  
 Que eu não só sou Poeta desde o berço,  
 Mas tambem tenho solidos estudos :  
 Sei que syllabas leva cada verso,  
 E não misturo graves com agudos ;  
 Rompi outeiros em Sanct' Anna, e Chelas,  
 Chamei Sol á Prelada, ás mais, Estrelas.

Co' as sonoras palavras *Pindo* e *Plectro*,  
 Ponho em meus versos locução divina ;  
 E sei, para cumprir as leis do metro,  
 Quanto a historia das fabulas me ensina :  
 Sei que dos Ceos tem Jupiter o sceptro ;  
 Que nos Infernos reina Proserpina ;  
 A' madrugada sempre chamo Aurora,  
 Sempre chamo a um jasmin mimo de Flora.

Sei de certo em que tempo viu o Mundo  
 Filhos da Terra os quatro irmãos Gigantes ;  
 Sei finalmente conhecer a fundo  
 O que são consoantes, ou toantes ;  
 Sei tudo; e unicamente me confundo  
 C'uns taes versinhos, que eu não via d'antes ;  
 Aos novos ursos tudo o povo acode,  
 O estylo é sybillino, o nome é ode.

Fazel-as eu, não pôsso, nem desejo;  
 Porém sei conhecel-as facilmente!  
*Co' as verdes mãos o serpeado Tejo*  
*Alça o trilingue mádido tridente;*  
*Mas que Gorgona filtra? euvejo...! eu vejo...!*  
 Em dizendo isto, é ode certamente,  
 É filha d'arte a escuridade d'ellas,  
 É um preceito das *desordens bellas*.

As taes poesias, que a intender não chego,  
 Podres palavras teem desenterrado;  
 Se levam nó, é tam occulto e cego,  
 Que quem quer desatal-o, vai logrado :  
 Dizem que imitam n'isto um certo grego,  
 Glória de Thebas, Pindaro chamado ;  
 Se isto é assim, a sua lingua de oiro  
 Seria grega, mas fallava moiro.

Quatro rapazes estendendo o pano,  
 Deixam as gentes ao redor absortas ;  
 Fallando em venuzino, e mantuano,  
 As Musas portuguezas poem por portas ;  
 Aprendendo francez, e italiano,  
 E umas taes Linguas, a que chamam mortas,  
 Trazem com ellas perigosas modas ;  
 Mas ainda bem que eu as ignoro todas.

Diz um Sabio « que o Seculo presente  
 Ia emendando os erros do passado ;  
 Mas que das odes a infeliz torrente  
 Tinha a lingua outra vez estropeado ;  
 Que amontoam com mão impertinente,  
 Quantas palavras velhas teem achado ;  
 Que se envergonham das que usamos todos,  
 E vão buscal-as muito além dos Godos.

Como a caruncho, e podridão condena  
 A lição affectada dos antigos,  
 Não leio Barros, Sousa, nem Lucena,  
 Porque sempre foi bom fugir dos p'rigos :  
 Ou sempre escreveu mal a sua pena,  
 Ou nunca os leram bem os taes amigos ;  
 E por cautela, arreda, bolorentos  
 Ginjas fataes do tempo de Quinhentos.

Não podem crer os genios lusitanos,  
 Que as modas, como as vidas, são pequenas ;  
 Que ja murchou esse Estro dos romanos,  
 E influem sobre nós outras Camenas ;  
 Que o Tempo tragador, volvendo os annos,  
 Fez cair Roma, fez cair Athenas ;  
 Que jaz no po a Iliada involvida,  
 E que alça a frete a *Fenis Renascida*. »

*Mais ia per diante o monstro horrendo*  
 Co'o sermão, que ninguem lhe encomendara,  
 Mas inimiga mão lhe foi batendo  
 C'um baralho de cartas pela cara :  
 Era um ponto infeliz, que estando ardendo,  
 No innocent Poeta se vingara ;  
 Que não sentiu o vêr-se maltractado,  
 Mas ter a porcos perolas lançado.

Eis que o dono da casa espavorido,  
 Em castigo da sordida cubiça,  
 Vem co'as mãos na cabeça — « Estou perdido,  
 Tenho as casas cercadas de Justica : »  
 Era Domingo, e um ponto arrependido,  
 Sentiu então o não ter ido á Missa ;  
 Não valem rogos seus, nem do Banqueiro,  
 É mais brando um leão que um quadrilheiro.

Mas ja faminto alcaide carrancudo  
 Grita no meio da voraz procella —  
 « Bota cordão, *Manteiga*, agarra tudo,  
 E sentido não saltem da janella — »  
 Forçoso Quadrilheiro, alto e membrudo,  
 Aos desgraçados põe de sentinella;  
 Soam algémas, lançam-se cordões.  
 Cortam-se atraz os cozes dos calções.

Então o triste povo sitiado  
 Faz das bolsas bandeiras de amizade;  
 Capitúla em dinheiro de contado,  
 Negoceia-se a paz com brevidade :  
 Sentiu-se o bom esbirro lastimado,  
 E aos infelizes deu a liberdade;  
 Pagou-lhe o Ceo tão sancto beneficio,  
 Jaz no enxovia, e tem perdido o officio.

Eis aqui, meu Alcino, tenho exposto  
 A medicina, que me tem sarado;  
 E como trazes o quebrado rosto  
 De lagrimas de dòr sempre inundado,  
 Vem visitar-me um dia, que eu aposto,  
 Que para casa voltarás curado,  
 Nos costumes tambem; que aqui enfreias  
 Às baldas proprias, rindo das alheias.

## A GUERRA

OFFERECIDA AO ILLUSTRISSIMO  
E EXCELLENTISSIMO SENHOR VISCONDE DE VILLA NOVA DA CERVEIRA,  
DEPOIS MARQUEZ DE PONTE DE LIMA; NO ANNO DE 1778

III<sup>mo</sup> e Exc<sup>ma</sup> Senhor,

A Satyra da Guerra, que ponho nas respeitaveis mãos de vossa Excellencia, tem por objecto os costumes, sem que a sua critica aponte, nem remotamente, individuo algum em particular; este é o seu unico merecimento, o qual me esforça a levantala á grande honra de ser offerecida a vossa Excellencia.

Não me acovarda o nome de Satyra, só odioso ao Vulgo ignorante; vossa Excellencia sabe, que quando ella fere nos costumes, sem assignalar os homens, é a especie de poesia, em que mais vezes se dão as mãos os seus dous fins, a utilidade, e o recreio.

A estimação de Horacio, e o desterro de Juvenal, de mistura com o meu genio, me ensinaram a fallar com moderação; e ainda que talvez seja esta a unica instrucção que eu tire das suas obras, com ella me atrevo a esperar

bom acolhimento a uma Satyra, que se em vossa Excellencia não agradar ao homem de bom saber, ao menos não escandalisará o homem de bons costumes.

Vossa Excellencia, que sabe colhêr dos livros mais fructo, que o do prazer, não se envergonhou de ler os Philosophos, que escreveram em verso : a alta Philosophia de costumes, de que vão cheios os livros do antiguidade, nada perde nos olhos de vossa Excellencia, quando vai ornada com as bellezas da poesia.

As diversas especies d'esta Arte são inteiramente conhecidas per vossa Excellencia : eu tive algumas vezes a honra de ouvir fallar a vossa Excellencia nas poesias dos Gregos, dos Romanos, e dos Francezes, fazendo entre ellas tam juntos parallelos, e fallando tanto de dentro, que me pareceria impossivel que vossa Excellencia achasse tempo para os outros estudos mais importantes, com que esclarecia o seu espirito, se eu não tivesse lido, que Cicero no meio do tumulto, e das tempestades de Roma, encarregado dos mais importantes negocios da Republica, achava tempo para ler, e disputar sobre os Poetas, e Philosophos da Grecia, e da sua Patria.

Não me valho da experienzia, que tenho de quanto vossa Excellencia é dado ao estudo das boas Artes, para lhe tecer com isto um elogio; tenho a honra de conhecer a vossa Excellencia, e sei que os seus louvores seriam o unico modo de se lhe fazer odiosa a verdade.

Valho-me d'esta experienzia, Senhor, para desculpa de ir cançar a vossa Excellencia com a leitura dos meus versos O nome de Poeta é desprezado da maior parte dos homens; fazem consistir a Poesia em número de syllabas e na união dos consoantes, e provam com isto a futilidade de arte : é quasi um vicio o ser Poeta; confundem-o com o homem sem character, e imputam á Poesia os erros da humanidade ; e por isso achei natural, que uma arte desprezada pela ignorancia, fosse vingar os seus direitos aos pés de vossa Excellencia.

Os meus versos terão o successo de desagradarem a vossa Excellencia, por serem maus; mas por serem versos, é impossivel que sejam leitura odiosa a quem decorou, e analysa os Poetas de Augusto, e de Luis XIV.

Para Protector dos versos, que offereço, não procurei so em vossa Excellencia o Homem-de-letras, procurei tambem o Ministro-de-Estado. Vejo a Europa em armas; ouço o flagello da guerra ao redor dos confins da minha Patria; e pareceu-me que não desaprovaria a Satyra da Guerra aquelle Ministro habil, que debaixo das direcções dos seus Soberanos, intenta, e consegue, manter uma paz profunda no meio dos fogos das Nações armadas.

E eu abençoarei este trabalho do meu curto ingenho, se vossa Excellencia se dignar de pôr benignamente os olhos sobre elle, e sobre o seu Auctor, o qual é

De vossa Excellencia

O Criado mais humilde

## A GUERRA

Musa, pois cuidas que é sal  
O fel de Auctores perversos,  
E o Mundo levas a mal,  
Porque lèste quatro versos  
De Horacio, e de Juvenal :

Agora os verás queimar,  
Ja que em vão os fecho, e os sumo ;  
E leve o voluvel ar,  
De involta co'o turvo fumo,  
O teu furor de rimar :

Se tu de ferir não cessas,  
Que serve ser bom o intento ?  
Mais carapuças não teças ;  
Que importa dal-as ao vento,  
Se podem achar cabeças ?

Tendo as Satyras por boas,  
Do Parnaso nos dous cumes,  
Em hora negra revoas ;  
Tu dás golpes nos costumes,  
E cuidam que é nas pessoas ;

Deixa esquitar Inglaterra  
Cem naus de alterosa popa ;  
Deixa regar sangue a terra ;  
Que te importa que na Europa  
Haja paz, ou haja guerra ?

Deixa que os bons, e a gentalha  
Brigar ao *Casaca* vão !  
E que em quanto a turba ralha,  
Va recebendo o balcão  
Os despojos da batalha ;

Que tens tu, que ornada história  
Diga que peitos ferinos,  
Em sanguinosa victória,  
Inhumanos, assassinos,  
São do Mundo a honra e a glória ?

As guerras precisas são ;  
N'ellas a paz se assegura ;  
Não mettas em tudo a mão ;  
Musa louca, por ventura  
Encommendam-te o sermão ?

Deixa que o roto Taful,  
A quem na Patria foi mal,  
Va cruzar de Norte a Sul ;  
Cubram-lhe o corpo venal  
Tres palmos de panno azul :

Deixa que em tarimba estreita  
 O desperte a Aurora ingrata;  
 Qu'o duro Cabo, que o espreita,  
 O faça, ao som da chibata,  
 Virar á esquerda, e á direita :

Deixa-lhe em sangue involver  
 Duro pão, que lhe dá Marte;  
 E para podér viver,  
 Deixa-lhe aprender esta arte  
 De matar, e de morrer :

Va juncto á queimada Zona  
 Arvorar, em rotos muros,  
 O estendarte de Bellona;  
 Calejem-lhe os hombros duros  
 As correias da patrona :

Võe-lhe aos ares um pé;  
 Sobre o outro, com valor,  
 A Plutão cem mortos dê;  
 Arda de raiva, e furor,  
 Sem nunca saber porquê :

Sem causa entre dentes trazes  
 A grande arte das batalhas;  
 Murmuras dos seus sequazes;  
 E quando da guerra ralhas,  
 Outra com a lingua fazes :

Dizes que uma guerra acceza  
 É theatro de impiedade;  
 Chamas-lhe crua fereza,  
 Flagello da humanidade,  
 Triste horror da natureza :

Pintas um bravo guerreiro,  
E a meus olhos vens mostrallo,  
Para ferir mais ligeiro,  
Mettendo o ardente cavallo  
Sôbre o exangue companheiro :

A um lado, e a outro lado  
A morte mandando vai  
Co' o sanguinoso traçado,  
Até que elle mesmo cai,  
De um pelouro atravessado.

Co' as cabècas abatidas  
Vão de ferro vil marcados,  
Maldizendo as tristes vidas,  
Mil captivos manietados,  
Vertendo sangue as feridas :

Entre horrorosos tropheos  
O General deshumano  
Manda falso incenso aos Ceos;  
E de espalhar sangue humano  
Vai dando louvor a Deos :

Dizes que se compra quina,  
Porque altas febres desterra ;  
E que em collegios se ensina,  
Em uma aula, a arte da guerra,  
Em outra, a da medicina :

Que no frio, vasto Norte,  
Cem *Boerhaves* eloquentes.  
Enchem de ouro o cofre-forte,  
Porque perdidos doentes  
Arrancam das mãos da Morte :

Que alli mesmo grosso fruto  
 Colhe *Saxe* entre os soldados,  
 Porque em minado reduto  
 Fez voar despedaçados  
 Déz mil homens n'um minuto :

Tirando então consequencias,  
 Zombar dos homens procura,  
 E das suas vãs sciencias ;  
 Sempre cheios de loucuras,  
 E cheios de incoherencias :

Se a paz, em dias felizes,  
 A' cara Patria os conduz,  
 Dizes que estes infelizes  
 Mostram, rindo, os peitos nus,  
 Cortados de cicatrizes :

Que este reconta aos parentes  
 Como em perigoso paço,  
 Zunindo balas ardentes ;  
 Uma lhe quebrou um braco,  
 Outra lhe levou os dentes :

Que outro, da perna cortada  
 Abençoa a horrivel chaga,  
 Porque ao peito pendurada  
 Trará algum dia, em paga,  
 Inutil fita encarnada :

Dizes que entre os animais  
 Prohibe guerras o instincto ;  
 E que surdo a tristes ais,  
 Vês com horror o homem tincto  
 No sangue dos seus iguais :

Musa, não discorres bem ;  
Pois se uns com os outros cabem,  
E junctos a um pasto vem,  
É so porqueinda não sabem  
A virtude que o ouro tem :

Por preciosos metaes  
Não poem peito a bravos mares ;  
Traze exemplos mais iguaes ;  
Sabios homens não compares  
Com os brutos animaes :

Trazem focinho no chão,  
E nós sempre ao alto olhâmos ;  
Temos em dote a razão ;  
E por isso levantâmos  
Uns contra os outros a mão :

Se os homens se não matassem  
E impunemente crescessem,  
Póde ser que não achassem  
Nem fontes de que bebessem,  
Nem campos que semeassem :

Em vão febres inimigas  
Os mirrhados corpos gastam ?  
Tornam as fôrças antigas ;  
E está visto que não bastam  
Nem malinas, nem bexigas :

Travem-se cruas batalhas,  
Arrasem batidos muros  
Os soldados de quem ralhas ;  
Adornem-lhe os membros duros  
Grossas tresdobradas malhas :

Sabe que mil males faz  
 A molle tranquillidade ;  
 E que em seu seio nos traz  
 Brando luxo, e ociosidade,  
 Damnosos filhos da paz :

Que nos causa occultos danos,  
 Fingindo rosto innocent ;  
 Que a guerra de largos annos  
 Conservou antigamente  
 A innocencia dos Romanos :

Que em quanto ao duro exercicio  
 Eram seus corpos afeitos,  
 E da paz não houve indicio,  
 Não lavrava nos seus peitos  
 Mortal peçonha do vicio :

Não havia mãos profanas,  
 Eram suas almas sãs  
 E nas simplices cabanas  
 Fiavam grosseiras lãs  
 As castas môças romanas :

Fez Jano os povos amigos,  
 Inerte ócio os peitos toma ;  
 Co'os combates, co's perigos  
 Foram-se, ó austera Roma !  
 Os teus costumes antigos :

Entre as Nações socegadas  
 Sabe que o ócio arreigado,  
 E as paixões em paz criadas,  
 Fazem mais sangue no Estado,  
 Do que os gumes das espadas :

Deixa pois haver queixumes;  
 Mettam-se Armadas no fundo.  
 Accenda a guerra os seus lumes;  
 Que assim tornará ao Mundo  
 A innocencia dos costumes :

A intacta fé, a verdade  
 Venham com as baterias;  
 Desça do Ceo a Amizade;  
 E torne a dourar os dias  
 De Saturno a antigua idade :

Musa vā, que em ti neo cabes ;  
 Os guerreiros arraialis  
 Nem vituperes, nem gabes ;  
 E não te mettas jamais  
 A falar no que não sabes :

Haja bloqueio, haja assedio;  
 O sangue humano espalhado  
 Nem sempre te cause tédio;  
 Que em boa dóze tomado,  
 Té o veneno é remedio :

Deixa ir o Mundo seu passo;  
 E contra si mesmo armado  
 Córte c'um braço o outro braço;  
 Põe na bôcca um cadeado,  
 Faze o que eu mil vezes faço :

Emprega melhor teu canto,  
 E pois queres que te louvem,  
 Mão das Satyras levanto »  
 Poesias que os homens ouvem;  
 Um c'um riso, e cem com pranto :

De bons annos na função  
 Leva a Filis fria glosa;  
 Beija-lhe a nevada mão;  
 Chama-lhe Venus formosa,  
 Inda que seja um dragão :

Eglogas tambem dão fama ;  
 Fala em surrão, em curral ;  
 E do vulgo os olhos chama  
 Nas paredes do Arsenal,  
 Cheia de applauso, e de lama :

De gallegos rodeiada  
 Aos Aristarcos escapa ;  
 Té que das tendas chamada  
 Sejas protectora capa  
 De manteiga, e marmelada.

## OS AMANTES

OFFERECIDA AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO  
SENHOR MARQUEZ DE ANGEJA DOM JOSÉ DE NORONHA

III<sup>mo</sup> e Exc<sup>mo</sup> Senhor,

Os dias tristes, de que vejo ir cheia a melhor parte da minha vida, me influiram insensivelmente o amor da Poesia; em quanto ordeno as minhas trovas, fujo de mim, e esquivo-me com ellas ao peso dos meus cuidados: a imaginação cançada de objectos que a affligem, busca, para distrahir-se, o commércio das Musas; e os versos que alguma vez fizeram rir os ouvintes, tinham a origem nas lagrimas do seu Auctor.

Hoje, illustrissimo, e Excellentissimo Senhor, motivo mais alto, qual é o desejo de agradar a vossa Excellencia, me fez comprehender a presente Sátyra. Os meus versos acharram o seu Mecenas: vossa Excellencia se digna de os louvar, e de os proteger; e um voto de tanto peso, alvorocando a minha Musa, a faz correr, talvez sem tino, atraz de uma Protecção, que tanto a honra.

Repeti os versos antiguos; e a primeira vez que me

apresentasse a vossa Excellencia, tinha de aparecer com as mãos vasias : intentei Poesia nova; lembrou-me que um Fidalgo moço, a quem a Philosophia temperara sempre os fogos da mocidade, e que afastando do amor os crimes, faz d'elle mais una virtude, gosaria melhor do seu triumpho, pondo-lhe aos olhos uma pintura fiel do amor mal intedido.

Como o meu intento era divertir a vossa Excellencia, ajuntei o prazer á Philosophia da obra, e tracei uma Satyra : este nome assusta o Vulgo ignorante; confunde as Satyras com os libellos infamatorios; as que ha d'esta natureza, são um crime do Poeta, que quer emendar erros fazendo mais um; das melhores cousas se pôde usar mal : a espada nas mãos do assassino é o escandalo da humana-dade; nas mãos do Soldado fiel é a guarda do Throno, e das Leis : vossa Excellencia sabe que a severa Athenas, prohibindo a Satyra da Comedia antigua, e media, levantou Theatros para a nova, porque expunha á irrisão do povo os vicios, sem apontar os homens. O riso não implica com a doctrina : Platão, e Horacio caminharam por estradas diversas; mas ambos foram Philosophos, ambos instruiram os homens : imitando-os na tenção, me animei a ordenar, e a offerecer a vossa Excellencia uma Satyra, que se excitar riso em uns, não o tira das lagrimas de outros; e vossa Excellencia consinta que a minha Musa humilde ponha este tributo de agradecimento nas mãos bemfeitoras do Protector, que a honra : isto pede, Senhor,

De vossa Excellencia

O Criado...

## OS AMANTES

Amor, é falso o que dizes ;  
Teu bom rosto é contrafeito ;  
Tenta novos infelizes ;  
Que eu inda trago no peito  
Mai frescas as cicatrizes :

O teu mel, é mel azedo ;  
Não creio em teu gazalhado ,  
Mostras-me em vão rosto ledo ;  
Ja estou muito escaldado ,  
Ja d'aguas frias hei medo :

Teus premios são pranto, e dor ;  
Chóro os mal gastados annos ,  
Em que servi tal Senhor !  
Mas tirei dos teus enganos  
O sair bom Prégador :

Fartei-te assás a vontade;  
 Em vãos suspiros, e em queixas  
 Me levaste a mocidade;  
 E nem ao menos me deixas  
 Os restos da curta idade?

És como os cães esfaimados  
 Que comendo os troncos quentes,  
 Per destro Negro esfolados,  
 Levam nos ávidos dentes  
 Os ossos ensanguentados?

Bem vejo aljava dourada  
 Os hombros nus adornarte;  
 Amigo, muda de estrada;  
 Põe a mira em outra parte,  
 Que d'aqui não tiras nada :

Busca algum fofo Morgado,  
 Que sólto já dos Tutores,  
 Ao domingo penteadoo,  
 Vai dizendo á toa amores  
 Pelas pias encostado :

Que em sisuda casa honrada,  
 De papeis nunca avarento,  
 Dá com mão refalseada  
 Escriptos de Casamento,  
 Ora á Filha, ora á Criada :

Genealogico comprado  
 Lhe concede, a peso d'ouro,  
 Em Castello imaginado,  
 Cabéça de fusco Mouro,  
 Sobre Escudo golpeado;

Arvores de geração  
 Em pergaminho enrolado,  
 Provas innegaveis são;  
 É um ramo desgraçado  
 De antiguos Rêis de Aragão :

Dando ao moxila o lasão,  
 De Filis a escada emboca,  
 Sempre em ar de protecção ;  
 Alvo palito na boca,  
 Branda varinha na mão :

Zomba dos falsos Brasões,  
 Que não são no bérço achados ;  
 E diz á móça as razões  
 De ter no teliz bordados  
 Dous cães, e quinze leões ;

As historias lhe declara  
 D'aquellas guerras felizes ;  
 E mostra, com mão avara,  
 Os ossos de déz narizes,  
 Que seu quinto Avô cortara :

Aturde a móça boçal  
 Com cem Quintas, cem commendas ;  
 E armando um mappa geral  
 Das suas immensas rendas,  
 Vai-se sem lhe dar real :

Mas se a teus farpões dourados  
 Não achas digno consumo,  
 E os julgas mal empregados  
 N'estas cabécas de fumo,  
 N'estes peitos altanados,

Busca algum novel basbaque,  
 Que por pobre não saia,  
 Mas ja mette o bairro a saque,  
 Depois que ingenhosa Tia  
 Lhe armou de uma saia um fraque :

Que gravesinho namora  
 Com brando e risonho aspeito ;  
 Ponta de lenço de fora ;  
 Mólho de flores no peito,  
 Prenda de certa Senhora :

Que um trapo a seu geito ordena,  
 Temendo o pó das calçadas ;  
 E antes de entrar na Novena,  
 Com cuspo, pelas escadas,  
 Vai dando aos sapatos crena :

De gêlo as perdras cobertas,  
 Como ás vezes me fizeste,  
 Alta noite, e a horas certas,  
 Quando o rigido Nordeste  
 Deixou as ruas desertas ;

Ouça duros assobios,  
 Precursors de alto insulto  
 Retalhem-o ventos frios ;  
 Ladrem ao postado vulto  
 Cem nocturnos cães vadios :

De paisanos salteado,  
 Ronda sem fe, e sem lei,  
 De espadas velhas cercado,  
 E ao som da parte de El Rei,  
 Por fôrça desembuçado :

Membrudo Cabo vermelho  
 O apalpe ante os mais Senhores ;  
 Acha uma escova, e um espelho,  
 Dezoito escriptos de amores,  
 E um sujo lencinho velho :

Firam teus accesos raios  
 Tambem na gentalha vil,  
 De crestados peitos baios,  
 Que começando em barril,  
 Vão por augmento a lacaios :

Busca algum que da cocheira,  
 Quando o Patrão não sai fora,  
 Com os olhos na trapeira,  
 Limpando a sege, namora  
 Desgrenhada Cuzinheira :

Que de noite á sua porta,  
 Com famosos tangedores,  
 Que o *Talaveiras* (1) conforta,  
 Lhe manda ternos amores  
 Sobre as azas da Comporta :

A quem a suja Donzella,  
 Por almoço do costume,  
 Manda em sordida tigella  
 O primitivo chorume  
 Da desflorada panella.

E se te não satisfazes  
 Com tanta conquista brava,  
 Que n'esta canalha fazes,  
 E ainda a funesta aljava  
 Pejada de settas trazes ;

(1) Casa de Povo.

Não tens velhas presumidas,  
Que em fim de mez fingem dôres  
So ás môças concedidas,  
E teem de compradas côres  
As roixas faces tingidas ?

Cuja bôca pestilente,  
Ante um espelho ensaiada,  
Torcendo-se destramente,  
Aprende a abrir a risada  
Por onde inda resta um dente ?

Que ha sessenta annos donzelas,  
(Caso raras vezes visto)  
Teem titulos de Capellas,  
Com um Habito de Christo  
Para quem casar com ellas ?

Busca alguma de bom caco  
Que pela fenda da saia,  
Marinhando o braço fraco,  
Fisga o lenço de cambraia,  
Afastando o de tabaco :

Que em festival sociedade  
Até o rapé reprova,  
Chamando-lhe porquidade :  
E vai fartar-se na alcova  
De Sumonte, e de Cidade :

Amor, faze estas em postas;  
Vai-lhe das lagrimas rindo ;  
Ja que de lagrimas gostas :  
E não andes perseguinto  
A quem te virou as costas :

Porém se da plebe escura  
 Em pouco o triumpho prezas,  
 E queres fina ternura,  
 Extremos, delicadezas,  
 Os freiraticos procura :

Gentes de mais alta esteira ;  
 Ternos finos corações,  
 Que em fechada papeleira  
 Vão guardando em batalhões  
 As cartas da sua Freira :

Em chegando a Conductora,  
 Que os sacrilegios ateia,  
 Um d'estes de gôsto chora.  
 Lambe com respeito a obreia  
 Por ter cuspo da Senhora :

Pôsto na insipida grade,  
 Em almiscar perfumado,  
 Todo amor, todo saudade,  
 Comendo, em doce babado,  
 Os sobejos de algum Frade :

Ao sublime estylo guinda  
 Sua discrição notoria ;  
 A que logo a Freira linda,  
 Revolvendo na memoria  
 Os doux livros de Florinda,

*Responde : Os conceitos sigam  
 Os holocaustos de altar ;  
 Pois são : e as chammas o digam ,  
 Pedir, quem pôde mandar ,  
 Preceitos que mais obrigam :*

Entretanto um Chantre velho,  
 A quem a Rodeira engoda,  
 E que em fechando o Evangelho,  
 Vai metter dentro da roda  
 O seu cachaço vermelho :

Freiratico por fadario,  
 Tam goloso como amante,  
 Condecinhas pelo armario,  
 E sôbre a deserta estante  
 Manjar-branco, e o Breviario :

Que em podre Philosophia,  
 Sectario da antigua Lei,  
 Os *Universaes* sabia;  
 E armado do *A parte rei*,  
 Tudo a eito distinguia :

Arranca oleoso escarro;  
 Diz à Rodeira um conceito  
 D'aquelles, que ja teem sarro;  
 Mette os oculos no peito,  
 Throno de amor, e catarro :

Pois ja que estes peitos vão  
 Franca entrada offerecer-te,  
 Amor, carrega-lhe a mão;  
 Aprendam a conhecer-te,  
 Mas paguem caro a lição :

Mette n'um carcere a Dama;  
 Do bom Chantre os calcanhares  
 Vão cortir gota na cama;  
 E o Secular cruze os mares,  
 Que foi descobrir o Gama;

E se queres empregar  
As tuas settas de prova,  
Quando alva Lua raiar,  
Vai sobre a Ribeira-Nova  
As azas equilibrar :

Brancos vestidos tomados,  
Descobrindo as saias altas;  
Entre as nuvens os toucados;  
E com esbeltos Peraltas  
Os braços entrelaçados :

Verás ser aceito logo  
Teu riso enganoso e brando;  
Não esperam por teu rogo;  
E em tu do alto assoprando,  
Verás chammejar o fogo :

Que alvos dedos delicados  
A furto se vão beijando,  
Em quanto os Paes descuidados  
A loja nova admirando  
Pararam embasbacados !

Verás sisudo Estrangeiro  
Contando grossos tostões  
Ao refinado brejeiro,  
Correio de corações,  
Que se compram por dinheiro :

Verás môça rebocada,  
Na cabêça lenço sujo,  
Rota capa sobraçada,  
Recebendo do Marujo  
Um copo de limonada;

E em quanto escuto os gemidos,  
 Que arrancas de tantos seios,  
 Dexa que em montes erguidos  
 Veja os naufragios alheios,  
 Enxugando os meus vestidos :

Se até nos teus estimados  
 Hervadas settas se embebem ;  
 Se do teu riso enganados  
 Com bôccas sedentas bebem  
 Veneno em vasos dourados :

Vão pé ante pé guiados  
 Per peitada cuzinheira ;  
 Mas vendo os Paes levantados,  
 Dentro de enrolada esteira  
 Ficam n'um canto emboscados :

Quando alta noite sussurra  
 Rijo, sibilante vento,  
 Que as grossas portas empurra ;  
 E acorda o Velho avarento  
 Com os cuidados na burra :

Salta da cama ligeiro ;  
 Corre portas e janellas,  
 Revistando o quarto inteiro,  
 Em ceroulas, e chinellas,  
 Com pistola, e candieiro :

Que tremor de coração,  
 Que semblantes enfiados  
 Os Amantes não terão ?  
 Que co'os collos levantados  
 Ouvindo o rumor estão ?

Da janella debruçada  
 Desinvolte degraus falsos  
 Pallida Dama assustada ;  
 Os mimosos pés descalços,  
 A madeixa ao vento dada :

Pois se estes teus escolhidos,  
 Por cabedaes, por figura,  
 Das Nizes favorecidos,  
 Maldizem sua ventura,  
 E descem arrependidos ;

Como hei-de eu crêr-te, que apenas  
 Vi de longe tranças de ouro ?  
 Debalde outro engano ordenas  
 A quem de ten vão thesoiro  
 Nunca teve mais que penas :

De teu rol meu nome risca ;  
 Em peito inda não cortado  
 Cevados anzóes arrisca ;  
 Mas com peixe ja sangrado,  
 Não gastes a tua isca :

De meu pranto rociadas  
 Penduro as fataes cadeias,  
 Ao som de meus ais forjadas ;  
 Arranco das rotas veias  
 Cruas settas despontadas :

Sangue inocente esparziram ;  
 Mais á ideia me não tragas  
 Uns olhos, que enxutos viram  
 Estas desgraçadas chagas,  
 Que em teu serviço se abriram :

Dei-te os cuidados e os dias;  
De tudo ja foste dono,  
Restam so melancolias;  
Que glória te dá um throno  
Pôsto sobre cinzas frias?

Teus golpes de mim que esperam?  
Dá fol'go aos escravos mancos,  
Que em teu carro entorpeceram;  
Deixa em paz cabellos braneos,  
Que entre os teus ferros nasceram.

## SATYRA

OFFERECIDA AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO  
SENROR DOM MARTINHO DE ALMEIDA, NO ANNO DE 1779.

A vós, que favor me dais  
Illustre e sabio Martinho,  
Que meu fraco ingenho alçais,  
E das letras o caminho  
Dentro d'ellas me mostrais :

Homem são, e sem reserva,  
Que pondes sangue de parte,  
Que vãos respeitos conserva ;  
Nutrido aos braços de Marte  
Com o leite de Minerva :

Vosso Servo hoje se atreve  
A mandar em má poesia  
Bons desejos, que ter deve ;  
Que tenhais paz, e alegria,  
Mais que o triste, que isto escreve :

Que nessas vastas campinas,  
 Que assombram ermos outeiros,  
 Vivais horas mais beninas;  
 Livre de duros Banqueiros,  
 Livre de ingratas Nerinas :

Em boa tarde mandai  
 Farpear bravo novilho;  
 Com o Conde passeai;  
 Ide adoçando co'o Filho  
 Justas saudades do Pai :

Ensinai-lhe altas verdades,  
 Aos vossos olhos patentes;  
 Mostrai-lhe n'essas herdades  
 Os prazeres innocentes,  
 Que fugiram das Cidades :

Que ame a pura singeleza,  
 De que os campos são figura;  
 Que não se fie em grandeza :  
 Que uma é obra da Ventura,  
 E a outra, da Natureza :

Mas voltando a nós a mão,  
 Vós Philosopho profundo,  
 Que conversais com Platão,  
 Vêde se lhe achais um Mundo,  
 Que nos encha o coração!

Que este em que estamos, Senhor,  
 Sempre surdo a sãos conselhos,  
 Volve a roda a seu sabor;  
 E dizem Pilotos velhos,  
 Que vai de mal a peior :

Quantas vezes nós falamos  
 Sôbre a sua natureza?  
 Quantas mazellas lhe achamos?  
 Porém temos a fraqueza  
 De amar o que condemnamos :

O bom *Democritoria*  
 Do que a nós nos causa dor ;  
 Elle mui bem o intendia ;  
 Vamos nós tanbem, Senhor,  
 Fazer o que elle fazia :

Dos homens na vã loucura  
 Um pouco meditaremos ;  
 E com alchymia segura,  
 Do mal alheio faremos  
 Para o nosso mal a cura :

Quando vierdes, então  
 Correremos a Cidade ;  
 Uns que vém, outros que vão ;  
 Acharemos á vontade  
 Onde mettamos a mão :

Veremos o vão Peralta  
 Calcando importuna lama ,  
 Que as alvas meias lhe esmalta ,  
 Na esteira de esquiva Dama ,  
 Que de pedra em pedra salta :

Aos Cafés iremos vêllo  
 No mostrador encostado  
 Sôbre o curvo cotovêllo ,  
 Tendo á esquerda sobraçado  
 Gigante chapeo de pêllo :

Alli em regras de dança,  
Com outros taes conversando,  
Dirá, que desde criança  
Andou sempre viajando,  
Que viu Londres, que viu França ;

Que gastou grossos dinheiros ;  
Pois ver com socego quiz  
Cidades, Reinos inteiros ;  
Jura que como em Pariz  
Nunca achou cabelleireiros :

Exalta os môlhos francezes  
Dos banquetes que lhe deram ;  
E balbuciará ás vezes,  
Fingindo que lhe esqueceram  
Muitos termos portuguezes :

Chamará á Patria ingrata ;  
Murmurará do Governo,  
Que do bom gôsto não trata,  
E consente que de inverno  
Haja fivelas de prata :

Em dous minutos emenda  
O Mundo, que vai perdido ;  
E quer que com elle aprenda  
Em que quadra, e em que vestido  
São proprios punhos de renda :

Carregando a sobrancelha,  
A fallar na história salta ;  
E logo da França velha  
Reconta o pobre Peralta  
Cousas que pescou de orelha :

Faz ao bom *Sully* justiça,  
 Que os fios da espada embota  
 Ao Rei, que em furor se atiça;  
 E não lhe esquece a anecdotá,  
*Que um Reino vale uma Missa*:

Falla em San' Bartholomeu,  
 E quazi que as gólas conta  
 Do sangue que então correu;  
 E ao certo as folhas aponta  
 Da historia que nunca leu!

Riremos do seu estudo,  
 Porque só o tem mostrado  
 Em ter chapeo gadelhudo,  
 Em ter canhão cerceado,  
 E em pôr de mais um canudo:

Iremos ouvir mil petas,  
 Quando mais o Sol se empina,  
 Vendo acerrimos jarretas,  
 Juncto a Sancta Catharina,  
 Argumentando em Gazetas:

Um quer a cabêça dar,  
 Se o Conde de *Estaing* não fez  
 Trinta naus desarvorar;  
 Outro levanta em um mez  
 O cérco de Gibraltar:

Um, riscando a terra, ensina  
 Co' a bengala a Geographia;  
 E nos diz com quem confina  
 Ao poente, e ao Meio-dia  
 A Georgia e a Carolina:

Outro aos Inglezes deseja  
 Na Armada o fogo ateado :  
 E pinta em crua peleja  
 Déz lords fugindo a nado  
 Sobre barris de cerveja :

Outro conta os graves danos,  
 Que esta Gazeta declara  
 Tiveram os castelhanos ;  
 E o triumpho inglez compara  
 Co'os triumphos dos romanos :

Ao seu partido se aferra ;  
 Diz que inda co'os mastos rotos  
 Ao Mundo farão a guerra ;  
 Mas fica vencido em votos,  
 Eleva a breca Inglaterra :

Dão ao Leão furibundo  
 Gibraltar em justa guerra ;  
 E este Concilio profundo  
 Sem ter um palmo de terra,  
 Está repartindo o Mundo :

Dado emfim o inglez á sola,  
 Qualquer dos ditos Confrades  
 Na rôta capa se enrola ;  
 E tendo dado cidades,  
 Nos véem pedir uma esmola :

D'alli, Senhor, voltaremos  
 Pelas Praças principaes ;  
 Que bellas cousas veremos !  
 Que fomosos editaes  
 Pelas esquinas leremos !

*Chegou Monsieur de tal,  
Chymico em Paris formado;  
Traz segredo especial;  
Um Elixir approvado,  
Um remedio universal:*

*Não pretende ajuntar fundo  
Co'os grandes segredos seus;  
E cheio de dó profundo,  
Tira pelo amor de Deus  
Os dentes a todo o mundo:*

Iremos ler no outro lado  
Onde acaso os olhos puz :  
*Em quarto grande, e estampado*  
*Saiu novamente á luz*  
*Carlos Magno commentado :*

Na mesma loja hão-de achar :  
*As Obras de Caldeirão,*  
*Que em bom preço se hão-de dar;*  
*E o Cavalheiro Christão,*  
*E as Regras de Partejar.*

D'estas ridicularias,  
E de outras taes murmurando  
Co'as nossas Philosophias,  
A tarde iremos gastando  
Té que dêem Ave Marias :

Então ja quando em cardume  
Sai gente de Fundição,  
Como sabeis que é costume,  
E ja as visinhas vão  
Pedir ás visinhas lume .

Quando a Dama requestada  
 Um vulto na esquina vê,  
 E diz á fiel Criada,  
 Que desça pé ante pé,  
 E tome o escripto na escada :

Quando todo o Ginja rico  
 Para casa a proa inclina,  
 Por temer facas de bico ;  
 E cuida que a cada esquina  
 Lhe lança mão o *Joanico* :

Então, meu Senhor, teremos  
 Funcção de mais alto preço ;  
 A certa assembleia iremos  
 De uma gente que eu conheço,  
 Onde á vontade riremos :

Feita a geral cortezia,  
 Pé atrás, segundo a moda,  
 Daremos á Mãe, e á Tia,  
 E depois a toda a roda,  
 Alto e malo, Senhoria :

A Mãe, já dragão formal,  
 Espelho de desenganos.  
 E que, por seu grande mal,  
 Ha ja mais de vinte annos,  
 Que guarda a fe conjugal :

Posta de roda no centro,  
 Cruza a perna, mestra abelha ;  
 E de longe a ver-lhe eu entro  
 Sapatos de seda velha,  
 Bicos de pés para dentro :

A Tia séria mulher,  
 Que os longos vestidos seus  
 Ao Carmo manda fazer;  
 E destas que dão a Deus  
 O que o Mundo ja não quer :

Sente um desgosto infinito,  
 Que o Mundo a deixe tam cedo;  
 Affecta mystico esp'rito ;  
 Porém suspira em segredo  
 Polas cebolas do Egito :

*L'Abbé*, que encurta as batinas,  
 Por mostrar bordadas meias,  
 E presidindo em Matinas,  
 Vai depois ás Assembleias  
 Cantar modas co'as meninas;

É quem lhe rouba attenções,  
 E lhe accende um fogo interno;  
 Tracta-o com mil expressões ;  
 Diz lhe quanto ha de mais terno  
 Nos seus Livros de Orações :

Riremos do tal dragão,  
 Que tantas figuras faz;  
 E sabe, com habil mão,  
 Unir em profunda paz  
 Babylonia com Sião :

Pouco ás Filhas fallarei,  
 São feias, e mal creadas ;  
 Mas sempre conseguirei,  
 Que cantem desafinadas  
 De saudades morrerei :

Cantada a vulgar modinha,  
 Que é a dominante agora,  
 Sai a Môça da cuzinha,  
 E diante de Senhora  
 Vem desdobrar a banquinha :

Na farpada meza, logo  
 Bandeja, e bule aparece ;  
 Que mordais os beiços rogo ;  
 Pois são trastes, que parece  
 Que escaparam de algum fogo ,

Em bule chamado Inglez,  
 Que ja para pouco serve,  
 Duas folhas lança, ou trez  
 De cançado cha, que ferve,  
 Com esta, a septima vez :

De fatias, nem o cheiro,  
 Por mais que ás vezes as quiz ;  
 Que o carrancudo Tendeiro,  
 Cançado de gastar giz,  
 Ja não dá pão sem dinheiro :

Sairemos de improviso,  
 Despedidos á Franceza ;  
 E iremos, pois é preciso,  
 Na vossa esplendida meza  
 Largar redea á fome, e ao riso :

De tudo nos lembaremos,  
 A famosa digressão  
 Ao bom Marquez contaremos,  
 E do vermelho Monção  
 Mil saúdes lhe faremos :

Mas, Senhor, agora vejo  
Quanto o pensamento voa;  
Estar com vosco desejo;  
Não podendo co'a pessoa,  
Fui ao menos co'o desejo;

Correu com larguez a mão;  
Escrevi mais do que devo;  
Foi culpa do coração;  
Quando vos falo, ou escrevo,  
As horas instantes são;

Quem me seja pouco afeito,  
Vendo estas regras singelas,  
Dirá com dammado peito,  
Que escrever-vos bagatelas,  
É faltar-vos ao respeito;

Mas vós sois sabio, e sois justo;  
Sabeis a quem me encostei;  
*Boileau*, que escreveu sem susto,  
Fez o mesmo ao grande Rei,  
Fez o mesmo Horacio a Augusto.

## A FUNÇÃO

MUSA, basta de rimar;  
Ja fazes esforços vãos,  
Vai a Lyra pendurar;  
Não sabem trémulas mãos  
Com as cordas acertar;

Ja a velhice pesada  
Te encheu de rugas a testa;  
Ja co' a dura mão gelada  
Te poz a marca funesta  
Na madeixa branqueada;

Teu Estro, falto de meios,  
Ja furta mais do que imita;  
Vas dando airoso passeios,  
E todo o Povo te grita :  
« Larga os vestidos alheios; »

Tua vaidade faz dó;  
 Cinges cascos enrugados,  
 Cheios de caruncho e pó,  
 Com velhos louros furtados  
 Do sepulcro de Boiló :

Lêste por teu mal um dia  
 Este Livro endiabrado ;  
 Tal te poz a phantasia,  
 Que o corpo velho e cançado  
 Inda te pede folia :

Depois que vistosa Quinta  
 Te deu brilhante função,  
 Tu de discordias faminta,  
 Vens com damnada tenção  
 Pôr-me ao pé papel, e tinta ;

Bem me lembra o sitio ameno ;  
 Quanto vi, tenho presente ;  
 Mas a ti é que eu condeno,  
 Que na acção mais inocente  
 Vas sempre deitar veneno :

Com felpudos chapelinhos,  
 Que estofada pluma ornava,  
 Por aprasiveis caminhos,  
 Formoso Esquadrão montava  
 Ajaezados burrinhos :

Marcha a Tropa ; Amor a guia ;  
 Tu que a mesma estrada trilhas,  
 Mostra-me em todo esse dia  
 Cousas, que não fossem filhas  
 Da innocencia, e da alegria ?

Dizes que pobres Donzelas  
 Vão os olhos enganando  
 Com posticas tranças bellas,  
 E chitas de contrabando,  
 Que ainda são das Adelas;

E que em quanto em taes desmarchos  
 A Irmã, com titulos falsos,  
 Faz o glória d'estes ranchos;  
 Corre o Irmão, co's pés descalços,  
 Vendendo em Lisboa ganchos :

Dizes que um, o qual eu calo,  
 Assentando que as Senhoras  
 Querem tadas namorallo,  
 Cravando a furto as esporas,  
 Mettia em obra o cavallo :

Que outro, falto de expressão,  
 Traficar de longe quiz;  
 E com o lenço na mão,  
 Pagava o pobre nariz  
 Os crimes do coração :

Mas quanto atéqui exprimes,  
 Por mais que as côres lhe mudes,  
 Por mais que a teu geito o rimes,  
 Creio que não são virtudes,  
 Porém tambem não são crimes :

No largo patio apeados,  
 Que alva cal emtôrno pinta,  
 Dizes que de braços dados  
 Fomos passear na Quinta,  
 Uns dos outros separados :

Faiscando os olhos lumes,  
 Perdido o siso, e o conselho,  
 Gritas em vivos queixumes :  
 — Onde estão, Portugal Velho,  
 Onde estão os teus costumes ?

Onde os bons tempos estão  
 Da simples Lisboa antiga ?  
 Quando era grande função  
 Ir a Amiga ver a Amiga,  
 E merendarem no chão ?

Quando a Filha sem labeo  
 Ia cantar com trabalho,  
 E co'a innocencia do Ceo :  
*Senhor Francisco Bandalho,*  
*Fita verde no chapeo ?*

Oh malditos os primeiros,  
 Que a Idade de Ouro inventaram !  
 Que baniram pegureiros ;  
 E nos campos misturaram  
 Os Lobos com os Cordeiros !

Qual, apertando alvos dedos,  
 Vai dizendo : « *Ingrata, aprende*  
*D'estes passarinhos ledos ;*  
*Amor sua voz intende,*  
*São de amor os seus segredos :* »

Qual co' a novalha afiada  
 Desigual cortiça aplana  
 D'antigua arvore copada,  
 E entalha, em letra romana,  
 O nome de sua Amada ;

Beija então as letras bellas ;  
 E de versos curioso,  
 Pondo brandos olhos n'ellas,  
 Pede ao tronco venturoso,  
 Que as va erguendo ás estrellas :

Dizes que por mais que eu pregue,  
 São baldados meus officios ;  
 Que ninguem jamais consegue  
 Marchar sobre precipicios,  
 Sem que algum pé lhe escorregue :

Sentam-se entretanto os Pais;  
 Vem Gazeta, e Rei da Prussia  
 Véem os Estado-Gerais ;  
 Marcham com as tropas da Russia  
 As tropas Imperiais :

Um conta da Porta o estado ;  
 Diz que pas pazes o artigo  
 Vai mui pouco acautelado ;  
 E tendo a Filha em perigo,  
 Ri do Turco descuidado :

Co' a pintada sobrancelha  
 Vai sosinha passeando  
 Boa Mãe, sincera Velha ;  
 Dos esgalhos resguardando,  
 Ora a pellicia, ora a telha ;

Pondo contra a luz a mão,  
 E crendo que n'esta rua  
 Está san' Sebastião,  
 De Venus á estátua una  
 Faz mesura, e oração ;

Em tanto as Venus melhores,  
Do que esta, que a Arte fez;  
Escutam ternos amores,  
Que estam jurando a seus pés  
Felizes adoradores :

Basta, Musa, pare ahi  
Esse montão inimigo  
De mentiras, que te ouvi ;  
Tu sempre andaste comigo,  
Mas eu nada d'isso vi;

Foi por meu braço levada  
Uma das dictas Donzelas ;  
Feia, mas a estudos dada :  
E sobre doutas novellas  
De tenros annos creada ;

Levantou sábias questões,  
Que ella mesma resolveu ;  
Fez profundas reflexões ;  
E por fim me prometteu  
Ler-me as suas traduções ;

Jurou que aprendeu Grammatica,  
E que hoje os livros não feixa  
Da infallivel Mathematica ;  
E quer ver se o Pae a deixa  
Ir na Máchina aerostatica :

So de nós podes falar ;  
Dos mais, como has-de saber,  
Se vendo-os no bosque entrar,  
Quando os tornámos a ver  
Foi ás horas de jantar ?

Dizes que é falso este nome;  
 Que foi jantar de matula,  
 Onde so quem furtá, come ;  
 Juras que no altar da Gula  
 Foste vítima da Fome;

Mas da tua semrazão  
 Eu vi prova verdadeira ;  
 De habil velha a crespa mão  
 Foi atacando a algibeira  
 Co'os sobejos da função :

Se Nize, que faz estudo  
 De affectar moral virtude,  
 Com ar austero e sisudo  
 Faz criminosa saude  
 Com os olhos no seu *Tudo* ;

Se o Xixxisbeo seu visinho  
 Lhe vai afagando os dedos  
 Do tenro surdo pesinho,  
 E por saber-lhe os segredos  
 Lhe bebe o resto do vinho ;

Se mau Trinchante novato,  
 Mostrando annel de brillantes,  
 Mas errando a força, e o tato,  
 Com riso dos circumstantes,  
 Trinchou o perum, e o prato :

Se gordo Beirão Morgado ;  
 A quem seus canhões affrontam,  
 E em par de meias bordado,  
 Traidores vincos nos contam  
 As vezes que as tem calçado :

Seguindo a Nerina o trilho,  
Lhe está dizendo que a adora;  
Que de fartos Pais é filho,  
E que venha ser senhora  
De vinte moios de milho :

Se este infeliz namorado  
Bordou de arroz o vestido;  
Se duro garfo aguçado,  
Na noviça mão mettido,  
Lhe deixa um beiço espetado :

Tudo isto são meros nadas,  
E toda a indulgência pedem  
Mezas em barulho armadas;  
Peiores cousas succedem  
Mas que julgas delicadas :

Eu ja vi boçal Criada,  
Que o fatal segredo espalha,  
De estar um moço na escada  
Que vem buscar a toalha,  
Se está ja desoccupada :

Deixa pois tenção ruim,  
Foi um soffrivel jantar;  
E depois que elle deu fim,  
Foi mau ver contradançar  
Toda a tarde no jardim ?

Destros Pares perfilados,  
Que o brillante enredo tecem,  
Deram promptos e acertados,  
Um prazr, que so conhecem  
Os corações delicados :

Venus mesma não fizera  
 Jogos mais incantadores,  
 Quando dizem que descera  
 Entre as Graças, e os Amores  
 Sobre os jardins de Cithera;

E que mal te fez então,  
 No furor das contradanças,  
 Ver parceiro cortezão  
 Ir levar á Dama as tranças,  
 Que lhe cairam no chão?

Das tres Velhas que dançaram,  
 Se uma gritou de repente,  
 Foi porque os pés a entregaram,  
 Quando desgraçadamente  
 Os dous callos se encontraram;

E se acaso em ti não ha  
 Gôsto por tal passatempo,  
 Enfreia essa lingua má;  
 São modas, que véem co'o tempo,  
 O tempo as acabará :

Não são os gostos eternos;  
 Teve o Passapie amigos,  
 Ainda não ha quinze hinvernos ;  
 Foi a glória dos Antigos,  
 Hoje é mofa dos Modernos :

Debalde em ralhar te canças;  
 Deixa ao tempo os seus caminhos ;  
 Ir-se-hão poupas, ir-se-hão tranças,  
 Istericos, Josézinhos,  
 Feitiços, e contradanças :

Em bandolim marchetado,  
 Os ligeiros dedos prontos,  
 Louro Peralta adamado,  
 Foi depois tocar por pontos  
 O doce *Lundum chorado* :

Se Marcia se bamboleia  
 N'este innocent exercicio,  
 Se os quadris saracoteia,  
 Quem sabe se traz cilicio,  
 E por virtude os meneia?

Não sentenceies de estalo;  
 Teem as danças fim decente;  
 Ama o Pae; mas por deixal-o,  
 Dança a Donzella innocent  
 Diante de São Gonçallo :

Cobrando o pardo dinheiro,  
 De que o Povo é tributario,  
 Velho preto prazenteiro,  
 Para glória do Rozario,  
 Remeche o corpo, e o pandeiro :

Em solemne procissao  
 Une a Frialeira casta  
 O Fandango, e a devocão;  
 Mas emfim de exemplos basta,  
 E tornemos á questão :

Ja d'entre as verdes murteiras,  
 Em suavíssimos assentos,  
 Com segundas, e primeiras,  
 Sobem nas azas dos ventos  
 As modinhas brazileiras;

E que mal te fez na porta,  
 Pae, que ronda de quadrilha,  
 Cabelleira loura e torta,  
 Dizer que peçam á filha  
 Um bocado de *Comporta* (1) ?

Com que graça vem trazidas,  
 Fingindo-se envergonhadas,  
 Tenras faces incendidas,  
 Por destros galgos achadas  
 No jogo das escondidas!

Musa abre os olhos escassos  
 Não te enganes co'a apparence;  
 Se não torcesses os passos,  
 Acharias a innocencia  
 Té no jogo dos abraços :

Marilia as linhas espalha ;  
 E a candida mão sem luva  
 Tam destramente as baralha,  
 Que sempre saiu viuva  
 Sancta Velha, que não ralha :

Tira a este brinco o veo,  
 Util fim veras mil vezes ;  
 D'alli sai o Xisxisbeo ;  
 D'alli se levam as rezes  
 Aos altares de Hymeneo ;

E se co'a lingua damnada  
 Sem motivo envenenaste  
 A tarde tam bem passada,  
 Com menos causa gritaste  
 A' noite na retirada ?

(1) Moda, que canta a gente da plebe.

Se a pe, dando o Josézinho,  
 Escoltou Alcino ledo  
 A Marcia todo o caminho  
 Foi porque ella tinha medo  
 Que lhe caisse o burrinho :

Todas contentes chegaram ;  
 Nenhuma chegou moida ;  
 E depois que se apelaram,  
 Alli mesmo, á despedida,  
 Outra Função ajustaram.

Vês, Musa, como atropellas  
 A innocencia das Funções ?  
 Confessa que em todas ellas  
 O mal não vem das accões ,  
 Vem de quem julga mal d'ellas :

Segue outra Philosophia ;  
 Nem sempre seriedade ,  
 Como nem sempre folia ;  
 Na discreta variedade  
 Está do Mundo a harmonia ;

Bravo Inglez sanguinolento  
 Depois de deixar votado ,  
 Que se affronte o mar, e o vento ,  
 Cuidas que fica fechado  
 Nas salas do Parlamento ?

Se pola Patria se cança ,  
 Tambem prazeres deseja ;  
 De manhã assusta a França ;  
 Arrota á noite cerveja ,  
 Canta mal, e contradança :

Tracta pois de te emendar,  
E deixa vidas alheias;  
Que o Povo está a zombar  
Em quanto te incham as veias  
Com a fôrça de pregar :

Thomaz dos Pós fez Missões (1);  
A junctou gente infinita;  
Masinda em negros vergões  
Traz nos artelhos escrita  
A paga dos seus Sermões :

Toma emfim a lição minha;  
Mas se estás na mesma fragoa  
D'aquella mulher mesquinha,  
Que alcando a mão fóra d'agua,  
Fez co'os dedos tesourinha :

Teme o raivoso furor  
Do exército dos Peraltas,  
Que em armas se vai ja por;  
Tamben o das poupas altas,  
Que é inimigo peior;

Guardam no peito ódio velho  
Por motivos similhantes;  
E se crês no meu conselho,  
Mata-lhe antes os Amantes,  
Quebra-lhe o melhor espelho,

Prohibe-lhe as convulsões;  
Abre-lhe ao cãozinho as veias :  
Que para tudo ha perdões;  
Mas nunca lhe chames feias,  
Nem lhe intendas co'as Funções.

## O VELHO

Em vāo te quero fugir;  
Fatal Velhice; as tuas settas  
De perto me vém ferir;  
Bem ouço o som das muletas,  
E bém te sinto tossir :

Assim Natureza o quiz;  
Ja em teu rol me alistaste;  
Ja em triumpho infeliz  
Uns oculos arvoraste  
N'este vencido nariz :

Vens agora em teu vassallo  
Imprimir novos ferretes ;  
Aos justos me humilho, e calo ;  
Brotém nodosos joanetes ;  
Nasça em cada dedo um callo .

Mas não dês com mão maldita  
 Castigo sobre castigo ;  
 Eu não fujo a lei prescripta ;  
 E teimar tanto comigo,  
 Não é lei, é rebemrita :

Queres que nojoso pranto  
 Ja me crêste rubros olhos ?  
 E não farta inda com tanto,  
 Alças barrete de folhos,  
 E ja me apontas um canto !

Ja me mandas, que abafado,  
 Martyr de algozes receios,  
 Pardo lenço sobraçado,  
 Tente convulsos passeios  
 No meu gallego encostado ?

Venha o mal, mas não se apresse ;  
 Sobre o consultado espelho  
 Meu rôsto não esmorece ;  
 Queres saber quem é velho !  
 É velho quem o parece :

Sei que a calva me condena ;  
 Que importuna cór desdoira  
 A grenha, pouca e pequena ,  
 Mas esta marrafa loura  
 Lança um véo sobre a gangrena :

Não me venha ja fechar  
 Apressada mão ferina  
 Tenho uma alma, e posso andar ;  
 Quero da fiel Nerina

(1) Donato, que pôa passear :

Sisudo amor nos prendeu ;  
 Nerina não quer ver rotos  
 Os laços que me teceu ;  
 Quer consagrar nossos votos  
 Ante a faxa de Hymeneu :

Velhos da ultima idade,  
 Ao longo calção estreito  
 Mandam apertar metade,  
 Porque inda traz o defeito  
 De andarem n'elle á vontade ;

Pois se ha tantos refundidos  
 Com quem fazes grossa a vista,  
 Seja eu dos favorecidos ;  
 Augmenta comigo a lista !  
 Dos teus escravos fugidos :

Deixa emfim, deixa abrandar-te ;  
 Quando não, rebelde preza,  
 Hei-de as forças disputar-te ;  
 Tens por ti a Natureza,  
 Eu tenho o costume, e a Arte :

Troca a Arte annosos Freixos  
 Em dourado Bergantim ;  
 Troca em Nymphas toscos seixos ;  
 E torna em alvo marfim  
 Podres, solitarios queixos :

Que importa que a còr grisalha  
 Me infame o rosto ronceiro,  
 Se em quanto da Europa ralha,  
 Leva fallador Barbeiro  
 Os meus annos na navalha ?

Se em cortezā sociedade  
 Lesbia contrafaz denguice ;  
 E fiada no alvaiade,  
 Quer tributos na velhice,  
 Sem os ter na mocidade :

De tigellas rodeiada,  
 Se á vontade os annos troca ;  
 E por ficar bem pintada,  
 Com colhér dentro da boca  
 Alteia a face engelhada :

Se a surda orelha applicando,  
 Por mostrar que ouvira tudo,  
 Vai co' a cabēça approvando  
 Maganão, que em si sisudo,  
 Serpente lhe está chamando :

Se assim mesmo quer Amantes ;  
 Se Alcino ajustando a Lyra,  
 Mentirosos consoantes  
 A seus joelhos suspira  
 Pelos brincos de diamantes .

Moço de mesquinha sorte,  
 Que tendo á indigencia horror,  
 Vende amoroso transporte,  
 E entoa os hymnos de Amor  
 Ao Simulacro da Morte :

Pois se a Lesbia é permittido  
 Rebellar-se á Natureza,  
 E a seu duro açoute erguido ;  
 Por que estupida baixeza  
 Hei-de eu dar-me por vencido ?

Cedam tremulos Jarretas,  
 Que ja quatro idades contam ;  
 De Cupido as mãos discretas  
 Sobre cinzas não apontam  
 As suas douradas setas :

Ceda Anfronio, que assentado,  
 O queixo emvão mastigando,  
 Na poltrona agasalhado,  
 Vai sendo de quando em quando  
 Pelas filhas assoado :

Que dando risadas tontas  
 Da contradança aos enredos,  
 E rezando ao som de affrontas,  
 As Netas apertam dedos,  
 Em quanto elle passa contas :

Sobre Anfronio assenta bem  
 Teu açoute levantado ;  
 Contra mim sem tempo vem ;  
 Que em estando escanhoado,  
 Não me troco por ninguem :

Debalde de alcatruzar-me  
 Agora em vingança gostas ;  
 Vejo Nerina a esperar-me,  
 Gritarei com dôr de costas,  
 Porém hei-de endireitar-me .

Gemam, subindo a calçada,  
 Meus torcidos ossos velhos ;  
 Que com a porta cerrada,  
 Pondo a cara nos joelhos,  
 Tomarei fôlgo na escada :

Entrarei fazendo agrados,  
 Comprados dentes mostrando  
 Os meus beiços ensinados;  
 E nos avantaes lançando  
 Mãos cheias de rebuçados :

Direi mil amores ternos,  
 Ante Nerina ajoelhado ;  
 Mascarando os meus hinvernos  
 Com cabeçao encarnado,  
 E botõeszinhos modernos :

— « *Meu Tudo, vem um primor;*  
*Vale mais que mil Peraltas;*  
*É o retrato do Amor;*  
*Bem the estão as seções altas;*  
*Vem hoje mesmo uma flor : »*

— « *Senhora são os enganos*  
*Da belleza companheiros;*  
*Em mim so ha desenganos*  
*Tendes n'estes Cavalheiros*  
*Mais prendas, e menos annos :*

*Outra idade me convinha*  
*Para vos ser bem aceito;*  
*A acceder a paixão minha*  
*Venus contra o vosso peito*  
*Seus cisnes não encaminha : »*

Beijo-lhe a nevada mão,  
 E vou per ella mandado,  
 Pondo hum chapeo de galão,  
 Repetir, com pe virado,  
 Castelhana relação :

Mas tu, Velhice raivosa,  
So comigo impertinente,  
Desigual, escandalosa,  
Com tantos tam indulgente,  
Comigo tam rigorosa?

Forjando na tésta injusta  
Vís ideias insultantes,  
Gritas, que Nerina é justa;  
Que me lança aos circumstantes,  
E os diverte á minha custa :

Que é a travessa Nerina,  
Que me fez ao Sol expôr  
Dez manhãs a uma esquina;  
Sendo as pagas d'este amor  
Risadas, e uma malina :

Que dos sete Amantes seus  
Que suspiramos feridos  
Co' as settas do cego deus,  
Escuta os ternos gemidos;  
Mas por mofa, só os meus ;

Que os olhos, que eu chamo Soes,  
Mestres de attractivas tretas,  
Têm so ouro por faroes;  
Que alli forja Amor mil setas,  
Que levam na ponta anzoes :

Mas que barbara insolencia!  
Que injusto, infernal conceito?  
E es tu irmã da Prudencia?  
Infamar um casto peito,  
Throno de amor e innocencia!

Unir-se a Noite co' a Aurora,  
 Ver rebentar d'agua fria  
 Viva chamma abrasadora,  
 Mais facil isto seria,  
 Que ser Nerina traidora :

Seus fiscaes meus olhos são,  
 Inda d'antes que os seus paços  
 Tocassem paterno chão;  
 Vi-a crescer nos meus braços,  
 Leio no seu coração :

Sem mim nunca pôde estar;  
 Co'o meu Moço á noite vou  
 A sua porta rondar;  
 Quer saber que alli estou,  
 Gosta de ouvir-me escarrar :

Contando historias de Fadas,  
 Em horas que o Pae não vem,  
 E co'as pernas encruzadas,  
 Sentado ao pe do meu Bem,  
 Lhe dobo as alvas meadas :

Seus escriptos, que me afirmam  
 Singelo amor, fé segura,  
 Com o seu sangue se firmam ;  
 Pelos meus olhos o jura,  
 E as Criadas o confirmam ;

A caça, a fina sedinha,  
 De que as gavetas são fartas,  
 Com inveja da Visinha,  
 O Pae mesmo lê as cartas,  
 Em que lhas manda a Madrinha :

Quando alguém mais cedo chega  
 Nos dias de companhia,  
 Aos p'rigos nunca se entrega;  
 Leva sempre a austera Tia,  
 Inda a pezar de ser cega :

E tu Velhice cruel,  
 Manchas tam justa paixão !  
 Com a lingua molhada em fel  
 M'nhas puro coração,  
 A si, e a mim tam fiel!

Mas ainda a ser evidente  
 Quanto queres inventar,  
 Apostolo impertinente,  
 Para que has-de tu suar,  
 Se não sua o Padecente ?

Doces expressões sinceras,  
 Meigo carinhoso dó,  
 Suppoe que não são deveras;  
 Por ventura sou eu só,  
 Que me nutro de chimeras ?

Se poz Natureza crua  
 Em cadaum seu furor,  
 So em mim a espada nua ?  
 Se a minha teima é o amor,  
 Todos os mais têm a sua :

Fabio, antiguo Cavalheiro,  
 Mas que herdou so pergaminhos  
 Quebrando hoje o mialheiro,  
 Deixou rotos os filhinhos,  
 E comprou um reposteiro :

Pede esmola em baixa voz;  
 E alegre sua alma nobre,  
 Zomba da pobreza atrós,  
 Beijando no dado cobre  
 As armas de seus Avós;

Ticio, de versos fallidos  
 Fabricante impertinente,  
 Uns curtos, outros compridos,  
 Quer que gemam igualmente  
 As Imprensas, e os ouvidos :

Enfastiados Freguezes  
 Juram que este Auctor é louco ;  
 O Cego grita seis mezes ;  
 E á noite, raivoso e rouco,  
 Conta os mesmos Entremezes :

Mas Freira, que tem dinheiros,  
 E da *Phenis Renascida*  
 Repete tomos inteiros ;  
 Dous triennios incumbida  
 De dar motes nos outeiros :

Que hoje com dous estupores,  
 Buscou dos banhos o abrigo ;  
 Pródiga em cha, e em louvores,  
 É quem desforra este Amigo  
 Do desprezo dos Leitores :

Ticio ri de semrazões,  
 Vende ás Tendas pelo vulto  
 As divinas producções ;  
 E tem dó do Povo estulto,  
 Que gosta mais do Camões :

Pois se aqui na terra dura,  
 Que tu empeiorado tens,  
 Não ha solida ventura,  
 Deixa-lhe ao menos os bens,  
 Que finge a humana loucura :

Mas taes argumentos são  
 Para o meu caso escusodos ;  
 De Nerina a estimação,  
 Firme amor, dos agrados,  
 Não são bens de opinião ;

Velho que attento namora,  
 Que arrosta calmas intenças  
 Por servir a quem adora ;  
 Que lhe cobra logo as tenças,  
 Que é Comprador da Senhora ;

Que é calado, que é polido,  
 Que tem um coração lizo,  
 Com outras não dividido,  
 Pelas Damas de juizo  
 É aos Moços preferido ;

Que faz sobrancelha preta,  
 Corpo esbelto, olhos bonitos,  
 Se sabe a Dama discreta,  
 Que nos Cafés seus escritos  
 São a segunda Gazeta ?

Mil relojios, mil fivellas,  
 Que aos Adonis muitas deram  
 Para uma irmã ir a Bellas,  
 A' terça feira penderam  
 Nas cabanas das Adelas :

Cuidas que é um Corollario  
 Ser velho amante infeliz?  
 Amor é muito arbitrario;  
 Manda este sabio juiz  
 Muitas vezes o contrario :

Roto diccionario antigo  
 Me dá n'este assumpto a mão ;  
 Tracta d'este mesmo artigo ;  
 E inda que é mera ficção,  
 Atica a luz ao que eu digo :

Branda doença tocava  
 De moço marido o peito ;  
 Terna esposa o não deixava ;  
 Desgrehnada sobre o leito ,  
 Triste pranto derramava :

Vem loquaz medico forte ,  
 Que com a penna homicida  
 Governa as cousas de sorte ,  
 Que nos esteios da vida  
 Levanta o throno da morte :

Por elle os ais derradeiros  
 Em milhões de tectos voam ;  
 Por elle folgam herdeiros ;  
 E em mil ermos adros soam  
 As enxadas dos coveiros :

A triste victimá então ,  
 Que o ultimo instante gosa ,  
 Porque cairá em tal mão ,  
 Passou dos braços da esposa  
 Para as garras de Plutão :

Não foi ver a clara luz,  
 Que em doce silencio raia  
 N'esses vastos campos nus,  
 Aonde o filho de Maia (1)  
 Piedosas sombras conduz :

Foi ao Reino dos espantos;  
 O coitadinho pasmava,  
 Quando alli viu taes, e tantos;  
 Viu muitos, que elle cuidava  
 Que eram n'este Mundo uns santos :

Mas o que mais o admirou  
 Foi ver seu velho Criado,  
 Que elle dos bons Paes herdou,  
 Por longas cãs abonado,  
 E a quem a casa entregou :

« Homem (lhe diz) que a ambição  
 Me viesse aqui trazer,  
 Pede-o a justiça, e a razão;  
 Quiz meu filho enriquecer,  
 E para elle fui ladrão :

Mas de ti me maravilho;  
 Dize, ó homem de conselho!  
 Por que vieste a este trilho? »  
 « Vim (responde o afflicto Velho)  
 Por ser o Pae do tal filho : »

Com esta história te ensino...  
 Porém tu me tens vendido;  
 E ás ideias que combino,  
 Vas co' o teu queixo caido  
 Dando um surriso malino :

curio, filho de Maia, era na Fabula o conductor das Almas aos  
 elysios.

Dizes que os annos esconde,  
 Fundando razões nos ventos ;  
 Que á parte a verdade pondo,  
 A sisudos argumentos  
 So com fabulas respondo ;

E em quanto te estou provando,  
 Que me devem ter amor,  
 Vas as settas afiando ;  
 E o trahido Prégador  
 Com ellas ameaçando :

Fira embora a mão mesquinha,  
 Que eu nunca lhe cederei ;  
 É Nerina a paixão minha ;  
 E por casas andarei  
 Atraz d'ella em cadeirinha :

Ella virá adjudar.  
 Meus tardos mal-firmes paços ;  
 E por não me constipar,  
 Irão os seus alvos braços  
 As vidraças abaixar :

Sua bôcca esfriara  
 Meu cha se quente o sentir ;  
 Meus oculos limpará ;  
 E para me fazer rir,  
 No seu nariz os porá :

Perdes emfim os cuidados  
 Sem vires co'os teus sequazes,  
 Triumphantés, apupados,  
 Brinco, e medo dos rapazes,  
 Os sujos gatos-pingados :

Então quando tendo alçado  
 Das tristes, feridas casas,  
 A Morte seu vôo ousado,  
 Encolher as negras asas,  
 E pousar no meu telhado;

Quando os dias que me agouras  
 Sentirem o último frio,  
 Que em teus cofres entesouras,  
 E a Parca em meu debil fio  
 Fechar as fataes tesouras;

Então sim, então venceste ;  
 Os teus olhos fartarás  
 No triumpho que tiveste ;  
 Mas tambem então verás  
 A loucura que fizeste :

Sem um Velho assim jucundo,  
 Que ponha côn, ponha dentes,  
 Quaes são teus bens, qual teu fundo ?  
 Es o terror dos viventes,  
 Es o maior mal do Mundo :

Sem mim, sem minhas trapaças,  
 Sem ternura, sem meiguice,  
 Sem estudadas negaças,  
 Como andaria a Velhice  
 A par do Amor, e das Graças ?

Chora então quem te arrancou  
 O arraigado vituperio ;  
 Que os horrores te afastou ;  
 Que adoçou o teu imperio,  
 E que em te negar, te honrou ;

E sobre uma campa breve,  
Com profundado lavor,  
Que a mão do Tempo não leve,  
Em honra tua, e do Amor,  
Este Épitaphio me escreve :

*“ Aqui lisa pedra encobre  
Um peito nunca infeliz;  
Todo o Amante animo cobre,  
Vendo que este foi feliz,  
Que além de velho, era pobre. ”*

A RESPEITO DE UM PADRE, QUE DIZIA TER SIDO MESTRE DE RHETORICA;  
QUE TOMAVA TRIAGA CONTRA O VENENO QUE AINDA LHE HAVIAM DE  
DAR; QUE DIZIA QUE ESTAVA ELEITO CARDEAL; E QUE ERA DEMASIA-  
DAMENTE TRIGUEIRO, SE DEU ESTE.

## MOTE

NAO TEM CÔR DE CARDEAL

Não ajuda ao Padre a cara;  
Revolvo antiguos Annaes,  
E vejo que os Cardeaes  
Tinham a pelle mais clara ;  
Será maravilha rara  
Achar um de côn igual;  
Foram brancos como a cal  
Mazarino, e Alberoni;  
E a não ser este o Negroni,  
Não tem côn de Cardeal.

RESPONDEU EM DECIMAS, A'S QUAES SE FIZERAM AS SEGUINTEIS :

Que venham fuscos garraios  
Metter em Versos a mão !  
Potente Jove, aonde estão  
Os teus vingadores raios ?

Um homem de couros baios  
 Segue as Musas tuas filhas ;  
 Tu, pois, que os vaidosos trilhas,  
 Faze que este, em todo o caso,  
 Saia logo do Parnaso,  
 E passe para Cassilhas.

Se em rhetorico exercicio  
 Ja soubeste regras dar,  
 Tambem eu posso falar,  
 Porque sou do mesmo officio ;  
 Que o teu cérebro tem vicio,  
 È verdade assás notoria ;  
 Na Poesia, e na Oratoria  
 Vas em total decadencia ;  
 Collega, tem paciencia,  
 Has-de vir á palmatoria.

No teu escuro Papel,  
 Aos bons ouvidos ingrato,  
 Achei um vivo retrato  
 Da confusão de Babel ;  
 A' patria lingua infiel  
 Es da Nação o desdouro ;  
 Bem sei que te chego ao couro ;  
 Mas não merece passagem,  
 Que a batina, e a linguagem  
 Ajuntem Clerigo, e Mouro.

A quem me queira arguir,  
 Mostro, Padre, o tal Papel ;  
 È testimunha fiel,  
 Não me deixará mentir ;  
 Em novos termos urdir  
 Mettes a todos n'um canto ;

Que usas palavras de incanto  
 Assentam gentes machuchas,  
 Boas para ajuntar bruchas,  
 Ou para tirar quebranto;

Deixei-me, pois, de criterio,  
 E tomei melhor caminho  
 Meu amigo, a um louquinho  
 É loucura falar serio;  
 Chova, pois, o vituperio  
 Sobre esse tostado couro;  
 Saia o tal Cardeal mouro,  
 Que o Capinha, alvorocado,  
 Vai, per ordem do Senado.  
 Metter garrochas no touro.

Fula escrava americana  
 Ja mandava á luz do dia  
 Um Creoulo, que seria  
 Nôdoa da Curia Romana;  
 Carregado de banana,  
 Porque no caminho coma,  
 O rumo da Europa toma;  
 E em terra marchando á pata,  
 Com sacco, e folha de lata,  
 Deu a sua entrada em Roma.

Assim mesmo estropeado,  
 E involvido em grosso pano,  
 Foi entre o Povo Romano  
 Com mil respeitos tractado;  
 Do vento, e do sol queimado,  
 Semblante quebrado, e afflito,  
 Tem tal dom na cara escrito,  
 Que gritavam de redor,

Uns, que é o Rei Belxior,  
Outros, que é san' Benedito.

Tomou a Bênção Papal;  
E teve tanto poder,  
Que sem o Papa o saber,  
Ficou feito Cardeal;  
Voltou para Portugal  
Ja Cardeal Protector;  
Achou ca pouco favor;  
E zombam-lhe do Capello.  
Por ter mui crespo o cabello,  
E ser muito baça a cor.

Erra o vulgo os passos seus;  
É um cego e maldizente;  
A cõr é mero accidente,  
Todos são filhos de Deus.  
Porém para os lucros teus  
O Capello te faz mal;  
No san' João, e Natal  
Terias gorda guedelha,  
Arma-lo de faca velha,  
Pincel, e pote de cal.

Padre, vai-te o mundo ao pello;  
E co'o a lingua maldizente  
Te vai cortando igualmente  
As Poesias, e o Capello;  
Porém eu, que sou singello,  
E meus contrarios ameigo;  
Te affirmo, piedoso e meigo,  
Que se não tens, por teu mal,  
Em Roma o de Cardeal,  
Tens no Parnaso o de Leigo.

Deves voltar outra vez,  
 E dizem que n'isso callas  
 Mas pegam-se pelas falas  
 Teus molles tardios pés.  
 Se adjuda de custo ves (1),  
 Fazes-te coxo e ronceiro;  
 Meu Padre, es muito matreiro,  
 Ja todos estão de acordo;  
 E sem te verem a bordo,  
 Não pões a mão no dinheiro.

Tua saude se estraga,  
 Mas teu Medico condeno;  
 Meu amigo, o teu veneno  
 Não se cura com triaga;  
 Para a tua antigua chaga  
 Medicina impropria é esta;  
 Muda, pois vês que não presta;  
 Grita co'os olhos em brasa,  
 Que te fechem n'uma casa,  
 E que te sangrem na testa.

De balde em Lisboa gritas,  
 Attestando a Italia inteira,  
 Que regeste uma cadeira  
 Nos Claustros dos Jesuitas;  
 As obras que vejo escritas  
 Provam que nos tens mentido;  
 Até das Ordens duvido,  
 Quando as tem cabêças tontas;  
 Tu, ca pelas minhas contas,  
 Es um mulato fugido.

Foge outra vez, se tal és,  
 Qual foge apupado mono;

(1) Pedia uma adjuda de custo.

Antes que venha teu dono,  
 E te ponha nas galés;  
 Legal sonoro fusil;  
 Não veja o patrio Brasil,  
 Que os hombros do filho bello,  
 Vindo buscar um Capello,  
 So acharam um barril.

Dizem todos, que és fingido,  
 Que ninguem louco te chame;  
 Por mais que eu lhe jure, e clame,  
 Que és mesmo doudo varrido;  
 Dizem que estás conhecido,  
 E que o fazes por estudo;  
 Em tal caso prompto acudo,  
 E de outro lado te ataco;  
 Se não és doudo, és velhaco,  
 E talvez que sejas tudo.

Mas ja quem pôde me ordena,  
 Que ármas ponhamos em terra;  
 Apos sanguinosa guerra,  
 Alce a frente a Paz serena;  
 Sobre essa pelle morena  
 Em paz teu Capello ajusta;  
 Assento que é cousa justa  
 Seguires méthodo novo,  
 E não dares gôsto ao Povo,  
 Que quer rir á tua custa.

Não te finge falso agrado  
 Meu semblante contrafeito;  
 Não encobre honrado peito  
 Coração refalseado;  
 Se me julgas disfarçado,

Alta injustiça me fazes;  
 Eu te juro eternas pazes;  
 E se falto aos votos meus,  
 Ah Padre, permitta Deus  
 Que eu sempre ensine rapazes.

E tu, que sem estes sustos  
 Vives cheio de alegrias,  
 Serenos dourados dias,  
 Aos pés de teus Rêis Augustos;  
 Tu, que por titulos justos  
 Te chamas o novo Horacio,  
 Quando entrares em Palacio  
 Conserva de mim lembranças,  
 Porque tenho as esperanças  
 Postas em ti, e no *Estacio* (1).

(1) Bobo célebre.

A UM LEIGO, QUE ERA VESGO, E QUE NUNCA TEVE FASTIO E A  
QUEM POR ACASO TOCOU NA CABEÇA A PONTA DE UM ESPADIM.

### A UM LEIGO

Feriu sacrilega espada,  
Alçada por mão traidora,  
Cabêça, que sempre fora  
Té aos barbeiros vedada;  
D'entre a grenha profanada  
Corre o sangue à terra dura;  
Tosquiou-se a matadura;  
E o casco rebelde a ordens,  
Precisou d'estas desordens  
Para ter Prima Tonsura.

Feroz Soldado imprudente,  
Que nova espada esgrimiou,  
Foi o ímpio que feriu  
Esta vítima inocente;  
A quem do golpe insolente  
O motivo lhe procura,  
Diz « que fez compra segura;  
Pois duvidoso na escolha,  
Quiz ver que tal era a folha,  
Cortando por cousa dura. »

Homem de tenção damnada,  
 So tu conseguiste o fim  
 De entrar o teu espadim  
 A onde não entra nada;  
 Da repentina estocada  
 Cai o Padre desmaiado;  
 Mas quando recuperado  
 A ti os olhos volveu,  
 Sabes o que te valeu?  
 Foi teres ja almoçado.

Todo o mundo te pragueja,  
 Porque em detestavel guerra  
 las deitando por terra  
 Esta columna da Igreja;  
 Mas se triumphasse a inveja,  
 E o Padre morresse então,  
 Dize, ó impio coração!  
 Que tanto em furor te atissas,  
 Quem ajudaria ás Missas?  
 Quem tocaria ao Sermão?

Quem nos daria a certeza  
 De haver outro homen sisudo,  
 Que pudesse comer tudo  
 Quanto se pozer na meza?  
 Da próvida Natureza  
 Quem havia as leis seguir,  
 Observante em digerir,  
 Qual outro havia saber  
 Depois de acordar, comer,  
 Depois de comer, dormir!

Que importa, ó cruel Soldado!  
 Para desculpar teu erro,

Ter sido o teu impio ferro  
Ja pola Patria arrancado?  
Que importa que em campo armado  
Juncto a si Lippe te veja  
Que importa que o mundo seja  
Das tuas ações e abono,  
Se a mão que defende o Throno,  
Ataca depois a Igreja?

E tu, que segues os trilhos,  
Que san' Francisco te fez,  
E pões os teus gordos pes  
Sobre os seus sanctos ladrilhos;  
Pois que a seus devotos filhos  
Guarda no Ceo largas pagas,  
Nos olhos é bem que o tragás,  
E de modelo não mudes;  
E pois não é nas virtudes,  
Que o seja ao menos nas chagas.



## NOTAS

- Notas ao Hyssope.* I. O texto. 2. Fontes de inspiração. 3. Referências literárias. 4. Allusões e personalidades. 5. Notas gerais e históricas. 6. Materiais do *folk lore*. 7. A linguagem.  
II. *O Reino da Estupidez*.  
III. *Satyras* de N. Tolentino.

## NOTAS AO HYSSOPE

---

### I. — O Texto.

Correram muito tempo manuscriptas varias copias do *Hysope*. Não podia a censura conceder a impressão do poema que até por isso andava já repetido na memoria de muitos ou multiplicado em varios apographos.

Quando impresso, já o *Hyssope* oferecia um grande numero de variantes e interpolações.

Ao reimprimir-o agora, seguimos o texto dos *Satyricos* ou do volume VI do *Parnaso lusitano*, de conformidade com o intento que nos foi imposto; mas julgamos de dever nosso sem exceder a modesta tarefa da reimpressão, ajuntar algumas breves anotações, apurando o que até hoje ficou, ao nosso alcance, estudado e esclarecido.

---

A mais completa edição de *Hyssope* é ató agora a de Ramos Coelho. Temos notícia de que preparava uma edição anotada do poema o Dr. Francisco de Paula de Santa Clara, latinista, falecido en 1902. Anteriormente, o anotador da de Barcellos falava da (já ha muito) promettida edição de Innocencio. Uma e outra ficaram naturalmente incompletas, e, não foram até agora publicadas ou aproveitadas, quanto o podemos saber. A de

Innocencio, cremos, que não passou das primeiras linhas ou de meros apontamentos (1).

---

Serviram-nos de fontes de estudo nessa reimpressão do *Hyssope* varios trabalhos de erudição literaria que podemos assim classificar :

1. Ed. V. — Edição Verdier, Paris, 1817, 1821; com algumas notas devidas ao sabio philologo Lecussan Verdier.
2. Ms 402. — Manuscrito 402, da Univ. de Coimbra cujas notas (de quasi nenhuma importancia), foram aproveitadas na ed. de Barcellos. A copia é de 1793.
3. Ms. S. — Manuscrito de D<sup>r</sup> A. Filipe Simões, tambem aproveitado na ed. de Barcellos, e assaz interessante em tudo quanto se refere as alusões pessoaes do poema. E' de 1805.
4. Ed. R. C. — Edição Ramos Coelho, em que foram aproveitados, quanto ao texto, as licões de varios manuscritos portuguezes da Biblioteca nacional, Academia real e outros; quanto ás anotações: as notas são boas, mas sem importancia especial, 1879.
5. Trad. D. — A traducçao franceza de J. Fr. Boissonade, com uma noticia critica, de Ferdinand Denis. Com algumas notas interessantes. Paris, 1867.
6. Ed. B. — Edição de Barcellos (1876), em que se aproveitam os n. 1. 2. 3. aqui mencionados.
7. Ed. L. — Reinhardstöttnar — Der *Hyssope*, in seinem Verhältnisse zu Boileau's *Lutrin* — Leipzig — 1877.

(1) O illustre escritor portuguez Alberto Pimentel escreveu um poema heroí-comico sobre um episodio (em tudo igual ao do *Hyssope*) da vida de Diniz. O poeta quando esteve a primeira vez no Brazil caiu em ridiculez igual á que havia satirizado em Elvas. Era então Desembargador dos Aggravos da Relação do Rio de Janeiro, em 1780, sendo vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza; levemente censurado por não comparecer como devia, a certa solemnidade oficial, havendo informação de que se não achava doente nem impedido e ao contrario, a mesma hora fora visto em lugar menos grave a divertir-se, estomagou-se o poeta de modo insolito e desproporcional com aquella mera advertencia, não sem excitar o riso dos que conheciam os antecedentes do caso.

As circunstancias d'esse pequenino acontecimento acham-se esclarecidas pela troca de officios publicada no *Archivo historico portuguez* (1903) com excelente commentario de Brito Rebello.

O poema heroí-comico de Alberto Pimentel, que tanto interessa ao Brazil como a Portugal, ainda se conserva inedito (segundo graciosamente m'o comunicou o illustre poeta et romancista). Seria desejavel que qualquer dos nossos editores tomasse a iniciativa de imprimil-o, o que seria meritorio serviço á literatura dos dois paizes.

Não é esta a primeira vez que trata de Antonio Diniz. O seu livro de cultur-historia *Viagens a roda do Codigo Administrativo* (cap. VII) contém algumas paginas interessantes acerca do poeta e dos heroes do *Hyssope*.

Em rigor, os numeros 1, 4, 6, condensam o que está mais conhecido e estudado até agora. Poderia talvez adiantar ao que está feito o manuscrito incompleto anotado que deixou (1902) o Dr F. de P. Santa Clara, de quem com palavras elogiosas fala um erudito portuguez, o general Brito Rebello.

Tambem não tivemos á mão o paralelo de Boileau e Diniz, estudo comparativo (n. 7) de Reinhardstötter, que nos seria de grande proveito para o exame critico do poema.

---

### I. — Variantes.

Em dourado papel sua prosapla.  
(Pag. 23.)

A ed. R. C. — Adopta lição diferente na qual se segue a este um verso que falta n'esta e em outras :

Em dourado papel sua prosapia;  
*Os duques coroneis, os regios sceptros.*

O verso é inutil e nada tem de bello, mas é possivel que o poeta o houvesse eliminado considerando talvez que seria prudente não aludir ao sangue real do bispo (o que não era mentira); esta conjectura ainda que plausivel não se confirma com o facto de ter sido conservado o verso no unico manuscrito emendado por Diniz (o da Bibl. da Ajuda) a juizo da tabella de concordanças que traz a edição R. C. pag. 458.

Em qualquer caso, foi nosso proposito seguir escrupulosamente o texto da edição dos *Satyricos*, Paris, 1836.

---

Outras variantes ocorrem no I canto mas sem importancia especial.

Notemos contudo esta, por assaz desviada do texto commum :

Cair se vê do céo brilhante estrella.  
(Pag. 21.)

onde os monosyllabos dão una impressão da distancia percor-

rida. Na edição R. C. está o verso substituído por est'outro que se me affigura inferior e prosaico :

Brilhante exhalação correr se observa

Por todos os motivos preferimos e conservamos a primeira lição.

Igualmente preferimos conservar o texto :

Estes a outros *desta* mesma estofa

(Pag. 20.)

á variante que julgamos inferior :

Estes e outros *taes da* mesma estofa

As variantes adoptadas na edição de Ramos Coelho são quasi sempre infelizes. Nos versos :

Da noite a maior parte assim consome  
Nestes projectos *vãos*.

(Pag. 23.)

parece que nada havia a reparar n'aquelle epitheto *vãos* que tão bem assenta áquelles projectos do bispo em cuja « cabeça, mil obsequios lhe rolam » de prosapias, genealogias e lisonjas dos seus caudatarios. Entretanto, a ed. R. C. transforma *vãos* em *vis*.

Da noite a maior parte assim consome  
N'estes projectos *vis*.

---

No canto II ha que attentar nos seguintes versos :

O deão abre a boca, estende os braços,  
A cabeça levanta...

(Pag. 30.)

Esta é a lição do nosso texto, e excellente. Veem-se os successivos movimentos da *boca*, *braços*, *cabeça*. A edição Ramos Coelho inclue entre aquelles dois um verso esteril que destroe todo o effeito e vida esthetic da composição :

O deão abre a boca, estende os braços,  
*E da negra visão* *sobressaltado*,  
A cabeça levanta...

Outras variantes existem que não offerecem materia de exame. Entretanto, a da ed. R. C. ainda no canto segundo :

As rendas dissipava do *convento*

diverge da nossa que fala de *mosteiro* em lugar de *convento*.  
No verso 8º do canto II diz o texto :

O gran chá de Pekin, e lá da Mèca...

na edição R. C. aparece a lição :

O bom chá de Pékin, e lá de Moka  
O cheiroso café...

Quasi todas as impressões seguem o texto que conservamos.

---

... a distincta honra  
De ter por chefe, por pastor e bispo  
Um ramo do real portuguez tronco.

(Pag. 38.)

O manuscrito S., diz que a estes se seguiam os dois versos que foram suprimidos :

Bem quē em Varões bravos enxertado  
Que assombrou co'a copa o mundo inteiro.

Outra variante é a de um unico verso de accrescimo :

.....tronco  
Bem que em arvores bravas enxertado.

Na primeira lição algumas copias leem *capa* em vez de *copa* e não sem intenção conhecida, que foi a da importante reforma das *capas* de seda roxa levada a efecto com grande tumulto, quando a relaxação dos costumes reclamava outras reformações mais graves. A esse ridículo proposito, referem-se os versos da pagina seguinte onde se relata o feito do grande Prelado que zelosamente substituira por *capas* vistosas os antigos *alamares franjados*...

Os grandes e franjados alamares  
Que a móda já ridiculos tornára.

« Em os primeiros manuscripts, que apareceram, este Verso não vinha; o seu lugar era ocupado pelos tres seguintes :

Que de balde proscriptos, por malvados  
Imposta, a vil e escandalosa alcunha  
De mulas com gualdrapas-nos deixaram.

O autor quando revia, e emendava de sua mão algumas copias que se lhe apresentavam, encontrando estes versos, costumava suprir-os pelo que vai impresso n'esta edição. Gracejando dizia, que as capas ficando aos Conegos, ficaram-lhes as gualdrupas; que a reforma do Bispo abrangera somente os atafaes, bem significados pelos *franjados alamares*; e que riscava estre tres versos, como faltos de exacão historica e descriptiva. Acresentava depois, com mais sizudas razões, que os lembrados versos não só continham um sentido contradictorio, mas que até eram de stylo summamente improprio sobejamente baixo, na lisongeira narração que das grandes do seu Bispo fazia un Conego agradecido.

Com a mesma razão de impropriedade, apagava tambem o Auctor outro verso, que a principio interposéra entre o decimo sexto e o decimo septimo. Falando o *Genio tutelar das Bagatellas* assim dizia :

Eu a escrevi, eu mesmo, em meu canhenho,  
Nem menos que Pilátos eu me julgo,  
E o que escrevo uma vez, nunca mais borro.

O motivo, que dava o auctor para riscar o segundo d'estes tres versos, é que vinha aqui *Pilatos* mettido, não como no *Credo*, antes sim muito mal accommodado. Acertava sem duvida o Poeta em excluir do seu poema este verso com tal nome, que lembra um facto, muito serio e digno de nosso respeito, para ser referido, em obra jocoseria, pelo *Genio das Bagatellas*.

Fago esta nota para precaver o leitor contra estes e outros versos que poderá encontrar, em alguns manuscritos, e que, depois de emendados pelo auctor, devem ser tidos por incorrectos e nullos; assim como por espurios, alguns outros que curiosos lhe tem addido. »

Esta é a nota da *ed. V.*, reproduzida na *ed. B.* Declara Ramos Coelho na sua exellente edição que nunca se lhe depararam, em tantos manuscritos que estudou, os versos que se julgam supprimidos.

« Quanto aos versos que pessoas estranhas accrescentaram ao poema ajunta R. C. não nos parece que os haja nas copias que consultámos; é mesmo difficult conjectural-o, pois essas alterações ou outras só se poderiam suspeitar pela sua impropriedade, impropriedade em que, aliás, o poeta podia incorrer, como em certa nota nos confessou o proprio Verdier.

Nas cópias do *Hyssope* não se nota o mesmo que nas dos *Burrós*, de José Agostinho de Macedo. Este poema serviu como de estatua de Paschino, onde, primeiro o seu maledicente auctor, e depois os que o conti-

nuaram e adulteraram, expozeram os seus inimigos á irrisão do publico substituindo uns por outros, conforme lhes aprazia; tudo para satisfazer odios particulares. No poema de Diniz os actores são os mesmos; os epithetos pouco variam; o aumento de versos é insignificante e inoffensivo; e as passagens que faltam, de importancia, reduzem-se n'algumas d'essas cópias á scena da cérca, que o auctor só compoz quando levou a sua obra a oito cantos, e a da critica á camara de Elvas, no canto setimo, que, d'entre os manuscripts que examinamos, só deix de vir no 1431.

Além do que fica dito acima, lê-se a respeito d'esta innovação do bispo nas notas do sr. Dr. Pitta : — « Vindo D. Lourenço de Lencastre para bispo de Elvas, sendo antes monsenhor da Patriarchal, e vendo que os conegos usavam nas capas magnas da quaresma de quatro alamares roxos de requifes de cada lado, com que prendiam a murça roxa ao capello, ordenou se tirassem os alamares e se puzessem as capas magnas da mesma fórmula que em tal tempo usam os conegos da Basilica, com a unica diferença de serem as murças dos da Basilica de pelles, e as dos outros de setim roxo, e é a isto que allude o poeta. »

---

O verso que reimprimimos n'esta edição dos *Satyricos*  
Dos dois padres *cortes se despediu*

(Pag. 70.)

acha-se na edição R. Coelho sob a variante

Dos dois padres *risonhos se despede*

e esta lição é preferivel por que evita a terminação em agudo, sempre desagradável no verso branco. Pode ler-se todavia *despedia* por *despediu*, como ocorre em varias copias do poema e assim está na ed. de 1808, pag. 77.

---

O verso do mesmo canto V, pag. 55 :

Sobre uma *agra* montanha que se estende

onde o epitheto *agra* parece um pouco improprio, tambem aparece com as variantes

Sobre uma *montanheta* que se estende

Sobre *uma* montanha que se estende

Esta ultima é um verso frrouxo em que as syllabas iniciaes

*Sobre uma...* equivalem metricamente a *Sobre uma agra...* da lição preferida.

Ainda q verso do texto dos *Satyricos*:

Em asno n'um instante se formara

(Pag. 62.)

Que conservamos, representa uma lição muito seguida. Outras copias dão *se voltara*, e *se tornara*, e esta ultima foi adoptada na edição R. Coelho.

---

Uma cascata que a de *Terni* iguale

(Pag. 69.)

A variante que diz *Trevi* em vez de *Terni*, é a preferível porque o poeta se refere a um jardim de Roma d'aquelle primeiro nome. (Ed. R. C., 316-317). A lição *Terni* é a mais seguida; o erro, se houve, foi do proprio Diniz.

---

Entre algumas variantes do canto VII, não é possível aceitar a lição :

*Perfido Achates o pomposo Lara*

Em lugar da verdadeira :

*O noventa-cabelos conhecido  
Por fido Achates do pomposo Lara*

(Pag. 85.)

A primeira lição, da ed. 1808 e outras, deve ser erro de cópia. O verso :

*Mais nobre, mais gagé e mais chibante*

(Pag. 87.)

apparece com outras variantes diversas :

*Mais nobre, mais gagé e mais xarifa*

(Ed. 1808 e outras.)

Em outros manuscritos (ed. R. C. pag. 331).

*Mais nobre, mais gagé, mais delicada*

Um erro escapou em varias edições (de 1802, 1808, e outras) construindo-se o verso descuidadamente

Com que mandar gravaste sobre a porta

(Pag. 92.)

em lugar de *mandaste gravar*, etc.

---

No canto VIII aparecem os versos :

*Na minha mocidade instituida*

*Fui nas artes da madre Celestina...*

(Pag. 100.)

com a variante de algumas edições e copias :

*Eu, senhor, sendo moça instituida*

*Fui...*

Não deixa de ter interesse notar que no verso :

Sobre a rasa *campina Abracadabro*

a palavra *campina* é substituída por *campanha*, nas ed. de 1802, 1808, de 1834 (de Lisboa) e por isso é essa lição a preferível. Ramos Coelho diz que o poeta sempre escrevia *campanha* e não *campina*: afirmação que me parece sem fundamento algum.

## II. — Fontes de inspiração

Como todos os socios da Arcadias, e Diniz era o mais erudito de todos elles, o nosso poeta muito propositalmente põe garbo em recordar ou repetir alguns passos de Vergilio, Horacio e Ovidio.

O *Hyssope* é original embora se inspire no *Lutrin* de Boileau, como já dissemos no estudo preliminar, e mais remotamente ambos se inspiram na Viajem ao parnasso de Cervantes.

Não queremos todavia confrontar as innumerias allusões da mythologia, tão frequentes nos arcades, imitadores de Pindaro ou de Horacio que com exagero transportaram para a poesia

portugueza todos os deuses e toda a historia do gentilismo greco-romano.

Notaremos outros lugares menos communs.

Estes cujas cabeças desgraçadas  
Não bastam a curar tres *Anticyras*.

(Pag. 17.)

Assim escrevendo o autor passa a tonica á terceira syllaba da palavra e evita um verso exdruxulo e errado. Allude-se, pelo nome de lugar, a uma erva, o helleboro, veretro ou quer que seja.

E' uma reminiscencia de Horacio da Sat. 3<sup>a</sup>, livro II :

*Danda est hellebore multo pars maxima avaris  
Nescio an Antycirum ratio illis destinet omnem.*

Na traduçāo de Seabra :

A mór dose de helleboro aos avaros  
E'dvida e não sei (se) lhe destina  
Toda a Antecira imparcial juizo.

*Satyras* (ed. Garnier.) Pag. 75.

Melhor se conforma com o verso do *Hyssoppe* outra passagem da *Arte poetica* :

*Tribus Antyciris caput insanabile.*

O sentido vem, de que o helleboro passava por específico contra a loucura. (Cf. ed. 1817, ed. 1876 e trad. fr. p. 18). Ainda de Horacio são os versos do canto VII :

... quando Jove  
Com a rubida mão dardeja irado, etc.

da Ode II :

...et rubente  
*Dextera sacras jaculatus arces...*

Do capricho obra, em tudo, muito prima  
Onde a *materia cede muito a Arte*.

(Pag. 17.)

O ultimo verso aliás pensamento vulgar, é de Ovidio; indica-o Boissonade

*Materiam superabat opus*

*Met. II.*

e ainda approxima a exclamativa do canto III :

O raro engenho,  
*Meu poder, minha força, meu conselho!*

(Pag. 35.)

de outra analoga de Venus para o Amor nas *Metamorphoses* :

*Nate, meæ vires, mea, nate, potentia.*

---

Ainda mais importante é o influxo vergiliano que atestam numerosos lugares do Hyssope :

Em tanto a Senhoria *em cujo peito*  
*Altamente ficou depositada*  
Da soberba excellencia a petulancia...

(Pag. 23.)

Os versos atraiçoam uma reminiscencia de um lugar de Vergilio, pois que como no poeta latino *alta mente* equivale a secreta, profunda e recondita, e aqui a *senhoria* aponta ao elogio dos casquinhos qual outra Venus :

...manet alta mente repostum  
Judicium Paridis.  
Eneida I, 26.

Vergilio attribue a Juno um ressentimento profundo que Tacito recusa entretanto ás mulheres : *Feminis lugere honestum est, viris meninisse* (De moribus Germaniæ-27, 7.)

---

Outra reminiscencia de Vergilio se-depara nos versos do Canto I :

...E mais veloz que a leve setta  
Parte do Itureo arco.  
(Pag. 21.)

que são tomados das *Georgicas*, II :

Ityræos taxi torquentur in arcus

*Ityræos* por *parthicos*. Em algumas edições do poema diz-se *curvantur* por *torquentur*, como na de Nivellium. (Paris, MDC.)

Os epithetos vergilianos são frequentes : o *fero Ilion* (pag. 64,

*superbum Ilium-Aen.* III, 3) e a *Neptunina Troja* (pag. 64 *neptunia Troja, Aen.* III, 3; II, 625.)

« O campo em que estava (*Troia*) » é o *campos ubi Troja fuit* (*Aen.* III).

E ainda : Musa tu me inflama (*Musa, mihi, causas memora* (*Aen.* I, 12), « Sem dizer palavra » no final do canto VII (*Vox facibus haetis*); a caverna e o montro, canto VIII (*Georg.* I, 178), os cabelos se erriçam, pag. 96 (*Steteruntque come.* *Aen.* III, 48) e em muitos outros lugares.

A balança de que se serve o Genio das Bagatellas na Canto VIII é a mesma de Jupiter (*Jupiter ipse duas oequato examine lances...* *Aen.* XII).

Confrontem-se ainda :

Não! se cem bocas  
Cem línguas eu tivesse e a voz de ferro...

Canto VI.

*Non mihi si linguae centum sint, oraque centum,  
Ferrea vox...*

*Aen.* VI, 625.

Diniz traduz literalmente o poeta latino.

No poema heroi-comico as façanhas do encantador Abracabro são tomadas simultaneamente a Horacio e a Vergilio :

Com seus conjuros  
Muda as louras searas  
(Pag. 101.)

*Atque satas alio vidi traducere messes*  
Ecloga VIII, 98.

e ainda por sortilegios :

Arranca do alto céo a branca lua  
façanha que de direito pertencí Canidia de Horacio  
Polo  
Deripere lunam vocibus possum meis.  
(Epist. XVII, 77.)

Essa superstição dos antigos está testemunhada em varios autores (1).

(1) Ovidio. *Metam.* VII. (Te quoque, luna, traho) ou em Tibullo (Hanc ego de celo ducentem sidera vidi, 1, 2). Veja-se ed. de Boissonade, donde tomei alguns dos seus confrontos, e a do *Lutrin* de E. Geruzez.

Note-se aqui o influxo de Boileau, que é o modelo do nosso arcade.

Era dia de festa; na alta torre  
Da grande cathedral de vinte sinos,  
O grave carrilhão compendo os ares...

(Pag. 32.)

Assim começa o canto III que Boissonade aproxima da passagem do *Lutrin*:

Les cloches dans les airs, de leurs voix argentines,  
Appelaient à grand bruit les chantres à matines.

(Ch. IV.)

Os versos que se seguem aos primeiros citados,

...Venus pintada  
Sobre um globo de tenros Cupidinhos

representam não a fantasia do poeta, mas a realidade. Esse quadro mythologico era um dos motivos ornamentaes da especie de xarão inventado por Martin (*o verniz Martin*, a que se refere, o poeta anteriormente) com que se decoravam as carroagens e liteiras da moda pelos fins do seculo XVIII. O sujet pinturesco era talvez demasiadamente casquilho para um prelado, e positivamente Portugal mão conheceu essas galanterias nem o espirito de oitocentos.

---

Ainda n'este canto Boissonade nota algumas imitações do *Lutrin*:

« Amigos, companheiros que o destino  
Fez do meu mal e bem participantes!... »

é quasi o mesmo do poema de Boileau:

Illustres compagnons de mes longues fatigues  
Etc.

N'este mesmo canto terceiro os versos seguintes:

Então o *Ramalhete*  
Theologo chapado e canonista  
Que o dialectico Pharo de cór sabe,  
Que de Santo Thomaz tem lido a *Summa*  
O Genet, Busembaum...

(Pag. 40.)

constituem subentendida periphrase dos do *Lutrin* do poeta frances :

...Alain, ce savant homme  
Qui de Bauny, vingt fois, a lu toute la Somme,  
Qui possède Abéli, qui sait tout Raonis,  
Et même entend, dit-on, le latin d'Akempis...

(Ch. IV.)

O hemistichio que precede esta citação :

Alain tousse et se lève

corresponde á amplificações mais prolixas em Diniz :

E inchando do pescoço as cordovéas...  
A voz alcando grave...  
Etc.

No canto VI o poeta frances é quasi literalmente traduzido.  
Quando Diniz escreve :

Ah não amado esposol por aquelles  
Primeiros suavissimos instantes  
Do nosso doce amor, pela fé pura...  
Por essas ternas lagrimas...

não é possivel crer que não tivesse na memoria os versos do *Lutrin* :

Où vas-tu, cher époux?...  
D'un œil sans pitié vois-tu couler mes larmes?  
Au nom de nos baisers, jadis si pleins de charmes,  
Etc.

*Ch. II.*

No metro e no rythmo do endecasyllabo é sempre Camões o eterno modelo. Às vezes, Diniz repete um ou outro verso proverbial :

Ah que não sei de nojo como o conte!

E' como todos sabem um verso dos *Lusíadas*, do episodio de Adamastor :

Oh que não sei de nojo como o conte!  
Que crendo ter nos braços quem amava  
Abraçado me achei c'um duro monte...

a seu turno, suggestão de *horresco referens* com que principia uma narrativa de Eneas no poema de Vergilio (En. II).

As imitações do numero e ritmo camoneano são fréquentes :

Tu, jocosa Thalia, agora dize

(Pag. 32.)

O caso sabereis mais execrando  
 (Pag. 33.)

Se alegra, salta, folga e se imagina  
 (Pag. 37.)

Tambem sabe que a gloria da cabeça  
 Aos mais membros se estende  
 (Pag. 38.) (1)

Todos no canto III. Fora quasi impossivel escrever endecasyllabos harmoniosos fora da medida e do ritmo camoneano.

### III. Referencias literarias

A ironia de Diniz não podia poupar o mau gosto literario e a leitura de velharias da literatura popular, que ainda gozavam de prestigio em seu tempo : os romances freiraticos e gongoricos, as novellas de cavallaria, as complicadas especies de silvas, romances, acrosticos ainda eram o deleite da sociedade culta das provincias e de toda a parte onde não haviam ainda chegado os echos da reaccion e das ideas novas.

Aqui, pois incluimos, as suas continuadas allusões a esse estado d'alma e de emoção do tempo :

...Anagramas,  
 Labirintos, acrosticos, *segures*.  
 (Pag. 16.)

Nunca se soube perfectamente se o poeta quiz empregar aquella palavra insolita que antes parece um erro de copia : *segures*. E' todavia, presumivel que a empregasse, porque no manuscrito corrigido por elle proprio e que está na bibliotheca da Ajuda, a palavra não foi emendada.

Apenas entre as muitas lições que ha do poema que foi largamente copiado e estropeado, ha uma variante que não merece muito credito, de manuscrito que pertencia a Ribeiro dos Santos

Labirintos, acrosticos, *enigmas*

(1) Indicado par A. do Faria, este, e ainda o v. do canto V :  
 E Orlandoinda que fora verdadeiro.

e outras que dizem :

*Labirintos, acrosticos, sonetos*

A dificuldade reside na palavra *segures* que está nas primeiras edições e nos melhores manuscritos.

O anotador, repetido na edição de Barcellos, diz que *segures* eram composições muito tolas em que as prosas ou alcunhados versos tomavam a forma de um machado. Um exemplo podia ser visto no gordo livro in-4º, que Frei Francisco da Cunha, frade agostiniano imprimiu a custa da rainha, mulher de Dom João V. o *Elogio da rainha da Hungria*.

Ramos Coelho, perem, que viu o livro ahí não encontrou os *segures*. Pela minha parte nos antigos tratados de versificação de *Borralho* e de *Rengifo* tão abundantes n'essas espécies, verifiquei não ser *segure* mencionado o.

F. Denis admitté-a; e com quanto não tenha eu noticia ou exemplo de *segures* em portuguez, é certo que esse artifício metrico existiu e justamente foi um dos maus exemplos antigos dado por Theocrito ou talvez por outro poeta da decadencia grega e áquelle attribuido. As composições dispostas em figuras geometricas deviam ter-se originado do costume das inscrições sobre pedra, em estelos, tumulos, anneis, etc. Em forma de *cruz* muitas andam compostas ainda em tempo recente.

Creio, pois, que o nosso poeta conhecia a expressão classica *segure* que correspondia exactamente ao que foi acima definido, mas nunca foi praticado, que eu saiba, por poetas portuguezes.

Os *acrosticos* e *anagrammas* ainda são hoje vulgares. Não o é mais o *labirinto*, que consistia em decimas que se podiam ler de varios modos, de baixo para cima, dividindo-a em quadras, lidas ao revés, etc. E essas inversões ora podiam ser quanto aos versos ou quanto as dicções, letras e syllabas. Encontra-se curioso exemplo nas *Luzes da Poesia*, de Manoel Borralho, Lisboa, 1724; pag. 159.

Cairam em ridiculez as façanhas e bravatas do famigerado *Rodomonte* de quem disse Ariosto :

Non habea il campo d'Africa più forte,  
Ne saracin più audace di costumi...

(Orlando — XIV.)

venceu-o afinal *Rugero* na fabula do poeta italiano, que soube aqui unir a lisonja á poesia. O typo de *Rodomonte* symbolisou depois a faufarronice e a covardia e neste sentido é que se deve interpretar o texto.

O sentido foi adulterado pela mera emphase que envolve a sonoridade das palavras sempre adrede escolhidas dos escritores de novellas de cavallaria. O mesmo sucede ao *Imperador de Trapisonda* que se tornou um lugar commun nos romances do occidente e a que se refere tambem o nosso poeta no canto I :

Se julgam mais felizes e opulentos  
Que o grande imperador da Trapisonda

(Pag. 17.)

Por algum tempo houve um fraco e pequeno imperio da Trapisonda que succumbiu aos golpes dos turcos.

Outras allusões aos romances cavalheirescos se acham esparsas pelo texto do poema. No canto V, por exemplo, deparam-se os versos :

...E' por acaso  
O grande Ferrabraz de Alexandria?  
Ou Galafre da ponte de Mantible?

(Pag. 65.)

São heroes do *Carlos Magno* ou os *Doze pares de França* e das historias que d'esta se formaram na literatura de cordel.

Ainda os versos do canto V :

o mesmo Achilles,  
*Mandricardo*, *Gradasso*, *Sacripante*  
Commettel-a por certo recearam,  
E *Orlando* ainda que fora verdadeiro.

(Pag. 72.)

São todos personagens do *Orlando furioso* do Ariosto. Destes o que se vulgarisou, e com triste fama, foi *Sacripante* talvez por se haver confundido com *sycophanta*, um e outro, ora, epithetos injuriosos.

E' ainda uma recordação da novella de *Carlos Magno* a que apresenta no canto VIII o verso :

Arranca da brilhante *durindana*

(Pag. 102.)

A *Durindana* era a formidável espada de Roldão, um dos doze pares de França. (*Ch. de Roland*, verso 926.)

---

*A Roda da fortuna, os Cristaes d'alma.*

(Pag. 38.)

São os títulos de romances ou novellas que no século XVII e XVIII tiveram grande celebriidade.

A *Roda da fortuna* é do padre Matheus Ribeiro, o autor do *Allivio de tristes*, outra novella ainda mais lida e apreciada no tempo, pelo estylo gongorico, fatuo, pomposo e declamatorio.

Os *Cristaes d'Alma, frases do coração* por Gerardo de Escobar (1690), escritos em estylo joco serio, é uma novella entre-meiada de versos em forma de pastoral do genero criado por Sanazzaro, e praticado por Jorge Montemor e Rodriguez Lobo. Em Escobar a decadencia é manifesta. A intenção do poeta do *Hyssope* é aludir ao *frazead* tolo, alambicado, torcido e exdruxulo dessas composições só conhecidas hoje dos amadores de coisas antigas, e outr'ora apetecidas e plagiadas pelos que

...lhe cirgiam alguns pedaços

(Pag. 38.)

ainda mesmo em arrazoados e em outros papeis mais graves.

Em regra, aquelles livros e aquellas prosas não destoavam da poesia do tempo, das silvas e romances academicos, e sobroupagens extravagantes por vezes escondiam formas realmente bellas e verdadeiras.

A mesma Arcadia que veiu reformar os costumes literarios commeteu com a sua pedantesca erudição mythologica outros e talvez peiores desatinos. As *Odes pindaricas* de Diniz são talvez mais illegiveis hoje que os versos maganos de Serrão de Crasto e de Escobar onde pelo menos não falta o chiste ou a graça.

---

Ainda pelo discurso da narrativa outras alusões se deparam a obras que tiveram grande popularidade, como as que registram os versos :

Na lição de *Florinda e Carlos Magno*  
Quiz meter seu bedelho...

(Pag. 41.)

A *Historia de Carlos Magno* leitura favorita da plebe ainda hoje tem entusiasticos leitores; menos conhecida é agora a historia de *Florinda* ou mais propriamente os *Infortunios trágicos da constante Florinda* (por Gaspar Rebello, licenciado), romance erotico e mystico, escrito' para deleite de freiras (1707).

Em uma farça de cordel *Incisão anatomica ao corpo da Peralta* moteja-se d'estas leituras favoritas do povo :

— Vem cá homem, que teus lido?  
— O', lá n'isso não falemos :  
Li os *Contos do Trancoso*,  
*As Diabruras de Roberto*,  
*As Constâncias de Florinda*,  
*De Magalona os extremos*,  
*O Entremez dos Peraltas*,  
E na *Hora de Recreio*  
*A vida de Carlos Magno*  
E a morte de Veltenobres...

(Ed. 1771.)

No Entremez em versos *Os Encantos de Escapim* ha seguinte dialogo :

— Acaso, diga, é da raça  
De Avaçarages, Zulemas,  
*Ferrabrases*, *Radamantes*,  
Paios, Pires ou Viegas?

---

Sou do almirante Balão...  
Venci Dom Blianis de Gaula,  
Dom *Floricel de Niquea*,  
Dom Quixote, Sancho Pança,  
E Palmeirim de Inglaterra.

(Pag. 5.)

Em outro lugar, volta o nosso poeta :

Do Bacharel *Trapaza e Peralvilho*  
De *Cordova*, a historia portentosa  
Ouvi lér

(Pag. 66.)

São duas novellas do genero picaresco. *Las aventuras del Bach. Trapaza* de dom Alonzo de Castillo Solorzano, foi publicada em 1634, e é uma das fontes do Gil Blas de Le Sage. O portuguez Matteus da Silva Cabral deu-lhe uma continuaçao nova (1) com a *Vida de Peralvilho de Cordova*.

Aqui ha que registrar um facto ainda não averiguado. Innoencio nunca logrou vêr exemplar do *Peralvilho* e talvez o livro nunca fosse impresso, mas como se vê do *Hyssope* devia ser popular. Pela minha parte nunca o vi e tenho que devia correr manuscrito.

A nota que acompanha a primeira edição dos *Satyricos* (Paris, 1834) que faz incluir o *Peralvilho* no romance da *Constante Florinda* é absolutamente insustentável.

---

. . . . . bom poeta  
Que sabia o Borralho todo inteiro

(Pag. 66.)

Era um antigo compendio de versificação, no genero gongorico muito em voga naquella época; trazia titulo sesquipedal e obscuro : — *Luzes da poesia descobertas no Oriente de Apollo nos influxos das Musas...* por Manoel da Fonseca Borralho. Lisboa, 1724. Esse manual é já um resumo de outro espanhol, de Rengifo, muito mais desenvolvido.

---

*A Arte da Cosinha...*  
Que é obra quanto a mim mais proveitosa.

(Pag. 68.)

(1) Nova, dissemos; porque efectivamente da lavra do autor espanhol era já continuaçao do Bach. *Trapaza* a novella *La Garduña de Sevilla* Vidé J. Fitzmaurice-Kelly-Litt. esp. (ed. francesa, 330-351).

Uma profunda erudição bebida  
 Nos *autos de Reinaldo e Valdevinos*  
 E do *Infante dom Pedro nas Partidas*,  
*Florisel de Niquea* e outros livros...

(Pag. 70.)

São livros populares todos muito estimados do gosto simples da plebe.

---

A *Arte da Cosinha* é aqui a que escreveu e publicou em 1680 o cosinheiro do rei Pedro II o famoso Domingos Rodrigues; obra que logrou inúmeras edições ou indigestões. Parece que a esta é que se refere o poeta.

O *auto de valdevinos* é o mesmo do *Marquez de Mantua* de que existem algumas versões populares; de uma d'ellas fala Jorge Ferreira na *Aulegraphia*: outras existem, a de Baltazar Dias e a mais moderna de Garret.

O *Livro das partidas do infante Dom Pedro*, formado no século XV, tem uma redacção portugueza de 1554; e outras versões ha com diferentes títulos *Auto do Infante D. Pedro*, ou as *Sete partidas, etc.* A livraria Cruz Coitinho reeditou em folhetos volantes este e outros autos mais lidos e populares.

A *Cronica de Florisel de Niquea e Anaxartes* foi escrita em castelhano por Feliciano da Silva (Lisboa 1566). « La crónica de los muy valientes caballeros F. de N. y el fuerte A. hijos del excelente principe Amadis de Grecia. »

---

Doutor em *Anno historico* não foste  
 Dos ultimos que a rica sala entraram

(Pag. 89.)

Exímio pregador que leu inteiro  
 O livro dos *Conceitos predicaveis*  
 O *Zodiaco sobr'ano* e outros muitos...

(Pag. 94.)

Estas referencias que são do canto VII se completam com os dados seguintes :

O *Anno historico* que trata de « pessoas e coisas notaveis » foi escrito pelo Padre Francisco de Santa Maria (1653-1713)

E' um livro de ephemerides, pouco exacto mas de linguagem pura e classica.

O *Zodiaco soberano* de Fr. Jorge de Santa Rosa de Viterbo, assim como os *Conceitos predicableis*, ou a *Bibliotheca secreta de pregadores* são verdadeiros especimenes do maugosto e decadencia a que ja havia descido o estylo culto na primeira metade de seculo xviii.

Bastariam os titulos das obras de Fr. Jorge de S. Rosa para indicar as singularidades da sua eloquencia. Uma d'ellas intitula-se *Antidoto orthodoxo sympathico e homogeneo receitado pelo divino Proto medico*, etc. E' um sermão de cinzas. O proprio *Zodiaco* aque se refere aqui o poeta é acompanhado de subtítulos gongoricos interminaveis (transcritos da ed. R. Coetho) :

*Zodiaco Soberano* que entre dois cometas da vida humana contem brillantes astros em discursos tropologicos, encomiasticos e exegeticos para os doze meses do anno, quaresma e advento, ideados nas divinas letras, exornados de varias allegorias, exquisitos problemas, mysteriosos hieroglyphicos, philosophicas sentenças e humanidades selectas. Com um astrolabio sacro-rhetorico, omnimoda instrução de pregadores, na qual como em planisperio mathematico estão recopilados todos os preceitos de rhetorica sagrada, breve extracto de quanto o evangelico orador deve saber, compendiado dos maiores oradores gregos e latinos sagrados e profanos.

Saiu em 2 volumes, impressos em Salamanca; I, 1726; II, 1734, in-4º.

---

No canto VIII, refere-se o poeta a outra obra, esta realmente de extraordinario valor literario, em alusão á heroína da tragicomedia :

Eu, sendo moça, instituida  
Fui nas artes da madre *Celestina*  
Pela velha *Canadia*.

A *Celestina*, a celebre tragicomedia do seculo xv, fonte de todo o theatro literario espanhol, tem por intriga a astucia de uma velha alcoviteira *Celestina*, nome que se tornou proverbial na peninsula. A *Celestina* descendendo do 2º idilio de Teocrito, atravez de Ovidio, Catullo, da *Pamphilus* (medieval) e da *trota conventos* de Hita.

#### IV. — Allusões e personalidades.

E' consideravel o numero de pessoas graves ou ridiculas que se viram envolvidas na trama e enredo do poema.

Não são obscuras as allusões feitas quasi sempre directamente e com o proprio nome ou alcunha que traziam aquelles individuos; e d'est'arte não foi tarefa difficult nos começos de seculo xix descobril-as todas.

O *manuscripto S.* (de 1805) em copiosas notas contribuiu mais do que outro qualquer apographo ou edição impressa a esclarecer a maior parte das duvidas e incertezas.

Na mesma igreja d'Elvas e cabido

Ha um *Bastos*, un *Sousa*, dois *Aporros*

Que juntos com os *Pittas*...

(Pag. 20.)

Ha aqui varias allusões a pessoas de tempo, cuja identificação é hoje inteiramente conhecida.

De todas os fontes consultadas, a de n. 3 (M. S.) é a que parece ser a mais completa quanto aos pormenores, a respeito das personagens aludidas n'aquelleles versos :

« João Alberto de Souza Bastos (1) irmão do Tenente-rei Manoel de Basto e Souza.

Este conego é um homem raro pelos seus fracos e diminutos talentos, uma peça original em todo o sentido. Parece incrivel o que o poeta d'elle nos diz no canto 3.<sup>o</sup>; pois é muito mais asno ainda, muito mais tonto do que o vêmos pintado. N'uma occasião em que fui a Elvas o encontrei em casa do Verna (?) então Sargent-mór, onde repetiu e fez varios versos, como elle lhes chamava, ás senhoras que estavam na companhia, apesar do vergonhoso escarneo que todos fizeram d'elle e de seus versos, e tudo quanto se lhe disse, o attribuiu a obsequio. Havia elle a esse tempo 60 annos. Se eu então presumisse que me haviam de ser necessarias as muitas anedocas que ha de sua illustre vida, teria feito collecção das que são mais dignas de memoria, bem como de seus versos. Uns que elle fez a uma rua de uma quinta são :

*Esta torta rua*

*Não a fez João Alberto*

*Nem cousa sua.*

N'aquelle mesmo tempo estava Francisco d'Azevedo Vasconcellos na sua quinta do Ramalhão com toda a sua familia, aonde por ser perto

(1) Outros anotadores dizem João Alberto de Bastos.

da cidade o iam visitar varias pessoas de bem de seu conhecimento; e com a liberdade de quinta se passavam alli as tardes com bastante satisfação na companhia de tão amavel e illustre familia. Alguns dos sujeitos que lá estavam n'uma d'ellas se proposeram a faser versos elogiando n'elles sua filha D. Maior, que é uma senhora das mais esbeltas e corpulentas da cidade. O conego Travassos lhe fez uma lyra (que me repetiu) pelo tom de Anacreonte e muito bonita. O famoso Bastos que lá estava n'essa occasião, e ouviu fallar nos bosques do Ramalhão na dita lyra não quiz ficar atraç e lhe fez os que se seguem:

*Com olhos de licranco,  
Com cabeca de tourão,  
Cantaes, bella Maior,  
Nos bosques do Ramalhão.*

São incontaveis as farças e bobices que se referem d'este tonto. Uma das ultimas que não deixa de ser rara e talvez nunca vista, foi a ceremonia com que, annos ha, elle recebeu em sua casa uma cunhada sua que casou com seu irmão Antonio José de Bastos. A noiva não teve mais remedio que passar pelos, e soffrer, os insultos que lhe fizeram; e teve até o incommodo de aprender como e com que pé havia de pizar a portada de casa; foi perfumada, foi coberta e depois coroada de rosas, e conduzida em seguinda para debaixo de um docel, e obrigada a outros mil disfarces ridiculos. O mestre d'este ceremonia lfoi o mesmo conego, que gastou meses no ensaio d'este e nunca visto acto. Houve curiosos que foram espreitar e assistir a esta scena. O Batalha, então Juiz de Fóra de Elvas, foi um dos que presenciaram essa função e a referiu por vezes, para alegrar e divertir as companhias; e ao mesmo Conego se lhe fez repetir, passo por passo, nas casas onde gostam de o soffrer, todo este magestoso recebimento, mui contente e satisfeito de sua vida.

Pedro Antonio de Souza d'Almeida e Castello Branco, Conego vigario da Sé d'Elvas, pessoa de boa capacidade e brioso, que se entra nos poema é por ser um dos maiores cortesãos e o maior obsequiador de s. exc. \* o bispo, que fez a fortuna de sua numerosa familia, ordenando-lhe cinco irmãos, por cujo motivo pedia a gratidão que praticasse com s. exc.\* todos os maiores obsequios.

Dous irmãos gemeos do dito Pedro Antonio de Souza d'Almeida e Castello Branco; um Conego barulante e outro ceroferario da Sé d'Elvas. Um chama-se José Antonio e o outro Antonio Thomaz. São duas figuras rólicas da mesma altura e disposição, em tudo tão iguaes e semelhantes que dignos se tornam de justo reparo; e por isso são apontados com o dedo em Elvas, e se mostram e notam como raridade. São ambos muito amigos, e raras veses se vê um sem o outro, vendo-se separados não se pôde distinguir qual seja o Antonio o qual o José: n'uma palavra, são dous apporros, como o poeta os designa (1).

(1) Dos *Dois Aporros* cita outra fonte que eram ajudantes do tesoureiro e depois foram quartanarios da mesma Sé episcopal. Copia manuscrita diferente diz que eram ambos ceroferarios. V. ed. R. C., 415.

O manuscrito em vez de *Pittas* traz *Pinhos* e diz — que eram dous irmãos, ambos Conegos na Sé d'Elvas, e que ambos fasiam a corte ao bispo e eram seus parciaes. Um se chamava Antonio Pereira Pinhoe o outro Manoel Pereira Pinho. Este teve uma filha bastarda que perfilhou e a quem deixou o que tinha. Chamava-se D. Luiza e casou com José Silverio: d'estes descendem os Pinhos de Elvas. »

Outra edição (R. C.) diz *Pirras* e em nota inclue a conjectura de que seria alcunha ou ainda tinham o nome de Pereiras.

*Pirra* era nome que se dava aos maceiros; na mesma edição.

Paramos aqui neste labirinto de migalhas. O assumpto não reclama maior desenvolvimento. *Pittas*, *Pinhos*, *Pirras* ou *Pereiras*, quem quer que fossem, perderam por pouco a imortalidade.

---

Com inveja  
Olha do illustre *Almeida* a feliz sorte.

(Pag. 23.)

Este Almeida, José, foi um fiel criado do bispo, homem muito popular na cidade; e apesar da privança do bispo, sempre viveu limpo de mãos e pobre.

E'esta a opinião mais commum, mas outra é a reputação que delle fazem alguns exegetas que o dão por fofo, superficial, lisonjeiro e ate de arranjador de bons negocios. (Cf. ed. B. 186-187; R. C. 416.)

A personagem apparece em varios lugares. Veja o canto VI.

---

Chega dos *Elvios* á colonia antiga  
(Pag. 29.)

Por uma archeologia (que hoje parece picaresca) correu a suppozição de que os *Elvios* ou *Helvecios* colonisaram a peninsula e fundaram *Elvas*, aos 99 antes de Christo.

---

Entre o *Prior* e os frades mil disputas  
(Pag. 29.)

Frades de são Domingos; era prior Frei Antonio Furtado

taxado de muitos desmanchos e demasias de lingua; ao que parece, jogador, amante da pinga, prodigo e vaidoso. Se não carregam as tintas n'este retrato os seus contemporaneos, era Frei Antônio um sobre vivente das liberalidades freiráticas que vinham de Dom João V. Na sua propria cella celebrava *assembleas*, como então eram chamadas as funcções, bailes ou saráos com chá, doces, whist e maledicencia.

---

Chamem-me logo, logo, o douto *Andrade*  
*O grão Penitenciario*, o secco *Marques*,  
E o jantar se prepare promptamente.

(Pag. 33.)

Os anotadores de edições precedentes (ed. V. ed. B), são concordes quanto á identificação d'esses appellidos nas seguintes personagens :

*O douto Andrade* — João de Andrade Fonseca, conego doutoral da Sé de Elvas e ahi provisor e Vigario geral do bispado.

*O grão penitenciario* — E' o conego penitenciario Antonio Luiz (Pereira) de Abreu — como o antecedente tambem do partido do bispo.

*O secco Marques* — Lourenço Marques (ou L. M. Pachec) conego da mesma sé, e assim chamado, *secco*, por muito alto e magro; amigo do bispo.

Segundo o manuscrito S., um certo padre Luiz Tavares tinha posto ao Grão Penitenciario a alcunha de *Xorinolas* (?). Cf. Ed. B; 142 e 193-194.

---

Mas o famoso *Bastos*

(Pag. 36.)

E' o mesmo de quem falamos anteriormente, o conego prebendado João Alberto de (Sousa) Bastos.

---

Pedir manda  
*Ao rabula do Cea* alguns autores  
Que os canones sagrados commentaram.

(Pag. 37.)

Este *rabula do Cea* é o Advogado Manoel Martins (M. ou

Gomes) Céa Vidal. « Era destituído de luzes e talentos. Só servia para assignar papeis ». *Ed. B.*

Comtudo, deprehende-se do texto, era o que tinha livraria de canonistas, embora « rançosa e indigesta ».

Estes autores vem em seguida mencionados :

O douto *Accursio*...

O *Bertachino*, o grande *Granha*...

*Tamborino, Escolano, Spada, Pichler.*

(Pag. 37.)

O famoso *Accursio* de nomeada universal é de seculo xiiii (1182-1240), florentino, leu na Universidade de Bolonha e compoz a *Glossa continua* e foi o mais notável precursor de Bartolomeu e dos jurisconsultos modernos.

*Bertachino* é o autor do *Repertorium Utriusque juris* (Lugduni, 1532). *Tamborini* e *Spada* são jurisconsultos do renascimento, ambos italianos (seculo xvi). Sigismundo *Pichler* é o autor de varias obras de direito *De vera ratione stat. ecclesiastici*, *De ordinibus rerum publicarum* e outras sob o titulo geral de *Dispositio*. Todos elles apenas gozam de valor retrospectivo e historico, mórmente os tres ultimos.

Ainda a referencia que se segue :

Para um voto lançar que semelhante

Nas decisões da *Rota* não se encontre

(Pag. 38.)

explica-se pelo favor que no mundo catholico tinham os arrestos daquelle tribunal ecclesiastico, a *Rota*, de Roma, em litigios beneficiaes. A camara em que se proferiam os sentenças tinha o pavimento em a forma de roda, d'ahi o nome por que foi universalmente conhecida. Tambem se chamou a *Sacra Rota romana* e os seus auditores ou juizes haviam de ser de varias nações do catholicismo.

Um ramo de real portuguez tronco

Effectivamente nas veias do prelado corriam algumas gotas remotas de sangre real. Por sua ascendencia vinha do duque de Coimbra, bastardo de D. João II.

Em vão o *Thesoureiro* em vão o *Chantre*  
Homens austeros...

(Pag. 41.)

*O tesoureiro* era Antonio Marques Sacchetti, amigo do poeta, e, pois, ao abrigo da satyra. Era um dos assíduos do Falcato (veja-se a notícia preliminar a esta edição) e dos que ouviram a primeira leitura do *Hyssope*. O *chantre* que era Mathias Franco (Pereira) Barreto, não frequentava as palestras do Falcato, mas era muito respeitado... pela arte com que sabia dar marros e cachações. Não era homem para ser satyrizado impunemente. Verdade ou prudencia, aqui a Musa se curvou humilde.

---

N'esta cidade tens discretas pennas,  
Tens de Serpa o auditor...  
O Céa tens tambem, tens o Fernandes  
Oraculos de Astrea...

(Pag. 45.)

Do rabula *Céa* falamos já em outra anotação. Os dois outros eram o auditor do regimento de Serpa, Gregorio José Pinto da Silveira, e o advogado em Elvas Antonio Fernandes Freire.

Aqui, o traço caricatural do auditor é o de haver sempre recusado autoridade aos antigos juristas Bartholo e Accursio, porque

Porque idolatras foram e adoraram  
A Jove, Marte, Juno, etc.

(Pag. 45.)

ridiculoi anachronismo que punha Bartholo entre romanos da antiguidade. Não é menos certo, porém, que uma Lei de 18 de Agosto de 1769 prohibira que se allegassem no foro Bartholdo e Baldo; foi conhecida por lei da *Boa razão*. Os rabulas e juizes como os de Serpa viam n'essa medida o supposto discredito da idolatria e gentilismo dos antigos juristas. E parece que essa exegese atribuída ao auditor de Serpa foi testemunhada pelo proprio poeta. Mais tarde carregaram essa estupida hermeneutica sobre os jesuitas quando estes cairam em desgraça na ultima metade do seculo XVIII.

---

Ao padre Guardião somente quero. (Pag. 56.)

O padre guardião era Frei João d'Evora Monte.

---

Faz vir o triste *Luz* que a honra goza  
De tocar mal rabeca...

(Pag. 70.)

José da Luz escrivão ecclesiastico e rabequista da Sé. Convinha-lhe o epitheto de *triste* por ser muito sorumbatico, de fisionomia funebre, e por seu mal, zarloho e mau rabequista.

Outra alusão um pouco adiante.

Ao bom *Gonsalves*

(Pag. 72.)

é feita a outro escrivão judicial, Bernardo Gonsalves, atrevido e desaforado, como o testemunham o poeta e os seus contemporaneos de Elvas (ed. R. C. et ed. B.).

---

O mesmo digo do temido *Almeida*  
De quem V. Ec<sup>a</sup> tem o sangue...

(Pag. 73.)

Ha ainda uma referencia a *Almeida* na pagina anterior, alguns versos acima.

A alusão que se contem nos versos seguintes :

De Cambaia murchar as altas palmas  
Na brutal Cafraria elle não vira  
Se afoutou ou temerario não zombara  
Do bater dos sapatos dos Menezes...

funda-se na em curiosa historia de uma destas superstiçãoes não raras ainda hoje em tempos mais esclarecidos. A ed. R. C. resume a nota do manuscrito S., reproduzido na ed. B. :

« Indo o principe D. Affonso, malogrado filho de D. João II, a galopar pela ribeira de Santarem, espantou-se-lhe o cavallo, ouvindo o som de uns sapatos, que certo homem limpava da areia, batendo um contra o outro, do que resultou cair o principe e morrer pouco depois. D. João de Menezes, senhor de Cantanhede, seu aio, tomou agoiro ao dia de terça feira, em que teve logar tão fatal acontecimento e ao facto que lhe deu

motivo. Sendo depois o mesmo Menezes capitão da praça de Arzila, e projectando uma sortida n'um dia muito tempestuoso, mandou alguem, com o fim de o dissuadir, bater-lhe á porta uns sapatos, mas D. João, conhecendo a astucia, disse a quem os batia: Dize a teu senhor que por isso que fazes não lhe quero dar maior pena que a que elle leva por ir n'esta jornada, aonde eu sei que se ha de aproveitar mais dos seus pés do que dos seus sapatos.

Chegando á Aguada de Saldanha o grande D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei da India, na sua volta para o reino, desembarcou ahi alguma gente dos navios portuguezes para se prover de agua, mas, sendo esta acossada pelos cafres, sahiu elle mesmo em terra para lhes dar o merecido castigo. Aconteceu porém que, indo pela praia, se lhe encheram os sapatos de areia, pelo que descalçou e o seu camareiro os sacudiu, batendo um contra o outro; o que notando o vice-rei, disse: Que fôra estava D. João de Menezes (se ali fôra) de dar mais um passo adiante ouvindo o seu bater dos sapatos, ainda que fosse dar uma batalha de muita honra sua; mas como eu creio em Deus, acrescentou, mais do que em abusões, não deixarei de seguir o meu caminho. Pouco depois eram elle e grande parte da sua gente mortos ás mãos dos cafres, triste acontecimento que veiu dar mais credito ao agoiro de D. João de Menezes. »

O manuscrito de 1805 diz que ficou proverbial a locução — *O tinir dos sapatos dos Menezes* — mas não vejo na literatura antiga nenhum signal que o confirme.

A verdade é que á morte de Almeida ás mãos dos cafres se refere o poeta relembrado aqui do canto X das *Lusiadas*:

Ali cafres selvagens poderão  
O que destros imigos não puderam,

. . . . .  
Óccultos os juizos de Deus são!

(Canto X — est. 38.)

Segue Camões aqui o texto das *Decadas* de João de Barros, onde se relata o infâusto acontecimento.

Tu, ó pobre *Milheiro*! tu o dize  
Que por zombar da fita do palmito  
Na respeitável face do *Roquete*,  
Mestre de ceremonias e cabalas...

(Pag. 76.)

Ha duas referencias e alusões a *Milheiro*, Francisco Martins Milheiro, beneficiado, prezo e castigado por haver rido desres-

peitosamente em uma procissão de Ramos, da fita que trazia Frei Caetano *Roquete*, carmelita calçado, reitor do seminário diocesano, mestre entendido de ceremonias, e como tal, muito exigente a respeito de fitas e outras minucias rituaes. As circunstâncias do ridículo sucesso ficam bem explicitas no texto.

Outra alusão logo se depara na pagina seguinte

O charlatão do *Medico pequeno*

(Pag. 77.)

que por avareza usava sempre como diz o poeta-o *habito escocastico*, isto é, a capa e volta, inteiramente fora de uso, pois os medicos então já haviam adotado o costume de vestir-se como quaesquer leigos. Chamava-se Francisco Xavier, e foi condenado por não dar alimentos ou dinheiro à esposa. « Bem sabe o gato cujas barbas lambe » diz a este propósito um anotador talvez da casta deste somitego Francisco Xavier.

---

Foi o moço Sequeira que hombreando  
Com a pae sagaz na usura

(Pag. 84.)

O Noventa-cabelos conhecido  
Por fido Achates de pomposo Lara

(Pag. 85.)

Excepto o triste misero Tacanho  
Que gerou por seu mal o velho Torres

(Pag. 85.)

Como costuma o zote do Sardinha

(Pag. 85.)

Serie de alusões pessoaes ainda muito frequentes n'este canto VII. São todas conhecidas :

*Sequeira e o pae.* Vicente Ferreira de Sequeira, filho de João Antonio de Sequeira; ambos enriqueceram em negociatas e o qual mais avarento.

O *Noventa-cabelos*. Alcunha de tarimba posta por soldados ao sargento mór Cipriano Luiz de Sá Coitinho; era calvo e usava cabelleira. Passava por boa pessoa.

O *Tacanho*. O avarento e mesquinho proprietario do lugar Manuel Joaquim Bastos, filho de fuaõ Torres.

O *Sardinha*. O conego José Maria Urbano da Guarda (filho de certo Luiz Sardinha) e um typo original :

« Fala um dia e toda uma noite, e a toda a hora, mas nada diz que mereça attenção, pois só falla em cousas futeis que em couisa alguma interessam os ouvintes. Vae e entra em toda a parte, falla com todos os que encontra, sem que pessoa alguma o queira em casa ou queira fallar com elle. Diz mal e bem de outra pessoa ao mesmo tempo; e refere e conta, tambem logo, tudo quanto sabe de bem ou mal de qualquer sujeito de que se trate, sem que isso se lhe pergunta ou se lhe dê attenção. Uma prima sua lhe poz o nome de *Fragata Mexeriqueira*. Almoça dez veses e merenda outras tantas. Tem sempre vontade de comer e o pede com rodeios desusados. É incommodo a toda a casa e a toda a pessoa. É miseravel, mesquinho e pouco grato. Promette a todos renunciar-lhes a conesia, a fim de lhes chupar alguma cousa e de o terem por hospede. »

Assim diz o contemporaneo que anotou o manuscrito S. (de 1805).

Ainda outras alusões a pessoas deparam-se n'este canto VII, e aqui as reunimos por brevidade as que se nos afiguram menos importantes :

O *Velloso*, aritmetico afamado

(Pag. 85.)

Parece estar por erro *Velloso* em lugar de *Vellez* (José Maria) mestre de latim, que pedantescamente pontificava entre incultos com citações e sentenças, um dos tipos daquelle domine de Fray Gerundio tão excellentemente ridiculisado na novella do Padre Isla.

Apesar do atrevido *Casadinho*

(Pag. 85.)

Era um barbeiro assim alcunhado

O vaidoso mulheril *Perinha*

(Pag. 86.)

De nome Jeronymo Caetano de Menezes e Silva, filho do governador de Villa Viçosa. Vaidoso, e imbell'e fidalgo que se pintava o rosto com arrebique. « Escrupulisava, diz uma testemunha (ed. B) entrar na egreja receiando que as mulheres tivessem maos pensamentos quando o vissem. Foi uma vez em Villa Viçosa commungar com touca na cabeça como usam as senhoras, mas o Prior fez-lh'a tirar. Tinha boa cara, mas como se vê, era um grande tolo. »

O grande *Salgado*

(Pag. 87.)

O *Dom Felix*, *Caturra*, e *Salgado* são typos populares de lugar. *Salgado* era medico : José Caetano *Salgado Franco*; casou pobre e casou tres vezes, o que não é raro para medicos; mas esta circunstancia era sempre lembrada porque no tempo de estudante *Salgado* havia escrito um « Rol das senhoras que namoró » com os dotes e legitimas de cada uma. A parte essa ninharia anecdótica, foi sempre excellente pessoa.

Na pagina anterior ocorrem as alusões a

O *Leite* e o *Barquilhos*

(Pag. 86.)

O manuscrito S. quer que se leia *Barquilhas*, e traz a seguinte nota que por interessante e curiosa aqui transcrevemos :

« O Falcato que escreveu o poema é o doutor Caetano José Vaz de Oliveira a quem em outro lugar Diniz se refere, e que foi contemporaneo e amigo d'ele na Universidade, disem que eram o *Leote* e o *Barquilhas*. Este chamava-se José Henrique da Motta, e o povo d'Elvas chamava-lhe D. José Alarve, dando-lhe o Dom por sua mãe D. Angela que era filha de D. Vicente Henriques de Almeida Soutomaior, dos de Arronches e Portalegre. O outro era Manoel Leote de Ataide de Castello Branco, capitão do Regimento de Mexia. Estes dous sujeitos eram duas peças originaes, muito tolos, muito feios, com umas caras desusadas que por isso lhes poseram o nome de *bichos* no sotão de Falcato, onde serviam de pasto e riso nas horas de recreio ; com a diferença que o D. José era jovial, gostava e não se dava que zombasse com elle. O outro, porém, era muito desconfiado. Para que este divertimento fosse mais solemne lhes metteram na cabeca que elles chamavam bicho a D. José Henriques, mas em particular, a Manoel Leote, e áquelle disseram outro tanto. N'esta persuasão viveram muitos tempos e fazia rir a todos a materialidade de ambos, pois quando estavam juntos, fallando-se do *bicho*, cada um de per si o tomava pelo outro, e riama ambos a fartar e ao mesmo tempo. Fartos de os aturarem ou projectando novos divertimentos metteram na cabeca ao Henriques que fosse diser ao Leote que este era o bicho.

O Henriques o por assim lho terem dito, ou por seu alvedrio disse ao Leote — Não sabes que tu é que és o bicho, e não eu?... Os de sotão do Falcato tem até aqui zombado de ti, e tu cuidando que eu era o bicho! — O Leote assim se persuadiu e desconfiou de maior. Dava elle tambem sotão em sua casa, aonde iam varias pesscas de bem, e socios, do sotão do Falcato quando d'este sabiam: depois da meia noute e da uma hora, iam até o sotão de Leote e lhe perguntavam : — Esteve cá o bicho? Que asneiras disse elle cá? — Antes do conto do Henriques lhes contava o Leote tudo quanto Henriques lhe tinha dito e feito; e todos juntos com-

mentavam as suas asneiras, e renovavamse as passadas parvoices, e com novas graças e petas. Passado este ultimo e certo divertimento se recolhiam para suas casas. Em a noute em que Henrques contou ao Leote o já referido, e foi sem o saberem os da sucia do sotão do Falcato, vieram todos juntos ás horas do costume ter ao sotão do Leote, que acharam fechado contra o costume. Bateram disendo : — Esteve cá o bicho? — Chegou o Leote a uma janella de cima e perguntou : — Queé isso? — Elles lhe responderam e perguntaram entao : » Esteve cá o bicho? » Então foi que o Leote atirou sobre elles um penico porcamente temperado que a todos sujou e salpicou. Desde então principiou o entremez dos bichos que durou á mesma hora em varias noites successivas a que muita gente ia assistir. E lá foi disfarçado o proprio visconde de Lourinhã a fim de rir e notar os bon aplausos que n aquellas occasiões se disiam ao famoso Leote. Isto se fez publico pela cidade e o bom Leote era apupado por todos de fórmā que se não atrevia a sahir de casa. Esteve em resolução de se mudar para Campo Maior, mas tomou outro expediente e foi ir-se queixar d'estes desacatos ao visconde da Lourinhã que se fez de novas, mas lhe prometteu terminar esta scena, e mandou dizer aos amigos do sotão do Falcato que não fossem jamais metter a a bulha Manuel Leote e mandou rondar pelas ruas prendendo e castigando a todos que lhe chamavam grifo. Eis aqui como terminou a alegria e prazer da Elvense terra.

A historia de perdoar sinceramente ao toiro que lhe rasgou os calções de camurça foi facto certo e sucedido em Elvas n'uma festa de touros na qual o D. José Henrques fez esse papel ridiculo. A de mungir o Leote as tetas d'um bode aconteceu n'uma função que os taes amigos foram ter nas herdades, onde os Falcatos tinham a sua laboura e grangearias. E foi quando o Deão Lara lhes emprestou os espelhos que lhe chamavam as calhandras, e em que as esperavam para as matar; e estando n'esse divertimento passou por aquele sitio um rebanho de cabras, e correram todos para apanhar cada um a sua, a fim de as ordenharem e brincarem por este modo. Ao Leote, porém, lhe coube por sorte infeliz um bode. Entrou a querel-o ordenhar, cuidando era cabra, o que deu motivo a varios ditos e apôdos que lhe dirigiram os companheiros, moços divertidos e de notavel feição, que compunham a sociedade estimável do celebrado sotão do Falcato, onde se passava uma vida alegre. »

---

#### Cavaleiro do porte dos Venegas

(Pag. 88.)

Refere-se a D. Luiz de Sequeira Moraes, cavalleiro de Malta. Era conhecido por D. Luiz o *Alarve* (conforme a alusão dos versos que se seguem a este) por ser comilão.

#### O prior da Santa Igreja

(Pag. 88.)

Da igreja de Alcaçova, a padre fr. João Antonio da Costa e Aragão, homem violentissimo que de uma feita sabendo que um moribundo recusava receber a extrema uncção, lhe levou o via-tico e armou-se de faca para obrigar a doente a commungar.

O longevo potroso do Saldanha

(Pag. 88.)

Chamava-se Miguel José Pereira de Saldanha e conhecido em Elvas, diz uma das copias de *Hyssope*, por Miguel Burro, homem avarento e sordido como o pinta Diniz

Tu, tambem, grosso Silva...

(Pag. 89.)

Os versos que se seguem ahi, dão alguma noticia acerca d'este José da Silva Machado, natural de Torres Vedras, dado a estudos de genealogia e futeis antiguidades. Tinha, de certo, uma aduela, senão algumas, de menos; pois presumia indicar aos casamenteiros as noivas que lhes convinham e por certas razões de prognosticos que pedantescamente ostentava.

« É por este ar de oraculo que o poeta lhe chama doutor em *Anno historico*, que é um dos livros mais materiaes que se conhecem. Estava em Elvas no tempo em que foi composto o poema, e deu tambem em ir ao sotão do Falcato e em fallar sempre com Antonio Diniz que por muitos annos o tratou indifferentemente. Elle, porém, capacitou-se de que o poeta era seu amigo; entrou a repetir as visitas a casa de Diniz e a darlhe varias secas impertinentissimas, opostas ao genio e estudo do poeta, e lhe mostrava os seus titulos e papeis genealogicos, até que este se resolveu a desenganal-o, vendo que lhe não adoptava seus pareceres e alguns conselhos que por politica lhe deu. Algumas veses d'isto se queixou o Silva em algumas partes, disendo mal de Diniz que vindo a sabel-o entrou a escarnecer e zombar d'elle publicamente, mettendo-o a a bulha quando o encontrava, de sorte que o fez desconfiar de todo. Estava uma noite o Antonio Diniz no sotão do Falcato, e como estava doente dos olhos, assentou-se em lugar onde ficava quasi ás escuras e á sombra do candieiro. Desgraçadamente entrou pouco depois o Silva no mesmo sotão e não deu noticia de que estava lá o Diniz, pois já disse que elle tinha um olho branco e por isso não via muito bem; e começou com as suas descripções do costume de que passou a diser muito mal de Antonio Diniz. Os mais que estavam presentes foram-lhe dando materia a que elle repetisse tudo o que por veses lhe tinham ouvido dizer. O Silva deembaraçou-se quanto pôde e estando já fartos de o ouvirem, se evantou um d'aquelles amigos, virou a bandeira do candieiro e voltando-se para o Silva lhe disse : « Sr. José da Silva aqui o tem que até agora tem estado ouvindo e muito calado os elogios com que o tem obsequiado. »

Então foi que começou a comedia, que o Diniz enfeitou com mil graças e apodos contra o Silva, que corrido e envergonhado nada podia diser até que se retirou, como a fugir, farto de ser objecto de mil descomposturas e da irrisão e da zombaria. Eu posso ser testemunha de que elle tinha uma zanga fidalga ao poeta e lhe ouvi diser muito mal d'elle em Lisboa. »

Bolorento *Pão ralo* e tu que falas  
A lingua da mourama , o bom *gouçado!*

(Pag. 89.)

*Pão ralo* era a alcunha de um ricasso Luiz Garcia Feirer empreiteiro de sisas et de outros negocios. Gonçalo Peres de Gusmão, atoleimado e tertamudo; d'ahi a referencia á *lingua da mourama*, do poeta.

O grande *Eugenio* e o famoso *Felix*

(Pag. 89.)

Eugenio Furtado da Silva, rabequista e o que cantava de tenor na sé. Outro musico insignificante é o Felix Francisco Xavier Félix que, parece, veiu para o Brazil, e sem fortuna repatriou-se mais tarde.

Se tu o'extremada *Zamperini*  
Que em Lisboa aos caquilhos embarçaçãs...

(Pag. 87.)

A celebre cantora Zamperini mais do que nenhuma outra e em tempo algum, quasi excitou uma revolução na sociedade portugueza, cerca de 1770. A sua conta inspiraram-se os poetas do tempo, formaram-se partidos literarios e artisticos e criou-se o verbo *enzamperinar-se* quasi para indicar o furor com que governou todos os chichisbéos, peraltas e homens grave. Pombal disse que era ella a *Pantana* porque naturalmente tudo ali ia parar e mal; algumas fortunas com ella se aniquilaram em emprezas temerarias ou loucas. Pombal, emfim, fel-a sair de Lisboa.

Recentemente (1907) Alberto Pimentel editou a *Zamperineida* e em erudito prefacio historiou a fascinação que sobre a sociedade portugueza exerceu a famosa cantora veneziana (1).

A *Zamperineida* é uma collecção facticia de versos da *Guerra dos poetas* do tempo da Zamperini, acirrada por outras rivalidades que já dividiam o Parnaso.

(1) *Zamperineida*, segundo um manuscrito da Biblioteca Nacional. Publicado e anotado por Alberto Pimentel. Lisboa, 1907.

A Zamperini havia de ter verdadeiros dotes de artista e cantora, realçados provavelmente por algumas bregeirices profissionaes.

Depois o *Vidigal* ligeiro toma  
Uma bandurra...

(Pag. 90 et 91.)

Refere-se ao Padre Francisco *Vidigal* de Negreiros, cantor, ao que parece, abominavel. Aqui ainda o poeta alude a

Voz agallegada do *Malifa*

que (segundo o man. F.) era a alcunha de um capitão de regimento de Mexia, chamado Christovão Antonio, notabilidade local, ao que parece.

## V. Notas geraes e historicas.

Aqui incluimos as referencias a dignitarios da sociedade religiosa ou civil, a jurisconsultos mormente as auctoridades do antigo direito que a reforma pombalina lançou ao olvido e por isso se tornaram obsoletas ou ridiculas, nos espiritos reaccionarios que ainda as seguiam.

---

A *escolastica*. . . . .  
que alvaçaram  
Até á morte os perfidos *Solipsos*.

(Pag. 16.)

A palavra *egoista* foi inventada e vulgarizada pelos encyclopedistas; a unica equivalente mas pouco conhecida, era a de *Solipo*, de *solus* e *ipse*, creada pelo jesuita allemão MELCHIOR INCHOFFER para titulo da sua obra *Monarchia Solipsorum* (1648) que é um ataque virulento a ambição dos jesuitas. Esta interpretação é a que se encontra em todos os editores que tocaram o assunto depois da edição de Lecusson Verdier (1817). Mas é discutivel que a *Monarchia Solipsorum* seja de INCHOFFER ou do P. SCOTTI, e se na formação da palavra o primeiro elemento

foi tomado a *solus* ou *sol*. Cf. FERD. DENIS — no prologo da traducçao do Hissope — *Le Goupillon*, 15; e a *Bibl. critique* I, 512.

---

Que em Roma conversou com o *Datario*  
(Pag. 30.)

O *cardeal datario* o que preside a *dataria* da curia romana, tribunal ou officio onde se recebem as supplicas e petições e se despacham ou expedem os *breves*; o instituto foi criado por Bonifacio VIII, segundo afirmam as autoridades no assumpto.

O *datario* vem logo depois do *Papa* que quando muito se poderá ver; o nosso heroe, como diz o poeta, *viu o papa e conver-sou com o datario*.

---

Algumas linhas adiante (diz a *Discordia* falando ao presidente do Cabido) como é possivel q. vossa *Senhoria* que vin o Papa, etc. Traga o hyssope pela porta travessa e escusa,

Para offrecel-o a um *Bispo* de ma'morte?

Aqui o traductor francez foi victima de um engano porque leu *mão morta* em lugar de *má morte*, fraze idiomatica de difficil intelligencia para estrangeiros. « Je n'entends pas bien (diz elle) cette plaisirterie. En termes de droit, si l'évêque était homme de *main morte*, le doyen l'était aussi. »

Boissonade, erudito e douto hellenista, traduziu (apezar de um ou outro lapso, raro) com grande intelligencia e fidelidade o texto do *Hyssope* (1).

---

Correm velozes por fujir da multa  
(Pag. 36.)

São passiveis de multa os conegos que faltam ao côro, dever

(1) Ainda em outra conjunctura (canto VII) não logrou Boissonade entender a locução — *pae velho* — (canto VII) que em nota approssimou de « à force de consulter les Pères de l'Église. » O *pae velho* é a traducçao interlinear (ou burro) dos classicos latinos; todavia, a traducçao à coups de dictionnaires que preferiu adoptar no texto do poema é satisfactoria.

de que são annualmente dispensados por *cem dias* os que pedem licença previa, e a que chamam *tomar estatuto*. Sem essa declaração e formalidade soffrem desconto e multa.

---

O Genet, Busembaum, Lacroix, Guimenio,

(Pag. 40.)

Autoridades em theologia : François *Genet*, bispo de Vaison ; *Busenbaum*, jesuita, casuista celebre, favoravel, como outros d'esse tempo e companhia, ao regicidio, quando, ao parecer d'elles, necessario. *Lacroix*, commentador do antecedente ; *Guimenius*, pseudonymo do jesuita Moya autor de opusculos de theologia censurados em 1665 pela Sorbona...

Adiante, refere-se o poeta a varios textos :

Sexto, Decretaes e Clementinas

(Pag. 41.)

As *Decretaes* são cinco livros de decisões dos papas, publicadas por ordem de Gregorio IX. O *Sexto* (livro) foi um accrescimo aos primeiros, do tempo de Bonifacio VIII; e os *Clementinas* são as constituições mandadas compilar por Clemente V : todos estes monumentos do direito ecclesiastico formam a II parte do *Corpus juris canonici*. E'o que diz uma ilustração de Boissonade n'este ponto.

---

..... O novo Caio...

(Pag. 46.)

*Ven Espen, Dupin, Barthelio.*

(Pag. 47.)

Nomes de praxistas e de autores da literatura juridica, ainda então de crescente voga. *Caio* ou *Gaio* é o jurisconsulto do tempo de Marco Aurelio (1).

Com a reforma dos estudos universitarios começoou o influxo

(1) Não pode haver alusão ás *Institutas* de Gaio, que só foram descobertas mais tarde (1816) por Niebuhr.

de autores novos, até então ignorados, suspeitos de heresia ou de bovidade malsã.

VAN ESPEN é o autor do *Jus ecclesiasticum universum*, Paris, 1753; era professor em Louvain.

DUPIN (Luiz Elias) é o autor da *Puissance Ecclésiastique et temporelle* e outros obras.

BARTHELIUS, grande canonista alemão que floresceu pelos meados de oitocentos.

Todos estes jurisconsultos e tratadistas, aos partidários do antigo regimen fradesco, pareceram inimigos da orthodoxia e em verdade tiveram o mérito de combater o papismo. O manuscrito S. faz a seguinte ponderação bem curiosa e escrita em 1805:

Annos depois da composição d'este poema, um lente do Decreto que ditava na Universidade de Coimbra a doutrina de Van-Espen, era tido e reputado por um grande hereje pela maior parte dos frades d'aquelle cidade e por muita gente de cabelleira d'este reino. Por este mesmo tempo presencieia uma questão canônica que teve certo opositor, hoje lente da dita universidade, como o exmo. Bispo de Elvas D. José da Costa Torres que então era alli opositor igualmente. Allegando o sr. Torres com um d'esses autores para comprovar a sua doutrina, o outro lhe respondeu com toda a sisudez que lhe não allegasse com herejes... »

A esse atrazo e conservantismo dos estudos alude Filinto Elísio, lembrado pela ed. R. C. :

Que nuvem de papeis despachados  
Vae sem gloria voando pelos ares!  
Vão grossas conclusões de latim crespo.  
Bolorentas postillas.

Que tropel de Thomistas e Escotistas  
Arrepellam as barbas e os cabellos;  
Porque estes estatutos os privaram  
De gritar sobre nada!

Olha o bedel e o rustico meirinho  
A dar co'a vara nos roncereiros Sanches,  
Durandos, Busembaums, Lullos, Cayados,  
Aranhas e Barretos.

Diverte-te, meu Souza pachorrento,  
Em ver esse entremez, a cuja scena  
Os gothicos de raiva se emarginaram;  
Os modernos se riem.

Continuam as referencias a outros jurisconsultos :

O bom Panormitano  
Em grande letra gotica, os *Fagnanos*,  
*Valenças*, *Bellarminos*, *Anacletos*.

(Pag. 48.)

Entende-se : Nicolai Parnomitano (*Pratica de modo procedendi*) Bellarmini Roberto, theologio italiano e cardeal, autor das *Controversias*; Fagnani Prospero (*Commentaria in II libri Decretalium*, etc.); Valença (o padre V.) jesuita espanhol, exegeta da *Summa*; Anacleto, papa. Todos, autores antiquados.

---

Pouco adiante alude o poeta aos velhos praxistas portugueses :

Do bom *Phebo* bom *Mendes*, e bom *Pegas*.

(Pag. 49.)

ou de mistura com outros :

. . . . . Palma, Decio,  
Bartololo, Castro, Baldo...

(Pag. 50.)

e assim nas paginas seguintes, de que seria enfadonho tratar com prolixidade :

Belchior *Phebo*, que compoz varias obras; Manuel Alvares *Pegas* que commentou as *Ordenações*; Manuel *Mendes*, autor da *Praxis lusitana* e do *Repertorio ás ordenações*; José dos Santos *Palma*, escreveu adições a *Phebo* e outras obras; Decio, Filipo, italiano (*Comm. in Decretales*, *Pandectas*, etc.); Gabriel Pereira de *Castro*, o autor das *Ulyssea*, tambem jurista (*Manu Regia*, etc., etc.); Baldo, jurisconsulto italiano (sec. XV).

---

Gabem aqui as outras referencias que se deparam no mesmo canto IV de poema :

O autor da *Arte Legal*, nem do *Perfeito Advogado* ou do *Flaviense Gomes*

(Pag. 50.)

O grande portuguez *Cabral Vanguerve,*  
E o famoso *Bremeu...* (Pag. 50.)

O nosso *Ferreira...* (Pag. 51.)

Que esses seus *Zalweins...* (Pag. 51.)

O doutor *Caetano...*

Não sei com que *Noodis* com que *Strachios*  
E outros galantes nomes... (Pag. 51.)

O autor da *Arte legal* (*para estudar a jurisprudencia*, etc. Lisboa, 1747), é o espanhol Bermudez de Predraça, traduzido por F. d'Almeida Jordão.

O *Perfeito advogado*, ou antes, *Perfectus advocatus* é de Jérôme da Silva de Araújo.

*Flaviense Gomes* (Antonio Caetano Gomes) escreveu o *Manual pratico* 1748 e outras obras.

Antonio *Vanguerve Cabral*, autor da *Pratica judicial*, Lisboa, 1712.

Padre Antonio Cortez *Bremeu*, autor do *Universo juridico*; Lisboa, 1749.

Manoel Lopes *Ferreira* é o autor da *Pratica criminal*; Lisboa, 1730.

Gregorio *Zalwein* (1712-1766) canonista alemão da Universidade de Salzburgo.

O doutor *Caetano José Paz de Oliveira*, advogado em Elvas e contemporaneo do poeta.

Gerardo *Noodt*, hollandez (1647-1725), professor de Leyde.

*Strachio*, isto é, Strauch, jurista alemão (Boissonade) ou talvez o italiano *Straccha*. (Ed. R. C.).

Outras referencias ahí entremeiadas já foram alhures esclarecidas, como as que apontam a Bartholdo, o Céa, etc.

Ainda o verso

Me deu o *Passionei...*

(Pag. 48.)

refere-se ao archeologo cardeal Domenico Passionei, coleciona-

dor de antigualhas sacras (*Veronicas, breves, etc.*) a que alude anteriormente o poeta.

---

Não são esses (sorrindo-se lhe torna)  
Mas outros, os *Apostolos*, que digo,  
E que precisos são no nosso caso.

(Pag. 48.)

E anteriormente na mesma pagina :

. . . . não se esqueça  
De pedir os *Apostolos*...

(Pag. 48.)

*Apostolos*, diz-se, na ed. B., que eram, na antiga jurisprudencia, as cartas demissorias que o juiz a quo enviava ao juiz de apelacao para attestar que o impetrante apellava da sentenca da primeira instancia.

*O direito aos que dormem não socorre*

(Pag. 51.)

Era essa uma regra antiga, como o testemunham varios passos do *Digesto* : *Jus civile vigilantibus scriptum est. Non negligentibus aut dormientibus subvenitur*, etc.

---

Alta sciencia...  
Que tanto fez suar ao grande *Scoto*  
Aos *Baconios*, aos *Lullos*...

(Pag. 58.)

Referencias a Duno *Scoto*, o escolastico, mathematico e alchimista; Rogerio *Bacon*, frade, tambem inglez e do seculo XIII, um d'aquelle alchimistas aquem se attribue a invenção da polvora; Raimundo *Lullo*, natural de Maiorca, seculo XII, frade, theologo, philosopho, missionario, em cuja vida a tradição popular entreteceu maravilhosas lendas.

São mencionados a propósito das « *sciencias mais profundas* » n'aquelle tempo « *reservada dos claustrros* ».

Consoante aos appellidos de uso naquelle evo barbaro Bacon era o *doctor admirabilis*, Lullo o *doctor illuminatus*, e o Scoto *Doctor subtilis*.

## VII. — Folklore.

Constantemente aparecem no *Hyssope*, onde se pinta com tão fieis cores a vida provinciana, muitas referencias a abusões, credices, festas e divertimentos populares. Notar cada uma d'essas allusões do tradicionismo, seria talvez empreza longa embora util. Entendemos, contudo, salvar aqui as excepções mais notaveis, que podem servir de materiaes proveitosos aos que estudam o *folklore* e *calogia* collectivo syha do nosso povo.

Os silfos, salamandros, ninfos, gnomos  
E os outros genios da subtil *Cabala*

(Pag. 18.)

E' curioso certificar que na linguagem *commum* a idea de *Cabala* inteiramente resultou falsificada, como ja bastariam para o attestar, os versos do nosso poeta, que, no sentido proprio e verdadeiro, apontam a disparate.

O anotador (ed. V. reproduz., ed. B.) diz o seguinte :

A Cabala é uma d'aquellas loucuras que, com o nome de sciencia, tem cometido, em diversas épocas, a triste humanidade. Os judeus Hellenistas, querendo reforçar a autoridade das suas tradições oraes, com alguns principios dos Philosophos gregos, foram os inventores d'essa especie de *Gíria* a que deram o sublime nome de sciencia occulta; e com bem razão assim a appellidaram, pois no conhecimento e progresso d'ella tão intelligentes e adiantados se mostraram os Inventores e Mestres, como o eram os simples iniciados. Nomes, figuras, numeros, movimentos dos Astros, etc, etc., singular, ou simultaneamente calculados, e analysados por subtis analogias tam absurdas quanto inintelligives, formavão a base dessa Arte. Desgraçados e inuteis esforços da memoria, captivada pelo mais ridiculo fanatismo, passavam por infinda erudição, e da supriam as Leis da logica a menos subida. Da Cabála, ou antes abuso arte de raciocinar, pode dizer-se que grandes forças cobraram a Superstição, a Philosophia escholastica, a Astrologia Judiciaria, a Alchymia etc. assim como o quebranto, os feitiços; e o remedio d'estes, quaeas os cintos das criancas recem-nascidas, as figas de azeviche, as meias uas, e o signos *samão*, ou de *Salomão* a quem imputam ainda hoje alguns embusteiros a invención de tão estupendos despropositos. »

(impr. em 1724), mas especimén mais perfeito de ironia é a cabala do Pegaso de Giordano Bruno em que se faz o elogio da estupidez.

---

Com quatro caramelos n'uma salva.

(Pag. 22.)

E quatro versos antes d'este : « Lhe faz bradar por agua e caramelos ». Ha em Elvas uma cisterna publica de celebrada agua fresca e a cujo pé se vendiam os caramelos ou neve; e aqui alude o poeta a esse costume local que é um dos regalos do verão elvense. O poema, como já dirsemos, foi composto em Elvas. Ao mesmo intento, communicou-me Alberto de Faria, o nosso *folklorista*, a seguinte nota :

« Leio na revista *Portugalia*, II, fasc. 4 à 4 (1905-08) pag. 659 as seguintes linhas de A. Thomaz Pires, natural da terra classica das azeitonas :

« Ah! Aos caramelos! Ah! como torrão! A cinco réis! Aguiinha da cisterna ». Pregão de rapaz. Entre as pequenas industrias populares da cidade de Elvas figurava, nos séculos XVII, XVIII e XIX, a do fabrico de caramelos, — especie de confeição de assucar em ponto muito subido, batido fóra do lume, de modo que, coagulando-se, fica fôfo, — industria caseira (hoje bastante decadente) exercida por mulheres. Creio que esta industria foi creada ou se desenvolveu depois do anno de 1650, em que se concluiu a construção « para commodo e delicia dos elvenses » da grande cisterna publica denominada *Cisterna da praça*, magestoso edifício feito cob a traça e direcção do engenheiro francez Nicolau Lan gres. O reservatorio (destinado a fornecer agua fresca a toda a população no estio e que se abre com certa solennidade na vespresa de dia de S. João Baptista) tem a capacidade de 2.240 metros cubicos e é abastecido pelo monumental aqueducto da *Amoreira*.

Antonio Diniz, no poema *O hyssope*, c. I, refere-se a esta industria elvense :

E o calor que as guellas lhe seccava  
Lhe faz bradar por agua e caramelos. »

---

A edição R. C. introduz aqui uma variante que não podemos aceitar :

Para tamanha empreza um copo cheio...

O nosso texto diz *enchendo*. E' evidente que a variante foi sug-

gestionada por principios logicos ou grammaticaes diante do verbo da oração principal *lhe leva* (um copo cheio, enão *enchendo*); mas a correccão *lh'o leva* torna superfluo aquelle escrupulo. Abs-tivemos-nos, pois, de qualquer emenda.

---

Bom poeta, orador, *Petrus in cunctis*.

(Pag. 34.)

*Petrus in cunctis* equivale ao que na giria de hoje se diz o *homem dos sete instrumentos*, ou *o pau para toda a obra*, o que tem muitas partes, manhas ou habilidades, como as que enumera o poeta nos versos antecedentes, gentilhomem, homem de gabinete, de conselho, poeta, orador, etc.

Fora da giria das escolas, creio que nunca se tornou popular.

---

Anda no bairro *Lubishomem*  
Ou homem por *fadario* transmudado  
Em jumeuto orelhudo ou em sendeiro

(Pag. 63.)

Crença ou superstição popular de Portugal e Brazil. Cf. Theophilo Braga. *O Povo portuguez* II, 85 e 155 (com um trecho de A. Herculano, referente a esse mytho). Do *lobishomem* trata Leite de Vasconcellos nas *tradicões populares*, 262 sequ. onde se registram as variedades dessa especie demoniaca-corredor, *lubishomem*, etc. No Brazil complica-se esta lenda com a do *Caapora*, de conteúdo diferente, ainda que semelhante em alguns pormenores. Não é aqui o lugar mais proprio para tratar das origens deste mytho do nosso *folk lore*; aos leitores indicamos as autoridades acima apontadas.

Essa superstição europea foi causa das maiores barbaridades na edade media quando se condemnava à fogueira os doentes de *lycanthropia*. O atroz expediente foi lembrado por uma junta de théologos convocada pelo imperador Sigismundo.

---

O benzer dos feitiços e lombrigas,  
O grande e extraordinario privilegio  
De irmãs e mãe de frades...

(Pag. 70.)

« representam uma crença, não só do Alemtijo, mas tambem do Minho, — a de taes parentes de monges terem o poder de quebrar feitiços e curar os doentes de lombrigos. »

E'uma nota que me communica o erudito escritor Alberto de Faria.

Sobre o influxo virtuoso de irmãs de clérigos ou padres, veja Th. Braga. *O povo portuguez*, II, 486.

O erudito Lecussan Verdier aproxima ousadamente estes versos de Diniz de outros latinos do poema *Franciscanus* do escocês Jorge Buchanan que veiu ensinar na Universidade de Coimbra a chamado de D. João III, honra que lhe custou o não escapar a santa Inquisição nacional. Os versos de Buchanan são os seguintes :

Ilia tamen patribus seges olim uberrima nostris  
Fingere nocturnos lemures, manesque vagantes  
Lustrali compescere aqua, magicisque susurris,  
Frigida nunc tota est : postquam nasuta juventus  
Pectora crassorum male credula ridet avorum.

Cf. Ed. Verdier, 1821; repetida na ed. R. C.

E por dar mais prazer aos convidados,  
De *cavallinhos fuscos*...

O galante espectaculo prepara.

(Pag. 83.)

Grande estudioso do nosso *folk lore*, Alberto de Faria chamou-me a atenção para esse passo do poema e para o que escrevera Theophilo Braga no *Povo Portuguez* (II, 164 sequ.) acerca deste divertimento popular portuguez, pouco conhecido no Brazil :

« Outros elementos mythicos se encontram nos emblemas e symbolos hieraticos da procissão do Corpo de Deus ; taes saõ os *Cavallinhos fuscos*, ordenados no Regimento de 1482 : « Os trapeiros, que são os mercadore de pano de linho, e os mercieiros todos com suas tochas accesas e castellos de estanho : e levão cua bandeira e alábaque e dois *cavallinhos*

*fuscos.* » No regimento da Camara de Coimbra para a Procissão de Corpus, de 1517, os cordoeiros, albardeiros, odreiros, e tintureiros levam quatro *cavallinhos fuscos*, bem feitos e bem pintados. « E no Regimento Camara do Porto para a mesma Procissão, em 1621, os selleiros, esteireiros e correeiros irão com os *cavallinhos* e Anjo armado no meio. O emblema dos cavallinhos fuscos não pertencia a uma classe especial. D. Francisco Manuel de Mello refere-se a este costume que se tornava divertimento popular: « Sempre está no cavallinho da alegria, mas vigie-se dos *cavallinhos fuscos...* Onde enterra o senhor os que mata? Entre as unhas em *valle de cavallinhos.* » Evidentemente, estas phrases ainda populares referem-se á superstição mythica e germanica do cavallo. « Os Germanos, como os seus passados Gotas e Scythas, tiravam prognosticos do relincho dos cavallos.

---

A este respeito, a nota mais completa e exacta que temos é a de Adolpho Coelho em que se estuda a expressão e o seu fundamento no *folk lore* europeu.

« Em Coimbra, na minha infancia, ouvi muitas vezes a expressão *ir ver os cavallinhos fuscos* no sentido de ir vadiar, ir passear á busca de qualquer espectáculo que se oferecesse pelas ruas. Ninguem me soube dizer o que eram os taes cavallinhos fuscos, a que depois encontrei allusões em diferentes autores. Na *Feira dos Anexins* (edição Innocencio) 2. 2. 1 lê-se : « Sempre está no cavallinho da alegria; mas vigie-se dos *cavallinhos fuscos.* » O autor das *Enfermidades da língua* (s. letra C, pag. 111) condena esta expressão *cavallinhos fuscos.* Soropita na sua prosa burlesca e embrulhada falla de *cavallinhos fustes*, o que é sem duvida, a mesma coisa : « E depois se levaram de presente ao sogro do grão Turco, juntamente com umas beringelas e uns *cavallinhos fustes*, que lá comem esperregados pelo inverno, que são maravilhosos para dôr de madre; e nós somos tão malhadeiros que os temos aqui todos os annos e nunca nos sabemos aproveitar d'elles (*Poesias e prosas ineditas*, edição de Camillo Castello Branco, pag. 38.)

« D'estas passagens não se conclue ainda o que eram os taes *cavallinhos fuscos*; sabemol-o porém claramente de dois documentos publicados por João Pedro Ribeiro nas *Dissertações chron. e crit.* tomo IV parte II, pag. 201-207 e pag. 226-230. No segundo d'esses documentos, que é o regimento da festa do Corpo de Deus feito pela camara de Coimbra em 1517 (segundo Ribeiro) lê-se : « Os cordoeiros, e albardeiros, e odreiros tintureiros, que todos andam em o ofício são obrigados a darem quatro *cavallinhos fuscos* bem feitos e pintados, e se os elles taes não fizerem a cidade os mande fazer, como lhe parecer que devem de ser, e elles os paguem, e teram huma boa bandeira, e hiram em Pricião. » No outro documento, que é o regimento da mesma festa feito pela camara do Porto em 1621, estatue-se : « Item. Irão os Celleiros, e Cutileiros,

Bainheiros, Espadeiros, Caheiros, e Asteireiros, e Correeiros, com sua bandeira e castellos bem ornados de bandeirinhas, boninas, e flores, e sua cera com os cavallinhos, e Anjo armado no meio, etc. » Vê-se d'essas passagens que os *cavallinhos fuscos* deviam ser umas figuras de cavalos, feitas de madeira ou pasta; é de crer que fossem movidos por homens que figurasseem ir montados n'elles; constituiam uma parte necessaria no prestito do Corpus Christi, como ainda hoje os cavallos de carne e osso. O caracter symbolico ou mythologico das outras figuras que desfilavam na procissão leva naturalmente a buscar a significação (forçosamente devia ter uma, como todas as festas tradicionaes em todas as suas partes) d'esses cavallinhos. Essa representação do cavallo encontrase em muitos povos europeus; na França chamam-lhe *chevalet*. » Le Chevalet, diz Edèlestand du Méril (*Histoire de la comédie. Période primitive*. Appendix I. pag. 421 à 423) est populaire dans presque toute l'Europe sous des noms très divers. On l'appelle *Bidoche* dans le département de l'Orne; *Cheval-Mallet*, dans la Loire-Inférieure; *Cheval-fug*, dans l'Allier; *Cheval-fol*, à Lyon; *Chiavoux frux*, dans le Midi; *Godon* à Orléans; *Cheval-Godin*, à Namur; *Chinchin*, à Mons, à cause des grelots dont il est orné; *Algodon*, en espagnol; *Caball cotoner* et *Caballet*, en catalan, et *Hobby-horse*, en anglais. Quoiqu'il soit populaire en Allemagne depuis longues années, son nom propre, *Schimmel*, Cheval blanc, n'est pas fort connu : on l'appelle le plus souvent *Theaterpferd*, Cheval de théâtre; *Pferd von Pappe*, cheval de carton, et *Schlittenpferd*, cheval de traîneau. Cette multiplicité de noms suffirait pour rendre inadmissible l'origine historique que lui ont attribué Millin et M. Germain. Il n'y a rien de commun entre ce cheval si cabriolant et celui sur lequel Pierre II d'Aragon ramena tranquillement sa femme en croupe à Montpellier, en 1207 : encore moins peut-on le rattacher au cheval empailé qui figura dans la commémoration de cet événement, en 1239. C'est évidemment l'imitation du cheval avec ses différentes allures, ses vivacités, ses bonds, ses hennissements et son amour de l'avoine. » Du Méril cita diversos autores que confirmam esta idéa do papel representado pelo chevalet e continua : « Les circonstances singulières qui accompagnaient l'exhibition du Chevalet à Sainte-Lumine de Contais, dans le département de la Loire-Inférieure, rappellent cependant le rôle mythique du cheval dans la religion gauloise. Le jour de la Pentecôte, l'homme-cheval assistait à la messe paroissiale dans le banc du seigneur, puis il se rendait processionnellement sur la place publique suivi de deux personnages qui ferraillaient pendant toute la marche avec de longues épées, et tout le monde dansait autour d'un chêne qu'on avait planté tout exprès. Mais ce n'était là sans doute qu'une fantaisie purement locale, qui ne change en rien le caractère tout mimique du Chevalet. Il se retrouve, non-seulement au Mexique, mais en Chine, où ne pénétraient point les choses d'origine étrangère, et le nom qu'on lui donne en espagnol ne permet pas de douter qu'il ne fut aussi connu des Mores. » A ultima conclusão de du Méril não tem fundamento, porque *algodon* (portuguez *algodão*) é uma palavra, que, embora de origem árabe, os hespanhoes podiam independentemente aplicar

ao cavallinho. O mesmo auctor cita em nota um opusculo provençal *Leis Juechs de la Festa dé Diou*, pelo qual se vê que na Provença, como entre nós, o cavallinho apparece pela festa do Corpo de Deus.

« A Kuhn e W. Schwartz, *Nord-deutsche Sagen, Märchen und Gebräuche* (Leipzig, 1848) mencionam o *Schimmel* entre os usos de quarta feira de cinza (pag. 369), Pentecostes (pag. 381) e Natal (pag. 402). Os factos e observações reunidos por Kuhn opusculo citado pag. 510, *Märkische Sagen und Märchen*, (Berlin, 1843), pag. 308 por J. Grimm, *Deutsche Mythologie*, (3.<sup>a</sup> edição), pag. 621-629, por K. Simrock, *Deutsche Mythologie* (2.<sup>a</sup> edição), pag. 559 provam que o *Schimmel* (e por consequencia o nosso cavallinho fusco) é o representante do antigo cavalo do sacrificio. Na minha obra sobre os costumes populares portuguezes exporei esses factos e observações e discutirei se o costume entre nós deve ser considerado de origem celta, romana ou germanica. E o nome ou antes o adjectivo *fusco*, d'onde vem? Soropita escreve *fuste*, sem duvida porque um fuste era empregado para armar o cavallinho; mas era essa a forma primitiva, verdadeira da palavra? O mais antigo documento portuguez que cito diz *fuscos*; não ha uma certa similitud com o *Cheval-fug* do Allier, com quanto illusoria? (1) »

Ainda a estes divertimentos populares devemos aqui ajuntar a referencia que se depara no ultimo VIII canto do poema.

Voemos! — E n'um ponto, coisa rara!  
E que igual nunca fez *Juan de las Viñas*,  
Pelos ares voaram livremente...

(Pag. 402.)

Nos theatrinhos de bonecos ou bonifrates o *João das Viñas* ou *Juan de las Viñas* é uma das figuras mais notórias, e a ella é que se attribue sempre uma viajem de que não volta, ao desapparecer da scena (2).

(1) « Um etymologo da velha escola não duvidaria da tirar o *cavallinho fusco* do *cheval fug*; mas a forma primeira é realmente a dada por Soropita. Em Ducange, edição Henschel, s. v. *Cavalletus*, citam-se documentos pelos quaes se vê que *chevel fust* designava o cavallete da tortura; *cheval feust* (forma apenas distinta phoneticamente, peculiar a outro dialecto) o apparelho do qual « utuntur mercatores, ut merces suas exponant, ponderent vel metiantur pro vario mercimoniorum genere... Cujusmodi instrumentum plurimis artificibus in usu est, quod quatuor veluti pedibus sustinentur, sic dictum. » (Nota do mesmo A. Coelho. Este exellente artigo foi ainda refeito e reimpresso na *Rev. Lusit.* em n<sup>o</sup> agora a nós inacessivel).

(2) Cf. que escrevi a respeito da expressão *Viajem de João Gomes*. (na I serie das *Frases seitas*). Um nosso grammatico, o Dr. Sílio de Almeida, estudioso mediocre e inhabil senão ignorante, acha que *João Gomes* equivale a *Não tornes* (!).

O' grande Elvas, cidade em todo o tempo  
Por teus famosos filhos memoranda!

(Pag. 91.)

Os de Elvas, segundo um apodo popular, saõ famosos pelas parvoices. Aqui esclarece o poeta com exemplos esse anexim, e os exemplos passam por verdadeiros. Assim o foi o da economia do senado da Camara que para concertar o velho e já rachado sino.

Quatro gatos mandou lançar de ferro

(Pag. 92.)

Esse remedio, que era uma logração, sempre foi crido e ainda haverá quem deite gatos de ferro aos sinos para lhes restituir o tom perdido. Em Elvas o acontecimento ainda originou um pleito entre o senado e o serralheiro.

Outra anecdotá quanto a essa parvoice de Elvas refere o poeta nos versos da pag. 93, quando á cidade chegou o « rumor ainda incerto dos regios desposorios da princeza real »; apoz um lauto banquete commemorativo os vereadores entenderam lançar ao povo apinhado fóra do edificio do senado, as « reliquias da merenda » :

Ovos molles  
Arroz doce, cidrão, e leite crespo  
Que o povo ás rebatinhas apanhava...

(Pag. 93)

Naõ é menos celebre a de uma inscripçāo a que se refere Diniz n'este mesmo lugar :

*« Que direi, (proseguiu) da subtileza,  
Com que gravar mandaste sobre a porta  
Que tem de Esquina o nome, em negra pedra,  
Por que ninguem a tél-a se atrevesse,  
A famosa inscripçāo, em negras letras! »*

Là existe (diz o manuscripto S, 1805) ainda essa pedra. Eu a vi, mas, depois de corridos, poseram-lhe letras brancas. E cousa que não agradou a muitos. O auctor d'esta maravilha foi João Leite, sendo vedor geral, por cuja inspecção correu a dita obra. Seriam efeitos já da agua das Amoreiras, que dizem que todo o que d'ella bebe diz e faz asneiras. Eu não sei se é agouro ou abuso isto que se diz. É verdade que não sou dos mais credulos, mas é digno de notarse que n'esta cidade é onde teni acontecido historias e parvoices raras. Pouco ha que sucedeu outra bem digna de notar-se no referido catalogo. E foi vir por vereador um nego-

cianto rico, chamado d'alcunha o *Linheiro*. Opposeram-se a isto todos os seus collegas. Eram mais pobres que o Linheiro e deseguaes nascimento e nobresa!... O certo é que não é facil notar em outra qualquer terra tantas peças originaes e retratos verídicos como vemos n'este poema, ficando ainda alguns no tinteiro, como foi um João Sardinha Brissos, commissario da thesouraria, digno de correr parelhas com o Zote do Sardinha e com ambos os Bichos. \*

## VII. — A linguagem.

### *Hyssope ou Hyssopaida*

*Hyssope* é o nome mais vulgar do poema. Não é menos certo que tambem foi conhecido com o titulo de *Hyssopaida* e a esse é que se refere Mello Franco no *Reino da Estupidez* que figura n'esta collectanea :

Musa renova no teu vale o fogo  
 Com que acendeste outr'ora a sabia mente  
 Não digo de Despréaux, d'aquelle activo  
 E discreto Diniz na *Hyssopaida*.

Canto IV. — Pag. 147.

Em geral, á imitação de Homero e Vergilio nasceu entre portuguezes a tendencia de formar neologismos, em nomes de poemas heroicos, mas sem firmeza quanto ao suffixo de incremento e derivação; *eada*, *iada*, *aida*. E assim disseram *Eneada*, *Eneida*, *Henriqueida*, etc.

O neologismo *Lusiadas* que Camões adoptou foi criado por Jorje Coelho na opinião do Dr. José Maria Rodrigues ou por André de Resende, segundo a Dra. Carolina Michaëlis de Vasconcellos persiste fortemente em afirmar (1); em qualquer caso foi inventado entre 1525 e 1535, mais de trinta annos antes da primeira edição da grande epopeia nacional.

N'essas derivações eruditas nem sempre os portuguezes letreados do outro tempo tomaram por modelo o caso obliquo com o seu incremento e é frequente a concurrenceia de formas duplas

(1) Conheço o estado da questão até o opusculo de Carol. Michaëlis de Vasconcelos: *Lucius Andreas Resendius*, publicado há tres annos (1905).

*Amarillis, Cloris, Filis, e Amarillidas, Cloridas, Filidas* e por analogia outros nomes de formação recente (Cf. o que diz F. Dias Gomes em anotação as suas *Obras poéticas*, 81). Não ha nada menos lógico do que o uso que perpetuou *Lusiadas* e destruiu *Eneadas* usado outr'ora, em favor de *Eneida*.

O proprio *Lusiadas* concorreu com *Lysiadas* e Camões foi de certo quem acreditou perenemente a primeira forma (1).

O neologismo camoneano não foi muito imitado, apesar de um ou outro exemplo como a *Elegiada* de Luiz Pereira; ao contrario, mais frequentes, os títulos periphrásticos a maneira italiana e espanhola prevalecem no gênero épico: *Lisboa edificada*, *Lisboa destruída*, *Viriato trágico*, *Malaca conquistada*, *Lusitania restaurada*, etc., costume que alias ainda é muito frequente n'uma espécie do mesmo gênero, a novella ou o romance.

#### Grammatiquices.

Algum tempo discutiram editores e copistas se se havia de dizer, logo no começo do poema,

. . . as margens aprazíveis  
Que o Sena bordam de arvores viçosas,

ou se antes conviria substituir *bordam* por *borda*, pois que o rio e não as margens é que *borda*. Questão byzantina que consideramos já resolvida desde que no único manuscrito revisto e corrigido pelo poeta se adopta a lição *bordam*.

Outra pueril grammatiquice foi a que deparou o verso, mera inadvertência, talvez de copista, e que já apontamos entre as variantes:

Que mandar gravaste...

Onde não é difícil perceber que a verdadeiro leitura é *gravar mandaste*.

(1) Ainda no século XVII diziam a *Lusiada* por sugestão de-a *Híada*.

## PER E POR

Nas primeiras edições de *Hyssope* seguiu-se a distinção orthographica e syntactica entre as duas palavras *per* e *por*.

O uso de hoje não as distingue mais e a forma *por* quasi que exclusivamente absorveu as funcções de uma e outra.

Um dos editores de poema achou conveniente fazer a seguinte declaração :

“ Cumpre-me declarar aos estudosos leitores, que o sabio e benemérito auctor do *Hyssope*, fez a devida distinção entre as preposições *per* e *por*. Servir-mehei de seus proprios termos :

— Ha diferença entre as preposições *per* e *por* : *per* indica o agente, o meio; e *por* denota o objecto, o motivo de, como em francez *par* e *pour*. Os modernos escriptores portugueses confundem estas preposições; e ignorando este principio logico, commettem anomalias absurdas. Quem entenderá estes versos?

De Leiria, que d'antes foi tomada  
Por quem *por* Mafamede enresta a lança.

*Camões, Lusiadas, canto 8º, est. 19*

Versos que assim se acha em quasi todas as édicoes. Pobre Camões!

O nosso illustre bispo Jeronimo Osorio em uma de suas cartas, dá-nos um exemplo assás notorio da diferença das sobreditas preposições e n'um só frase :

E viu o reino que as pessoas *per* que se governava el-rei, eram da companhia da sua cevadeira, e feitos *per* ella, e *por* ella, e para ella ser tudo em tudo. »

Não nos parece que este uso antigo e obsoleto deva ou possa ainda ser ressuscitado.

Para depois tecer grossos volumes  
Do — h — sobre a pronuncia.

(Pag. 47.)

E'mera recordação de erudito. Na lingua portugueza a letra H, embora inutil, nunca offereceu dificuldade de pronuncia salvo no grupo *ch* da transcripção greco-latina.

O autor aqui foi suggestionado pelo que se acha no methodo de *Port Royal* a cerca de quanto disputaram os grammaticos sobre este ponto.

Os orthographos portuguezes, Nunes de Lião, Vera, Franco Barreto não deram nem podiam dar importancia ao caso. Com

mais propriedade falou o Tolentino quanto ás *leis do adverbio e da conjuncão*.

---

Quem mais sente as terríveis consequencias,  
E'a nossa *portuguez* casta linguagem,  
Que em tantas traducções anda envasada  
Etc.

(Pag. 58 et 59.)

O adjectivo em *ez* era já então variavel.

Aqui se deparam os bellos versos sempre citados e repetidos contra a invasão de gallicismos na lingua portugueza, mormente no seculo XVIII. Filinto Elyso quasi paraphrazeia Diniz, n'este dialogo : -

« Dêmos que resussite (o que hoje é facil)  
Vieira, e ouça falar certos Peraltas,  
Pregoeiros de afrancezada lingua.  
Parace-me que o vejo franzir beicos,  
Encrespar o nariz, perguntar logo :

VIEIRA

Quem vos torceu as falas á franceza,  
Meus pardaes novos de amarelo bico?

PERALTA

Lemos livros de fita, e é nesses livros  
Que nós *puisamos* o falar á moda,  
No mais *charmant*e tom, mais *séduisante*.

VIEIRA

E quem trouxe essa moda, meus meninos?

PERALTA

Elle é, pois que *exigis* que com *justeza*  
*Rapporte o renomado Chefe*, é esse o  
Traductor do Telemaco cortado  
De sermões Vicentinos precedido,  
*Avamcorrores* d'esta nova escola.

« Vou-me lá » (diz Vieira) — Eil o que bate  
A porta do Ribeiro, e pède novas  
Desta nova eloquencia gallo-lusa.

## VIEIRA

Quem prega cá melhor? quem faz bons versos

## PERALTA

Eloquencia, Monsieur, tem alto *rango*;  
 É o *affaire* do dia, os meus *Eléves*  
*Bellos espíritos, chefes do bom gosto*,  
 Tem dado á linguagem taes *nuanças*,  
 Que nunca em *golpe de olho* remarcá *rão*  
 Os antigos na *affrosa obscuridade*.

## VIEIRA

Pare, pare, senhor, c' o sarrabulho  
 Dessa phraze franduna. Eu fui a França.  
 Nunca lá me atolei nesses lameiros,  
 Nunca enroupei a lingua Portugueza  
 Com trapos multicolores, gandaiados  
 Nessa feira da Ladra. Os meus Latinos  
 Me dérão sempre o precioso traje,  
 Com que aformosentei a Lusa fala.  
 Com Deus fique, senhor. Tal giria esconsa  
 De ensôsso mixtiforio bordalengo  
 Só medra co'esses tolos, que se enfronham  
 Comliuga estranha, sem saber a sua.  
 E dão co'essa mistura a vera effigie  
 Do apupado ridiculo enxacôco.

D'ahi por diante foi moda combater os *gallicismos* que em verdade não são menos espurios que os *latinismos* do seculo de quinhentos. O phenomeno era e ainda é por sua natureza inevitável, como o foi a reaccion por parte de portuguezes, espanhóes e italianos. Os puristas conseguiram alguma coisa contra os *peraltas* que é hoje toda a gente: levantaram o gosto das leituras antigas, rehabilitaram muitas das esquecidas excellencias da lingua dos classicos e impediram muitas innovações ridiculas e escusadas.

O proprio Diniz, ao escrever o *Hyssope*, já estava afogado na inundação dos francezismos que busca evitar não sem algum sophisma.

N'um dos primeiros versos do canto III empregava a palavra *surpreza* então comdenada como insoffrivel gallicismo pelos

puristas, e apenas accomodaticiamente, escreve-a em letra grifa :

Tu jocosa *Thalia* agora dize  
Qual seu espanto foi, sua *surpreza*.

Notamos acima que Diniz emprega *surpreza* e sublinha a palavra pela julgar suspeita. Ainda no *Hyssope* encontramos a expressão *bugia* (velas) que se não generalizou, apesar de usada no seu tempo, e o epitheto « dama *gage* » (desembaraçada) francismo da moda no século XVIII.

---

O gallicismo era já então irresistível em muitos dos expressões hoje correntes.

Essa reacção contra o estrangeirismo estava muito longe de ser uma novidade; ao contrario, era um dos symptomas de vulgarismo e de patriota da plebea que encheu todo século XVIII: n'este periodo, inventaram-se facécias e lances ridiculos por conta do *peralta* ou *franzinote* que foi a bigorna em que malharam todos as farças, entremeses, e satyras desde Nicolau Luiz a Filinto Elysio. Ora o *peralta* estrangeirado, a francesa ou a italiana, desprezador da literatura nacional e do theatro do Bairro-Alto, é por uma ironia e contradição não rara na historia, um dos estímulos mais fecundos d'essa erudita Arcadia (mais que estrangeira, excentrica) da qual Diniz é o mais estrenuo representante.

---

Co'um puxativo *escalda*.

(Pag. 102.)

São diversas e desconformes as explicações que tem sido apresentadas a cerca d'esta palavra pouco conhecida :

Reproduzimos alguns commentarios dos editores do poema.

« Esta é nota que á palavra *escalda* dá Verdier na sua edição do *Hyssope*, Paris 1817. Melhor nos parece, porém, e mais verdadeira a explicação d'essa palavra dada por José da Fonseca em nota a ella na edição que do *Hyssope* anda no tomo 6º do Parnaso Lusitano, impresso em Paris em 1834— e é a seguinte :

*Escalda* é palavra alemã e significa iguaria apimentada, ou para

melhor dizer as iscas de figado frito, que provocam, aos que as comem a regar frequentemente os gorgomilos com o sumo de Baccho. — (Ed. B).

*Escalda* parece-me synonimo de espada, catana, etc, e será talvez, voz corrente em *Elvas*, e no Alemtejo, mas de certo, em estylo familiar; bem como — *ferrumpéa*, *ferrusca* ou *farrusca*, *tarasca*, *ferrugenta*, *Maria francisca*, *timebunt*, etc., são nomes que em Portugal o povo de varias terras dá, familiarmente falando, á essa arma.

O leitor deverá lembrar-se que algures o nosso poeta introduziu, no numero dos Convidados, este Prior da *Alcaçova d'Elvas*, e o pintou de loba e capa.

Mas debaixo o braço co'a *catana*...

Que aqui appellida — *puxativo escalda* e logo mais abaixo — *brilhante Durindana*. (*Ibid.*)

« Escalda é, conforme nos asseveraram pessoas da provincia do Alemtejo, comida apimentada e muito adubada, com que os devotos do deus Baccho costumam excitar sua devocão á frequencia das libações; em outras provincias dá-se-lhe o nome de isca, de escapola, etc. No mesmo Alemtejo appellidam-se outrosim *escaldas* as tavernas ou bogedas, onde se vendem essas comidas, e tambem as refeições em que, entre amigos, se comem as taes iscas puxativas. » (Edição de 1821.)

As notas do sr. Dr. Pitta dizem a este respeito o seguinte :

Escalda é um guizado ou caldeirada de peixe, recem-pescado, que os pescadores do Guadiana fazem com poejos, alhos, pimentão, azeite e vinagre, e chama-lhe puxativo porque é incitativo para beber vinho. » (Ed. R. C.).

---

As palavras que se encontram no *Hyssope* são da linguagem corrente, excepção feita de algum vocabulo propriamente local como este *escalda* e em outro lugar do poema a expressão *fregona* (criada) espanholismo sem duvida vulgarizado pelos entre-meses e comedias do seculo XVIII.

A syntaxe do poeta não oferece particularidade notável, Como arcade e neo-classico, usa e abusa de inversões hoje intolleraveis :

Mil, em silencio, deixarei sucessos.

(Pag. 91.)

E est'outros versos que ainda parecem mais extravagantes :

Os dias gasta, desfructando a honra  
*D'a rustica curar gente da vargem.*

(Pag. 87.)

### O Reino da Estupidez

A fabula d'esse poema heroi-comico é simples e não tem quasi urdidura alguma.

A *Estupidez* determina e consegue erguer um throno na terra dos Lusos; antes d'isto era repellida de toda a parte e de todos os paizes cultos. Procurou entrar e aboletar-se em França, terra ainda havia pouco abalada pelos encyclopedistas e pelos philosophos da revolução, mas

Da gallica nação ligeira e douta  
Mil pragas vomitando fojem todas.

C. I.

Depois deste insuccesso e desta má fortuna procura as praias da « *britanica gente* » mas logo ella e o seu sequito desesperam porque áquelle

. . . profundo povo  
Brilhantes apparecencias nunca illudem.

Discorrem ainda pelo « *frio Norte* » as furias sequiosas da Estupidez e sem que se lhes depare acolhimento e abrigo. Afinal tem uma idea que resultou a melhor :

D'aqui fujamos para o *Meio-dia*  
Paiz de toda a Europa o mais ditoso.  
Aqui mais resistencia não teremos  
O povo habitador d'este terreno  
Apesar dos passados contratempos  
A meu mando viveu sempre sujeito.

E' consequentemente ahí nas amenas *Hespanhas* » como diz o poeta, é que com armas e bagagens acampa a *Estupidez*.

Para o poeta a *Estupidez* confunde-se com o ensino religioso, a *Theologia* que domina todos os cursos da Universidade. D'ella são companioneras a *Raiva*, a *superstição*, a *hypocrisia*. Cada um d'estas personagens no poema encarece as qualidades e as vantagens proprias por meio de discursos em que tomam a mão successivamente.

Eis uma pintura da *Superstição* :

Logo a Superstição em pe se pâe ;  
 Mas fazendo primeiro mil monices,  
 O chão prostrada per tres vezes beija ;  
 Outras tantas rosnando certas cousas,  
 Faz sôbre o coração quinhentas cruzes,  
 Debaixo da camisa tambem tira  
 Uma grande almofada, que constava  
 De muitas orações, muitas reliquias,  
 Ja contra mal-feiticos, contra a peste,  
 E muitas contra a tentação da carne,  
 Beija, e rebeija o venerando Breve ;  
 E com os olhos para o Céo erguidos,  
 Benze-se...

Volta-se, pois, ao reinado da *Estupidez* no qual a santa Inquisição faz renovar as suas torturas e de novo faz correr rios de sangue como

Na celebrada noite dos franceses

isto é, na memorável S. Barthelemy. Como no tempo em que os mouros eram apodados de *perros*, de novo

... por alma de cão qualquer é tido  
 Que a santa fé de Roma não professa

C. II.

Contra essa entrepreza de retrogadação, ha apenas, no congresso academico de Coimbra, uma voz que se levanta em favor da liberdade de consciencia e das sciencias modernas suffocadas pelos estereis syllogismos da philosophia dogmatica. Esta voz é a de *Tirceu*, nome que no poema symboliza o do lente de prima em mathematica, o D<sup>r</sup> José Monteiro da Rocha. O seu discurso

Não é a gloria vã de distinguir-me...

(Canto III.)

é uma vibrante apostrophe contra a legião dos retrogrados companheiros da *Estupidez*; marca o ponto de maior interesse do poema.

Como era de prever, a *Estupidez* triumpha. Os lentes que adherem á nova Deusa cantam-lhe ferventes louvores :

Os Oradores vêem : offrece um d'elles  
 A discreta oração de *sapientia*,

Que foi causa de ser tam cedo Lente.  
 O outro o mesmo faz da sua Analyse  
 Do parto septimestre, cousa prima!  
 Um bando de Rhetoricos rancosos  
 Depois acode; um d'elles assim falla :  
 (Parece, que Bezerra se appellida)  
 « Soberana Senhora, a vossas plantas  
 Tendes rendida per vontade, e gôsto,  
 A porção principal do vosso Reino.

Em resumo, o *Reino da Estupidez* não é propriamente um poema porque lhe falta de todo a ação; é antes uma salyra um pouquinho longa e que lucraria de certo em ter sido mais breve.

Como quer que seja, as condições do momento, pelos fins do século XVIII, deram popularidade a essa investida contra o carrancismo do *antigo regimen*, como era a expressão tomada aos franceses, o não o era menos o facto, pois toda a Europa estremecia e vibrava com o terramoto da grande revolução.

Para aquelle tempo, o *Reino da Estupidez* parecia ousadia estrema; hoje mal se comprehende que fosse necessário occultar-o da vista dos beleguins e dos sustentaculos do throno e do altar, e ganhasse d'esta perseguição o sabôr das coisas proibidas.

Depois de muitos annos foi impresso e obteve algum favôr e modesta popularidade de que já não ha quasi vestigio senão na memoria de criticos, bibliographos e historiadores.

Depois de Boileau entrou em Portugal a moda dos poemas comicos; a *Benteida*, o *Foguetario*, o *Hyssope*, a *Gaticanea*, o *Reino da Estupidez* e uma duzia de outros, são especimenes curiosos d'essa subalterna imitação do grande mestre francez. Salva-se, todavia, o *Hyssope* como sendo a mais feliz de todas as tentativas.

Não canto aquelle heroe pio e valente

(Canto I)

é uma allusão a Eneas e ao modo de começar os poemas epicos, desde o exemplo de Vergilio seguido nas epopeas do Ariosto, do Camões, Tasso e todos quantos vieram depois d'estes. Não era necessário esse introito (que o dispensou Diniz no *Hyssope*) mas o poeta naturalmente entendeu que o caso era seme-

lhante ao dos Eneades, pois a *Estupidez* apoz varias peregrinações que se recontam no canto I veiu fundar um reino nas longinhas praias da *Lusitania*. Foi essa igualdade de destino que, a meu ver, lembrou esse bordão ja cansado, e não a tradição camoneana seguida na *Benteida* e em outros poemas do genero.

---

. . . quem diria  
Que estas *pobres mulheres* perseguidas  
Do *dragão infernal* em pouco tempo  
Haviam de encontrar pelos mosteiros  
Prompto socorro a seus crueis tormentos?

(Canto II)

A estes versos ajunta o primeiro anotador dos *Satyricos*, P. da Fonseca, a nota seguinte :

Um d'estes Espiritus-cornicabras, sendo expulso pelo Padre-Exorcista do corpo d'uma das taes Mulheres, caiu, per engano, na pia d'agua benta, e com os baldões das áncias, que o atormentavam, despejou toda a água; verdade é que obteve escapar; mas pellado para sempre como um Leitão.

Outro Diabrete (ao sair do corpo da Possessa) foi obrigando, por preceito do Frade-Exorcista, a tanger o sino do Convento; à fim de testimunhar, com esse zão-zão, aos outros Padres do mesmo Convento, e ao Circumstantes, que realmente deixára de atormentar a sua Victima. »

---

Historias naturaes, *foronomias*,  
Chimicas, anatomias, e outros nomes  
Difficéis de retêr são as sciencias  
Que vieram trazer os Estrangeiros.

Canto III.

E' assim que fala e com grande vehemencia e indignação, o Lente de prima de Theologia, infenso a todas as innovações mormente em materia de sciencias naturaes a physicas, taxadas sempre do vicio do athéismo ou do materialismo.

*Phoronomia* (como diz poeta) era o nome entâo uzado para designar a sciencia mecanica do movimento e das leis do equilibrio dos corpos. A expressão já caiu em desuso.

A estas denominações diffiseis e arrevezadas oppõe Fonseca as seguintes reflexões que ainda hoje tem alguma cabida.

« Phoronias, etc. — Os compositeiros de livros de Medicina, d'Historia-Natural, de Chymica, etc., teem de tal modo abarrotado a linguagem scientifica franceza, etc., de termos barbaros inintelligiveis, que um pobre Diccionarista, que se ve forçado a traduzil-os em portuguez, dá-se a perros, não digo ja para atinar-lhes co'o vero significado, mas para escrevel-os correctamente. Quem pronunciaria sem custo *arythnoepiglottico*, *gymnoletraspermo*, e milhares d'outros da mesma cathegoria? A verdade é que os nossos bons Maiores, sem estes palavrões anatomico-botanicos, curavam os doentes, e conheciam perfeitamente as plantas. Hoje não ha sendo charlatanismo em tudo!!!

Não menos certo que este real abuso é que as coisas novas necessitam novos termos e denominações mais precisas e exactas. O defeito maior consiste em trazel-as para a linguagem commun, com o fito de suprir por vozes grandiloquas a inopia dos que as pronunciam, ou o que é ainda peior, o de inventar neologismos desnecessarios e excusados por esconder a ignorância e pobreza de ideas.

Mas chegando Tirceu homem singalo,  
Que seus dias consome sobre os livros  
Contemplando a profunda Natureza...

Este *Tirceu* que representa no poema, o espirito novo a alma moderna, inimiga do superstiç<sup>o</sup> e do fanatismo reaccionario e decrepito é entre os da Universidade, o lente de mathematica, José Monteiro da Rocha.

Monteiro da Rocha, portuguez, foi educado pelos jesuitas no Brasil. Mathematico e astronomo insigne, foi o seu nome conhecido no estranjeiro. No tempo de Pombal e depois da expulsão dos jesuitas, deram-lhe incumbencia de collaborar na reforma dos estudos scientificos da Universidade. Foi mestre do principe D. Pedro (mais tarde Pedro I do Brasil) em Lisboa para onde se retirou nos ultimos tempos da ma vida e ahi falleceu em 1819 na avançada idade de 85 annos. Deixou muitos manuscritos, ainda guardados nos archivos da Academia de sciencias, e varias obras impressas entre as quaes nomeamos as estimadas traduções de obras de mathematica e mecanica de Bezout, Maria e Bossut que emprehendeu para melhorar e encaminhar o ensin o

universitario conforme os estatutos q havia eleborado, memorias especiaes sobre a *Solução do problema de Kepler*. Aditamento as regras de Fontane sobre o *problema das quadraturas*, a *Determinação das orbitas dos cometas*, *Memoires sur l'Astronomie pratique*, *Ephemerides astronomicas do observatorio de Coimbra*, etc.

---

O douto secretario, que em Aveiro  
Alçou já vara branca, o *subscrispsi*  
Poê no fim do papel...

(Do mesmo quanto)

Alude-se, como anota P. Fonseca, ao secretario da Universidade que escrivia *subscrispsi* por *subscrispsi*.

O Bezerra...

(Canto IV)

« Os Estudantes da Universidade chamavam-lhe Bezero. [Certo Sujeito, indo procural-o, perguntou ao Criado « se estava em casa o senhor Boi? » Admirado o servo de similhante pergunta, respondeu-lhe : « V. M<sup>ae</sup> engana-se, meu Amo é o Senhor Bezero. » — « Perdoe, acudiu o tal Sujeito, como ha perto de seis annos que o não vejo, cuidei que ja era Boi! »

O dito Bezerra fazia *odes* tam compridas, que Francisco Manuel, disse, ácerca d'uma sua tambem longuissima, o seguinte :

« Se eu para disculpar a desmesurada gigantez d'esta *ode* me quizesse escorar em algum exemplo, mui volumoso o tinha nas *odes* do Senhor Bezerra, que como Professor da Universidade deve mui bem saber todas as bitolas d'uma *ode*. Ora elle faz *odes sine fine dicentes*. Ergo Rosas. »

E' o que diz Fonseca.

Acrescento que se trata do Dr João Antonio Bezerra de Lima que foi successivamente professor de Grammatica latina e de Rhetorica na Universidade de Coimbra, e por occasião da reforma pombalina (1772) tomou a cadeira criada então de *Historia e Antiguidades* que, dizem os seus biographos, regeu com grande credito e erudição. Era homem excentrico e pouco favorecido das Musas, as quaes teimava conversar não sem correr o risco de ridiculez.

Innocencio da Silva no seu *Diccionario Bibliographico* (III, 287) repete a seguinte nota, a respeito de Bezerra, das *Obras* (t. IV) de Filinto Elyso :

« O tal Bezerra tem feito um argel de odes compridas, entre elles uma de trezentas estrofes, tão sobeja de palavros quam falha de entusiasmo. Delle contam que convidando varios amigos para lhe ouvirem recitar, quando muito esfalfado parou em meio para humedecer a gaita da garganta com um copo de agua e achou-os todos a roncar. »

As publicações impressas de Bezerra não legitimam esse severo juizo quanto a supposta extensão e prolixidade de suas *odes*. As suas *Quatro Odes* (1773) couberam em menos de vinte páginas. Não resta, porém, a menor ouvida que são bastante opio para « fazer roncar » aos mais espertos.

---

Os versos do *Reino da Estupidez* quasi sempre desleixados denunciam a pouca dextreza do autor nesse gênero. As elisões são frequentes e forçadas como testemunham os exemplos :

*A barb'ra geometria tão gabada*  
(Canto III, pag. 134.)

*Que diff'rente linguagem hoje escuto*  
(pag. 136.)

Versos fousos, senão errados, como :

*Aos lentes, doctores, estudantes*  
(Ibid. 136.)

Ou, com deselegante, pobre e ambígua construcção, como a d'este que não é o único :

*Uns de encarnado vão todos cobertos*  
(pag. 145.)

Não são menos numerosos os versos prosaicos :

*O bom filho! insisti n'este sistema,  
Etc.*  
(pag. 148.)

E todo o começo do canto IV que assim diz :

*Apenas o edital se põe na porta  
Da grande sala que pr'os Actos serve.*  
(pag. 141.)

Estes defeitos graves e inescusaveis provam que evidente-

mente o exito do *Reino da Estupidez* foi devido ás circumstancias do momento, ao descalabro, atrazo e desmoralisacao dos estudos universitarios e principalmente á reacção estupida, ferrenha contra as ideas novas de reforma, quando em nome da religião se oppunham os retrógrados ao ensino das sciencias experimentaes e quebravam lanças a favor do esteril silojismo.

### Odes de Tolentino.

Achamos coisa dispensavel ajuntar algumas notas ás composições de Nicolau Tolentino; as circumstancias em que foram feitas as satyras eram familiares e inteiramente comprehensiveis á geração e ao meio em que se divulgou o livro. E ainda hoje o são, salvo um ou outro pormenor que já se apagou da lembrança da sociedade de hoje, sem embargo da profunda alteração que soffreu a vida social entre os extremos do seculo findo.

### O BILHAR

Esta satyra que é a primeira da collectanea ja havia entrado na primeira edição das *Obras poeticas* do autor (Lisboa, 1801) e é a unica que delle existe em oitavas.

O collector do *Parnaso lusitano* que considera esta satyra a obra prima de Tolentino ja a havia reproduzido no tomo III e conjunctamente outras que tambem entraram no 6º volume agora reimpresso. São accordes em reconhecer a primazia do *Bilhar Costa e Silva* e o ultimo editor do poeta, José de Torres.

Não podemos subscrever essa opinião que nos parece pouco sustentável. Questão de gosto...

No *Bilhar* ha evidente e desagradavel alusão a Antonio Diniz, compositor de odes *mouras*: incomprehensiveis, cheias de nomes mythologicos, imitadas de Pindaro e que tanto aborreciam a Tolentino.

Tolentino tantou escrever algumas odes que lhe sairam sempre mediocres ou insignificantes.

### A GUERRA, OS AMANTES

As demais satyras que figuram n'esta collectanea (*A Guerra,*

os *Amantes*, a *D. Martinho*, a *Funcção*, o *Velho*) parecem-me as melhores e as mais caracteristicas do genio do poeta.

Em todas, seguiu Tolentino a tradição da *quintilha* já adoptada em seculos anteriores por Sá de Miranda e D. Francisco Manoel, forma graciosa, leve e facil, em tudo preferivel a dos endecassyllabos e oitavas do *Bilhar*.

Algumas *decimas* fecham o volume, genero que Castilho considerava ingrato e de extrema difficultade por que nellas não se podia soffrer imperfeição alguma : « O seu tempo parece ter passado com os *oiteiros* e as *glozas*... e um gosto extremado não achará muito que deplorar » *apud ed. de José de Torres, L III*). A vivacidade e perfeição technica das *Decimas* mais se coadunava ao genio de Bocage, consumado na arte do verso.

Tolentino preferia o verso facil, natural e espontaneo, e por isso tinha em horror as *Odes eruditas*, pedantescas, sesquipedaes tão cultivadas dos Arcades; mas da sua capacidade em generos difficiles deixou primorosos exemplos em alguns sonetos. Um d'estes o *Colchão dentro do toucado*, que começa :

Chaves na mão, melena desgrenhada

foi já reproduzido no tomo III do *Parnaso lusitano* e era dos que Garret mais prezava ; e assim o da *Sege* :

Que sege, senhor conde? eu fiz um voto  
De andar antes por mar e mar com moiros...

FIM

## INDICE

---

	Pags.
Introdução. . . . .	1
Argumento do Poema. . . . .	13
O Hyssope. . . . .	15
O Reino da Estupidez. . . . .	106
Prologo. . . . .	111
Satyras de Tolentino. . . . .	151
Notas. . . . .	237
Notas ao Hyssope. . . . .	239
Notas ao Reino da Estupidez. . . . .	297
Notas ás Odes de Tolentino. . . . .	304